CHARLAINE HARRIS

Todos Mortos Juntos

SÉRIE SOOKIE STACKHOUSE • LIVRO 7



Charlaine Harris

Todos Mortos Juntos

Série Sookie Stackhouse – Livro 7

Formatação ePub de LeYtor

Este livro é dedicado a algumas poucas mulheres a quem eu tenho orgulho de chamar de “amigas”: Jodi Dabson Bollendorf, Kate Buker, Toni Kelner, Dana Cameron, Joan Hess, Eve Sandstrom, Paula Woldan e Betty Epley. Todas vocês significam algo diferente para mim e sinto-me grata por conhecê-las.

Há algumas pessoas que agradeci antes e preciso fazê-lo novamente:

Robin Burcell, policial aposentado e agora escritor, e o Agente do FBI George Fong, que foram maravilhosos ao responder minhas perguntas sobre segurança e desarmamento de bombas. Aprecio o empenho de Sam Saucedo, ex-locutor de notícias e agora escritor, que explicou algumas coisas sobre políticas de fronteira para mim. Também preciso dizer obrigada a S.J. Rozan, que ficou feliz em responder minhas perguntas sobre arquitetura, embora a parte sobre vampiros tenha sido um choque distinto.

Posso ter abusado da informação que me foi dada, mas foi por uma boa causa. Como sempre, tenho um grande débito para com minha amiga Toni L.P. Kelner, que leu meu primeiro rascunho sem rir na minha cara. E minha nova colega de continuidade, Debi Murray, merece que eu tire o chapéu; de agora em diante, se eu cometer erros, tenho alguém a quem culpar. Devo muito a vários maravilhosos leitores que visitam meu website (www.charlaineharris.com) e deixam mensagens de encorajamento e interesse. Beverly Batillo, presidente de meu fã-clube, me deu incentivo muitas vezes quando eu estava por baixo.

Capítulo 1

O BAR VAMPIRO DE SHREVEPORT abriria mais tarde esta noite.

Eu estava atrasada e fui automaticamente até a porta da frente, apenas para ser barrada por um cartaz escrito caprichosamente em letras góticas vermelhas numa cartolina branca: ESTAREMOS PRONTOS PARA SAUDÁ-LOS COM UMA MORDIDA ESTA NOITE, ÀS OITO HORAS.

POR FAVOR, DESCULPE-NOS PELA ABERTURA TARDIA. Assinado “O pessoal do Fangtasia”.

Era a terceira semana de setembro, então o letreiro néon vermelho do Fangtasia já estava aceso. O céu estava escuro como breu. Fiquei no carro por um minuto, desfrutando da noite pacífica e o leve cheiro seco de vampiro que persistia ao redor do clube. Então dirigi para os fundos e estacionei ao lado de vários carros alinhados na entrada dos empregados.

Eu estava atrasada apenas cinco minutos, mas parecia que todo mundo já tinha chegado antes de mim para a reunião. Bati na porta. Esperei.

Levantei a mão para bater novamente quando Pam, a segunda no comando de Eric, abriu a porta. Pam cuidava do bar, mas tinha outras obrigações entre os vários negócios de Eric. Embora os vampiros tivessem ido a público cinco anos atrás e mostrassem a

melhor face para o mundo, eles ainda eram um bocado sigilosos a respeito de seus métodos para fazer dinheiro, e às vezes eu imaginava quanto da América os morto-vivos realmente possuíam. Eric, o dono do Fangtasia, era um verdadeiro vampiro no departamento manter-as-coisas-para-si-mesmo. Claro que, em sua longa, longa existência, ele tinha de ser.

— Entre, minha amiga telepática – disse Pam, gesticulando dramaticamente. Ela estava usando seu traje de trabalho: um vestido longo preto, transparente, que todos os turistas que vinham ao bar pareciam esperar de uma vampira (Quando Pam podia escolher sua própria roupa, ela era o tipo de mulher que usava conjuntos de cores pastéis). Pam tinha o cabelo louro mais pálido e liso que já se viu; de fato, ela era etereamente adorável, com uma espécie de limite mortífero. O limite mortífero era o que uma pessoa não devia esquecer.

— Como você está? – perguntei educadamente.

— Estou excepcionalmente bem – ela disse. – Eric está todo feliz.

Eric Northman, o xerife vampiro da Área Cinco, transformara Pam numa vampira, e ela era tanto obrigada quanto compelida a cumprir suas ordens. Era parte do acordo de se tornar um morto-vivo: você sempre ficava a dispor de seu criador. Mas Pam me contou mais de uma vez que Eric era um bom chefe e a deixaria seguir seu próprio caminho se e quando ela assim desejasse. De fato, ela vivera em Minnesota até Eric comprar o Fangtasia e tê-la chamado para ajudá-lo a administrar o bar.

A Área Cinco compreendia grande parte do norte da Louisiana, que até um mês atrás foi a metade mais fraca do estado, economicamente.

Desde o Furacão Katrina, a balança do poder na Louisiana oscilara dramaticamente, especialmente na comunidade vampira.

— Como está aquele seu delicioso irmão, Sookie? E seu chefe metamorfo?

— Meu delicioso irmão está fazendo barulho a respeito de se casar, como todo mundo em Bon Temps – falei.

— Você parece um pouco deprimida – Pam inclinou a cabeça para um lado e me avaliou como um pardal olhando para uma minhoca.

— Bom, talvez só um pouquinho – falei.

— Você deve se manter ocupada – disse Pam. – Então não vai ter tempo para se lamuriar.

Pam adorava “Querida Abby”. Muitos vampiros perscrutavam a coluna diária. As soluções da escritora para alguns dos problemas simplesmente a fariam gritar. Literalmente. Pam já me aconselhara que eu poderia me impor só se me permitisse e que eu precisava ser mais seletiva ao escolher amigos. Eu estava recebendo conselhos emocionais de uma vampira.

— Eu estou – respondi. – Me mantendo ocupada, quero dizer. Estou trabalhando, ainda tenho minha colega de quarto de Nova

Orleans e vou para um chá de panela amanhã. Não para Jason e Crystal. Outro casal.

Pam se deteve, com a mão na maçaneta da porta do escritório de Eric.

Ela avaliou minha afirmação, juntando as sobrancelhas.

— Não estou lembrando o que é um chá de panela, embora tenha ouvido falar – disse. Ela se iluminou. – Eles se casam numa cozinha? Não, já ouvi o termo antes, com certeza. Uma mulher escreveu para Abby dizendo que não recebeu um bilhete de agradecimento por um enorme presente para o chá. Eles ganham... presentes?

— Você acertou – eu disse. – Um chá é uma festa para alguém que está prestes a se casar. Às vezes o chá é para o casal, e ambos aparecem juntos. Mas geralmente apenas a noiva é honrada, e todas as outras pessoas na festa são mulheres. Todas trazem um presente. Em teoria é assim que um casal pode começar a vida com tudo que precisam. Fazemos a mesma coisa quando o casal está esperando um bebê. Claro, então é um chá de bebê.

— Chá de bebê – Pam repetiu. Ela sorriu de um modo apavorante.

Seria suficiente para congelar uma abóbora, ver aquela curva levantada em seus lábios. – Gosto do termo – disse. Ela bateu na porta do escritório de Eric e então abriu. – Eric, – disse – talvez

algum dia uma das garçonetes fique grávida e possamos ir para um chá de bebê!

— Isso seria algo para se ver – disse Eric, levantando a cabeça dourada dos papéis sobre a escrivaninha. O xerife registrou minha presença, lançou-me um olhar severo e decidiu me ignorar. Eric e eu tínhamos questões mal resolvidas.

Apesar de a sala estar cheia de pessoas esperando por sua atenção, Eric largou sua caneta e ficou de pé para esticar o corpo alto e magnífico, talvez em meu benefício. Como sempre, Eric usava jeans apertados e uma camiseta preta com presas brancas estilizadas do Fangtasia que o bar usava como marca registrada. “Fangtasia” estava escrito em letras vermelhas rebuscadas sobre os pontos brancos, no mesmo estilo do letreiro de néon do lado de fora. Se Eric se virasse, nas costas se poderia ler “O Bar Com a Mordida”. Pam me deu uma camiseta daquelas quando o Fangtasia começou a fazer a própria propaganda.

A camiseta ficava ótima em Eric e eu lembrei bem demais o que havia por baixo dela.

Desviei os olhos do alongamento de Eric para perscrutar ao redor da sala. Havia vários outros vampiros abarrotando o pequeno espaço, mas até vê-los, você não saberia que estavam ali, eram tão imóveis e silenciosos.

Clancy, o gerente do bar, havia reivindicado uma das duas cadeiras de visitas em frente à escrivaninha. Clancy por pouco conseguiu sobreviver à Guerra das Bruxas no ano passado, mas

não saiu ileso. As bruxas tinham drenado Clancy quase até um ponto sem volta. No momento em que Eric o descobriu, rastreando seu cheiro até um cemitério em Shreveport, Clancy estava quase nas últimas. Durante sua longa recuperação, o vampiro ruivo tornou-se amargo e irritadiço. Agora ele sorriu para mim, mostrando um pouco as presas.

— Você pode se sentar em meu colo, Sookie – ele disse, dando tapinhas nas coxas.

Eu retribui o sorriso, mas não era genuíno. — Não, obrigada, Clancy – respondi educadamente. O flerte de Clancy sempre possuía uma ameaça por trás, e agora aquela ameaça era afiada como lâmina. Ele era um daqueles vampiros com quem eu preferia não ficar sozinha. Embora fosse capacitado para administrar o bar e nunca tivesse encostado um dedo em mim, ele ainda era perigoso. Não consigo ler a mente dos vampiros, razão pela qual os considero relaxantes para tê-los por perto, mas quando sentia aquele toque de alarme, eu desejava apenas poder mergulhar na cabeça de Clancy e descobrir o que estava acontecendo ali dentro.

Felicia, a mais nova bartender, estava sentada no sofá com Indira e Maxwell Lee. Era como a reunião da Coalizão Colorida. Felicia era uma mistura bem-sucedida entre negros e brancos, e tinha um metro e oitenta de altura, então havia um bocado de encanto para apreciar. Maxwell Lee era um dos homens mais negros que já vi. A pequena Indira era filha de imigrantes indianos.

Havia mais quatro pessoas na sala (usando o termo “pessoas”

livremente) e cada uma delas me perturbava, embora em graus diferentes.

Uma delas era alguém de quem eu não tomava conhecimento. Tinha pegado uma página do livro de regras dos Lobis e tratava-o como um membro proscrito de meu bando: eu o reneguei. Não falava seu nome, não falava com ele e não reconhecia sua existência (É claro, esse era o meu ex, Bill Compton — não que eu reconhecesse que ele estava na sala, meditando num canto).

Ao lado dele, encostada na parede, estava Thalia que provavelmente era ainda mais velha do que Eric. Ela era tão pequena quanto Indira e muito pálida, com cabelos bem pretos e ondulados — e era extremamente rude.

Para o meu espanto, alguns humanos achavam aquilo extremamente atraente. De fato, Thalia possuía seguidores devotos que pareciam ficar emocionados quando ela usava seu inglês capenga para mandá-los se foderem. Descobri que ela tinha até um website, fundado e mantido por fãs.

Vai entender. Pam me contou que, quando Eric concordou em deixar Thalia viver em Shreveport, foi o equivalente a manter um pit bull mal treinado preso no quintal. Pam não aprovava.

Todos estes cidadãos morto-vivos moravam na Área Cinco. Para viver e trabalhar sob a proteção de Eric, todos juraram lealdade a ele. Então eles precisavam dedicar certa quantia de seu tempo para cumprir ordens, mesmo que não trabalhassem no bar. Havia alguns vampiros extras em Shreveport nos últimos tempos,

desde o Katrina; assim como muitos humanos, eles tinham que ir para algum lugar. Eric não decidira o que fazer a respeito dos morto-vivos refugiados e eles não foram convidados para a reunião.

Esta noite havia dois visitantes no Fangtasia, um deles era mais poderoso que Eric.

Andre era o guarda-costas pessoal de Sophie-Anne Leclerq, Rainha da Louisiana. A rainha, no momento, era uma refugiada em Baton Rouge.

Andre parecia bem jovem, talvez uns dezesseis anos; seu rosto era suave como o de um bebê e ele tinha cabelos claros, grossos e pesados. Andre teve uma longa existência cuidando apenas de Sophie-Anne, sua criadora e salvadora. Não estava carregando seu sabre esta noite, porque não estava agindo como guarda-costas, mas eu tinha certeza que Andre estava armado com algo — faca ou arma. Ele mesmo era uma arma letal, com ou sem auxílio.

Quando Andre estava prestes a falar comigo, uma voz profunda, vinda por trás de sua cadeira, disse: — Oi, Sookie. – Nosso segundo visitante, Jake Purifoy. Obriguei-me a ficar parada quando cada impulso me dizia para sair do escritório. Eu estava sendo idiota. Se ver Andre não me fez sair correndo aos gritos, Jake não me faria sair em disparada.

Forcei-me a assentir para o belo rapaz que ainda parecia vivo. Mas eu sabia que meu cumprimento não soava natural. Ele me enchia de uma terrível mistura de piedade e medo.

Jake, nascido Lobi, foi atacado por um vampiro e sangrado quase até a morte. No que foi talvez um gesto equivocado de compaixão, minha prima Hadley (outro vampiro) descobriu seu corpo quase sem vida e o trouxe de volta. Aquilo poderia ter sido considerado uma boa ação; mas como se percebeu, ninguém apreciou a bondade de Hadley... nem mesmo o próprio Jake. Ninguém nunca ouviu falar de um Lobi morto-vivo antes:

Lobis tinham aversão e desconfiavam de vampiros, e o sentimento era sinceramente recíproco. A situação era bem difícil para Jake, que ocupava um solitário território desconhecido. A rainha lhe ofereceu um lugar a serviço dela, já que ninguém mais se dispôs.

Jake, cego pelo desejo de sangue, veio atrás de mim como seu primeiro lanchinho vampiro. Eu ainda tinha uma cicatriz avermelhada no braço como resultado.

Que maravilha aquela noite estava se transformando.

— Srta. Stackhouse – disse Andre, levantando-se da segunda cadeira de visitas de Eric. Ele se curvou. Aquilo era um verdadeiro tributo, e levantou um pouco minha moral.

— Sr. Andre – respondi, retribuindo o cumprimento. Andre estendeu a mão para indicar o assento vago educadamente e, já que aquilo resolvia meu problema de lugar, eu aceitei.

Clancy pareceu embaraçado. Ele devia ter me oferecido sua cadeira já que era o vampiro menos bem-posicionado. O gesto de

Andre enfatizou aquilo tão claramente quanto uma flecha de néon piscando. Tentei arduamente não sorrir.

— Como está Vossa Majestade? – perguntei, tentando ser tão cortês quanto André havia sido. Seria exagero dizer que gostava de Sophie-Anne, mas certamente eu a respeitava.

— É parte da razão pela qual estou aqui essa noite – ele disse. – Eric, podemos começar agora? – Uma leve censura pelas táticas para ganhar tempo de Eric, pensei. Pam sentou-se no chão ao lado de minha cadeira, curvada sobre os pés.

— Sim, estamos todos aqui. Vá em frente, Andre. A mesa é sua – disse Eric com um pequeno sorriso por causa da terminologia moderna. Ele sentou de volta na cadeira, esticando as longas pernas para descansá-las na quina da mesa.

— Sua rainha está morando na casa do xerife da Área Quatro, em Baton Rouge – disse Andre para o pequeno grupo. – Gervaise foi muito gentil em estender sua hospitalidade.

Pam levantou uma sobrancelha para mim. Gervaise teria perdido a cabeça se não tivesse oferecido sua hospitalidade.

— Mas permanecer no lar de Gervaise só pode ser uma solução temporária – Andre continuou. – Fomos à Nova Orleans diversas vezes desde o desastre. Aqui está um relatório sobre as condições de nossas propriedades.

Embora nenhum dos vampiros tenha se mexido, senti que a atenção aumentou.

— O quartel-general da rainha perdeu a maior parte do telhado, então houve extensos danos no segundo andar e na área do sótão por causa da água. Além disso, um grande pedaço do telhado de alguém aterrissou dentro do prédio, causando o desabamento de escombros e alguns buracos nas paredes — problemas desse tipo. Enquanto secamos o interior, o teto ainda continuará coberto com lona azul. Uma das razões pelas quais vim para cá foi para encontrar um empreiteiro que comece a reconstruir o telhado imediatamente. Até agora não tive nenhuma sorte, então se algum de vocês tem influência pessoal sobre algum humano que faz este tipo de serviço, preciso de sua ajuda. Houve um bocado de danos superficiais no térreo. Entrou um pouco de água. Tivemos alguns saqueadores também.

— Talvez a rainha deva permanecer em Baton Rouge – disse Clancy maliciosamente. – Tenho certeza que Gervaise ficaria totalmente encantado com a perspectiva de hospedá-la permanentemente.

Então Clancy era um idiota suicida.

— Uma comitiva de líderes de Nova Orleans veio visitar nossa rainha em Baton Rouge para lhe pedir que retorne à cidade – disse Andre, ignorando Clancy completamente. – Os líderes humanos acham que, se os vampiros retornarem a Nova Orleans, os turistas vão aparecer novamente. – Andre lançou um olhar frio para Eric. – Nesse meio tempo, a rainha conversou com os outros quatro xerifes sobre os aspectos financeiros de se restaurar os prédios de Nova Orleans.

Eric inclinou quase imperceptivelmente a cabeça. Era impossível dizer o que ele sentia a respeito de ser taxado pelos consertos da rainha.

Nova Orleans tinha sido o lugar da moda para vampiros e aqueles que queriam estar perto deles, desde que Anne Rice provou estar certa a respeito de suas existências. A cidade era como uma Disneylândia para vampiros. Mas desde o Katrina, tudo aquilo tinha ido para o inferno, é claro, junto com muito mais. Até mesmo Bon Temps sentiu os efeitos da tempestade, e vinha sentindo desde que o Katrina atingiu o chão. Nossa cidadezinha ainda estava lotada de pessoas que fugiram do sul.

— E quanto ao imóvel recreativo da rainha? – perguntou Eric. A rainha havia comprado um antigo monastério nos limites do Garden District para entreter um grande número de pessoas, tanto vampiros quanto não-vampiros. Embora cercada por um muro, a propriedade não era considerada facilmente defensável (já que era um prédio registrado, histórico e imutável, as janelas não podiam ser bloqueadas), então a rainha não podia de fato morar lá. Eu pensava nela como o celeiro de festas.

— Não sofreu muitos danos – disse Andre. – Houve saqueadores também. Claro, eles deixaram um traço de seus cheiros. – Vampiros perdiam apenas para os Lobis em suas habilidades de rastreamento. – Um deles atirou no leão.

Senti pena por aquilo. Eu gostava do leão, mais ou menos.

— Você precisa de ajuda com prisões? – Eric perguntou.

Andre arqueou uma sobrancelha.

— Só estou perguntando porque seu contingente está baixo – disse Eric.

— Não, já cuidei disso – Andre disse, dando um pequeno sorriso. Eu tentei não pensar a respeito.

— Tirando o leão e os saques, como estava a propriedade? – Eric disse, retornando a discussão aos danos da tempestade.

— A rainha pode ficar lá enquanto visita as outras propriedades – Andre continuou. – Mas só por uma ou duas noites no máximo.

Houve pequenos acenos ao redor.

— Nossa perda de pessoal – disse Andre, prosseguindo em sua agenda. Todos os vampiros ficaram um pouco tensos, até mesmo Jake, o novato. – A avaliação inicial foi modesta, como sabem. Achávamos que alguns apareceriam depois que o impacto da tempestade fosse absorvido.

Mas apenas dez surgiram: cinco aqui, três em Baton Rouge, e dois em Monroe. Parece que perdemos trinta integrantes só na Louisiana.

Mississippi perdeu no mínimo dez.

Houve pequenos sons e movimentos ao redor da sala enquanto os vampiros de Shreveport reagiam às notícias. A concentração de vampiros, tanto residentes quanto visitantes, fora alta em Nova

Orleans. Se o Katrina tivesse visitado Tampa com toda aquela força, o número de mortos e desaparecidos teria sido bem menor.

Eu levantei a mão para falar. — E quanto a Bubba? – perguntei quando Andre assentiu para mim. Eu não tinha visto ou ouvido falar de Bubba desde o Katrina. Você reconheceria Bubba se o visse. Qualquer um na terra o teria reconhecido; pelo menos, alguém acima de certa idade. Ele não tinha morrido numa banheira em Memphis. Não exatamente. Mas seu cérebro fora afetado antes de ser trazido de volta, e ele não era um vampiro muito bom.

— Bubba está vivo – disse Andre. – Ele se escondeu numa cripta e sobreviveu com pequenos mamíferos. Porém, não está indo tão bem mentalmente então a rainha o mandou para o Tennessee para ficar com a comunidade de Nashville por algum tempo.

— Andre me trouxe uma lista dos desaparecidos – disse Eric. – Vou disponibilizá-lo após a reunião.

Eu conhecia alguns dos guardas da rainha também, e ficaria feliz em descobrir como se saíram. Tinha outra pergunta, então acenei com a mão.

— Sim, Sookie? – Andre perguntou. Seu olhar vazio me congelou no lugar, e eu me arrependi de ter pedido a palavra.

— Vocês querem saber o que eu estava me perguntando? Imagino se um dos reis ou rainhas que participarão da conferência, ou como quer que vocês a chamem, tem um — uma espécie de vidente do tempo ou algo parecido como funcionário.

Vários olhares inexpressivos apontaram para mim, embora Andre estivesse interessado.

— Porque, vejam, a conferência, cúpula ou o que for, devia ter acontecido originalmente na última primavera. Mas — atraso, atraso, atraso, certo? E então veio o Katrina. Se a conferência tivesse acontecido quando devia, a rainha podia ter ido numa posição poderosa. Ela teria um arsenal e uma tropa enorme de vampiros, e talvez eles não estivessem tão ansiosos por processá-la pela morte do rei. A rainha provavelmente conseguiria o que quisesse. Ao invés disso, ela está indo como... – comecei a dizer “uma indigente”, mas considerei Andre a tempo – ...“alguém muito menos poderosa”. – Fiquei com medo que eles rissem ou me ridicularizassem, mas o silêncio que se seguiu foi intensamente pensativo.

— É algo que vocês terão que descobrir na conferência – Andre disse.

– Agora que você me deu a ideia, parece estranhamente possível. Eric?

— Sim, acho que existe algo aí – Eric disse, olhando para mim. – Sookie é boa em pensar como um todo.

Pam sorriu para mim ao lado de meu cotovelo.

— E quanto ao processo movido por Jennifer Cater? – Clancy perguntou a Andre. Ele parecia cada vez mais desconfortável na cadeira que achou tão esperto roubar.

Era possível ouvir uma agulha cair. Eu não sabia de quê diabos o vampiro ruivo estava falando, mas achei melhor descobrir através da conversa ao invés de perguntar.

— Ainda ativo – Andre disse.

Pam sussurrou: — Jennifer Cater estava sendo treinada para se tornar a tenente de Peter Threadgill. Ela estava no Arkansas, administrando os negócios dele, quando a violência explodiu.

Eu assenti para deixar Pam saber que apreciava o fato de ela estar me informando. Os vampiros do Arkansas, embora não tivessem sido afetados por um furacão, sofreram uma redução drástica em suas próprias linhas, graças ao grupo da Louisiana.

— A rainha respondeu ao processo testemunhando que teve que matar Peter para salvar a própria vida. É claro que ela ofereceu compensação ao fundo comum – disse Andre.

— Por que não para o Arkansas? – sussurrei para Pam.

— Porque a rainha afirma que, já que Peter está morto, o Arkansas pertence a ela, de acordo com o contrato nupcial – Pam murmurou. – Ela não pode compensar a si mesma. Se Jennifer Cater vencer seu processo, não só a rainha perderá o Arkansas como terá que pagar ao Estado uma multa. Bem grande. E fazer outra restituição.

Andre começou a perambular irrequieto pela sala, a única indicação de que estava infeliz a respeito do assunto.

— Nós afinal temos dinheiro suficiente após o desastre? – indagou Clancy. Era uma pergunta imprudente.

— A rainha espera que o processo seja descartado – disse Andre, novamente ignorando Clancy. O rosto permanentemente adolescente de Andre estava bem inexpressivo. – Mas, aparentemente, a corte está preparada para ouvir um julgamento. Jennifer está alegando que nossa rainha atraiu Threadgill para Nova Orleans, longe de seu próprio território, o tempo todo planejando começar uma guerra e assassiná-lo. – Dessa vez, a voz de Andre veio por trás de mim.

— Mas não foi isso o que aconteceu – falei. E Sophie-Anne não tinha matado o rei. Eu estava presente na hora de sua morte. O vampiro atrás de mim naquele exato momento havia matado Threadgill e achei que foi justificado na época.

Senti os dedos frios de Andre acariciarem meu pescoço enquanto estava sentada ali. Eu não imaginava como sabia que eram os dedos de Andre; mas o toque leve, o segundo de contato, subitamente me fez focalizar um fato terrível: eu era a única testemunha da morte do rei, além de Andre e Sophie-Anne.

Eu nunca havia me colocado naqueles termos antes e por um instante, eu juro, meu coração parou de bater. Naquela batida em falso, eu percebi o olhar de pelo menos metade dos vampiros na sala. Os olhos de Eric se arregalaram ao fitar meu rosto. Então meu coração bateu de novo e o momento passou como se nunca tivesse acontecido. Mas a mão de Eric se contraiu na mesa, e eu sabia que

ele não esqueceria daquele segundo e iria querer saber o que significava.

— Então você acha que o julgamento será mantido? – Eric perguntou a Andre.

— Se a rainha estivesse indo para a conferência como a governante de Nova Orleans — Nova Orleans como era — eu acredito que o tribunal teria negociado algum tipo de acordo entre Jennifer e a rainha. Talvez algo envolvendo Jennifer sendo elevada a uma posição de poder como representante da rainha e recebendo um enorme bônus; algo assim. Mas como as coisas estão agora... – Houve um longo silêncio enquanto preenchíamos a sentença. Nova Orleans não era mais como antigamente, e poderia nunca mais voltar a ser assim de novo. Sophie-Anne estava por baixo agora. – Agora, por causa da persistência de Jennifer, acho que a corte prosseguirá – disse Andre, ficando em silêncio então.

— Sabemos que as alegações não são verdadeiras – uma voz clara e fria disse num canto. Eu estava fazendo um bom trabalho ignorando a presença de meu ex, Bill. Mas não era algo natural em mim. – Eric estava lá. Eu estava lá. Sookie estava lá – o vampiro (Sem Nome, eu disse a mim mesma) continuou.

Isso era verdade. A acusação de Jennifer Cater de que a rainha havia atraído o rei para sua festa no celeiro com a intenção de matá-lo era completamente ridícula. O banho de sangue fora desencadeado pela decapitação de um dos homens da rainha por um dos guardas de Peter Threadgill.

Eric sorriu saudosamente. Ele se divertira na batalha.

— Eu liquidei aquele que começou – disse. – O rei se esforçou para encurralar a rainha numa indiscrição, mas ele não conseguiu, graças a nossa Sookie. Quando seu plano não funcionou, partiu para um simples ataque frontal. – Eric acrescentou: – Não vejo Jennifer há vinte anos. Ela subiu rápido. Deve ser implacável.

Andre caminhou para a direita, dentro da minha linha de visão, o que foi um alívio. Ele assentiu. Novamente, todos os vampiros na sala fizeram um pequeno movimento em grupo, não exatamente igual, mas estranhamente próximo. Eu raramente me senti tão alienígena: a única com sangue quente numa sala cheia de criaturas mortas reanimadas.

— Sim – disse Andre. – Normalmente, a rainha desejaria um contingente completo para apoiá-la. Mas já que somos forçados a economizar, os números terão de ser cortados.

Novamente, Andre aproximou-se o suficiente para me tocar, apenas um leve roçar em meu pescoço. A ideia desencadeou uma espécie de mini-

revelação: assim era como uma pessoa normal se sentia. Eu não tinha a menor ideia sobre as verdadeiras intenções e planos de minhas companhias.

Era assim que as pessoas reais viviam cada dia de suas vidas. Era assustador, mas excitante; parecido com caminhar através de uma sala lotada com os olhos vendados.

Como as pessoas normais suportavam o suspense de viver dia a dia?

— A rainha quer esta mulher ao lado dela nas reuniões, já que outros humanos estarão lá – Andre continuou. Ele falou estritamente para Eric.

Parecia que o resto de nós nem estava na sala. – Ela quer conhecer seus pensamentos. Stan levará seu telepata. Você conhece o homem?

— Eu estou sentada bem aqui – murmurei. Não que alguém tenha prestado qualquer atenção, exceto Pam que me deu um sorriso ensolarado.

Então, com todos aqueles olhares frios fixos em mim, eu percebi que eles estavam esperando, que Andre havia se dirigido diretamente a mim. Eu estava tão acostumada a ter vampiros falando ao meu redor e através de mim que fui pega de surpresa. Recapitulei mentalmente as observações de Andre até entender que ele estava me fazendo uma pergunta.

— Só encontrei um único outro telepata na vida e ele estava morando em Dallas, então imagino que seja o mesmo cara — Barry, o Carregador.

Ele estava trabalhando no hotel vampiro em Dallas quando percebi seu, hã, dom.

— O que sabe sobre ele?

— Ele é mais jovem e mais fraco do que eu — ou pelo menos era na época. Nunca aceitou o que era do modo como eu fiz. – Dei de ombros.

Aquela era a soma total de meu conhecimento.

— Sookie estará lá – Eric disse a Andre. – Ela é a melhor no que faz.

Aquilo foi lisonjeiro, embora eu tenha lembrado vagamente Eric dizer que encontrou apenas um telepata anteriormente. Também foi enfurecedor, já que Eric estava dando a entender para Andre que minha excelência se devia a ele, ao invés de mim mesma.

Embora estivesse ansiosa para ver algo além de minha cidadezinha, me descobri desejando pensar num modo de evitar a viagem para Rhodes.

Mas, meses atrás, eu concordei em comparecer a essa conferência vampira como funcionária paga da rainha. E durante o último mês, trabalhei longas horas no Merlotte's para bancar tempo suficiente para que as outras garçonetes não se importassem de me cobrir por uma semana. Meu chefe, Sam, vinha me ajudando a não perder de vista os turnos com um pequeno quadro.

— Clancy ficará aqui para cuidar do bar – disse Eric.

— Esta humana vai enquanto eu tenho que ficar? – o gerente ruivo disse. Ele estava realmente muito, muito descontente com a decisão de Eric.

– Vou perder a diversão.

— Isso mesmo – Eric disse alegremente. Se Clancy pensou em dizer outra coisa negativa, olhou para o rosto de Eric e mudou de ideia. – Felicia ficará para ajudá-lo. Bill, você vai ficar.

— Não – disse aquela voz calma e fria no canto. – A rainha me exigiu. Eu trabalhei duro naquele banco de dados e ela pediu que o promovesse na conferência para ajudar a recuperar suas perdas.

Eric pareceu uma estátua por um minuto e então se mexeu, um leve arquear de sobrancelhas.

— Sim, eu esqueci de suas habilidades no computador – disse. Ele podia estar dizendo, “Ah, eu esqueci que você consegue soletrar gato”, por todo o interesse ou respeito que demonstrou. – Imagino que precisa estar conosco, então. Maxwell?

— Se é seu desejo, eu ficarei – Maxwell Lee queria deixar claro que sabia uma ou duas coisas a respeito de ser um bom subordinado. Ele fitou o pequeno grupo para sublinhar seu ponto.

Eric assentiu. Imaginei que Maxwell ganharia um belo brinquedinho no Natal, e Bill — opa, Sem Nome — receberia cinzas e interruptores.

— Então você permanecerá aqui. E você também, Thalia. Mas deve me prometer que irá se comportar no bar – A missão requerida de Thalia, que simplesmente consistia em sentar lá e parecer misteriosa e vampírica algumas noites por semana, nem sempre terminava sem incidentes.

Thalia, permanentemente rabugenta e pensativa, deu um curto aceno.

— Eu não quero ir mesmo – murmurou. Os olhos negros redondos não mostravam nada exceto desprezo pelo mundo. Ela já tinha visto demais em sua longa vida e não se divertia há séculos foi o que entendi. Eu tentava evitar Thalia tanto quanto possível. Estava surpresa por ela andar com outros vampiros; ela parecia uma ermitã para mim.

— Ela não deseja liderar – Pam sussurrou em meu ouvido. – Só quer que a deixem em paz. Ela foi expulsa do Illinois porque ficou agressiva demais após a Grande Revelação.

A Grande Revelação era o termo vampiro para a noite em que eles foram para as televisões do mundo todo para nos informar que realmente existiam e, além disso, queriam sair das sombras para entrar no fluxo social e econômico da sociedade humana.

— Eric deixa Thalia fazer o que quiser contanto que siga as regras e apareça na hora para seus turnos no bar – Pam continuou em seu sussurro baixo. Eric era o governante desse pequeno mundo e ninguém estava esquecendo. – Ela sabe qual será a punição se pisar fora da linha. Às vezes, parece esquecer do quanto não gostaria dessa punição. Ela devia ler a Abby, pegar algumas ideias.

Se você não está sentindo nenhum prazer na vida, você precisa... hã, fazer algo pelos outros, arrumar um novo passatempo ou algo assim, certo?

Não era esse o conselho habitual? Imaginei Thalia como voluntária no turno da noite de uma casa de repouso e estremeci. A ideia de Thalia tricotando com duas longas e afiadas agulhas me deu outro arrepio de horror. Para o inferno com a terapia.

— Então os únicos a comparecerem à conferência são Andre, nossa rainha, Sookie, eu, Bill e Pam – disse Eric. – Cataliades, o advogado, e sua sobrinha como mensageira. Ah, sim, Gervaise da Área Quatro e sua mulher humana, uma concessão, já que ele tem hospedado a rainha tão generosamente. Rasul, como motorista. E Sigebert, é claro. Este é o nosso grupo. Sei que alguns de vocês estão desapontados e só posso esperar que o ano que vem seja melhor para a Louisiana. E para o Arkansas, que agora consideramos parte de nosso território.

— Acho que é tudo o que precisamos debater com todos vocês presentes – Andre disse. O resto das coisas que ele e Eric tinham a discutir seria em particular. Andre não me tocou novamente, o que foi algo bom.

Andre me assustava até o mindinho do dedo do pé pintado de rosa. Claro, eu devia me sentir desse jeito a respeito de todos na sala. Se tivesse bom senso, eu me mudaria para o Wyoming, que tinha a menor população de vampiros (dois; houve um artigo a respeito deles na American Vampire).

Alguns dias eu me sentia bem tentada.

Tirei um pequeno bloco de notas da bolsa enquanto Eric informava as datas de nossa partida e retorno, o horário em que o

voo fretado das Linhas Aéreas Anúbis estaria chegando de Baton Rouge para pegar o pessoal de Shreveport, e uma lista das roupas de que iríamos precisar.

Com algum desânimo, percebi que teria de pedir emprestado de meus amigos novamente. Mas Eric acrescentou:

— Sookie, você não precisaria dessas roupas se não fosse pela viagem. Eu liguei para a loja de sua amiga e você tem crédito lá. Use-o. – Pude sentir minhas bochechas avermelharem. Me senti como a prima pobre, até que ele disse: – Os funcionários têm conta em algumas das lojas aqui em Shreveport, mas isto seria inconveniente para você.

Meus ombros relaxaram e eu esperava que ele estivesse dizendo a verdade. Nem um tremular de pálpebras disse algo diferente.

— Podemos ter sofrido um desastre, mas não iremos parecendo pobres – Eric disse, sendo cuidadoso em me dar apenas uma fração de seu olhar.

“Não parecer pobre”, anotei.

— Todos estão de acordo? Nossos objetivos nesta conferência são dar apoio à rainha, enquanto ela tenta se livrar dessas acusações ridículas, e deixar todos saberem que a Louisiana ainda é um estado de prestígio.

Nenhum dos vampiros do Arkansas, que vieram para a Louisiana com seu rei, sobreviveu para contar a história. – Eric

sorriu, e não era um sorriso agradável.

Eu não soube daquilo antes dessa noite.

Céus, isso não era inconveniente?

Capítulo 2

— HALLEIGH, JÁ QUE ESTÁ SE CASANDO com um policial, talvez você possa nos contar... qual é o tamanho do cassetete de um tira? – Elmer Claire Vaudry perguntou.

Eu estava sentada ao lado da futura noiva, Halleigh Robinson, já que recebi a importante tarefa de registrar cada presente e o nome de quem deu, enquanto Halleigh abria todas as caixas embrulhadas em papel branco-e prata e as sacolas de presente floridas.

Ninguém parecia nem um pouco surpresa pela Sra. Vaudry, uma professora da quarta série, fazer uma pergunta indecente nesse típico evento feminino de classe média.

— Ora, eu não saberia, Elmer Claire – disse Halleigh recatadamente, e houve um coro positivo de risadinhas incrédulas.

— Bem, agora e quanto às algemas? – Elmer Claire perguntou. – Vocês já usaram aquelas algemas?

Um murmúrio de vozes femininas sulistas ergueu-se na sala de estar de Marcia Albanese, a anfitriã que concordou em transformar sua casa no cordeiro de sacrifício: o verdadeiro local do chá. As outras anfitriãs tiveram problemas menores como trazer a comida e o ponche.

— Você é impagável, Elmer Claire – Marcia disse, de seu lugar ao lado da mesa de refrescos. Mas ela sorria. Elmer Claire geralmente fazia o papel da Ousada, e as outras ficavam contentes por deixá-la se divertir.

Elmer Claire nunca teria sido tão vulgar se a velha Caroline Bellefleur estivesse presente no chá. Caroline era a dirigente social de Bon Temps. Miss Caroline tinha cerca de um milhão de anos e costas mais retas do que de um soldado. Somente algo extremo manteria Miss Caroline em casa e longe de um evento social dessa importância para sua família, e algo extremo acontecera. Caroline Bellefleur havia sofrido um ataque cardíaco, para o assombro de todos em Bon Temps. Para a família dela, o evento não foi uma tremenda surpresa.

O magnífico casamento duplo dos Bellefleur (Halleigh e Andy, Portia e seu contador) havia sido planejado para a primavera anterior. Foi organizada apressadamente por causa do súbito desgaste da saúde de Caroline Bellefleur. Como acabou acontecendo, antes mesmo do apressado casamento ser realizado, Miss Caroline foi atingida pelo ataque. Então, ela quebrou o quadril.

Com a concordância da irmã de Andy, Portia, e seu noivo, Andy e Halleigh adiaram o casamento até outubro passado. Mas ouvi falar que Miss Caroline não estava se recuperando como os netos tinham esperado, e parecia improvável que ela voltasse à antiga forma.

Halleigh, com as bochechas rubras, lutava com a fita ao redor de uma caixa pesada. Entreguei-lhe um par de tesouras. Existia uma tradição sobre não cortar fitas, de algum modo ligado à

previsão do número de filhos que o casal nupcial produziria, mas eu estava disposta a apostar que Halleigh estava pronta para uma solução rápida. Ela cortou a fita do lado mais próximo dela então ninguém notaria sua insensível desconsideração pelo costume. Ela me lançou um olhar de gratidão. Estávamos todas em nossos trajes de festa, é claro, e Halleigh parecia muito jovem e bonita em seu terninho azul-claro com rosas pink salpicadas no casaco. Ela usava um buquê, é claro, como a homenageada.

Me senti como se estivesse observando uma interessante tribo de outro país, uma tribo que por acaso falava minha língua. Sou garçonete, vários graus abaixo da escala social de Hadley, e sou uma telepata, apesar das pessoas se esquecerem disso já que é difícil de acreditar com minha aparência exterior sendo tão normal. Mas estava na lista de convidadas, então fiz um grande esforço para me encaixar satisfatoriamente. Eu tinha certeza que estava sendo bem-sucedida. Vestia uma blusa branca sem mangas, calça social amarela e sandálias laranja com amarelo. Meu cabelo fluía suavemente sobre os ombros. Brincos amarelos e uma pequena corrente dourada me completavam. Era fim de setembro, mas estava quente como o inferno. Todas as senhoras ainda vestiam trajes para a estação quente, embora algumas almas corajosas tivessem escolhido cores de outono.

Eu conhecia todas as pessoas no chá, claro. Bon Temps não é um lugar grande e minha família viveu aqui por quase duzentos anos. Saber quem as pessoas são não é o mesmo que se sentir confortável com elas, e fiquei feliz por ter recebido a tarefa de

registrar presentes. Marcia Albanese era mais esperta do que eu lhe dava crédito.

Com certeza, eu estava aprendendo um bocado. Embora tentasse não ouvir, e minha pequena tarefa ajudasse, eu estava recebendo uma grande descarga mental.

Halleigh estava no sétimo céu. Estava ganhando presentes, era o centro das atenções e se casaria com um ótimo sujeito. Eu não achava que ela realmente conhecia seu noivo tão bem, mas certamente eu estava disposta a acreditar que havia facetas maravilhosas de Andy Bellefleur que nunca vi ou ouvi falar. Andy possuía mais imaginação do que a média dos homens em Bon Temps; eu sabia disso. E ele tinha medos e desejos que enterrava profundamente; sabia disso também.

A mãe de Halleigh viera de Mandeville para comparecer ao chá, claro, e estava se esforçando para apoiar a filha. Achei que eu era a única a perceber que a mãe de Halleigh detestava multidões, mesmo as pequenas como essa. Cada instante que permanecia sentada na sala de Marcia era muito desconfortável para Linette Robinson. Nesse exato momento, enquanto ria de outra piadinha de Elmer Claire, ela desejava desesperadamente estar em casa com um bom livro e um copo de chá gelado. Eu comecei a sussurrar para ela que tudo estaria terminado dentro de (dei uma olhada no relógio) uma hora, hora e quinze no máximo — mas lembrei a tempo que só a assustaria mais.

Anotei “Selah Pumphrey — panos de prato”, e sentei-me tranquilamente para registrar o próximo presente. Selah Pumphrey

esperou que eu lhe desse uma Grande Reação quando apareceu na porta, já que vinha saindo há semanas com o vampiro que reneguei. Selah estava sempre imaginando que eu pularia nela e acertaria sua cabeça. Ela tinha uma opinião ruim a meu respeito, não que me conhecesse. Ela certamente não percebeu que o vampiro em questão simplesmente estava fora do meu radar agora. Imaginei que foi convidada porque era a corretora imobiliária de Andy e Halleigh quando eles compraram sua casinha.

“Tara Thornton — camisola de renda”, escrevi, e sorri para minha amiga Tara, que escolheu o presente de Halleigh do estoque em sua loja de roupas. Obviamente Elmer Claire teve muito a dizer sobre a camisola e todas se divertiram com isso — pelo menos aparentemente. Algumas das mulheres reunidas não se sentiam confortáveis com o humor carregado de Elmer Claire, algumas pensavam que o marido dela tinha que agüentar muita coisa e outras desejavam que ela apenas calasse a boca. Esse grupo incluía a mim, Linette Robinson e Halleigh.

A diretora da escola onde Halleigh ensinava deu ao casal alguns belos descansos de prato e a diretora assistente trouxe guardanapos para combinar. Registrei aquilo com um floreio e enfiei alguns dos papéis de presente rasgados no saco de lixo ao meu lado.

— Obrigada, Sookie – Halleigh disse em voz baixa, enquanto Elmer Claire contava outra história sobre algo que aconteceu em seu casamento envolvendo um frango e o padrinho. – Eu realmente aprecio sua ajuda.

— Não foi nada – falei surpresa.

— Andy me contou que foi você quem escondeu o anel de noivado quando ele me pediu em casamento – ela disse, sorrindo. – E você me ajudou outras vezes também. – Então Andy contou a Halleigh tudo sobre mim.

— Sem problema – respondi, um pouco embaraçada.

Ela lançou um olhar furtivo para Selah Pumphrey, sentada a duas cadeiras de distância. — Você ainda está saindo com aquele homem lindo que eu vi no seu apartamento? – ela perguntou um pouco mais alto. – O bonitão de cabelos pretos?

Halleigh viu Claude quando ele me deixou no alojamento temporário da cidade; Claude, o irmão de Claudine, minha fada-madrinha. Sim, realmente. Claude era lindo e podia ser absolutamente charmoso (para mulheres) por cerca de sessenta segundos. Ele fez o esforço quando conheceu Halleigh, e eu só podia ser grata já que os ouvidos de Selah se aguçaram como os de uma raposa.

— Eu o vi há umas três semanas atrás – respondi sinceramente. – Mas não estamos saindo agora. – Nunca saímos, de fato, porque a ideia de Claude de um bom encontro era alguém com barba por fazer e equipamento que eu nunca possuiria. Mas ninguém precisava saber disso, certo? – Estou vendo outra pessoa – acrescentei modestamente.

— Oh? – Halleigh era toda interesse inocente. Eu estava gostando dessa garota (quatro anos mais nova do que eu) a cada segundo.

— Sim – respondi. – Um consultor de Memphis.

— Você terá que trazê-lo ao casamento – Halleigh disse. – Não seria ótimo, Portia?

Aquela era outra questão bem diferente. Portia Bellefleur, irmã de Andy, a outra futura noiva do casamento duplo, me pediu para estar lá para servir álcool junto com meu chefe, Sam Merlotte. Agora Portia estava numa saia justa. Ela nunca teria me convidado a não ser como funcionária (com certeza eu não fui convidada para nenhum chá de panela para Portia).

Agora dei um sorriso de modo estou-tão-feliz bem inocente.

— Claro – Portia respondeu diplomaticamente. Ela não treinou leis por nada. – Ficaríamos encantados se você trouxesse seu namorado.

Tive uma feliz imagem mental de Quinn se transformando num tigre durante a recepção. Sorri para Portia ainda mais brilhantemente.

— Verei se ele pode vir comigo – falei.

— Ei, todas vocês – disse Elmer Claire – um passarinho me contou para anotar o que Halleigh dizia enquanto desembrulhava

seus presentes, porque vocês sabem, é isso que dirá na noite de núpcias! – Ela acenou com um bloco de notas.

Todas ficaram silenciosas em feliz antecipação. Ou receio.

— Essa foi a primeira coisa que Halleigh disse: “Oh, que embrulho bonito!” – Um coro obediente de risos. – Então ela disse, vamos ver: “Vai servir; eu mal posso esperar!” – Risadinhas. – Então disse, “Oh, eu preciso de um desses!” – Hilaridade.

Depois disso, foi hora do bolo, ponche, amendoins e tábua de queijos.

Todas nós voltamos para nossas cadeiras, equilibrando pratos e copos cuidadosamente, quando a amiga de minha avó, Maxine, abriu um novo tópico de discussão.

— Como está a sua nova amiga, Sookie? – Maxine Fortenberry perguntou. Maxine claramente estava do outro lado da sala, mas se projetar não era um problema para ela. Com uns cinquenta e poucos anos, Maxine era robusta e sincera, e foi uma segunda mãe para meu irmão, Jason, que era o melhor amigo de seu filho Hoyt. – A garota de Nova Orleans?

— Amelia está bem. – Eu sorri nervosamente, consciente demais de que era o novo centro de atenções.

— É verdade que ela perdeu a casa na enchente?

— Ela sofreu um bocado de danos, seu inquilino contou. Então Amelia está esperando notícias da companhia de seguro para

decidir o que fazer.

— Sorte ela estar aqui com você quando o furacão aconteceu – Maxine disse.

Acho que a pobre Amelia ouvira aquilo milhares de vezes, desde agosto. Imagino que estava bem cansada de tentar se sentir sortuda. — Oh, sim – respondi simpaticamente. – Com certeza.

A chegada de Amelia Broadway em Bon Temps foi assunto de muita fofoca. Era apenas natural.

— Então, agora Amelia vai ficar com você? – Halleigh perguntou, prestativa.

— Por um tempo – falei sorrindo.

— É realmente gentil de sua parte – Marcia Albanese disse aprovadora.

— Oh, Marcia, você sabe que eu tenho um segundo andar inteiro que nunca uso. Ela na verdade o aperfeiçoou para mim; colocou um ar-

condicionado, ficou bem melhor. Não me incomoda nem um pouco.

— Mesmo assim, muitas pessoas não iriam querer alguém morando em suas casas por tanto tempo. Acho que eu devia aceitar uma daquelas pobres almas que ficam no Day Inn, mas simplesmente não consigo deixar alguém entrar em minha casa.

— Gosto da companhia – respondi, o que era mesmo verdade.

— Ela voltou para verificar a própria casa?

— Ah, só uma vez. – Amelia teve que sair bem rápido de Nova Orleans para que nenhuma de suas amigas bruxas pudesse rastreá-la.

Amelia estava em apuros com a comunidade bruxa da Big Easy.

— Ela certamente adora aquele seu gato – disse Elmer Claire. – Ela estava com aquele bichano enorme no veterinário, outro dia, quando levei o Powderpuff – Powderpuff, o gato persa branco de Elmer Claire, tinha um milhão de anos. – Eu lhe perguntei por que não castrava aquele bicho, e ela simplesmente cobriu as orelhas do gato como se ele pudesse me ouvir, e pediu para não falar a respeito na frente de Bob, como se ele fosse uma pessoa.

— Ela realmente gosta do Bob – falei, não sabendo bem se ria com a ideia do veterinário castrando Bob.

— Como conheceu Amelia? – Maxine perguntou.

— Lembram-se da minha prima Hadley? – Todos na sala assentiram, exceto a recém-chegada Halleigh e sua mãe. – Bom, quando Hadley morou em Nova Orleans, ela alugou o andar de cima da casa de Amelia – respondi.

– E quando Hadley faleceu — aqui houve acenos solenes de todas — eu fui até Nova Orleans para dar um jeito nas coisas dela.

Então conheci Amelia, nos tornamos amigas, e ela decidiu visitar Bon Temps por um tempo.

Todas as senhoras olharam para mim com expressões de expectativa, como se mal pudessem esperar para ouvir o que viria em seguida. Porque tinha que ter mais explicações, certo? De fato, havia muito mais na história, mas não acho que elas estivessem prontas para ouvir que Amelia, após uma grande noite de amor, transformara Bob acidentalmente num gato, durante uma experiência sexual. Eu nunca pedi a Amelia para descrever as circunstâncias, porque certamente não queria uma imagem daquela cena.

Mas todas elas esperavam por mais explicações. Qualquer explicação.

— Amelia teve um rompimento com o namorado – respondi, mantendo o tom baixo e confidencial.

Os rostos das outras mulheres se mostraram tanto entusiasmados quanto solidários.

— Ele era um missionário Mórmon – contei. Bem, Bob parecia um missionário Mórmon, com calças pretas e camisa branca de manga curta, e até mesmo chegou numa bicicleta quando foi visitá-la. Na verdade, ele era um bruxo como Amelia. – Mas quando ele bateu na porta de Amelia, eles simplesmente caíram de amores. – De fato, caíram na cama. Mas, você sabe — mesma coisa, para o propósito dessa história.

— Os pais dele sabiam?

— A igreja dele descobriu?

— Eles não têm mais do que uma esposa?

As perguntas se amontoaram exageradas demais para eu responder, e esperei até as convidadas diminuírem o entusiasmo. Não estava acostumada a inventar histórias, e eu estava ficando sem elementos de verdade no qual me basear.

— Eu realmente não sei muito a respeito da igreja dos Mórmons – respondi a última questionadora, e era a absoluta verdade. – Apesar de achar que os Mórmons modernos não devem ter mais do que uma esposa.

Mas o que aconteceu foi que os parentes dele descobriram e ficaram aborrecidos de verdade, porque eles não acham que Amelia seja boa o bastante para o homem, então o agarraram e o fizeram voltar para casa. Ela queria sair de Nova Orleans para uma mudança de cenário, esquecer o passado, sabe.

Todas assentiram, absolutamente fascinadas pelo grande drama de Amelia. Senti uma pontada de culpa. Por um minuto ou dois, todas deram suas opiniões a respeito da triste história. Maxine Fortenberry resumiu tudo.

— Pobrezinha – disse Maxine. – Ele devia ter lutado por eles.

Entreguei outro presente para que Halleigh abrisse. — Halleigh, sabe que isso não vai acontecer com vocês – falei, desviando a

conversa para um assunto mais apropriado. – Andy é louco por você; qualquer um percebe.

Halleigh enrubesceu e sua mãe disse, — Todas nós amamos Andy – e o chá voltou aos trilhos.

O resto da conversa enveredou do casamento para as refeições que cada igreja se revezava para oferecer aos refugiados. Os católicos teriam a noite seguinte, e Maxine soou um pouco aliviada quando disse que o número de cozinheiros caíra para vinte e cinco.

Ao voltar dirigindo para casa, me senti um pouco estranha pela sociabilidade sem prática. Também encarei a perspectiva de contar a Amelia sobre seu novo antecedente inventado. Mas quando vi a caminhonete parada em meu quintal, todos os pensamentos sumiram da cabeça.

Quinn estava ali — Quinn, o tigre, que ganhava a vida arranjando e produzindo eventos especiais para o mundo estranho — Quinn, meu namorado. Estacionei nos fundos e praticamente pulei do carro, após um olhar ansioso no espelho retrovisor para me certificar de que a maquiagem ainda estava boa. Quinn seguiu para a porta dos fundos enquanto eu corria para os degraus e dava um pequeno salto. Ele me pegou e girou nos braços e, ao me colocar no chão, me beijou, as mãos grandes emoldurando meu rosto.

— Você está tão linda – ele disse, buscando ar. Alguns momentos depois, ele ofegou, – Você cheira tão bem. – E então voltou a me beijar.

Por fim, nos separamos.

— Oh, eu não o vejo há tanto tempo! – respondi. – Estou tão feliz por você estar aqui! – Eu não via Quinn há semanas, e mesmo assim estive com ele por pouco tempo quando passou por Shreveport a caminho da Florida, com uma carga de equipamentos para a cerimônia de maioridade da filha de um líder de bando.

— Senti sua falta, docinho – ele disse, os dentes brancos cintilantes.

A cabeça raspada brilhava sob a luz do sol, que vinha de um ângulo distinto nessa tarde. – Passei um tempinho com sua colega de quarto, enquanto você estava no chá de panela. Como foi?

— Como chás geralmente são. Muitos presentes e muita fofoca. Esse é o segundo chá de panela na qual compareço para esta garota e, além disso, dei de presente uma bandeja para uso diário como presente de casamento, então eles estão orgulhosos.

— Você pode ir a mais do que um chá de panela para a mesma pessoa?

— Numa cidade pequena como esta, sim. E ela foi para casa participar de um chá e de um jantar em Mandeville, no verão. Então acho que Andy e Halleigh estão bem firmes.

— Achei que eles iam se casar em abril passado.

Eu expliquei sobre o ataque cardíaco de Caroline Bellefleur. — No momento em que ela estava se recuperando e eles começaram

a falar de datas novamente, Miss Caroline caiu e quebrou o quadril.

— Uau.

— Os médicos achavam que ela não ia se recuperar, mas ela sobreviveu a isso também. Então acho que Halleigh, Andy, Portia e Glen na verdade terão o mais antecipado casamento de Bon Temps talvez no mês que vem. E você está convidado.

— Estou?

Nós estávamos entrando agora, já que eu queria tirar os sapatos e também verificar o que minha colega de quarto andava fazendo. Tentei imaginar algo para mandá-la fazer em algum outro lugar, já que raramente conseguia ver Quinn, que era uma espécie de namorado, se é que se podia usar um termo assim na minha idade (vinte e sete). Isto é, achei que podia ser meu namorado se ele conseguisse diminuir o ritmo tempo suficiente para ficar comigo. Mas o emprego de Quinn, trabalhando para uma filial da Eventos (Extremamente) Elegantes, cobria um bocado de território no sentido literal e figurado.

Desde que nós nos separamos em Nova Orleans, após a fuga dos sequestradores Lobis, eu tinha visto Quinn três vezes. Ele esteve em Shreveport num fim de semana, quando estava a caminho de algum lugar, e fomos jantar no Ralph & Kacoo's, um popular restaurante. Foi uma boa noite, mas ele me levou para casa no fim já que tinha que partir às sete da manhã seguinte. Na segunda vez, ele passou no Merlotte's enquanto eu trabalhava e, já que foi uma noite tranquila, peguei uma hora para sentar e

conversar com ele, e ficamos um pouco de mãos dadas. Na terceira vez, eu lhe fiz companhia enquanto ele carregava seu trailer num depósito de aluguel da U-RENT-SPACE. Foi no meio do verão, e ambos suamos um bocado. Calor sufocante, muita poeira, depósitos, um veículo ocasional passando pela área... não era um ambiente romântico.

E apesar de Amelia estar agora amavelmente descendo as escadas com a bolsa no ombro e claramente planejando ir à cidade para nos dar um pouco de privacidade, parecia pouco provável agarrarmos um instante para consumar um relacionamento que tinha tão pouco tempo.

Amelia disse, — Tchau! – com um enorme sorriso no rosto e, já que possuía os dentes mais brancos do mundo, ela parecia o gato Cheshire[1].

O cabelo curto de Amelia estava todo arrepiado (ela diz que ninguém em Bon Temps sabe cortar direito) e o rosto bronzeado sem maquiagem. Ela parecia uma jovem mãe suburbana que tem um bebê sentado na cadeirinha do banco traseiro de sua minivan; o tipo de mãe que nas horas de folga corre, nada e joga tênis.

Para falar a verdade, Amelia corria três vezes por semana e praticava tai chi em meu quintal, mas detestava entrar na água e achava que tênis era para (e estou citando) “idiotas que respiram pela boca”. Eu mesma sempre admirei tenistas, mas quando Amelia tinha um ponto de vista, ela se agarrava a ele.

— Vou ao shopping em Monroe – ela disse. – Compras a fazer! – E com um aceno do tipo “Estou-sendo-uma-boa-colega-de-quarto”, ela embarcou em seu Mustang e desapareceu...

...deixando eu e Quinn nos encarando.

— Essa Amelia! – falei sem graça.

— Ela é... um tipo e tanto – disse Quinn, tão desconfortável quanto eu.

— A questão é... – comecei, enquanto Quinn dizia, — Ouça, eu acho que devíamos... – e ambos nos interrompemos desajeitados. Ele fez um gesto para indicar que eu devia falar primeiro.

— Quanto tempo vai ficar por aqui? – perguntei.

— Eu tenho que ir embora amanhã – ele disse. – Posso ficar em Monroe ou Shreveport.

Nós nos encaramos mais um pouco. Eu não consigo ler a mente dos Lobis, não como a dos humanos normais. No entanto, consigo pegar a intenção, e a intenção era... intenção.

— Então – Quinn disse. Ele se ajoelhou. – Por favor.

Eu tive que sorrir, mas então desviei o olhar. — A única questão é que... – comecei novamente. Esta conversa seria mais fácil para Amelia, que era franca ao extremo. – Você sabe que nós temos, hã, um bocado de...

– gesticulei com a mão.

— Química – ele disse.

— Certo – respondi. – Mas se nunca conseguirmos nos ver mais do que temos feito nos últimos três meses, eu não tenho certeza se quero dar o próximo passo. – Eu detestava ter que dizer, mas tinha que ser feito. Eu não queria ser magoada. – Eu tenho um grande desejo – continuei. – Grande, grande desejo. Mas não sou mulher de uma só noite.

— Quando a conferência terminar, eu vou tirar longas férias – Quinn disse, e pude perceber que ele estava sendo absolutamente sincero. – Um mês. Vim aqui para perguntar se posso passá-lo com você.

— Sério? – Não consegui evitar soar incrédula. – Mesmo?

Ele sorriu para mim. Quinn possuía a cabeça raspada e lisa, pele cor de oliva, nariz atrevido e um sorriso que formava pequenas covinhas nos cantos de sua boca. Seus olhos eram púrpuros, como um amor-perfeito em flor. Ele era grande como um lutador profissional, e tão assustador quanto.

Ele levantou a mão enorme, como se estivesse fazendo um juramento. — Sobre uma pilha de Bíblias – disse.

— Sim – respondi, após um instante examinando minhas razões para ter certeza de que eram ínfimas. E também, posso não ter um detector de mentiras interno, mas posso perceber se ele estiver pensando “Estou dizendo isso para entrar nas calcinhas dela”. Transmorfos são bem difíceis de ler, seus cérebros são

totalmente confusos e semiopacos, mas eu perceberia isso. – Então... sim.

— Oh, cara. – Quinn respirou fundo e seu sorriso iluminou o aposento.

No momento seguinte, seus olhos tinham aquele olhar objetivo que os homens têm quando estão pensando em sexo muito especificamente.

Então, num piscar de olhos, Quinn ficou de pé e seus braços me envolveram tão apertados quanto cordas.

Sua boca encontrou a minha. O beijo começou de onde havíamos parado. A boca dele era bem habilidosa e sua língua muito quente. As mãos começaram a examinar minha topografia. Da linha de minhas costas à curva dos quadris, subindo até meus ombros para aconchegar meu rosto por um momento, então descendo para acariciar meu pescoço provocantemente com dedos leves. Então aqueles dedos encontraram meus seios e, após um segundo soltando a barra da camisa de dentro de minha calça, começaram a explorar um território que ele só visitou brevemente. Ele gostou do que encontrou, se “Mmmm” era uma afirmação de prazer. Me disse muito.

— Eu quero vê-la – ele disse. – Quero vê-la toda.

Eu nunca tinha feito amor à luz do dia antes. Parecia muito (excitantemente) pecaminoso lutar com botões antes do sol se pôr e eu estava grata por estar usando um belo sutiã de renda branco e

calcinhas mínimas. Quando me visto bem, eu gosto de caprichar por completo.

— Oh – ele disse ao ver o sutiã, que contrastava perfeitamente com meu profundo bronzeado de verão. – Oh, cara. – Não eram as palavras; era a expressão de pura admiração. Eu já tinha tirado os sapatos. Felizmente, naquela manhã eu havia dispensado a prática-mas-totalmente-sem-graça meia-calça-três-quartos por pernas nuas. Quinn passou um bom tempo acariciando meu pescoço e beijando toda a extensão até meu sutiã enquanto eu lutava para soltar seu cinto, apesar de ele estar inclinado quando tentei lidar com a fivela dura que não cooperava rápido o suficiente.

— Tire sua camisa – falei, e minha voz saiu tão rouca quanto à dele.

– Eu não estou de camisa, você não devia estar de camisa.

— Tudo bem – ele disse e, presto, a camisa desapareceu. Esperava que Quinn fosse peludo, mas ele não era. No entanto, ele era musculoso à enésima potência e nesse momento sua pele de oliva estava bronzeada.

Seus mamilos eram surpreendentemente escuros e (não tão surpreendente)

duros. Oh, cara — na altura dos meus olhos. Ele começou a lidar com o próprio cinto enquanto eu explorava um nó duro com a boca, o outro com a mão.

O corpo inteiro de Quinn se contorceu, e ele parou o que estava fazendo. Ele percorreu meus cabelos com os dedos para segurar minha cabeça contra ele e suspirou, embora tenha soado mais como um rosnado, vibrando por todo seu corpo. Minha mão livre agarrou-se à sua calça e ele continuou a trabalhar no cinto, mas de modo distraído.

— Vamos para o quarto – falei, mas não saiu como uma sugestão calma e contida, e sim uma desesperada exigência.

Ele me levantou nos braços e eu prendi as mãos ao redor de seu pescoço, beijando sua boca formosa novamente.

— Não é justo – ele murmurou. – Minhas mãos estão ocupadas.

— Cama – respondi, então ele me depositou na cama e simplesmente caiu em cima de mim. – Roupas – lembrei-o, mas ele estava com a boca ocupada com rendas brancas e meu seio, e não respondeu. – Oh – falei. Eu posso ter dito “Oh” mais algumas vezes; e “Sim” também. Um súbito pensamento me arrancou do enlevo momentâneo.

— Quinn, você tem, sabe... – Eu nunca precisei de tais itens antes, porque vampiros não podem engravidar uma garota ou transmitir-lhes doenças.

— Por que você acha que eu ainda estou com as calças? – ele disse, tirando um pequeno pacote do bolso de trás. Seu sorriso agora era mais feroz.

— Bom – respondi sincera. Eu teria me jogado pela janela se tivéssemos que parar. – E você deve tirar as calças agora.

Eu vi Quinn nu antes, mas sob circunstâncias decididamente estressantes — no meio de um pântano, na chuva, enquanto estávamos sendo perseguidos por lobisomens. Quinn ficou de pé junto à cama, tirou os sapatos, as meias, e então as calças, movendo-se devagar o suficiente para me deixar assistir. Ele tirou as calças, revelando cuecas folgadas que sofriam seu próprio tipo de estresse. Num único movimento rápido, ele as tirou também. Ele possuía nádegas rijas, altas, e a linha dos quadris até as coxas era simplesmente de dar água na boca. Ele tinha pequenas cicatrizes brancas e finas cobrindo-o ao acaso, mas parecia uma parte tão natural dele que não depreciava seu corpo poderoso. Eu estava ajoelhada na cama enquanto o admirava, e ele disse, — Agora você.

Soltei meu sutiã e deslizei-o pelos braços, então ele disse, — Oh, Deus. Sou o homem mais sortudo da terra. – Depois de uma pausa, ele disse, – O resto. – Eu me levantei da cama e tirei a pequena peça de renda branca.

— Isso é como estar diante de um bufê – ele disse. – Não sei por onde começar.

Eu toquei meus seios. — Primeiro prato – sugeri.

Descobri que a língua de Quinn era um pouco mais áspera do que a de um homem normal. Eu estava ofegando e fazendo ruídos incoerentes quando ele se moveu do meu seio direito para o

esquerdo, tentando decidir qual dos dois gostava mais. Ele não conseguiu decidir de imediato, o que era ótimo para mim. No momento em que ele escolheu o seio direito, eu estava me empurrando contra ele, fazendo sons que não podiam ser confundidos com nada a não ser desespero.

— Acho que vou pular o segundo prato e ir direto para a sobremesa – ele sussurrou, a voz áspera e desesperada. – Você está preparada, docinho?

Você parece preparada. Você se sente preparada.

— Estou totalmente preparada – respondi, inclinando-me entre nós para rodear seu comprimento com a mão. Ele estremeceu todo quando o toquei. Então desenrolou o preservativo.

— Agora – ele rosnou. – Agora! – Eu o conduzi para minha entrada, empurrando meus quadris para encontrá-lo. – Eu sonhei com isso – ele disse, e enfiou-se dentro de mim por completo. Foi a última coisa que qualquer um dos dois foi capaz de dizer.

O apetite de Quinn era tão excepcional quanto seu equipamento. Ele gostou tanto da sobremesa que voltou para repetir.

Capítulo 3

NÓS ESTÁVAMOS NA COZINHA quando Amelia voltou. Eu tinha alimentado Bob, seu gato, já que ela fora tão discreta antes e merecia alguma recompensa. Tato não era algo natural em Amelia.

Bob ignorou seus petiscos enquanto observava Quinn fritar bacon e eu fatiar tomates. Tirei queijo, maionese, mostarda, picles, tudo o que imaginei que um homem poderia querer num sanduíche de bacon. Estava vestida com shorts velhos e camiseta, enquanto Quinn pegara sua mala do carro e tirara as roupas de ginástica — regata e calção feitos de material leve.

Amelia examinou Quinn de alto a baixo quando ele virou de costas para o fogão, e então olhou para mim, sorrindo amplamente. — Vocês tiveram um bom reencontro? – ela disse, jogando suas sacolas de compras sobre a mesa da cozinha.

— Leve para o seu quarto, por favor – falei, porque do contrário Amelia ia querer que admirássemos cada item que comprara. Com um beicinho, ela catou as sacolas e levou-as para cima, voltando um minuto depois para perguntar a Quinn se havia bacon suficiente para ela.

— Claro – Quinn respondeu amavelmente, pegando algumas tiras e colocando-as na frigideira.

Eu gostava de homens que sabiam cozinhar. Enquanto arrumava pratos e talheres, eu estava agradavelmente consciente

da sensibilidade ao sul de meu umbigo e do avassalador relaxamento. Tirei três copos do armário, mas meio que esqueci o que estava fazendo a caminho da geladeira, quando Quinn afastou-se do fogão e me deu um rápido beijo.

Seus lábios eram tão quentes e firmes que me lembraram de algo mais que foi assim.

Recordei o espantoso momento de revelação quando Quinn deslizou dentro de mim pela primeira vez. Considerando que meus únicos encontros sexuais anteriores foram com vampiros, que definitivamente estão do lado frio, pode se imaginar a experiência assombrosa que foi um amante que respirava, tinha batimentos cardíacos e um pênis cálido. De fato, metamorfos tendem a ser um pouco mais quentes em temperatura do que humanos normais. Mesmo através da camisinha, fui capaz de sentir o calor.

— O que foi? – Quinn perguntou. – Por que o olhar? – Ele sorria, curioso. Eu sorri.

— Eu só estava pensando em sua temperatura – respondi.

— Ei, você sabia que eu era quente – ele falou com um sorriso. – E quanto à leitura de pensamento? – indagou, mais sério. – Como funciona?

Achei ótimo que ele tivesse perguntado. — Não posso reclamar de seus pensamentos – falei, incapaz de reprimir um enorme sorriso. – É forçar a barra chamar “simsimsimporfavorporfavorporfavor” de pensamento.

— Sem problema, então – ele disse, totalmente desembaraçado.

— Sem problema. Contanto que você esteja envolvido no momento e feliz, eu fico feliz.

— Bom, legal. – Quinn virou-se para o fogão. – Isso é ótimo.

Eu pensei o mesmo também. Ótimo.

Amelia comeu seu sanduíche com um bom apetite e então alimentou Bob com pequenos pedaços de bacon que tinha guardado. O grande gato preto e branco ronronou alto.

— Então – disse Quinn, após o primeiro sanduíche ter desaparecido com incrível rapidez. – Esse é o cara que você transformou por acidente?

— É – respondeu Amelia, coçando a orelha de Bob. – Esse é o cara.

– Amelia encontrava-se sentada com as pernas cruzadas numa cadeira de cozinha, algo que eu simplesmente não conseguia fazer, e concentrava-se no gato. – O carinha – murmurou. – Meu fofinho lindinho docinho, não é?

Não é?

Quinn pareceu levemente desgostoso, mas eu também costumava falar com Bob como se fosse um bebê, quando estava sozinha com ele. Bob o bruxo foi um sujeito magro e esquisito, com

uma espécie de charme anormal. Amelia me contou que Bob foi cabeleireiro; eu havia decidido que, se isso era verdade, ele arrumava cabelos numa funerária. Calças pretas, camisa branca, bicicleta? Você alguma vez conheceu um cabeleireiro que se apresentasse assim?

— E então – Quinn disse. – O que está fazendo a respeito?

— Estou pesquisando – Amelia respondeu. – Estou tentando descobrir o que fiz de errado para poder consertar. Seria mais fácil se eu pudesse... – Sua voz se interrompeu de um modo culpado.

— Se você pudesse falar com sua conselheira? – falei prestativa.

Ela me fuzilou com o olhar. — É – disse. – Se eu pudesse falar com minha conselheira.

— Por que não o faz? – Quinn indagou.

— Um, eu não devia usar magia de transformação. É praticamente proibido. Dois, procurei por ela online desde o Katrina, em cada sala de bate-papo que as bruxas usam, e não consegui ter notícias. Ela pode ter ido para algum abrigo, ficado com os filhos ou algum amigo, ou pode ter morrido na enchente.

— Eu imagino que sua renda principal venha das propriedades alugadas. Quais são os seus planos agora? Qual o estado de sua propriedade? – Quinn perguntou, carregando o prato dele e o meu para a pia.

Ele não estava sendo tímido com perguntas pessoais esta noite. Eu esperei com interesse para ouvir as respostas de Amelia. Sempre quis saber um bocado de coisas a respeito dela que simplesmente era rude perguntar:

como, com o que ela estava vivendo agora? Embora trabalhasse meio-

período para minha amiga Tara Thornton, no Tara's Togs, enquanto a assistente de Tara estava doente, os gastos de Amelia excediam muito sua renda visível. Isso significava que ela possuía bom crédito, algumas economias ou outra fonte de renda além da leitura de cartas de tarô que fazia numa loja na Jackson Square e o dinheiro do aluguel, que agora não estava entrando. A mãe dela lhe deixara algum dinheiro. Devia ter sido uma nota.

— Bom, eu voltei à Nova Orleans uma vez desde a tempestade – Amelia respondeu. – Você conheceu Everett, meu inquilino? – Quinn assentiu. – Quando conseguiu telefonar, ele relatou alguns danos no andar de baixo, onde eu moro. Tinha árvores e galhos derrubados e, é claro, não houve eletricidade ou água por algumas semanas. Mas a vizinhança não sofreu tanto quanto as outras, graças a Deus, e quando a eletricidade voltou, eu dei uma olhada.

Amelia respirou fundo. Pude ouvir direto de seu cérebro que ela estava com medo de se aventurar no território que estava prestes a nos revelar.

— Eu, hã, fui falar com meu pai sobre consertar o telhado. Até então, nós tínhamos um telhado azul como a metade do pessoal ao

redor. – O plástico azul que cobria telhados danificados era a nova norma em Nova Orleans.

Aquela era a primeira vez que Amelia mencionava sua família para mim, mais do que de modo geral. Descobri mais através de seus pensamentos do que das conversas, e eu tinha que ter cuidado para não misturar as duas fontes quando conversávamos. Eu podia notar a presença do pai em sua cabeça, amor e ressentimento se misturando em seus pensamentos para formar uma massa confusa.

— Seu pai vai consertar sua casa? – Quinn perguntou casualmente.

Ele estava vasculhando minha caixa Tupperware, onde eu guardava biscoitos que por acaso entravam pela minha porta — não era uma ocorrência frequente, já que eu tinha tendência para engordar quando havia doces em casa. Amelia não tinha esse problema, e abasteceu a caixa com alguns biscoitos, dizendo a Quinn para se servir.

Amelia assentiu, muito mais fascinada com os pelos de Bob agora do que há momentos atrás. — É, ele tem uma equipe trabalhando nisso – disse.

Aquilo era novidade para mim.

— Quem é o seu pai? – Quinn estava mantendo sua objetividade. Até agora vinha funcionando. Amelia contorceu-se na cadeira, fazendo Bob levantar a cabeça em protesto.

— Copley Carmichael – ela murmurou.

Ambos ficamos em silêncio com o choque. Após um minuto, ela olhou para nós.

— O que foi? – disse. – Okay, então ele é famoso. Okay, ele é rico. E daí?

— Sobrenome diferente? – indaguei.

— Eu uso o de minha mãe. Fiquei cansada das pessoas agindo estranho perto de mim – Amelia respondeu, mordaz.

Quinn e eu trocamos olhares. Copley Carmichael era um figurão no estado da Louisiana. Ele tinha dedos em todos os tipos de tortas financeiras, e todos aqueles dedos eram bem sujos. Mas ele era um especulador humano à moda antiga: nenhum traço sobrenatural ao redor de Copley Carmichael.

— Ele sabe que você é bruxa? – perguntei.

— Ele não acredita nem por um minuto – Amelia disse, soando frustrada e infeliz. – Acha que sou uma pretensa iludida, que ando com gente esquisita e faço coisas esquisitas para mostrar a língua para ele. Ele não acreditaria em vampiros se não os tivesse visto por aí.

— E quanto à sua mãe? – Quinn indagou. Eu peguei mais um copo de chá. Sabia a resposta daquela pergunta.

— Morta – Amelia lhe contou. – Três anos atrás. Foi quando me mudei da casa do meu pai para o prédio na Chloe. Ele a ofereceu quando me formei no colegial para que eu tivesse minha própria renda, mas fez com que me virasse sozinha, para ter a experiência.

Aquilo pareceu um bom negócio para mim. Hesitante, eu perguntei, — Não era a coisa certa a fazer? Fazê-la aprender?

— Bom, sim – ela admitiu. – Mas quando me mudei, ele quis me dar uma mesada... na minha idade! Eu sabia que tinha que me virar. Entre o aluguel, o dinheiro que consigo lendo sortes e alguns trabalhos de magia que arrumo sozinha, eu estou me sustentando. – Ela levantou a cabeça orgulhosamente.

Amelia parecia não perceber que o aluguel era uma renda advinda do presente do pai, não algo que ela de fato obteve sozinha. Ela realmente estava satisfeita com a própria autossuficiência. Minha nova amiga, que adquiri quase por acidente, era um feixe de contradições. Já que era uma transmissora bem transparente, eu pegava seus pensamentos alto e claro.

Quando estava sozinha com Amelia, eu tinha que levantar barreiras como louca. Havia relaxado com Quinn por perto, mas não devia. Eu estava recebendo uma bagunça total da cabeça de Amelia.

— Seu pai não poderia ajudá-la a encontrar sua conselheira? – Quinn perguntou.

Amelia pareceu inexpressiva por um momento, como se estivesse considerando aquilo. — Eu não vejo como – disse lentamente. – Ele é um sujeito poderoso; vocês sabem disso. Mas está tendo tantos problemas quanto o resto das pessoas em Nova Orleans desde o Katrina.

Exceto que ele tinha muito mais dinheiro e podia ir para outro lugar, voltando quando quisesse; algo que a maioria dos habitantes da cidade não podia fazer. Eu fechei a boca para manter essa observação para mim mesma. Hora de mudar de assunto.

— Amelia – falei. – Quanto você sabe sobre Bob, afinal? Quem está procurando por ele?

Ela pareceu um pouco assustada, algo que não era normal em Amelia.

— Estou me perguntando também – disse. – Eu só conhecia Bob de vista, antes daquela noite. Mas sei que ele teve — tem — grandes amigos na comunidade mágica. Não acho que algum deles saiba que estamos juntos.

Naquela noite, antes do baile da rainha onde houve a confusão entre os vampiros do Arkansas e nossos vampiros, Bob e eu voltamos para o meu apartamento, depois que deixamos Terry e Patsy na pizzaria. No dia seguinte, Bob ligou para o trabalho dizendo que estava doente, já que celebramos até tarde, e então ele passou o dia comigo.

— Então é possível que a família de Bob esteja procurando por ele há meses? Imaginando se ele está vivo ou morto?

— Ei, calma aí. Eu não sou tão horrível. Bob foi criado pela tia, mas não se dão muito bem. Eles não têm contato há anos. Tenho certeza de que ele tem amigos que estão preocupados e eu sinto muito, muito mesmo, quanto a isso. Mas mesmo que soubessem o que aconteceu, isso não ajudaria Bob, certo? E desde o Katrina, todos em Nova Orleans têm muito com que se preocupar.

Nesse interessante ponto da discussão, o telefone tocou. Eu estava mais perto, então atendi. A voz de meu irmão estava quase elétrica de excitação.

— Sookie, você precisa vir a Hotshot dentro de uma hora.

— Por quê?

— Eu e Crystal vamos nos casar. Surpresa!

Apesar de aquilo não ser um choque total (Jason vinha “namorando”

Crystal Norris há vários meses), a cerimônia repentina me deixou ansiosa.

— Crystal está grávida de novo? – perguntei desconfiada. Ela abortou um bebê de Jason há pouco tempo.

— Sim! – Jason respondeu, como se fosse a melhor notícia que poderia dar. – E dessa vez, nós estaremos casados quando o bebê

vier.

Jason ignorava a realidade, e estava cada vez mais disposto a fazê-lo.

A realidade era que Crystal engravidou pelo menos uma vez antes de conhecer Jason, e perdera aquela criança também. A comunidade de Hotshot era vítima de sua própria endogamia.

— Okay, eu estarei lá – respondi. – Amelia e Quinn podem ir também?

— Claro – Jason disse. – Eu e Crystal ficaremos orgulhosos em recebê-los.

— Posso levar alguma coisa?

— Não, Calvin e os outros estão se preparando para cozinhar. Será tudo do lado de fora. Temos lâmpadas penduradas. Acho que eles vão fazer uma grande panela de jambalaya, um pouco de arroz integral e salada de repolho. Eu e meus amigos vamos trazer o álcool. Só venha parecendo bonita! Vejo vocês em Hotshot dentro de uma hora. Não se atrasem!

Eu desliguei e fiquei ali sentada por um minuto, minha mão ainda apertando o fio do telefone. Aquilo era típico de Jason: venha em uma hora para uma cerimônia planejada no último minuto pela pior razão possível e não se atrase! Pelo menos, ele não me pediu para levar o bolo.

— Sookie, você está bem? – perguntou Quinn.

— Meu irmão Jason está se casando esta noite – falei, tentando manter minha voz nivelada. – Estamos convidados para o casamento, e precisamos estar lá em uma hora.

Eu sempre soube que Jason não se casaria com uma mulher de quem eu realmente gostasse; ele sempre mostrou interesse por vadias obstinadas.

E essa era Crystal, com certeza. Crystal também era uma lobi-pantera, membro de uma comunidade que guardava seus próprios segredos de forma ciumenta. De fato, meu próprio irmão era agora um lobi-pantera, porque foi mordido diversas vezes por um rival pelas atenções de Crystal.

Jason era mais velho do que eu e, Deus sabe, teve sua cota de mulheres.

Tive que presumir que sabia quando uma era apropriada para ele.

Emergi desses pensamentos para descobrir que Amelia parecia surpresa e entusiasmada. Ela adorava sair e festejar, e as chances para isso eram limitados, em Bon Temps. Quinn, que conheceu Jason quando estava me visitando, me olhava com uma sobrancelha cética levantada.

— É, eu sei – respondi. – É loucura e estupidez. Mas Crystal está grávida novamente e não há como detê-lo. Vocês dois querem vir comigo?

Não precisam. Receio que tenho que me arrumar agora.

— Oh, ótimo, posso usar meu novo traje – disse Amelia, e correu escada acima para arrancar as etiquetas.

— Docinho, você quer que eu vá? – disse Quinn.

— Sim, por favor – falei. Ele se aproximou e colocou os braços pesados ao meu redor. Senti-me confortada, apesar de saber que Quinn achava Jason um tolo.

Eu concordava totalmente com ele.

Capítulo 4

AINDA ESTAVA QUENTE À NOITE, mas não de forma opressiva para fins de setembro. Coloquei um vestido branco sem mangas com flores vermelhas, que usei antes quando saí com Bill (em quem eu não estava pensando). Por pura vaidade, usei sandálias vermelhas de salto, apesar de ser pouco prático para um casamento que aconteceria num lugar pouco pavimentado. Botei maquiagem enquanto Quinn tomava banho, e não fiquei insatisfeita com o reflexo no espelho. Não havia nada como sexo bem feito para lhe dar brilho. Saí do quarto e dei uma olhada no relógio.

Precisávamos sair rápido.

Amelia usava um vestido de mangas curtas creme com minúsculas estampas em azul-marinho. Ela adorava comprar roupas e considerava-se elegante, mas seu gosto era terminantemente de uma jovem senhora suburbana. Estava com delicadas sandálias azuis com flores afiveladas, muito mais apropriadas do que os meus saltos. Quando eu estava começando a me preocupar, Quinn saiu do quarto usando uma camisa de seda marrom e calça social.

— E quanto à gravata? – perguntou. – Tenho algumas na mala.

Pensei no cenário rural e na enorme falta de sofisticação da pequena comunidade de Hotshot.

— Não acho que uma gravata seja necessária – respondi, e Quinn pareceu aliviado.

Subimos em meu carro e dirigimos para oeste, e então sul. No caminho, tive a chance de explicar aos meus convidados de fora sobre o isolado bando de lobi-panteras, reunidos num pequeno grupo de casas na rural Renard Parish. Eu estava dirigindo porque assim seria mais simples.

Assim que saímos da velha trilha do trem, a paisagem se tornou ainda mais desabitada, e por duas ou três milhas não vimos luzes de qualquer tipo.

Então os carros e luzes surgiram num cruzamento adiante. Chegamos.

Hotshot ficava no meio do nada, estabelecido num terreno inclinado baixo demais para ser chamado de colina. Formado ao redor de um antigo cruzamento, a solitária comunidade tinha uma poderosa vibração mágica.

Percebi que Amelia sentiu o poder. Seu rosto ficou mais atento e consciente ao nos aproximarmos. Até Quinn respirou fundo. Quanto a mim, pude detectar a presença da magia, mas ela não afetava aqueles que não eram sobrenaturais, como eu.

Parei no acostamento da estrada, atrás da caminhonete de Hoyt Fortenberry. Hoyt era o melhor amigo e sombra vitalícia de Jason.

Observei-o à nossa frente, arrastando-se pela estrada até uma área bem iluminada. Passei uma lanterna para Amelia e Quinn e mantive uma apontada para os pés.

— Hoyt – chamei. Corri para alcançá-lo, ao menos do modo mais prático possível nos saltos vermelhos. – Ei, você está bem? – perguntei quando vi seu rosto abatido. Hoyt não era um sujeito bonito ou esperto, mas era sensato e via as coisas além do momento até suas consequências, algo que meu irmão nunca aprendeu.

— Sook – disse Hoyt. – Não consigo acreditar que ele está se amarrando. Acho que pensei que eu e Jason seríamos solteirões para sempre. – Ele tentou sorrir.

Dei-lhe um tapinha no ombro. A vida teria sido perfeita se eu pudesse me apaixonar por Hoyt, além de ligá-lo ao meu irmão para sempre, mas Hoyt e eu nunca tivemos o menor interesse um pelo outro. Sua mente irradiava uma sombria tristeza. Ele tinha certeza de que sua vida estava mudando para sempre esta noite. Ele imaginava que Jason emendaria a vida completamente para ficar com a esposa como um marido devia, e renunciaria a todos os outros. Eu certamente esperava que as expectativas de Hoyt fossem verdadeiras.

Separado da multidão, Hoyt encontrou Catfish Hennessy e eles começaram a fazer piadas em voz alta sobre o casamento de Jason. Eu esperava que a camaradagem masculina ajudasse Hoyt a atravessar a cerimônia. Não sabia se Crystal realmente amava meu irmão — mas Hoyt sim. Quinn pegou minha mão e, com Amelia nos calcanhares, abrimos caminho através da pequena reunião até alcançarmos o centro.

Jason vestia um terno novo e sua cor azul era só um pouco mais escura do que a de seus olhos. Ele parecia ótimo e sorria até não poder mais.

Crystal usava um vestido com estampa de leopardo, bem curto na frente, mas ainda se podia chamar o traje de vestido. Eu não sabia se a estampa era uma afirmação irônica da parte dela ou uma simples expressão de seu senso de moda. Suspeitei que fosse o segundo caso.

O feliz casal se encontrava no meio de um espaço vazio, acompanhado por Calvin Norris, líder da comunidade de Hotshot. A multidão se manteve afastada respeitosamente, formando um círculo irregular. Calvin, que era tio de Crystal, segurava o braço dela. Ele sorriu para mim. Calvin tinha aparado a barba e arrumado um terno para a ocasião, mas ele e Jason eram os únicos homens usando gravatas. Quinn notou aquilo e teve pensamentos aliviados.

Jason me avistou logo após Calvin, e acenou para mim. Eu me aproximei, percebendo de repente que teria uma participação na cerimônia.

Abracei meu irmão, sentindo o cheiro de sua colônia almiscarada... mas sem álcool. Relaxei um pouco. Eu suspeitei que Jason tivesse se fortificado com um ou dois drinques, mas ele estava totalmente sóbrio.

Soltei Jason e olhei para trás para ver o que havia acontecido com meus acompanhantes, então soube o momento exato em que os lobi-

panteras perceberam a presença de Quinn. Houve um súbito silêncio entre o grupo de duas naturezas, e ouvi o nome dele soprar através deles como uma brisa.

Calvin sussurrou, — Você trouxe Quinn? – como se eu tivesse chegado com o Papai Noel ou alguma outra criatura mítica.

— Tudo bem com isso? – perguntei, já que não sabia que criaria tanta comoção.

— Oh, sim – ele disse. – Ele é o seu homem agora? – O rosto de Calvin continha tal mistura de reavaliação aturdida e especulação, que imediatamente comecei a imaginar o que eu não sabia a respeito de meu novo amante.

— Hmm, bom, algo assim – respondi com súbita cautela.

— Estamos honrados por tê-lo aqui – Calvin me assegurou.

— Quinn – Crystal murmurou. As pupilas dela se dilataram, e senti seu cérebro se concentrar em meu acompanhante com uma espécie de anseio de tiete. Eu queria chutá-la. Aqui para se casar com meu irmão, lembra?

Jason pareceu tão perplexo quanto eu. Já que era uma pantera há apenas alguns meses, havia um bocado de coisas sobre o mundo oculto dos duas-naturezas que ele ainda não entendia. Eu também.

Crystal fez um esforço para se acalmar e voltar ao presente. Ela naturalmente estava desfrutando ser o centro das atenções, mas

dispôs de um momento para reavaliar a futura cunhada. O respeito dela por mim (praticamente inexistente até agora) subiu alguns pontos.

— Qual é o protocolo? – perguntei rapidamente, tentando nos fazer voltar aos trilhos. Calvin retornou à praticidade.

— Já que temos convidados humanos, nós adaptamos a cerimônia – ele explicou em voz muito baixa. – Vai ser assim... você responde por Jason como seu parente vivo mais próximo, porque ele não tem ninguém mais velho do que você. Eu sou o parente vivo mais velho de Crystal, então respondo por ela. Nós nos oferecemos para aceitar a penalidade se um dos dois cometer um erro.

Oh-oh. Eu não gostei de ouvir aquilo. Lancei um rápido olhar para meu irmão que (naturalmente) não pareceu pensar duas vezes no compromisso que eu estava aceitando. Eu não devia ter esperado outra coisa.

— Então o pastor se apresenta e o serviço prossegue como em qualquer outro casamento – disse Calvin. – Se não houvesse forasteiros aqui, seria diferente.

Eu estava curiosa a respeito, mas aquela não era hora de fazer muitas perguntas. Contudo, havia algumas que tinham de ser respondidas.

— Que penalidade eu estou me comprometendo a pagar? O que constitui “cometer um erro”?

Os olhos amarelos e tranquilos de Calvin encontraram os meus, cheio de compreensão. — Você está respondendo por isso – Calvin disse em voz baixa, mas intensa. Nós nos inclinamos para ele. – Jason, você escute bem. Estamos seguindo em frente, mas não acho que você esteja dando sua total atenção.

Jason escutava agora, mas pude sentir sua impaciência.

— Estar casado aqui – e Calvin acenou com a mão para indicar a pequena comunidade de Hotshot – significa ser fiel ao seu companheiro, a menos que ele tenha que procriar para manter o grupo. Já que Crystal está mais do que disposta a isso, Jason, isso significa que ela tem de ser fiel a você, e você a ela. Você não possui obrigações como os puros-sangues. – Jason enrubesceu ao ser lembrado de sua posição baixa, já que era só um metamorfo porque foi mordido por um, não porque nasceu com o gene. – Então, se Crystal enganar você e um membro da comunidade puder provar, e se ela não puder pagar o preço por alguma razão — gravidez, doença ou filhos para criar — eu tenho que fazer isso. Não estamos falando sobre dinheiro aqui, entendeu?

Jason assentiu.

— Você está falando de punição física – ele disse.

— Sim – Calvin respondeu. – Você não só está prometendo ser fiel, também está jurando manter nosso segredo.

Jason assentiu novamente.

— E ajudar os outros membros da comunidade se eles precisarem.

Jason franziu o cenho.

— Por exemplo? – perguntei.

— Se o telhado de Maryelizabeth precisa ser trocado, nós todos juntamos dinheiro para comprar o material e cedemos tempo para fazer o serviço. Se uma criança precisa de lugar para ficar, sua casa está aberta para essa criança. Nós cuidados uns dos outros.

Jason assentiu novamente.

— Eu compreendo – ele disse. – Estou disposto – Ele teria que desistir de algum tempo com seus amigos, e me senti triste por Hoyt; e confesso que um pouco triste por mim mesma. Eu não estava ganhando uma irmã; eu estava perdendo um irmão, pelo menos em algum nível.

— Responda isso sinceramente ou desista agora – falei, mantendo minha voz bem baixa. – Você está comprometendo minha vida nisso também. Pode manter as promessas que está fazendo a esta mulher e a comunidade, ou não?

Jason olhou para Crystal por um longo instante, e eu não tinha o direito de entrar em sua cabeça, então me afastei, perambulando pelos pensamentos casuais da multidão ao invés disso. Na maioria, eles eram o que eu esperava; um pouco de entusiasmo por estarem num casamento, prazer por ver o mais notório solteirão local se amarrar a uma jovem selvagem, um pouco de curiosidade pelo

estranho ritual de Hotshot. A comunidade era bem conhecida — “tão estranho quanto um cara de Hotshot” foi um dito popular durante anos, e as crianças de Hotshot que iam para a escola de Bon Temps frequentemente tinham momentos difíceis até as primeiras brigas no pátio.

— Vou manter minhas promessas – Jason disse com voz rouca.

— Eu manterei as minhas – disse Crystal.

A diferença entre os dois era esta: Jason era sincero, embora eu duvidasse de sua habilidade para se ater à palavra. Crystal possuía a habilidade, mas não era sincera.

— Você não está sendo sincera – falei para ela.

— Para o inferno com o que você diz – ela retrucou.

— Eu normalmente não dou palpites – respondi, fazendo um esforço para manter a voz baixa. – Mas isto é sério demais para eu ficar quieta.

Posso ver dentro de sua cabeça, Crystal. Nunca se esqueça disso.

— Não estou esquecendo de nada – ela disse, certificando-se de pesar cada palavra. – E estou me casando com Jason esta noite.

Eu olhei para Calvin. Ele estava preocupado, mas no fim, deu de ombros. — Não podemos parar isso – disse. Por um segundo, fiquei tentada a lutar contra sua declaração. Por que não?, pensei.

Se me inclinasse e a estapeasse, talvez houvesse transtorno suficiente para deter a coisa toda.

Então reconsiderei. Ambos eram adultos, pelo menos teoricamente. Eles se casariam se pudessem escolher, aqui e agora ou em algum outro lugar numa noite qualquer. Abaixei a cabeça e engoli meus receios.

— Claro – respondi, levantando o rosto e dando aquele sorriso radiante que dou quando estou realmente ansiosa. – Vamos continuar com a cerimônia. – Peguei um vislumbre do rosto de Quinn na multidão. Ele olhava para mim, preocupado com a discussão em voz baixa. Amelia, por outro lado, conversava alegremente com Catfish, a quem conheceu no bar.

Hoyt estava sozinho sob uma das lâmpadas portáteis instaladas para a ocasião. Ele tinha as mãos nos bolsos, e parecia mais sério do que nunca.

Havia algo de estranho naquela cena e, após um segundo, eu percebi o por que. Era uma das poucas vezes em que vi Hoyt sozinho.

Peguei o braço de meu irmão, e Calvin agarrou o de Crystal novamente. O pastor se aproximou do centro do círculo, e a cerimônia começou. Apesar de me esforçar para tentar parecer feliz por Jason, tive momentos difíceis enquanto segurava as lágrimas e meu irmão se tornava o noivo de uma garota selvagem e voluntariosa, perigosa desde o nascimento.

Houve um baile logo depois, com bolo de casamento e muito álcool.

Houve comida em abundância e, consequentemente, enormes latas de lixo cheias de pratos de papel, latas e guardanapos amassados. Alguns homens trouxeram caixas de cerveja e vinho, e alguns tinham bebidas fortes também. Ninguém podia dizer que Hotshot não sabia dar uma festa.

Ao som de uma banda caipira de Monroe, a multidão dançou na rua.

A música ecoava através do campo de um modo estranho. Eu me arrepiei e imaginei o que estaria nos observando do escuro.

— Eles são bons, não acha? – Jason perguntou. – A banda?

— Sim – respondi. Ele estava corado de felicidade. Sua noiva dançava com um dos primos.

— É por isso que apressamos esse casamento – ele disse. – Ela descobriu que estava grávida e nós decidimos ir em frente e agir — só agir.

E a banda favorita dela estava livre esta noite.

Eu sacudi a cabeça com a impulsividade de meu irmão. Então lembrei de manter sinais visíveis de desaprovação ao mínimo. A família da noiva poderia se aborrecer.

Quinn era um bom dançarino, apesar de eu ter de lhe mostrar alguns passos Cajun. Todas as beldades de Hotshot quiseram dançar com Quinn também, então dancei com Calvin, Hoyt e Catfish. Quinn estava se divertindo, pude perceber, e por um lado eu também estava. Mas perto das duas e meia da manhã, nós assentimos um para o outro. No dia seguinte, ele teria que partir e eu queria ficar sozinha com ele. Além disso, eu estava cansada de sorrir.

Enquanto Quinn agradecia Calvin pela noite maravilhosa, eu observei Jason e Crystal dançando juntos, aparentemente encantados um pelo outro. Eu sabia direto do cérebro de Jason que ele estava apaixonado pela garota metamorfa, pela sub-cultura que a criara, pela novidade de ser um sobrenatural. Sabia pelo cérebro de Crystal que ela se encontrava exultante. Ela esteve determinada a se casar com alguém que não foi criado em Hotshot, alguém que fosse excitante na cama, capaz de apoiar não apenas ela, mas sua família também... e agora tinha conseguido.

Abri caminho até o casal feliz e dei um beijo na bochecha de cada um. Agora Crystal era da família, afinal, e eu teria que aceitá-la como tal, deixando-os viverem a própria vida juntos. Dei um abraço em Calvin também e ele me segurou por um segundo antes de soltar e me dar um tapinha tranquilizador nas costas. Catfish me fez dançar num círculo, e um Hoyt bêbado o substituiu assim que me soltou. Foi difícil convencê-los de que realmente estava indo embora, mas finalmente Quinn e eu fomos para o carro.

Enquanto nos afastávamos do pessoal reunido, eu avistei Amelia dançando com um dos integrantes de Hotshot. Ambos estavam animados, tanto de modo literal quanto impulsionado pela bebida. Gritei para Amelia que estávamos indo embora, e ela respondeu, — Eu pego carona com alguém depois!

Apesar de gostar de observar Amelia feliz, devia ser a Noite do Receio porque me preocupei com ela um pouco. No entanto, se alguém podia tomar conta de si mesma era Amelia.

Nós nos movemos devagar quando chegamos em casa. Não verifiquei a cabeça de Quinn, mas a minha estava zumbindo devido ao ruído, o clamor de todos os cérebros ao redor, e as ondas extras de emoção.

Foi um dia longo. Mas alguns momentos foram excelentes.

Enquanto recordava as melhores partes, me vi sorrindo para Bob.

O grande gato esfregou-se contra meus tornozelos, miando de modo questionador. Oh, céus. Senti como se tivesse que explicar a ausência de Amelia para o gato. Inclinei-me e cocei a cabeça de Bob e (sentindo-me incrivelmente tola) disse, — Ei, Bob. Ela vai chegar bem tarde hoje; ainda está dançando na festa. Mas não se preocupe, ela vai voltar!

O gato deu as costas para mim e saiu do quarto. Eu nunca tinha certeza de quanta humanidade se escondia no pequeno

cérebro felino de Bob, mas esperava que ele simplesmente dormisse e esquecesse tudo sobre nossa estranha conversa.

Naquele momento, ouvi Quinn me chamar do quarto, e dei um tempo nos pensamentos sobre Bob. Afinal, era nossa última noite juntos, talvez por semanas. Enquanto escovava os dentes e lavava o rosto, tive um último resquício de preocupação com Jason. Meu irmão havia feito sua cama. Eu esperava que pudesse se deitar confortavelmente nela por algum tempo. Ele é adulto, repeti para mim mesma ao entrar no quarto com uma de minhas melhores camisolas.

Quinn me puxou para ele e disse, — Não se preocupe, docinho, não se preocupe...

Bani meu irmão e Bob dos pensamentos e daquele quarto. Estendi a mão para traçar a curva do escalpo de Quinn e continuei descendo por sua espinha, adorando quando ele estremeceu.

Capítulo 5

EU ESTAVA DORMINDO EM PÉ. Era algo bom conhecer cada centímetro do Merlotte's como se fosse minha própria casa, ou eu teria tropeçado em cada mesa e cadeira. Bocejei alto enquanto levava o pedido de Selah Pumphrey. Normalmente, Selah me irritava como o diabo. Ela saía com Ex-Amante Sem Nome há várias semanas — bom, meses agora.

Não importava quanto o Ex fosse invisível, ela nunca seria minha pessoa favorita.

— Não está descansando o suficiente, Sookie? – ela perguntou com voz afiada.

— Perdão – eu me desculpei. – Acho que não. Fui ao casamento do meu irmão na noite passada. Que tipo de molho você quer com a salada?

— Caseiro – os grandes olhos escuros de Selah me examinaram como se ela estivesse pensando em gravar meu retrato. Ela realmente queria saber tudo sobre o casamento de Jason, mas perguntar seria como ceder terreno ao inimigo. Selah tolinha.

Pensando bem, o que Selah estava fazendo aqui? Ela nunca aparecia sem Bill. Ela morava em Clarice. Não que Clarice fosse longe; podia se chegar lá em quinze ou vinte minutos. Mas por que

uma agente imobiliária de Clarice estaria... oh. Ela devia estar mostrando uma casa por aqui. Sim, o cérebro estava devagar hoje.

— Claro. É pra já – falei, virando-me para partir.

— Escute – Selah disse. – Deixe-me ser franca.

Oh, cara. Em minha experiência, isso significava, “Deixe-me ser abertamente cruel”. Eu me voltei, tentando parecer tudo menos completamente irritada, o que de fato era como me sentia. Aquele não era o dia para mexer comigo. Entre minhas várias preocupações, Amelia não tinha voltado para casa na noite anterior e, quando subi para procurar Bob, descobri que ele havia vomitado no meio da cama de Amelia... o que não teria importado, se não fosse pela colcha da minha avó que foi usada para cobri-la. Sobrou para mim, limpar a sujeira e enfiar a colcha na lavadora.

Quinn foi embora de manhã bem cedo, e eu simplesmente estava triste com isso. E então havia o casamento de Jason com seu potencial para o desastre. Podia pensar em mais alguns itens para acrescentar à lista (além do vazamento na torneira da cozinha), mas você entendeu que meu dia não era um dia feliz.

— Estou trabalhando, Selah. Não estou aqui para ter bate-papos pessoais com você.

Ela ignorou aquilo.

— Eu sei que vai viajar com Bill – ela disse. – Você está tentando roubá-lo de mim. Há quanto tempo está planejando isso?

Eu sei que fiquei de boca aberta, porque não recebi aviso suficiente do que estava por vir. Minha telepatia era afetada quando estava cansada — assim como meu tempo de reação e processos de pensamento — e eu me blindava totalmente quando trabalhava, evidentemente. Então não percebi os pensamentos de Selah.

Uma chama de raiva passou por mim, levantando minha mão e preparando-a para estapeá-la com força. Mas uma mão cálida e dura pegou a minha, apertando, conduzindo-a para o lado. Sam estava ali e eu não o tinha visto se aproximar. Estava perdendo tudo hoje.

— Srta. Pumphrey, você terá que almoçar em outro lugar – Sam disse em voz baixa. Obviamente, todos estavam observando. Pude sentir os cérebros ficando alertas para fofocas frescas enquanto os olhos devoravam cada nuance da cena. Senti meu rosto enrubescer.

— Eu tenho o direito de comer aqui – disse Selah com voz alta e arrogante. Aquilo foi um tremendo erro. Num instante, a simpatia dos espectadores se voltou para mim. Senti aquela onda me inundar. Arregalei os olhos e pareci triste como uma daquelas crianças abandonadas com olhos enormes de pinturas terríveis. Parecer patética não foi difícil. Sam colocou um braço ao meu redor como se eu fosse uma criança ferida e olhou para Selah com nada no rosto, exceto um grave desapontamento com o comportamento dela.

— Eu tenho o direito de pedir que saia – respondeu. – Não posso permitir que insulte minhas funcionárias.

Selah provavelmente nunca foi grosseira com Arlene, Holly ou Danielle. Ela mal tomava conhecimento da existência delas, porque não era o tipo de mulher que de fato olhava para uma atendente. O fato de Bill ter saído comigo, antes de conhecê-la, sempre ficou atravessado em sua garganta (“Sair”, no dicionário de Selah, era um eufemismo para “ter sexo entusiástico e frequente”).

O corpo de Selah se contorceu de raiva ao jogar o guardanapo no chão. Ela se levantou tão abruptamente que a cadeira teria caído se Dawson, um robusto lobisomem que administrava uma oficina de motos, não a tivesse pego com a mão enorme. Selah agarrou a bolsa para sair pela porta, por pouco evitando uma colisão com minha amiga Tara, que estava entrando. Dawson se divertira muito com toda a cena.

— Tudo isso por causa de um vampiro – disse. – Esses sangues-frios devem ser algo, para deixar mulheres lindas tão aborrecidas.

— Quem está aborrecida? – falei, sorrindo e me endireitando para mostrar a Sam que não estava perturbada. Duvidei que tivesse sido enganado, já que Sam me conhecia muito bem, mas ele entendeu meu turbilhão emocional e voltou para o balcão.

O burburinho de discussão sobre a cena suculenta aumentou entre o pessoal no almoço. Aproximei-me da mesa onde Tara se sentou. Ela havia rebocado JB du Rone.

— Você parece bem, JB – falei radiante, tirando os cardápios afixados entre o porta-guardanapo e o conjunto de saleiro-

pimenteira no meio da mesa, entregando um para ele e outro para Tara. Minhas mãos tremiam, mas não acho que tenham notado. JB sorriu para mim.

— Obrigado, Sookie – ele disse numa agradável voz de barítono. JB era simplesmente lindo, mas carecia de cérebro. No entanto, isso lhe dava uma charmosa simplicidade. Tara e eu tomamos conta dele na escola, porque uma vez que essa simplicidade era observada e apontada por outros garotos menos bonitos, JB passou por sérios apuros... especialmente no colegial. Já que eu e Tara tivemos grandes furos em nossa própria popularidade, tentamos proteger JB tanto quanto possível. Em retorno, JB me acompanhou a alguns bailes que eu queria muito ir, e a família dele deu a Tara um lugar para ficar nas vezes em que eu não pude lhe dar abrigo.

Tara fez sexo com JB em algum momento ao longo dessa dolorosa estrada.

Eu não. Não pareceu fazer diferença para qualquer um dos relacionamentos.

— JB tem um novo emprego – Tara disse, sorrindo satisfeita consigo mesma. Então era por isso que ela tinha vindo. Nosso relacionamento fora desconfortável nos últimos meses, mas ela sabia que eu gostaria de compartilhar seu orgulho por ter feito algo bom para JB.

Aquelas eram ótimas notícias. E me ajudou a não pensar em Selah Pumphrey e sua carga de raiva.

— Onde? – perguntei a JB, que olhava o cardápio como se nunca o tivesse visto antes.

— Numa academia em Clarice – respondeu. Ele levantou o rosto e sorriu. – Dois dias por semana, eu me sento numa escrivaninha usando isto – Ele apontou para sua simples e apertada camisa pólo, listrada de marrom e vinho, e as calças caqui passadas. – Faço a matrícula dos membros, milk-

shakes saudáveis, limpo o equipamento e ofereço toalhas. Três vezes por semana, eu uso roupa de ginástica e dou uma ajuda para todas as damas.

— Parece ótimo – respondi, pasmada com a perfeição do emprego para as qualificações limitadas de JB. Ele era adorável: músculos impressionantes, rosto bonito, dentes brancos e retos. Era uma propaganda ambulante para a academia. Além disso, ele naturalmente possuía um bom temperamento e era asseado.

Tara olhou para mim, esperando o devido elogio. — Bom trabalho – eu disse. Trocamos um high-five[2].

— Agora, Sookie, a única coisa que deixaria a vida perfeita é você me ligar uma noite dessas – disse JB. Ninguém conseguia projetar um desejo total e simples como JB.

— Muito obrigada, JB, mas estou vendo alguém no momento – respondi, não me preocupando em manter o tom de voz baixo. Depois da pequena exibição de Selah, senti que precisava me gabar um pouco.

— Oooh, aquele Quinn? – Tara perguntou. Eu posso ter mencionado a ela uma ou duas vezes. Eu concordei e nos cumprimentamos novamente.

– Ele está na cidade agora? – ela perguntou em voz baixa.

— Foi embora esta manhã – falei no mesmo tom.

— Eu quero o cheeseburger mexicano – disse JB.

— Então vou pegar um para você – falei e, depois que Tara fez seu pedido, marchei para a cozinha. Não apenas me sentia satisfeita por JB, como também estava feliz por Tara e eu aparentemente termos feito as pazes. Eu precisava de um pouco de animo para passar o dia, e consegui.

Quando cheguei em casa com alguns pacotes de compras, Amelia tinha voltado e minha cozinha brilhava como um mostruário de Lares Sulistas. Quando se sentia estressada ou entediada, Amelia limpava, o que era um fantástico hábito para se ter numa colega de quarto — especialmente quando você não está acostumada a ter uma. Eu mesma gosto de uma casa arrumada e tenho acessos de limpeza de vez em quando, mas perto de Amelia, eu era desleixada. Olhei para as janelas limpas.

— Sentindo-se culpada, hein? – falei.

Os ombros de Amelia baixaram. Ela estava sentada à mesa da cozinha com uma caneca de seus chás estranhos, vapor subindo do líquido escuro.

— Sim – ela disse sombria. – Eu vi a colcha na lavadora de roupas.

Esfreguei a mancha e está pendurada no varal agora.

Já que tinha notado aquilo ao chegar, eu apenas concordei. — Bob se vingou – falei.

— Sim.

Comecei a perguntar com quem ela ficou e então percebi que aquilo realmente não era da minha conta. Além disso, apesar de eu estar muito cansada, Amelia era uma transmissora de primeira linha. Segundos depois, eu soube que ela ficou com um primo de Calvin, Derrick, e o sexo não foi bom; os lençóis de Derrick eram bem sujos e aquilo a deixara maluca. E mais, quando Derrick acordou na manhã seguinte, ele indicou que em sua cabeça uma noite juntos os tornava um casal. Amelia teve dificuldade para convencer Derrick a lhe dar uma carona de volta para casa. Ele queria que ela ficasse em Hotshot.

— Estranhou? – perguntei, colocando a carne do hambúrguer na gaveta da geladeira. Era minha semana de cozinhar, e nós teríamos filé de hambúrguer, batata assada e feijões verdes.

Amelia assentiu, levantando a caneca para um gole. Ela fez um antídoto caseiro para ressaca, e estremeceu ao experimentar. — Sim, estranhei. Aqueles sujeitos de Hotshot são um pouco esquisitos – disse. – Alguns.

Amelia se ajustara melhor a minha telepatia do que qualquer outra pessoa que encontrei. Desde que era franca e aberta de qualquer forma — às vezes até demais — acho que ela nunca sentiu que tinha segredos a esconder.

— O que você vai fazer? – perguntei. Sentei do lado oposto.

— Veja, não é como se eu estivesse saindo com Bob há muito tempo – disse, pulando direto para o meio da conversa sem se importar com preliminares. Ela sabia que eu compreendia. – Nós só ficamos juntos por uma noite. Acredite, foi ótimo. Ele me pegou de jeito. Foi por isso que começamos a, hã, experimentar.

Eu assenti, tentando parecer compreensiva. Para mim, experimentar era, bem, lamber um lugar que você nunca lambeu antes ou tentar uma posição que lhe dava cãibras na coxa. Algo assim. Não envolvia transformar seu parceiro num animal. Eu nunca me dei ao trabalho de perguntar a Amelia qual foi o objetivo daquilo, e era algo que seu cérebro não revelava.

— Acho que você gosta de felinos – falei, seguindo minha linha de pensamento para sua conclusão lógica. – Quero dizer, Bob é um gato, mas pequeno, e então você escolheu Derrick apesar de todos os rapazes que adorariam passar a noite ao seu lado.

— Oh? – disse Amelia, animada. Ela tentou soar casual. – Mais do que um? – Ela tinha a tendência de pensar bem demais sobre si mesma como bruxa, mas não como mulher.

— Um ou dois – respondi, tentando não rir. Bob apareceu e se enrolou em minhas pernas, ronronando alto. Nada poderia ser mais indicativo, já que ele passou por Amelia como se ela fosse um monte de excremento de cachorro. Amelia suspirou pesadamente.

— Ouça, Bob, você tem que me perdoar – ela disse ao gato. – Me desculpe. Eu apenas me deixei levar. Um casamento, algumas cervejas, dança na rua, um parceiro exótico... sinto muito. Muito, muito mesmo. Que tal se eu prometer celibato até descobrir um modo de transformá-lo de volta? – Aquilo era um grande sacrifício da parte de Amelia, como qualquer um que lesse seus pensamentos por alguns dias (e mais) saberia.

Amelia era uma mulher saudável e muito direta. Ela também era bem diversificada em seus gostos. – Bem – continuou, repensando – e se eu só prometer não ficar com nenhum cara?

Bob sentou-se com as costas retas, o rabo enrolado nas patas dianteiras. Ele parecia adorável enquanto observava Amelia, os olhos grandes e amarelos sem piscar. Ele parecia estar pensando. Finalmente, disse, — Rohr.

Amelia sorriu.

— Isso quer dizer um sim? – perguntei. – Se for, lembre-se... eu só me interesso por homens, então não olhe para mim.

— Oh, eu provavelmente não tentaria nada com você de qualquer forma – disse Amelia.

Eu mencionei que ela não tem muito tato?

— Por que não? – perguntei insultada.

— Eu não escolhi Bob por acaso – disse Amelia, parecendo tão embaraçada quanto era possível para ela. – Eu gosto dos magrinhos e morenos.

— Vou ter que viver com isso – respondi, tentando parecer profundamente desapontada. Amelia jogou um saquinho de chá em mim e eu peguei no ar.

— Bons reflexos – ela disse, aturdida.

Dei de ombros. Apesar de fazer tempo que eu não tinha sangue vampiro, um traço parecia ainda fluir em meu sistema. Eu sempre fui saudável, mas agora não tinha nem mesmo dor de cabeça. E me movia um pouco mais rápido do que a maioria das pessoas. Eu não era a única a desfrutar dos efeitos colaterais da ingestão de sangue vampiro. Agora que os efeitos se tornaram de conhecimento comum, vampiros também se tornaram presas. Conseguir esse sangue para vender no mercado negro é uma profissão lucrativa e altamente perigosa. Ouvi no rádio pela manhã que um drenador havia desaparecido de seu apartamento em Texarkana, depois de ter saído sob condicional. Se você faz um inimigo vampiro, ele pode esperar muito mais do que você.

— Talvez seja o sangue de fada – disse Amelia, me encarando pensativamente.

Dei de ombros novamente, dessa vez com um ar definitivo de “esqueça-o-assunto”. Descobri que possuía um traço de fada em

minha linhagem apenas recentemente, e não estava feliz com isso. Eu nem mesmo sabia de que lado da família vinha o meu legado, muito menos qual indivíduo. Tudo que sabia era que, em algum momento no passado, alguém de minha família se tornou íntimo e pessoal com uma fada. Eu passei algumas horas examinando a velha árvore genealógica e a história da família que minha avó reuniu com tanto trabalho, e não encontrei nenhuma pista.

Como se tivesse sido convocada através do pensamento, Claudine bateu na porta dos fundos. Ela não veio voando com asas diáfanas; chegou em seu carro. Claudine é uma fada puro-sangue e tem outros meios para chegar aos lugares, mas usa isso apenas em emergências. Claudine é muito alta, com densos cabelos escuros e grandes olhos oblíquos. Ela tinha que cobrir as orelhas com o cabelo, já que ao contrário de seu gêmeo, Claude, não tinha aquela parte pontuda alterada cirurgicamente.

Amelia tinha adquirido a magia, mas Claudine era mágica até os ossos. Nenhuma das duas confiava na outra. Claudine normalmente é a criatura mais radiante que já conheci. Ela é muito gentil, doce e prestativa, como uma Escoteira sobrenatural, porque é sua natureza e também porque está tentando subir na escala mágica para se tornar um anjo. Esta noite, o rosto de Claudine estava excepcionalmente sério. Meu coração afundou. Eu queria ir para a cama, queria sentir falta de Quinn em particular e queria superar o incidente do Merlotte’s. Não queria más notícias.

Claudine instalou-se na mesa da cozinha diante de mim e segurou minhas mãos. Ela lançou um olhar para Amelia.

— Desapareça, bruxa – ela disse, e eu fiquei chocada.

— Cadela de orelhas pontudas – murmurou Amelia, levantando-se com sua caneca de chá.

— Matadora de parceiros – respondeu Claudine.

— Ele não está morto! – gritou Amelia. – Ele só está... diferente!

Claudine bufou e, de fato, aquela foi uma resposta adequada. Eu estava cansada demais para repreender Claudine por sua grosseria sem precedentes, e ela segurava minhas mãos com força demais para me sentir encantada com sua presença reconfortante.

— O que foi? – perguntei. Amelia irrompeu para fora do aposento e eu ouvi seus sapatos subindo as escadas para o segundo andar.

— Sem vampiros por aqui? – indagou Claudine, a voz ansiosa. Sabe como um chocólatra se sente a respeito de um enorme sorvete de brigadeiro cremoso, com cobertura dupla de chocolate? É assim que os vampiros se sentem com fadas.

— Sim, a casa está vazia, exceto por mim, você, Amelia e Bob – respondi. Eu não negaria ao Bob sua humanidade, apesar de às vezes ser difícil de lembrar, especialmente quando sua caixa de necessidades precisava ser limpa.

— Você está indo para essa conferência?

— Sim.

— Por quê?

Aquela era uma boa pergunta. — A rainha está me pagando – falei.

— Você realmente precisa do dinheiro?

Eu comecei a descartar sua preocupação, mas então pensei mais seriamente. Claudine fizera um bocado por mim, e o mínimo que eu podia fazer era pensar a respeito do que ela disse.

— Posso viver sem ele – respondi. Afinal, eu ainda tinha um pouco do dinheiro que Eric havia pago por escondê-lo de um grupo de bruxas.

Mas um bocado já tinha ido, como dinheiro sempre parece ir; o seguro não cobriu tudo que foi danificado ou destruído pelo incêndio que consumiu minha cozinha no inverno passado, comprei eletrodomésticos novos e fiz uma doação ao departamento de bombeiros voluntários. Eles vieram bem rápido e se esforçaram para salvar a cozinha e meu carro. Então Jason precisou de ajuda para pagar a conta do médico por causa do aborto de Crystal. Descobri que sentia falta daquela camada de proteção entre ter saldo e estar falida. Eu queria reforçá-la, reabastecê-la. Meu barquinho navegava em precárias águas financeiras, e eu queria ter um rebocador para mantê-lo flutuando.

— Posso viver sem – falei com mais firmeza – mas não quero.

Claudine suspirou. Seu rosto estava cheio de dor. — Eu não posso ir com você – disse. – Sabe como vampiros ficam perto de

nós. Nem mesmo posso aparecer.

— Eu entendo – falei um pouco surpresa. Eu nunca sonhei com a ida de Claudine.

— E acho que haverá problemas – ela continuou.

— Que tipo?

Na última vez em que fui a uma reunião social de vampiros, houve grandes, enormes problemas, os mais sangrentos tipos de problemas.

— Eu não sei – disse Claudine. – Mas sinto que estão chegando e acho que você devia ficar em casa. Claude também acha.

Claude não dava a mínima para o que acontecia comigo, mas Claudine era generosa o suficiente para incluir o irmão em sua gentileza.

Tanto quanto podia dizer, o benefício de Claude para o mundo resumia-se estritamente a decoração. Ele era totalmente egoísta, não possuía habilidades sociais e era absolutamente lindo.

— Sinto muito, Claudine, sentirei sua falta enquanto estiver em Rhodes – falei. – Mas eu me comprometi a ir.

— Seguir na trilha de um vampiro – disse Claudine, deprimida – irá marcá-la como alguém do mundo deles, definitivamente. Você

nunca será uma observadora inocente de novo. Muitas criaturas vão saber quem você é e onde pode ser encontrada.

Não foi tanto o que Claudine disse, mas o modo como disse, que fez com que arrepios gelados subissem pela minha espinha e rastejassem para o couro cabeludo. Ela estava certa. Eu não tinha justificativa, apesar de preferir pensar que já estava envolvida demais no mundo vampiro para optar pela saída.

Sentada ali na cozinha com o sol do fim da tarde descendo através da janela, eu tive uma daquelas revelações que te mudam para sempre. Amelia estava em silêncio no andar de cima. Bob voltara ao aposento para sentar ao lado de sua vasilha de comida e fitar Claudine. A própria Claudine cintilava com um raio de sol atingindo seu rosto. A maioria das pessoas estaria mostrando cada falha de pele não atraente. Claudine ainda parecia perfeita.

Eu não tinha certeza se algum dia compreenderia Claudine e sua visão do mundo, e ainda sabia assustadoramente pouco sobre a vida dela; mas tinha certeza que se devotara ao meu bem-estar por alguma razão e que realmente temia por mim. No entanto, eu sabia que ia para Rhodes com a rainha, Eric, o renegado, e o resto do contingente da Louisiana.

Eu estava apenas curiosa sobre que tipo de agenda haveria numa conferência vampira? Eu queria a atenção de mais membros da sociedade dos mortos? Queria ser conhecida como uma tiete fangbanger, uma daquelas humanas que simplesmente adoravam os morto-vivos? Um pedacinho de mim ansiava por uma chance de estar perto de Bill sem procurá-lo, ainda tentando dar algum sentido

emocional à sua traição? Ou isso era sobre Eric? Sem perceber, eu estaria apaixonada pelo viking extravagante que era tão lindo, tão bom em fazer amor e tão político, tudo ao mesmo tempo? Isso parecia um conjunto de problemas auspicioso para uma temporada de novela.

— Sintonizem amanhã – murmurei. Quando Claudine olhou para mim de soslaio, eu disse: – Claudine, sinto embaraço em dizer que estou fazendo algo que realmente não tem sentido de muitas maneiras, mas eu quero o dinheiro e vou fazer. Estarei de volta para vê-la novamente. Não se preocupe, por favor.

Amelia marchou de volta à cozinha e começou a fazer mais chá. Ela ia flutuar. Claudine a ignorou.

— Eu vou me preocupar – ela disse simplesmente. – Há encrenca chegando, minha querida amiga, e cairá direto em sua cabeça.

— Mas você não sabe como ou quando?

Ela sacudiu a cabeça. — Não, eu só sei que está vindo.

— Olhe em meus olhos – murmurou Amelia. – Eu vejo um homem alto, moreno...

— Cale a boca – respondi.

Ela deu as costas para nós e causou rebuliço ao arrancar folhas mortas de algumas de suas plantas.

Claudine partiu logo depois. Como lembrança de sua visita, ela não recuperou seu habitual comportamento feliz. Ela não disse nenhuma outra palavra sobre minha partida.

Capítulo 6

NA SEGUNDA MANHÃ APÓS O CASAMENTO de Jason, eu me senti mais normal. Ter uma missão ajudava. Eu precisava estar no Tara's Togs assim que abrisse às dez horas. Tinha que escolher as roupas que Eric disse que eu precisava para a conferência. Eu não estava escalada para o Merlotte's até às cinco e meia naquela noite, então tive aquela prazerosa sensação de um dia todo só para mim.

— Oi, garota! – disse Tara, surgindo dos fundos da loja para me cumprimentar. Sua assistente de meio-período, McKenna, olhou para mim e continuou arrumando as roupas. Imaginei que ela estivesse colocando peças extraviadas nos lugares certos; funcionárias de lojas de roupas pareciam gastar bastante tempo fazendo isso. McKenna não falou e, a menos que eu estivesse enganada, tentava evitar conversar comigo. Aquilo me magoou, já que fui visitá-la no hospital quando ela teve o apêndice retirado duas semanas atrás, e levei um pequeno presente também.

— O parceiro de negócios do Sr. Northman, Bobby Burnham, ligou para cá e disse que você precisava de roupas para uma viagem? – disse Tara. Eu assenti, tentando parecer direta. – Você precisa de roupas casuais?

Ou conjuntos, algo de natureza comercial? – Ela me deu um sorriso brilhante totalmente falso, e eu sabia que ela estava zangada comigo porque tinha receio por mim. – McKenna, pode levar aquela

correspondência ao correio – Tara dirigiu-se a McKenna com voz cortante. McKenna disparou pela porta dos fundos, a correspondência enfiada debaixo do braço como um acessório.

— Tara – falei – não é o que você está pensando.

— Sookie, não é da minha conta – ela disse, tentando muito soar neutra.

— Eu acho que é – respondi. – Você é minha amiga e não quero que pense que estou indo viajar com um bando de vampiros por diversão.

— Então por que está indo? – Toda a animação falsa no rosto de Tara desapareceu. Ela estava mortalmente séria.

— Estou sendo paga para ir com alguns vampiros da Louisiana para uma grande reunião. Vou agir como uma espécie de contador Geiger humano. Irei lhes dizer se um humano está tentando enganá-los e saberei o que os humanos de outros vampiros estão pensando. É só dessa vez.

Eu não podia dar mais explicações. Tara participou do mundo vampiro mais do que precisava e quase foi morta. Ela não queria ter mais nada a ver com isso, e eu não podia culpá-la. Mas ela ainda não podia me dizer o que fazer. Eu analisei minha própria alma sobre aquela questão, antes mesmo do sermão de Claudine, e não permitiria que alguém me impedisse uma vez que tomasse uma decisão. Arrumar as roupas, tudo bem.

Trabalhar para os vampiros, tudo bem... contanto que não deixasse humanos serem mortos.

— Somos amigas há séculos – Tara disse em voz baixa. – Através de altos e baixos. Eu te amo, Sookie, e sempre amarei, mas isso é demais.

Tara teve tanto desapontamento e preocupação na vida que ela simplesmente não estava mais disposta a se comprometer. Então estava desistindo de mim, e pensando em ligar para JB naquela noite para renovar o conhecimento carnal, fazendo isso quase em minha memória. Era um modo estranho de escrever meu epitáfio prematuro.

— Preciso de um vestido de noite, um vestido para coquetéis e algumas roupas elegantes para o dia – respondi, verificando minha lista desnecessariamente. Eu não tentaria enganar Tara. Iria me divertir, não importa o quanto ela parecesse amarga. Ela superaria, disse a mim mesma.

Eu ia me divertir comprando roupas.

Comecei com o vestido de noite e o de coquetel. E escolhi dois conjuntos, como terninhos de executivo (mas não de verdade, já que não consigo me ver em roupas listradas). E dois conjuntos de calças. E meias, meias-calças, uma ou duas camisolas. E lingerie. Eu oscilava entre a culpa e o prazer. Gastei mais dinheiro de Eric do que o absolutamente necessário, e imaginei o que aconteceria se ele pedisse para ver as coisas que comprou.

Senti-me bem mal então. Mas era como se eu estivesse dominada por um frenesi de compras, parte por puro prazer, parte por raiva de Tara, e parte para negar o medo que estava sentindo com a perspectiva de acompanhar um grupo de vampiros para qualquer lugar.

Com outro suspiro, bem silencioso e particular, eu devolvi a lingerie e as camisolas para as prateleiras. Supérfluos. Me senti triste por desistir deles, mas bem melhor no total. Comprar roupas para suprir uma necessidade específica, bom, isso tudo bem. Aquele era o objetivo. Mas comprar roupas de baixo, isso era algo inteiramente diferente. Aquilo era como MoonPie. Ou Ding Dongs[3].

O padre local, que começou a frequentar as reuniões da Irmandade do Sol, me sugeriu que fazer amizade com vampiros ou mesmo trabalhar para eles era uma forma de expressar um desejo de morte. Ele me falou isso enquanto comia seu hambúrguer na semana anterior. Pensei a respeito agora, parada junto à caixa registradora, enquanto Tara somava todas as minhas compras que seriam pagas com dinheiro vampiro. Eu acreditava que queria morrer? Sacudi a cabeça. Não, eu não queria. E achava que a Irmandade do Sol, um movimento antivampiro fanático e de direita que ganhava alarmante destaque na América, era um embuste. A condenação de todos os humanos que tinham algum relacionamento com vampiros, . Doces, mas ruins para você.

mesmo que fosse apenas uma visita à empresa que tinha um dono vampiro, era ridícula. Mas, para começar, por que me senti atraída pelos vampiros afinal?

Aqui estava a verdade: eu tinha tão poucas chances de ter o tipo de vida que meus colegas alcançaram — o tipo de vida que cresci achando ser o ideal — que qualquer outra vida que pudesse definir para mim mesma parecia interessante. Se não podia ter um marido e filhos, me preocupar com o que levaria como donativo para a igreja e se nossa casa precisava de outra camada de tinta, então me preocuparia com o que dez centímetros de salto fariam ao meu senso de equilíbrio, quando estivesse com quilos extras num drapeado.

Quando eu estava pronta para ir embora, McKenna, que voltara do correio, carregou minhas sacolas para o carro enquanto Tara checava o valor com o empregado diurno de Eric, Bobby Burnham. Ela desligou o telefone, parecendo satisfeita.

— Eu usei toda a verba? – perguntei, curiosa para descobrir quanto Eric investiu em mim.

— Não chegou nem perto – ela disse. – Quer comprar mais?

Mas a diversão tinha acabado. — Não – respondi. – Peguei o suficiente. – Tive um decisivo impulso de pedir a Tara para devolver tudo.

Então achei que isso era algo vergonhoso de se fazer com ela. – Obrigada por me ajudar, Tara.

— O prazer foi meu – ela assegurou. Seu sorriso foi um pouco mais caloroso e genuíno. Tara sempre gostou de fazer dinheiro, e nunca foi capaz de ficar zangada comigo por muito tempo. – Você

precisa ir ao Mundo dos Sapatos em Clarice para encontrar algo que combine com o vestido de noite. Eles estão fazendo uma liquidação.

Eu me recobrei. Hoje era o dia de resolver as coisas. Próxima parada, Mundo dos Sapatos.

Eu partiria dentro de uma semana e o trabalho naquela noite passou como um borrão enquanto ficava mais entusiasmada com a viagem. Eu nunca estive tão longe de casa como Rhodes, que ficava além de Chicago; na verdade, eu nunca me afastei da linha Mason-Dixon. Viajei de avião apenas uma vez, e foi um voo curto de Shreveport a Dallas. Eu teria que arrumar uma mala, do tipo com rodinhas. Teria que... pensei numa longa lista de pequenos itens. Eu sabia que alguns hotéis tinham secadores de cabelo. A Pirâmide de Gisé teria? A Pirâmide era um dos mais famosos hotéis orientados para vampiros que surgiram nas grandes cidades americanas.

Já que tinha organizado meu tempo de licença com Sam, essa noite eu contei quando pretendia partir. Sam estava sentado em sua mesa no escritório quando bati na porta — bem, no batente, porque Sam quase nunca fechava a porta. Ele levantou os olhos das contas. Estava feliz por ser interrompido. Quando trabalhava na contabilidade, ele passava as mãos pelos cabelos louro-avermelhados e agora eles pareciam um pouco eletrizados como resultado. Sam preferia estar atrás do balcão atendendo ao invés de fazer aquela tarefa, mas ele contratara um substituto para esta noite só com o propósito de ajeitar os livros.

— Entre, Sookie – ele disse. – Como estão as coisas lá fora?

— Bem movimentadas; eu só tenho um segundo. Só queria lhe dizer que estou partindo na próxima quinta-feira.

Sam tentou sorrir, mas terminou parecendo simplesmente infeliz.

— Você tem que fazer isso? – perguntou.

— Ei, nós já conversamos a respeito – falei, dando um aviso claro.

— Bom, sentirei sua falta – ele explicou. – E vou me preocupar um pouco. Você e um monte de vampiros.

— Haverá humanos como eu por lá.

— Não como você. Serão humanos com uma paixonite doentia pela cultura vampira ou coveiros tentando fazer uma grana com os morto-vivos.

Nenhum deles são pessoas saudáveis com longas expectativas de vida.

— Sam, há dois anos atrás, eu não fazia ideia de como era o mundo ao meu redor. Eu não sabia o que você era de fato; não sabia que os vampiros eram tão diferentes um dos outros quanto nós. Não sabia que existiam fadas de verdade. Eu não poderia ter imaginado nada disso. – Sacudi a cabeça. – Que mundo é esse, Sam. É maravilhoso e assustador.

Cada dia é diferente. Eu nunca pensei que teria qualquer tipo de vida por conta própria, e agora tenho.

— Eu seria a última pessoa no mundo a impedi-la de ter seu lugar ao sol, Sookie – Sam disse, sorrindo para mim. Mas não me passou despercebido que sua afirmação era um pouco ambígua.

Pam veio à Bon Temps naquela noite, parecendo entediada e elegante num suéter verde-pálido com calça azul-marinho. Ela estava usando mocassins azuis... sem brincadeira. Eu nem mesmo tinha percebido que ainda estavam à venda. O couro escuro era brilhante de tão polido e eram novos. Ela recebeu vários olhares de admiração no bar.

Ela escolheu uma mesa em minha seção e se sentou pacientemente, as mãos unidas sobre a mesa diante dela. Ela entrou num estado de suspensão vampiro que era perturbador para alguém que não tivesse visto — os olhos abertos, mas sem ver, o corpo totalmente imóvel, seu rosto sem expressão. Já que ela estava dando um tempo, eu esperei para atender algumas pessoas antes de ir até sua mesa. Com certeza eu sabia por que ela estava ali, e não me vi ansiosa por ter aquela conversa.

— Pam, eu posso lhe servir uma bebida?

— Qual é o lance com o tigre? – ela perguntou, indo direto para a jugular da conversa.

— Quinn é aquele que estou vendo agora – respondi. – Não ficamos juntos por muito tempo por causa do trabalho dele, mas

vamos nos ver na conferência – Quinn foi contratado para organizar algumas das cerimônias e rituais esperadas na conferência. Ele estaria ocupado, mas eu o veria e já estava entusiasmada com a perspectiva. – Vamos passar um mês juntos depois disso – contei a Pam.

Oh-oh, talvez eu tenha compartilhado informações demais. O rosto de Pam perdeu o sorriso.

— Sookie, eu não sei que jogo estranho você e Eric estão jogando, mas não é bom para nós.

— Eu não estou fazendo nada! Nada!

— Você pode não estar, mas ele sim. Ele não tem sido o mesmo desde a época que vocês dois passaram juntos.

— Eu não sei o que posso fazer a respeito – respondi fracamente.

Pam disse, — Eu também não, mas espero que ele consiga resolver os sentimentos que tem por você. Ele não gosta de conflitos. Não gosta de se sentir atado. Ele não é o vampiro despreocupado que costumava ser.

Dei de ombros. — Pam, eu tenho sido tão direta com ele quanto possível. Acho que talvez ele esteja preocupado com outra coisa. Você está exagerando minha importância no esquema das coisas de Eric. Se ele tem algum tipo de amor eterno por mim, então com certeza não me contou. E eu nunca o vejo. E ele sabe sobre Quinn.

— Ele fez Bill confessar a você, não foi?

— Bom, Eric estava lá – respondi incerta.

— Você acha que Bill algum dia teria contado se Eric não o tivesse obrigado?

Eu tinha feito o possível para esquecer aquela noite por completo. No fundo de minha mente, eu sabia que o estranho momento de revelação de Bill era significativo, mas simplesmente não queria pensar a respeito.

— Por que acha que Eric daria a mínima para o que Bill foi obrigado a fazer, muito menos se revelar para uma mulher humana, se ele não tivesse sentimentos impróprios por você?

Eu nunca pensei na situação daquela forma. Fiquei tão arrasada com a confissão de Bill — a rainha o tinha plantado para me seduzir (se necessário) para ganhar minha confiança — que não pensei no por que Eric forçou Bill à posição de me contar sobre a trama.

— Pam, eu não sei. Escute, estou trabalhando aqui e você precisa pedir algo para beber. Tenho que cuidar de minhas outras mesas.

— O-negativo, então. TrueBlood.

Corri para tirar a bebida da geladeira e a esquentei no forno microondas, sacudindo gentilmente para me certificar de que a temperatura estava igual. As laterais da garrafa estavam pegajosas

de um modo desagradável, mas certamente parecia e tinha gosto de sangue de verdade.

Eu coloquei algumas gotas num copo certa vez, na casa de Bill, para poder experimentar. Tanto quanto eu podia dizer, beber sangue sintético era exatamente como beber sangue de verdade. Bill sempre gostou, apesar de afirmar mais de uma vez que o sabor não era igual; era a sensação de morder a carne, sentir a pulsação do coração humano que tornava divertido ser vampiro.

Beber de uma garrafa não era a mesma coisa. Levei a garrafa e uma taça até a mesa de Pam e depositei-os na frente dela, junto com um guardanapo, claro.

— Sookie? – levantei o rosto para ver Amelia entrando.

Minha colega de quarto vinha ao bar frequentemente, mas fiquei surpresa ao vê-la esta noite.

— O que foi? – perguntei.

— Hmm... oi – Amelia disse a Pam. Notei as calças caqui de Amelia, a simples camisa pólo branca, os tênis igualmente brancos. Olhei para Pam, cujos olhos pálidos estavam mais arregalados do que já tinha visto.

— Esta é minha colega de quarto, Amelia Broadway – falei a Pam. – Amelia, essa é Pam a vampira.

— Prazer em conhecê-la – disse Pam.

— Ei, bonita roupa – Amelia disse.

Pam pareceu satisfeita. — Você está muito bem também – disse.

— Você é uma vampira local? – Amelia perguntou. Amelia era nada menos que direta. E tagarela.

Pam disse, — Sou a segunda em comando de Eric. Sabe quem é Eric Northman?

— Claro – disse Amelia. – Ele é o pedaço louro de amor ardente que vive em Shreveport, certo?

Pam sorriu. Suas presas se revelaram um pouco. Olhei de Amelia para a vampira. Céus.

— Talvez você queira ver o bar uma noite dessas? – Pam falou.

— Oh, claro – respondeu Amelia, mas não como se ela estivesse particularmente entusiasmada. Bancando a difícil. Por uns dez minutos, se eu conhecia Amelia.

Eu me afastei para atender um freguês acenando de outra mesa. Pelo canto do olho, vi Amelia sentar-se com Pam e elas conversaram por alguns minutos antes de Amelia se levantar e ir até o balcão para me esperar.

— E o que a traz aqui essa noite? – perguntei talvez um pouco abrupta demais. Amelia levantou as sobrancelhas, mas eu não me desculpei.

— Eu só queria lhe contar que você recebeu um telefonema em casa.

— De quem?

— Quinn.

Senti um sorriso se espalhar por meu rosto, genuíno. — O que ele disse?

— Disse que a veria em Rhodes. E que já sente sua falta.

— Obrigada, Amelia. Mas você podia simplesmente ter ligado para cá ou me contado quando eu chegasse em casa.

— Oh, eu fiquei meio entediada.

Eu sabia que ela ficaria, cedo ou tarde. Amelia precisava de um emprego, em tempo integral. Ela sentia falta de sua cidade e dos amigos, é claro. Embora tenha saído de Nova Orleans antes do Katrina, ela sofreu um pouquinho todos os dias desde que a tempestade devastou a cidade. Amelia sentia falta da bruxaria também. Eu esperei que ela ficasse amiga de Holly, outra garçonete e uma dedicada Wiccan. Mas depois que as apresentei e elas tiveram algumas conversas, Amelia me disse sombriamente que ambas eram tipos muito diferentes de bruxas. A própria Amelia era (e se considerava) uma verdadeira bruxa, enquanto Holly era uma Wiccan.

Amelia possuía um leve desprezo velado pela crença Wicca. Uma ou duas vezes, ela se encontrou com o clã de Holly, em parte

para se manter atualizada... e em parte porque Amelia ansiava pela companhia de outras praticantes. Ao mesmo tempo, minha hóspede estava bem apreensiva porque podia ser descoberta pelas bruxas de Nova Orleans, e teria de pagar um preço alto pelo erro ao transformar Bob. Para acrescentar outra camada emocional, desde o Katrina, Amelia receava pela segurança das mesmas antigas companhias. Ela não conseguiria descobrir se estavam bem sem que a descobrissem em retorno. Apesar de tudo isso, eu sabia que chegaria o dia (ou noite) em que Amelia ficaria inquieta demais para olhar apenas minha casa, o quintal e Bob.

Tentei não fazer uma careta ao ver Amelia ir até a mesa de Pam para mais um pouco de conversa. Lembrei minha preocupação interior de que Amelia podia tomar conta de si mesma. Provavelmente. Eu tive mais certeza antes da noite em Hotshot. Enquanto seguia com meu trabalho, mudei meus pensamentos para o telefonema de Quinn. Desejei ter meu celular novo comigo (graças ao pequeno valor que Amelia me pagava de aluguel, eu podia ter um), mas não achava certo carregá-lo no trabalho, e Quinn sabia que eu não o teria comigo ligado, a menos que tivesse a liberdade de atender. Desejei que Quinn estivesse me esperando em casa quando deixasse o bar em uma hora. A força daquela fantasia me intoxicou.

Apesar de achar agradável me envolver naquela sensação, me entregar à onda de um novo relacionamento, concluí que era hora de pisar no freio e encarar um pouco a realidade. Concentrei-me em servir as mesas, sorrindo e conversando quando necessário,

levando mais TrueBlood para Pam uma vez ou outra. Contudo, deixei Amelia e Pam com seu tête-à-tête.

Finalmente, a última hora de trabalho acabou e o bar ficou vazio.

Junto com as outras atendentes, cumpri minhas tarefas de encerramento.

Quando me certifiquei de que os porta-guardanapos e saleiros estavam cheios e prontos para o dia seguinte, segui pelo pequeno corredor até o depósito para deixar meu avental na grande cesta da lavanderia. Depois de ouvir nossas indiretas e queixas por anos, Sam finalmente pendurara um espelho nos fundos para o nosso benefício. Me encontrei diante dele absolutamente imóvel, olhando. Me recompus e comecei a desamarrar o avental. Arlene afofava os cabelos ruivos brilhantes. Arlene e eu não éramos boas amigas nos últimos tempos. Ela se envolveu com a Irmandade do Sol. Apesar da Irmandade se apresentar como uma organização informativa, dedicada a espalhar a “verdade” sobre os vampiros, suas fileiras estavam cheias de gente que acreditava que todos os vampiros eram intrinsecamente maus e deviam ser eliminados, por meios violentos. Os piores elementos da Irmandade levavam sua raiva e medo aos humanos que se associavam aos vampiros. Humanos como eu.

Arlene tentou encontrar meus olhos no espelho. Fracassou.

— Aquela vampira no bar é sua amiga? – ela perguntou, colocando uma bem desagradável ênfase na última palavra.

— Sim – respondi. Mesmo se eu não gostasse de Pam, teria dito que ela era minha amiga. Tudo que dizia respeito à Irmandade fazia os pelos de minha nuca se arrepiarem.

— Você precisa andar mais com humanos – Arlene disse. Sua boca era uma linha rígida e os olhos muito maquiados se estreitaram de intensidade. Arlene nunca foi o que se chamaria de profunda pensadora, mas fiquei surpresa e desalentada com a rapidez com que assimilou o modo de pensar da Irmandade.

— Estou com humanos 95% do tempo, Arlene.

— Você devia estar 100%.

— Arlene, como isso se tornou da sua conta? – Minha paciência estava por um fio.

— Você está compensando todas essas horas porque vai com um bando de vampiros para uma reunião, certo?

— De novo, por que isso é da sua conta?

— Você e eu fomos amigas por um bom tempo, Sookie, até aquele Bill Compton entrar no bar. Agora você vê vampiros o tempo todo, e tem pessoas estranhas ficando em sua casa.

— Eu não tenho que defender minha vida para você – respondi, e meu temperamento explodiu por completo.

Eu podia ver dentro de sua cabeça, ver todo o convencimento e julgamento satisfeito. Magoou. Doeu. Eu fui babá dos filhos dela,

consolei-

a quando foi usada e abandonada por uma série de homens indignos, limpei seu trailer, tentei encorajá-la a sair com homens que não pisariam nela.

Agora ela me encarava, realmente surpresa com minha raiva.

— Obviamente você tem vazios enormes em sua própria vida se tem que preenchê-las com essa merda da Irmandade – falei. – Veja os sujeitos puros que escolheu e com quem se casou. – Com uma atitude pouco cristã, eu virei nos calcanhares e saí do bar, grata por já ter apanhado minha bolsa no escritório de Sam. Nada pior do que ter que parar no meio de uma saída justa.

De algum modo, Pam surgiu ao meu lado, tendo se aproximado tão rapidamente que não vi o movimento. Olhei por sobre o ombro. Arlene estava parada de costas contra a parede, o rosto distorcido de dor e raiva.

Meu comentário final foi verdadeiro. Um dos namorados de Arlene tinha roubado a prataria da família, e seus maridos... difícil saber por onde começar.

Pam e eu estávamos do lado de fora antes que eu pudesse reagir à sua presença. Eu estava rígida de choque com o ataque verbal de Arlene e minha própria fúria.

— Eu não devia ter dito nada sobre ele – falei. – Só porque um dos maridos de Arlene foi um assassino, isso não me dá razão para ser mesquinha.

Eu estava praticamente canalizando minha avó, e dei uma risada trêmula. Pam era um pouco mais baixa do que eu, e fitou meu rosto curiosamente enquanto eu lutava para me controlar.

— Ela é uma piranha, aquela lá – disse Pam.

Tirei um lenço Kleenex da bolsa para enxugar as lágrimas. Eu frequentemente chorava quando ficava zangada; detestava isso. Chorar simplesmente me fazia parecer fraca, não importa o que tivesse desencadeado a reação. Pam segurou minha mão e secou minhas lágrimas com o polegar. O gesto carinhoso foi um pouco enfraquecido quando ela levou o polegar à boca, mas entendi que não era por mal.

— Eu não a chamaria de piranha, mas com certeza ela não é tão cuidadosa quanto devia ser com quem sai – admiti.

— Por que você a defende?

— Hábito – respondi. – Fomos amigas durante anos e anos.

— O que ela fez por você com sua amizade? Qual foi o benefício?

— Ela... – Eu tive que parar para pensar. – Acho que era só para ser capaz de dizer que tinha uma amiga. Eu me importava com os filhos dela e a ajudei com eles. Quando ela não podia trabalhar, eu cobria seus horários e se ela trabalhava para mim, eu limpava o trailer em retribuição. Ela vinha me ver se eu ficava doente e me trazia comida. Mais do que tudo, ela era tolerante com minhas diferenças.

— Ela te usou e ainda assim você se sente grata – disse Pam. O rosto branco e sem expressão não me deu pistas de seus sentimentos.

— Ouça, Pam, não foi assim.

— Como foi, Sookie?

— Ela realmente gostava de mim. Nós realmente tivemos bons momentos.

— Ela é preguiçosa. Isso se estende às suas amizades. Se for fácil ser amigável, ela será. Se o vento sopra em outra direção, sua amizade desaparece. E estou achando que o vento está soprando na outra direção.

Ela descobriu outra forma de ser alguém importante por si só, odiando os outros.

— Pam!

— Isso não é verdade? Eu observei pessoas durante anos. Eu as conheço.

— Existem verdades que devem ser ditas, e verdades que é melhor não dizer.

— Existem verdades que você preferiria que eu não dissesse – ela me corrigiu.

— Sim. De fato, isso é... verdade.

— Então vou deixá-la e voltar para Shreveport. – Pam virou-se para dar a volta no prédio até onde seu carro estava estacionado.

— Ei!

Ela se voltou. — Sim?

— Por que veio para cá em primeiro lugar?

Pam sorriu inesperadamente. — Além de fazer perguntas sobre seu relacionamento com meu criador? E o bônus de conhecer sua deliciosa colega de quarto?

— Oh. É. Além de tudo isso.

— Eu quero falar sobre Bill – ela disse para minha total surpresa. – Bill, e Eric.

Capítulo 7

— EU NÃO TENHO NADA A DIZER – Destranquei meu carro e joguei a bolsa lá dentro. Então me virei para encarar Pam, apesar de ficar tentada a entrar no carro e ir para casa.

— Nós não sabíamos – a vampira disse. Ela caminhou lentamente, então pude vê-la se aproximar.

Sam havia deixado duas cadeiras dobráveis junto ao seu trailer, de frente para os fundos do bar, e eu as peguei para colocá-las perto do carro.

Pam entendeu a dica e empoleirou-se numa enquanto eu sentava na outra.

Respirei fundo, silenciosamente. Desde que voltei de Nova Orleans, eu tinha imaginado se todos os vampiros em Shreveport sabiam do propósito secreto de Bill ao me cortejar.

— Eu não teria lhe contado – Pam disse – mesmo se tivesse sabido que Bill foi encarregado de uma missão, porque... vampiros primeiro. – Ela deu de ombros. – Mas eu juro que não sabia.

Eu inclinei a cabeça em reconhecimento, e um pequeno nó de tensão em mim finalmente relaxou. Mas não tinha ideia de como responder.

— Devo dizer, Sookie, que você causou uma tremenda quantidade de problemas em nossa área. – Pam não parecia perturbada por isso; ela estava apenas afirmando um fato. Eu dificilmente poderia me desculpar. – Nos últimos tempos, Bill está cheio de raiva, mas não sabe quem odiar. Ele sente culpa e ninguém gosta disso. Eric está frustrado por não conseguir se lembrar do tempo em que esteve escondido em sua casa, e não sabe o que lhe deve. Ele está zangado pela rainha ter anexado você aos próprios objetivos, através de Bill, portanto entrando furtivamente em seu território, como Eric vê. Felicia acha que você é o bicho-papão, já que tantos bartenders do Fangtasia morreram enquanto estava por perto. Long Shadow, Chow – Ela sorriu. – Oh, e seu amigo, Charles Twining.

— Nada disso foi minha culpa – Ouvi Pam com crescente agitação.

Simplesmente não é bom ter vampiros zangados com você. Mesmo a atual bartender do Fangtasia, Felicia, era muito mais forte do que eu jamais seria e era definitivamente a vampira mais inferior na cadeia de comando.

— Eu não acho que isso faça qualquer diferença – Pam disse, a voz curiosamente gentil. – Agora que sabemos que você tem sangue de fada, graças a Andre, seria fácil usar como desculpa. Mas não acho que seja isso, você acha? Eu conheci vários humanos descendentes dos fae, e nenhum deles era telepata. Acho que é só você, Sookie. É claro, saber que você tem esse traço de fada faz a gente se perguntar como seria seu gosto. Eu certamente

gostei do gole que tive quando a bacante a mutilou, apesar de estar contaminado com o veneno dela. Nós adoramos fadas, como sabe.

— Adoram até a morte – respondi num sussurro, mas obviamente Pam ouviu.

— Às vezes – ela concordou com um pequeno sorriso. Essa Pam.

— Então qual é o ponto aqui? – Eu estava pronta para ir para casa e apenas ser humana, sozinha.

— Quando eu digo que “nós” não sabíamos sobre o acordo de Bill com a rainha, isso inclui Eric – disse Pam simplesmente.

Olhei para meus pés, lutando para manter o rosto sob controle.

— Eric se sente especialmente furioso a respeito disso – continuou Pam. Ela escolhia as palavras agora. – Ele está zangado com Bill porque Bill fez um acordo com a rainha pelas costas dele. Ele está zangado por não ter percebido o plano de Bill. Ele está zangado com você porque você está em seus pensamentos. Está zangado com a rainha porque ela é mais esperta do que ele. Claro, é por isso que ela é a rainha. Eric nunca será rei, a menos que consiga se controlar melhor.

— Você realmente está preocupada com ele? – Eu nunca vi Pam seriamente preocupada com nada. Quando ela assentiu, eu me encontrei dizendo: – Quando você conheceu Eric? – Eu sempre me senti curiosa, e essa noite Pam parecia estar no humor para compartilhar.

— Eu o conheci em Londres, na última noite de minha vida. – Sua voz era neutra, vindo da escuridão sombria. Eu conseguia ver metade de seu rosto sob a luz do poste, e ela parecia bem calma. – Arrisquei tudo por amor. Você vai rir ao ouvir isso.

Eu não estava nem remotamente perto de rir.

— Eu era uma moça bem selvagem para minha época. Jovens damas não deviam ficar sozinhas com cavalheiros, ou qualquer homem, para falar a verdade. Bem diferente de agora. – Os lábios de Pam se curvaram num breve sorriso. – Mas eu era romântica, e ousada. Fugi de casa tarde da noite para encontrar o primo de minha querida amiga, uma moça que morava na casa ao lado. O primo era um visitante de Bristol, e ficamos atraídos um pelo outro. Meus pais não o consideravam equivalente em classe social, então eu sabia que eles não o deixariam me cortejar. E se fosse flagrada sozinha com ele à noite, seria meu fim. Sem casamento, a não ser que meus pais conseguissem forçá-lo a se casar comigo. Então, nenhum futuro afinal.

– Pam sacudiu a cabeça. – Loucura pensar a respeito agora. Aquela era uma época em que mulheres não tinham escolha. A parte irônica é que nosso encontro foi bem inocente. Alguns beijos, um bocado de baboseira sentimental, amor eterno. Blá, blá, blá.

Eu sorri para Pam, mas ela não percebeu o sorriso.

— Quando estava voltando para minha casa, tentando me mover em silêncio através do jardim, eu encontrei Eric. Não havia

como evitá-lo. – Por um longo momento, ela ficou quieta. – E realmente foi o meu fim.

— Por que ele a transformou? – Inclinei-me contra a cadeira e cruzei as pernas. Aquela era uma conversa inesperada e fascinante.

— Acho que ele estava solitário – ela respondeu com uma leve nota de surpresa na voz. – Sua última companhia partiu por conta própria, já que crianças não podem ficar com seus criadores por muito tempo. Após alguns anos, a criança deve seguir seu caminho, embora possa voltar ao criador, e deve se ele o chamar.

— Você não ficou zangada com ele?

Ela pareceu estar tentando se recordar.

— No começo, fiquei chocada – disse Pam. – Depois que fui drenada, ele me colocou na cama em meu próprio quarto e, é claro, minha família achou que eu morri de alguma doença misteriosa e me enterraram. Eric me desenterrou para que eu não tivesse que acordar num caixão e me desenterrar sozinha. Isso foi de grande ajuda. Ele me segurou e explicou tudo. Até a noite em que morri, eu sempre fui uma mulher muito convencional por baixo das tendências ousadas. Estava acostumada a usar camadas e mais camadas de roupas. Você ficaria espantada com o vestido no qual eu morri: as mangas, os enfeites. Apenas o tecido da saia poderia se transformar em três vestidos! – Pam parecia carinhosamente saudosa, nada mais. – Depois que eu acordei, descobri que ser vampira libertou algo selvagem em mim.

— Depois do que ele fez, você não quis matá-lo?

— Não – ela respondeu de imediato. – Eu quis fazer sexo com ele, e fiz. Tivemos sexo muitas vezes. – Ela sorriu. – O vínculo entre criador e criança não tem que ser sexual, mas foi assim conosco. Isso mudou rápido, na realidade, quando meus gostos se ampliaram. Eu queria experimentar tudo que me foi negado durante a vida humana.

— Então você na verdade gostou de ser uma vampira? Ficou feliz?

Pam deu de ombros. — Sim, eu sempre amei ser o que sou. Levei alguns dias para compreender minha nova natureza. Eu nunca tinha ouvido falar de vampiros, antes de me tornar um.

Eu não conseguia imaginar o choque do despertar de Pam. Seu auto-

proclamado ajustamento rápido à nova condição me espantou.

— Você alguma vez voltou a ver sua família? – perguntei. Okay, isso era grosseiro e me arrependi assim que as palavras saíram de meus lábios.

— Eu os vi à distância, talvez dez anos depois. Compreenda, a primeira coisa que um novo vampiro precisava fazer era deixar seu antigo lar. Do contrário, ele corria o risco de ser reconhecido e caçado. Agora você pode desfilar por aí tanto quanto quiser. Mas éramos discretos, cuidadosos. Eric e eu saímos de Londres o mais rápido possível e, após passarmos um tempinho no norte da

Inglaterra enquanto eu me acostumava a minha nova condição, nós deixamos o país pelo continente.

Isso era horrível, mas fascinante. — Você o amou?

Pam pareceu um pouco confusa. Havia uma ruga minúscula na testa lisa. — Amá-lo? Não. Éramos bons companheiros e eu gostava do sexo e da caçada. Mas amor? Não. – Sob as luzes brilhantes do poste, que lançavam curiosas sombras escuras nos cantos do estacionamento, observei o rosto de Pam relaxar em suas linhas normais e suaves. – Eu lhe devo minha lealdade – disse. – Tenho que obedecer a ele, mas faço de boa vontade. Eric é inteligente, ambicioso e muito divertido. Nada teria restado em meu túmulo agora se ele não tivesse me visto voltar para casa do encontro com aquele rapazinho tolo. Eu segui em frente sozinha por muitos anos, mas fiquei feliz por ter notícias dele quando abriu o bar e me chamou para servi-lo.

Seria possível alguém no mundo ser tão imparcial quanto Pam sobre a questão de “ser assassinada”? Sem dúvida, Pam gostava de ser vampira e parecia genuinamente abrigar um leve desprezo pelos humanos; de fato, ela parecia achá-los divertidos. Ela achou hilariante quando Eric exibiu sentimentos por mim pela primeira vez. Pam realmente mudara tanto comparada à sua antiga forma?

— Quantos anos você tinha, Pam?

— Quando morri? Eu tinha dezenove. – Nem uma fagulha de sentimento cruzou seu rosto.

— Você arrumava seu cabelo todos os dias?

O rosto de Pam pareceu se aquecer um pouco. — Sim, eu arrumava.

Usava num estilo muito elaborado; minha criada tinha que me ajudar.

Colocava almofadas por baixo do cabelo para dar altura. E a roupa de baixo! Você morreria de rir se me visse com elas.

Apesar de a conversa estar interessante, percebi que estava cansada e pronta para ir embora.

— Então o ponto é que você é realmente leal a Eric, e quer que eu saiba que nenhum dos dois sabia que Bill possuía uma agenda secreta quando veio a Bon Temps. – Pam assentiu. – Então, você veio aqui essa noite para...?

— Para pedir que tenha misericórdia de Eric.

A ideia de Eric precisando de minha misericórdia nunca cruzou minha mente. — Isso é tão engraçado quanto sua roupa de baixo humana – respondi. – Pam, sei que acredita que deve algo a Eric, apesar de ele tê-la matado — querida, ele a matou — mas eu não devo nada a Eric.

— Você se importa com ele – ela disse e, pela primeira vez, soou um pouco zangada. – Eu sei que se importa. Ele nunca ficou enredado em suas emoções. Nunca esteve em tal desvantagem. –

Ela pareceu se recompor e eu percebi que nossa conversa tinha acabado. Levantamos, e eu devolvi as cadeiras de Sam.

Eu não tinha ideia do que dizer.

Felizmente, não precisei pensar em nada. O próprio Eric saiu das sombras no canto do estacionamento.

— Pam – ele disse, e aquela única palavra estava carregada. – Você estava tão atrasada que eu segui seu rastro para ter certeza de que estava tudo bem.

— Mestre – ela disse, algo que nunca ouvi de Pam. Ela inclinou-se sobre um joelho no cascalho, o que devia ser doloroso.

— Vá – disse Eric, e num instante Pam se foi.

Fiquei em silêncio. Eric estava me dando aquele olhar fixo vampírico, e não consegui decifrá-lo. Tinha certeza que ele estava zangado — mas sobre o que, quem e com quanta intensidade? Aquela era a parte divertida de estar com vampiros, e a parte assustadora de estar com vampiros, tudo ao mesmo tempo.

Eric decidiu que a ação falaria mais alto do que palavras. De repente, ele estava na minha frente. Colocou um dedo sob meu queixo e levantou meu rosto para o dele. Seus olhos, que pareciam simplesmente sombrios sob a luz irregular, prenderam-se aos meus com uma intensidade que era tão excitante quanto dolorosa. Vampiros; sentimentos confusos. Dava na mesma.

Não exatamente para o meu espanto, ele me beijou. Quando alguém teve aproximadamente mil anos para praticar beijos, ele pode se tornar muito bom nisso, e eu estaria mentindo se dissesse que era imune a tal talento osculatório. Minha temperatura subiu uns dez graus. Foi tudo que pude fazer para me impedir de aproximar, colocar os braços ao seu redor e me apertar contra ele. Para um cara morto, ele tinha uma química das mais vivas — e aparentemente todos os meus hormônios estavam bem acordados após a noite com Quinn. Pensar em Quinn foi como um balde de água fria.

Com uma relutância quase dolorosa, eu me afastei de Eric. Seu rosto tinha um ar concentrado, como se estivesse experimentando algo e decidindo se era bom o suficiente para manter.

— Eric – falei com voz trêmula. – Eu não sei por que está aqui e não sei por que estamos tendo todo esse drama.

— Você é de Quinn agora? – Seus olhos se estreitaram.

— Sou dona de mim mesma – respondi. – Eu escolho.

— E você escolheu?

— Eric, isso está além dos limites. Você não está saindo comigo.

Não me deu nenhum sinal do que se passava em sua cabeça. Você não me tratou como se eu tivesse qualquer significado em sua vida. Não estou dizendo que estaria aberta para essas coisas, mas

estou dizendo que na falta delas, fiquei livre para encontrar outra, hã, companhia. E até agora, eu gosto de Quinn.

— Você não o conhece melhor do que de fato conhecia Bill.

Aquilo atingiu onde doía.

— Pelo menos, estou bem certa de que ele não recebeu ordens para me levar para a cama a fim de me tornar uma vantagem política!

— Foi melhor você saber a respeito de Bill – disse Eric.

— Sim, foi – concordei. – Isso não significa que desfrutei do processo.

— Eu sabia que seria difícil. Mas tinha que fazê-lo dizer.

— Por quê?

Eric pareceu perplexo. Não sei como definir de outra forma. Ele desviou o rosto para a escuridão das árvores. — Não era certo – ele disse, por fim.

— Verdade. Mas talvez você só quisesse ter certeza que eu não o amaria de novo?

— Talvez ambas as coisas – ele respondeu.

Houve um agudo momento de silêncio, como se algo grande estivesse juntando fôlego.

— Okay – falei lentamente. Isso era como uma sessão de terapia. – Você esteve com o humor imprevisível ao meu redor durante meses, Eric.

Desde quando... sabe, não era você mesmo. O que há com você?

— Desde a noite em que fui amaldiçoado, eu me perguntei por que fui parar na estrada de sua casa.

Dei um ou dois passos para trás e tentei reunir alguma evidência, uma indicação do que ele estava pensando, através do rosto pálido. Mas era inútil. Nunca me ocorreu perguntar por que Eric esteve lá. Eu tinha ficado tão surpresa com tantas coisas que as circunstâncias da descoberta de Eric sozinho, seminu e perdido, no início da manhã do primeiro dia do Ano Novo, foi enterrado nas consequências da Guerra das Bruxas.

— Você já descobriu a resposta? – perguntei, percebendo a estupidez da pergunta depois que as palavras saíram de minha boca.

— Não – ele disse numa voz que não era mais que um sibilar. – Não.

E a bruxa que me enfeitiçou está morta, apesar da maldição estar quebrada.

Agora ela não pode me contar o que a magia acarretava. Eu devia procurar pela pessoa que odiava? Amava? Foi por acaso que

me encontrei correndo no meio do nada... exceto que esse nada era o caminho de sua casa?

Um momento de silêncio desconfortável de minha parte. Eu não sabia o que dizer e Eric claramente esperava por uma resposta.

— Provavelmente o sangue de fada – respondi fracamente, apesar de ter passado horas dizendo a mim mesma que a fração desse sangue não era significativa o suficiente para causar mais do que uma leve atração por parte dos vampiros que conheci.

— Não – ele disse. E então se foi.

— Bem – falei em voz alta, infeliz com o tom trêmulo. – Como saída, essa foi muito boa.

Era bem difícil ter a última palavra com um vampiro.

Capítulo 8

— MINHAS MALAS ESTÃO PRONTAS... – EU cantarolei.

— Bem, eu não estou tão solitária a ponto de chorar – disse Amelia.

Ela gentilmente concordara em me levar até o aeroporto, mas eu devia tê-la feito prometer que seria agradável naquela manhã também. Ela ficou um pouco cismada durante o tempo todo em que estive me maquiando. – Eu desejava poder ir também – disse, admitindo o que estava entalado em sua garganta. Obviamente, eu sabia qual era o problema de Amelia antes mesmo que ela dissesse. Mas não havia nada que pudesse fazer.

— Não depende de mim convidá-la ou não – falei. – Sou a auxiliar contratada.

— Eu sei – ela respondeu rabugenta. – Vou pegar a correspondência, regar as plantas e escovar Bob. Ei, eu ouvi falar que o vendedor da companhia de seguros Bayou State precisa de uma recepcionista, já que a mãe da mulher que trabalha para ele foi evacuada de Nova Orleans e precisa de cuidados em tempo integral.

— Oh, vá em frente e se candidate ao emprego – falei. – Você vai adorar. – Meu segurador era um feiticeiro que protegia suas apólices com magias. – Você realmente vai gostar de Greg Aubert,

ele irá interessá-la. – Eu queria que a entrevista de Amelia na agência de seguros fosse uma surpresa agradável.

Amelia me fitou de esguelha com um pequeno sorriso. — Oh, ele é bonitinho e solteiro?

— Não, mas ele tem outros atributos interessantes. E lembre-se, você prometeu ao Bob que não sairia com rapazes.

— Ah, é. – Amelia pareceu deprimida. – Ei, vamos dar uma olhada em seu hotel.

Amelia estava me ensinando como usar o computador de minha prima Hadley. Eu o trouxe comigo de Nova Orleans, pensando em vendê-lo, mas Amelia me convenceu a instalá-lo na casa. Parecia engraçado sobre uma escrivaninha no canto da parte mais antiga da casa, o aposento usado agora como sala de estar. Amelia pagou por uma linha extra para Internet, já que precisava para seu laptop no andar de cima. Eu ainda era uma novata nervosa.

Amelia clicou no Google e digitou “Hotel Pirâmide de Gisé”.

Olhamos a imagem que apareceu na tela. A maioria dos hotéis de vampiros ficava em grandes centros urbanos, como Rhodes, e também eram atrações turísticas. Frequentemente chamado simplesmente de “a Pirâmide”, o hotel tinha o formato de um, é claro, e possuía vidros refletores de cor bronze.

Havia uma faixa de vidro mais fina num dos andares perto da base.

— Não exatamente... Hmmm – Amelia olhou para o edifício, a cabeça virando para um lado.

— Precisa ser mais inclinado – respondi, e ela concordou.

— Tem razão. É como se eles quisessem ter uma pirâmide, mas realmente não precisassem dos andares para deixar do jeito certo. O ângulo não é íngreme o suficiente para fazer parecer grandioso.

— E está montada num grande retângulo.

— Isso também. Espero que essas sejam as salas de convenções.

— Sem estacionamento – falei, perscrutando a tela.

— Oh, fica no subsolo do edifício. Eles podem construí-lo ali.

— Fica de frente para o lago – falei. – Ei, eu vou poder ver o Lago Michigan. Olhe, existe um parquinho entre o hotel e o lago.

— E cerca de seis pistas de tráfego – Amelia apontou.

— Okay, isso também.

— Mas é perto de um grande shopping – disse Amelia.

— Possui um andar só para humanos – eu li. – Aposto que é esse andar, o mais claro. Achei que fosse apenas o design, mas é para que os humanos possam ter um lugar com luz durante o dia. As pessoas precisam disso para seu bem-estar.

— Tradução: é a lei – disse Amelia. – O que tem mais? Salas de reuniões, blábláblá. Janelas com vidros opacos, exceto no andar humano.

Suítes finamente decoradas nos níveis superiores, blábláblá. Funcionários altamente treinados para as necessidades dos vampiros. Isso quer dizer que todos estão dispostos a ser doadores de sangue ou companheiros de transa?

Amelia era tão cínica. Mas agora que sabia quem era o pai dela, aquilo meio que fazia sentido.

— Eu gostaria de ver o quarto do topo, na ponta da pirâmide – falei.

— Não pode. Aqui diz que não é um quarto de hóspedes de verdade.

De fato, é onde fica a aparelhagem de ar condicionado.

— Bom, diabos. Hora de ir – falei, olhando para o relógio.

— Ah, é. – Amelia fitou a tela, deprimida.

— Só vou ficar fora por uma semana – respondi. Amelia definitivamente era uma pessoa que não gostava de ficar sozinha.

Descemos as escadas e carregamos as malas para o carro.

— Eu tenho o número do telefone do hotel em caso de emergência.

Tenho o número do seu celular também. Você enfiou o carregador na mala? – Ela manobrou pela entrada de cascalho e saiu para a Rodovia Hummingbird. Nós daríamos a volta por Bon Temps para chegar à interestadual.

— Sim. – E minha escova e pasta de dentes, meu depilador, desodorante, secador de cabelo (por via das dúvidas), minha maquiagem, todas as roupas novas e algumas peças extras, vários sapatos, um traje para dormir, o relógio despertador de Amelia, roupa íntima, algumas joias, uma bolsa extra e dois livros. – Obrigada por me emprestar a mala. – Amelia contribuíra com uma mala vermelha com rodas e uma valise combinando, além de uma mochila onde coloquei um livro, um almanaque de palavras cruzadas, um toca-CD portátil e fones de ouvido, além de um pequeno estojo de CDs.

Nós não conversamos muito durante a viagem. Eu estava pensando no quanto seria estranho deixar Amelia sozinha em minha casa. Houve Stackhouses residentes no local por cento e setenta anos.

A conversa esporádica morreu assim que nos aproximamos do aeroporto. Parecia não haver mais nada a ser dito. Entramos pelo terminal principal de Shreveport, mas seguiríamos para um pequeno hangar particular. Se Eric não tivesse reservado um voo fretado semanas atrás, ele teria problemas porque a conferência definitivamente sobrecarregara as capacidades da Anúbis. Todos os estados envolvidos estavam enviando delegações e grande parte do

Meio-Oeste, do Golfo à fronteira canadense, estava incluída na divisão central americana.

Alguns meses atrás, a Louisiana teria necessitado de dois aviões.

Agora um seria suficiente, especialmente porque parte do grupo já tinha ido à frente. Eu li a lista de vampiros desaparecidos após a reunião no Fangtasia e, para meu pesar, Melanie e Chester estavam nela. Eu os conheci no quartel-general da rainha em Nova Orleans e, apesar de não termos tido tempo para ficarmos amigos do peito ou algo assim, eles pareceram bons vampiros.

Havia um segurança no portão de entrada do hangar e ele verificou nossas licenças de motorista, antes de nos deixar entrar. Era apenas um policial humano normal de folga, mas pareceu competente e alerta.

— Vire à direita e encontrará um estacionamento perto da porta na ala leste – disse.

Amelia inclinou-se um pouco para frente enquanto dirigia, mas a porta era fácil de ser vista e havia outros carros estacionados. Era pouco mais de dez da manhã e havia um toque frio no ar, pouco acima da superfície morna. Uma brisa prematura de outono. Depois do verão muito quente, era simplesmente maravilhoso. Estaria mais frio em Rhodes, Pam dissera. Ela verificara as temperaturas para a próxima semana na Internet e ligara para me dizer que embalasse um suéter. Ela soou quase excitada, o que era algo grande para

Pam. Tive a impressão de que ela estava um pouco inquieta, cansada de Shreveport e do bar. Talvez fosse apenas eu.

Amelia me ajudou a descarregar a bagagem. Ela teve que desfazer alguns feitiços da Samsonite vermelha antes de passá-la para mim. Eu não perguntei o que teria acontecido se ela tivesse se esquecido. Puxei a alça da mala de rodinhas e coloquei a mochila no ombro. Amelia pegou a valise e abriu a porta.

Eu nunca estive num hangar antes, mas era igual àqueles dos filmes:

cavernoso. Havia pequenas aeronaves estacionadas ali dentro, mas seguimos para a entrada na ala oeste, como Pam havia instruído. O jato da Air Anúbis estava do lado de fora, e os caixões estavam sendo levados para os bagageiros por empregados uniformizados da Anúbis. Todos usavam preto, só abrandado pela cabeça de um chacal estilizado no peito dos uniformes, uma afetação que achei irritante. Eles olharam para nós casualmente, mas ninguém nos desafiou ou pediu para ver identificações até chegarmos aos degraus do avião.

Bobby Burnham estava parado aos pés da escada com uma prancheta.

Claro, já que havia luz do dia, obviamente Bobby não era um vampiro, mas era quase pálido e austero o suficiente para ser um. Eu nunca o encontrei antes, mas sabia quem era, e ele certamente me reconheceu. Peguei isso direto de seu cérebro. Mas sua certeza não o impediu de checar minha identidade com sua maldita lista, e

ele fuzilou Amelia com um grande olhar, como se ela não pudesse transformá-lo num sapo (isso era o que Amelia estava pensando).

— Ele teria que coaxar – eu murmurei, e ela sorriu.

Bobby se apresentou e, quando assentimos, disse: — Seu nome está na lista, Srta. Stackhouse, mas o da Srta. Broadway não. Receio que terá que carregar sua bagagem sozinha. – Bobby estava adorando o poder.

Amelia sussurrou algo baixinho e, de repente, Bobby balbuciou: — Eu carrego a bagagem pesada para dentro, Srta. Stackhouse. Pode manejar a outra mala? Se for algo que não quer fazer, eu volto em um minuto e levo para você. – O espanto no rosto dele era impagável, mas tentei não curtir demais. Amelia estava lançando um pequeno truque maldoso.

— Obrigada, eu dou conta – assegurei-o, pegando a valise de Amelia enquanto ele cambaleava pelos degraus com a mala mais pesada.

— Amelia, sua malandra – falei, mas não muito zangada.

— Quem é o imbecil? – ela perguntou.

— Bobby Burnham. Ele é o sujeito diurno. – Todos os vampiros de certa posição tinham um. Bobby era uma aquisição recente de Eric.

— O que ele faz? Tira o pó dos caixões?

— Não, ele faz arranjos de negócios, vai ao banco, pega a roupa na lavanderia e lida com os escritórios que ficam abertos somente durante o dia, e assim por diante.

— Então ele é um faz-tudo.

— Bem, sim. Mas ele é um faz-tudo importante. Ele é o faz-tudo de Eric.

Bobby estava descendo as escadas agora, ainda parecendo surpreso por ter sido educado e atencioso. — Não faça mais nada com ele – falei, sabendo que ela considerava.

Os olhos de Amelia brilharam antes de entender o que eu estava dizendo. — Sim, seria maldade da minha parte – admitiu. – Eu apenas detesto idiotas metidos a poderosos.

— Quem não detesta? Ouça, eu a vejo em uma semana. Obrigada por me trazer ao aeroporto.

— Claro, claro – Ela me deu um sorriso desamparado. – Divirta-se e não seja morta, mordida e nem nada.

Impulsivamente, eu a abracei e, após um segundo de surpresa, ela retribuiu o abraço. — Tome conta de Bob – falei, e subi as escadas.

Eu não conseguia evitar me sentir um pouco ansiosa, já que estava cortando os laços com minha vida familiar, pelo menos temporariamente.

A funcionária da Air Anúbis na cabine disse, — Escolha seu assento, Srta. Stackhouse. – Ela pegou minha mochila e guardou. O interior da aeronave não era como dos aviões humanos ou, pelo menos, era o que o website da Anúbis alegava. A frota da Anúbis fora desenhada e planejada para o transporte de vampiros adormecidos, com passageiros humanos vindo em segundo lugar. Havia compartimentos para os caixões ao longo da parede, como bagageiros gigantes e na parte da frente do avião estavam três fileiras de assentos, com três poltronas à direita e duas à esquerda, para pessoas como eu... ou para quem seria útil aos vampiros de alguma forma nessa conferência. No momento, havia somente três pessoas sentadas ali.

Bom, outro humano e dois em parte humanos.

— Oi, Sr. Cataliades – falei, e o homem redondo levantou-se da poltrona, sorrindo radiante.

— Cara Srta. Stackhouse, – ele disse calorosamente, porque era a forma como o Sr. Cataliades falava – estou tão contente por vê-la novamente.

— É um prazer vê-lo também, Sr. Cataliades.

O nome dele era pronunciado Ka-TAL-ee-ah-deez e se tinha primeiro nome, eu não sabia. Sentada ao lado dele, havia uma moça bem jovem com cabelos ruivos brilhantes e espetados: sua sobrinha, Diantha.

Diantha usava as combinações mais estranhas e hoje ela se superara.

Talvez com um metro e cinquenta, magérrima, Diantha escolhera malhas de ginástica alaranjada, sapatos azuis, saia branca amassada e uma regata tingida. Ela era atordoante para os olhos.

Diantha não acreditava em respirar enquanto falava. Agora ela disse, — Bomtever.

— Igualmente – respondi, e já que ela não fez qualquer outro movimento, dei-lhe um aceno com a cabeça. Alguns sobrenaturais davam apertos de mão e outros não, então você tinha que ter cuidado. Virei para o outro passageiro. Com outro humano, achei estar num terreno mais firme, então estendi minha mão direita. Como se eu tivesse lhe oferecido um peixe morto, o homem estendeu a própria mão, depois de uma perceptível pausa. Ele apertou minha mão de um modo frouxo e retirou os dedos como se mal conseguisse se impedir de limpá-las nas calças.

— Srta. Stackhouse, este é Johan Glassport, um especialista em lei vampira.

— Sr. Glassport – falei educadamente, lutando para não me sentir ofendida.

— Johan, esta é Sookie Stackhouse, a telepata da rainha – disse o Sr.

Cataliades de modo cortês. O senso de humor do Sr. Cataliades era tão abundante quanto sua barriga. Havia um brilho em seus olhos mesmo agora.

Mas você tem que lembrar que a parte dele que não é humana — a maior parte do Sr. Cataliades — é demoníaca. Diantha era metade-demônio; seu tio era ainda mais.

Johan me examinou de alto a baixo brevemente, quase fungou de forma audível e voltou para o livro que tinha no colo. Nesse instante, a aeromoça começou a nos dar as instruções habituais e eu afivelei o cinto de segurança em minha poltrona. Logo depois, nós decolamos. Eu não tive a pontada de ansiedade, porque estava aborrecida demais com o comportamento de Johan Glassport.

Eu não acho que já tenha encontrado grosseria tão aparente.

O pessoal do norte da Louisiana podia não ter muito dinheiro, e havia uma taxa alta de gravidez adolescente e muitos outros tipos de problemas, mas por Deus, nós éramos educados.

Diantha disse, — Johan é idiota.

Johan não deu absolutamente nenhuma atenção àquela afirmação certeira, mas virou a página de seu livro.

— Obrigado, querida – disse o Sr. Cataliades. – Srta. Stackhouse, me coloque em dia com sua vida.

Fui me sentar do lado oposto ao trio.

— Não tenho muito que dizer, Sr. Cataliades. Recebi o cheque, como lhe escrevi contando. Obrigada por resolver os detalhes quanto ao imóvel de Hadley e, se reconsiderar e me mandar a conta, ficarei feliz em pagar. – Não exatamente feliz, mas estaria livre de uma obrigação.

— Não, criança. Era o mínimo que eu podia fazer. A rainha ficou feliz em expressar sua gratidão dessa forma, apesar daquela noite não ter se transformado no que ela planejou.

— Claro, nenhum de nós imaginou que terminaria daquele jeito. – Pensei na cabeça de Wybert voando pelo ar, cercado por uma névoa de sangue, e estremeci.

— Você é a testemunha – Johan disse inesperadamente. Ele enfiou um marcador no livro e o fechou. Os olhos pálidos, aumentados pelas lentes dos óculos, estavam fixos em mim. De cocô de cachorro em seu sapato eu me transformei em algo bem interessante e notável.

— Sim, eu sou a testemunha.

— Então nós devemos conversar, agora.

— Estou um pouco surpresa por você estar representando a rainha nesse julgamento tão importante e não ter vindo falar comigo antes – respondi num tom tão suave quanto possível.

— A rainha teve problemas em me contatar e tive que lidar com meus clientes anteriores – disse Johan. O rosto sem rugas não

mudou exatamente de expressão, mas pareceu um pouco mais tenso.

— Johan estava na cadeia – Diantha falou de forma muito clara e distinta.

— Oh, meu Deus – falei, realmente espantada.

Johan disse, — Obviamente, as acusações eram completamente infundadas.

— Claro, Johan – o Sr. Cataliades disse, sem nenhuma inflexão na voz.

— Ooh – falei. – Que acusações tão falsas foram essas?

Johan me fitou novamente, dessa vez com menos arrogância. — Fui acusado de atacar uma prostituta no México.

Eu não sabia muito a respeito das leis no México, mas parecia absolutamente incrível para mim que um americano pudesse ser preso no México por bater numa prostituta, se aquela era a única acusação. A não ser que ele tivesse um bocado de inimigos.

— Você tinha algo na mão quando bateu nela? – perguntei com um brilhante sorriso.

— Acredito que Johan tinha uma faca nas mãos – disse o Sr.

Cataliades, sério.

Senti meu sorriso desaparecer no mesmo instante.

— Você estava preso no México por esfaquear uma mulher – falei.

Quem era cocô de cachorro agora?

— Uma prostituta – ele corrigiu. – Foi a acusação, mas é claro que fui completamente inocentado.

— Claro – respondi.

— Não é o meu caso que está em questão agora, Srta. Stackhouse.

Meu trabalho é defender a rainha contra acusações muito sérias jogadas contra ela, e você é uma testemunha importante.

— Sou a única testemunha.

— Claro, da morte de fato.

— De fato, houve várias mortes.

— A única morte que interessa nessa conferência é a morte de Peter Threadgill.

Eu suspirei com a imagem da cabeça de Wybert e então falei, — Sim, eu estava lá.

Johan podia ser pior do que esgoto, mas sabia o que estava fazendo.

Tivemos uma sessão de longas perguntas e respostas que deixaram o advogado sabendo mais sobre o que havia acontecido do que eu, e estive lá.

O Sr. Cataliades ouviu com grande interesse e, de vez em quando, dava um esclarecimento ou explicava a planta do monastério da rainha para o advogado.

Diantha ouviu por um tempo, sentou-se no chão, jogou cartas por meia hora e então se reclinou em sua poltrona para dormir. A funcionária das Linhas Aéreas Anúbis apareceu e ofereceu bebidas e petiscos de vez em quando durante as três horas de voo para o norte e, depois que terminei minha sessão com o advogado, levantei para usar o toalete. Aquilo foi uma experiência; eu nunca estive num banheiro de avião antes.

Ao invés de voltar para meu lugar, caminhei pelo avião, dando uma olhada nos caixões. Havia uma etiqueta de bagagem em cada uma, presa às alças. Conosco no avião hoje estavam Eric, Bill, a rainha, Andre e Sigebert.

Também encontrei o caixão de Gervaise, que hospedava a rainha, e Cleo Babbitt, xerife da Área Três. A xerife da Área Dois, Arla Yvonne, foi deixada a cargo do estado enquanto a rainha estava fora.

O caixão da rainha era engastado com padrões em madrepérola, mas os outros eram bem simples. Eram todos de madeira polida: nada de metal moderno para esses vampiros.

Percorri com a mão o caixão de Eric, tendo arrepiantes imagens mentais dele deitado lá dentro, praticamente sem vida.

— A mulher de Gervaise seguiu na frente à noite com Rasul, para se certificar de que todos os preparativos da rainha estavam em ordem – a voz do Sr. Cataliades surgiu sobre meu ombro direito. Eu pulei e dei um gritinho que deixou o advogado civil da rainha vermelho. Ele riu um bocado.

— Movimento sorrateiro – respondi com a voz tão azeda quanto limão espremido.

— Você se perguntava onde estava o quinto xerife.

— Sim, mas talvez você esteja só um pouco equivocado.

— Não sou telepata como você, minha querida. Apenas acompanhava suas expressões faciais e linguagem corporal. Você contou os caixões e começou a ler as etiquetas.

— Então a rainha não apenas é a rainha, como também é xerife da própria área.

— Sim, elimina a confusão. Nem todos os governantes seguem esse padrão, mas a rainha acha aborrecido consultar constantemente outros vampiros quando quer fazer algo.

— Soa como a rainha. – Olhei para nossos acompanhantes. Diantha e Johan estavam ocupados; Diantha dormindo, Johan com seu livro. Imaginei se era um livro de dissecação com diagramas — ou talvez um relato dos crimes de Jack, o Estripador, com

fotografias das cenas dos crimes. Aquilo parecia ser algo do agrado de Johan.

— Como pode a rainha ter um advogado como ele? – perguntei numa voz tão baixa quanto pude manejar. – Ele parece realmente...

ordinário.

— Johan Glassport é um grande advogado e aceita pegar casos que outros advogados não pegam – disse o Sr. Cataliades. – E também é um assassino. Mas afinal, todos nós somos, não é? – Os olhos redondos e escuros fitaram diretamente os meus. Eu retribuí o olhar por um longo momento.

— Em defesa de minha própria vida ou da vida de alguém que amo, eu mataria um agressor – respondi, pensando antes de deixar cada palavra sair de minha boca.

— Que maneira diplomática de se expressar, Srta. Stackhouse. Não posso dizer o mesmo a meu respeito. Algumas das coisas que matei, eu fiz por puro prazer.

Oh, eca. Mais do que eu queria saber.

— Diantha adora caçar cervos, e ela matou pessoas em minha defesa.

Ela e a irmã até já derrubaram um ou dois vampiros velhacos.

Lembrei a mim mesma de tratar Diantha com mais respeito. Matar um vampiro era um empreendimento bem difícil. E ela jogava

cartas como um demônio.

— E Johan? – perguntei.

— Talvez seja melhor eu não falar sobre as pequenas predileções de Johan no momento. Ele não vai pisar fora da linha enquanto estiver conosco, afinal. Você ficou satisfeita com o trabalho de Johan ao instruí-la?

— É isso que ele está fazendo? Bom, sim, eu acho que sim. Ele foi bem minucioso se é isso que você quer.

— De fato.

— Pode me dizer o que esperar da conferência? O que a rainha deseja?

O Sr. Cataliades disse, — Vamos nos sentar e eu tentarei lhe explicar.

Durante a hora seguinte, ele falou e eu ouvi e fiz perguntas. Na hora em que Diantha se sentou e bocejou, eu me sentia um pouco mais preparada para todas as novidades que iria encarar na cidade de Rhodes.

Johan Glassport fechou seu livro e nos fitou, como se agora estivesse pronto para falar.

— Sr. Glassport, já esteve em Rhodes antes? – o Sr. Cataliades perguntou.

— Sim – o advogado respondeu. – Eu costumava advogar em Rhodes. De fato, viajava diariamente entre Rhodes e Chicago; vivi a meio caminho das duas cidades.

— Quando você foi ao México? – perguntei.

— Oh, há um ou dois anos atrás – respondeu. – Tive alguns desentendimentos de negócios com meus sócios por aqui e pareceu um bom momento para...

— Dar o fora da cidade? – ofereci, prestativa.

— Correr como o diabo? – Diantha sugeriu.

— Pegar o dinheiro e sumir? – disse o Sr. Cataliades.

— Todas as alternativas – disse Johan Glassport com um fraco traço de sorriso.

Capítulo 9

ERA O MEIO DA TARDE quando chegamos a Rhodes. Havia um caminhão da Anúbis esperando para descarregar os caixões e transportá-los para a Pirâmide de Gisé. Olhei pela janela da limusine durante cada segundo da viagem pela cidade e, apesar da presença dominante das cadeias de lojas que também víamos em Shreveport, não tive dúvidas de que estava num lugar diferente. Concreto vermelho pesado, tráfego, fileiras de casas, vislumbres do lago... eu tentava olhar em todas as direções de uma só vez. Então avistamos o hotel; era incrível. O dia não estava ensolarado o suficiente para iluminar as janelas cor de bronze, mas a Pirâmide de Gisé parecia impressionante de qualquer forma. Com certeza, ali estava o parque do outro lado das seis pistas que ferviam com o tráfego, e mais além o vasto lago.

Enquanto o caminhão da Anúbis estacionava nos fundos da Pirâmide para descarregar sua carga de vampiros e bagagens, a limusine parou em frente ao hotel. Enquanto nós criaturas diurnas saíamos do carro, eu não sabia o que olhar primeiro: as águas imensas ou a decoração da própria estrutura.

A entrada principal da Pirâmide era guarnecida por vários homens com uniformes marrom-e-bege, mas havia silenciosos seguranças também.

Havia duas elaboradas reproduções de sarcófagos colocados de pé, um de cada lado, na porta do saguão principal. Eles eram

fascinantes e eu teria adorado examiná-los, mas fomos conduzidos para dentro do edifício pelos funcionários. Um homem abriu a porta do carro, outro examinou nossas identidades para se certificar de que éramos hóspedes registrados — não repórteres humanos, curiosos ou fanáticos variados — e outro empurrou a porta do hotel para indicar que devíamos entrar.

Eu me hospedei num hotel vampiro antes, então já esperava os seguranças armados e a falta de janelas no térreo. A Pirâmide de Gisé não estava fazendo mais do que um esforço para parecer um hotel humano ao contrário do Silent Shore de Dallas; apesar de as paredes mostrarem murais imitando a arte das tumbas egípcias, o saguão brilhava com luz artificial e era horrivelmente animada com música de flauta — “A Garota de Ipanema”

num hotel vampiro.

O saguão era mais atarefado do que o do Silent Shore também.

Havia vários humanos e outras criaturas andando decididamente de um lado para outro e muita ação no balcão de check-in, alguns se aglomerando ao redor do balcão de boas-vindas colocado pelo anfitrião do ninho vampiro local. Certa vez, eu fui com Sam a uma convenção de fornecedores de bar em Shreveport, quando ele comprou um novo sistema hidráulico e reconheci o arranjo geral. Com certeza, em algum lugar, havia um salão de convenções com cabines e uma tabela com painéis ou demonstrações. Eu esperava que existisse um mapa do hotel, com todos os eventos e locais anotados, em nosso pacote de registro. Ou os vampiros eram arrogantes demais para ajuda mundana?

Não, havia uma planta emoldurada e iluminada do hotel para a conveniência dos hóspedes e das turnês programadas. Esse hotel era numerado em ordem reversa. O último andar, a cobertura, era de número 1.

O térreo, mais largo — o andar humano — era número 15. Havia um mezanino entre o andar humano e o saguão, e grandes salas de convenções no anexo do lado norte do hotel, o projeto retangular sem janelas que pareceu tão estranho na imagem da Internet.

Olhei as pessoas perambulando pelo saguão — camareiras, guarda-

costas, criados, mensageiros... Aqui estávamos nós, pequenos humanos trabalhadores, andando de um lado para outro a fim de preparar as coisas para os conferencistas morto-vivos (Eles podiam ser chamados assim, já que aquilo era considerado uma conferência? Qual a diferença?). Me senti um pouco amarga ao pensar em por que aquela era a ordem das coisas, quando alguns anos atrás, os vampiros eram quem perambulavam, só que num canto escuro onde podiam se esconder. Talvez aquele tivesse sido o modo mais natural. Me dei um tapa mental. Era melhor me associar à Irmandade se era assim que eu me sentia de verdade.

Eu notei os protestantes no parquinho do lado oposto da rua da Pirâmide de Gisé, que alguns dos cartazes chamavam de “A Pirâmide dos Esquisitos”.

— Onde estão os caixões? – perguntei ao Sr. Cataliades.

— Eles estão vindo pela entrada do subsolo – ele disse.

Havia um detector de metais na porta do hotel. Eu me esforcei para não olhar, quando Johan Glassport teve que esvaziar os bolsos. O detector ecoou uma sirene quando ele passou.

— Os caixões têm de passar pelo detector de metais também? – perguntei.

— Não. Nossos vampiros têm caixões de madeira, mas as alças são de metal e você não pode tirá-los de dentro para verificar seus bolsos por outros objetos de metal, então não faz qualquer sentido – o Sr. Cataliades respondeu, pela primeira vez soando impaciente. – Além disso, alguns vampiros escolheram os caixões de metal modernos.

— Os manifestantes do outro lado da rua – falei. – Eles me assustaram. E adorariam se esgueirar aqui para dentro.

O Sr. Cataliades sorriu, uma visão aterradora. — Ninguém vai entrar aqui, Srta. Sookie. Existem outros seguranças que você não pode ver.

Enquanto o Sr. Cataliades nos registrava, eu fiquei parada ao lado dele, olhando para as outras pessoas ao redor. Todos estavam muito bem vestidos e conversavam. Sobre nós. Me senti instantaneamente ansiosa ao perceber os olhares que recebíamos, e os pensamentos zumbindo de alguns hóspedes e funcionários vivos reforçaram esta ansiedade. Éramos a comitiva humana da rainha que foi uma das mais poderosas governantes vampiras da

America. Agora, ela não só estava enfraquecida economicamente como iria a julgamento pelo assassinato do marido. Eu podia ver por que os outros puxa-sacos estavam interessados — eu teria nos achado interessante — mas era desconfortável. Tudo em que conseguia pensar era como meu nariz devia estar brilhante e o quanto queria ter alguns instantes, sozinha.

O recepcionista verificou nossas reservas de modo muito lento e deliberado, como se quisesse nos manter em exibição no saguão por tanto tempo quanto possível. O Sr. Cataliades lidou com ele com sua habitual cortesia elaborada, apesar de até isso ser forçado após dez minutos.

Eu mantive uma distância discreta durante o processo, mas quando percebi que o recepcionista — uns quarenta anos, usuário ocasional de drogas, pai de três — só estava nos sacaneando por diversão, eu dei um passo à frente. Coloquei a mão sobre a manga do Sr. C para indicar que queria participar da conversa. Ele se interrompeu para virar um rosto interessado na minha direção.

— Entregue as chaves e nos informe onde estão nossos vampiros ou eu vou contar ao seu chefe que é você quem está vendendo itens da Pirâmide de Gisé no eBay. E se você subornar uma camareira para até mesmo tocar as calcinhas da rainha, muito menos roubá-las, eu mando Diantha atrás de você. – Diantha tinha acabado de voltar após arranjar uma garrafa de água. Ela prestativamente revelou os dentes afiados e pontudos num sorriso letal.

O recepcionista ficou branco e então vermelho, numa interessante manifestação de padrões de fluxo sanguíneo. — Sim, madame – ele gaguejou, e eu imaginei se ele molharia as calças. Após meu pequeno exame dentro de sua cabeça, eu não me importei.

Pouco tempo depois, nós tínhamos nossas chaves, uma lista dos locais de descanso de “nossos” vampiros e o carregador trazia a bagagem num daqueles carrinhos elegantes. Aquilo me lembrou de uma coisa.

“Barry”, falei mentalmente. “Você está aqui?”

“Sim”, disse uma voz bem diferente daquele tom vacilante que ouvi da primeira vez. “Sookie Stackhouse?”

“Sou eu. Acabamos de nos registrar. Estou no quarto 1538. Você?”

“Estou no 1576. Como está indo?”

“Bem, pessoalmente. Mas a Louisiana... tivemos o furacão e agora o julgamento. Imagino que tenha ouvido falar?”

“Sim. Você viu alguma ação.”

“Pode se dizer que sim”, respondi, imaginando se meu sorriso estava sendo revelado através da mente.

“Percebo alto e claro.”

Agora eu tinha uma pista de como as pessoas deviam se sentir quando me encaravam.

“Vejo você mais tarde”, falei a Barry. “Ei, qual é o seu sobrenome verdadeiro?”

“Você começou algo quando revelou meu dom”, ele respondeu.

“Meu nome verdadeiro é Barry Horowitz. Agora só me chamo Barry Bellboy[4]

“Okay. Estou ansiosa para visitá-lo.”

“É como estou registrado, caso esqueça o número do meu quarto.”

“Igualmente.”

Então eu e Barry voltamos nossas atenções para outras coisas, e aquela estranha sensação da comunicação de mente-para-mente se foi.

Barry foi o único outro telepata que já encontrei.

O Sr. Cataliades havia descoberto que os humanos — bom, os não-

vampiros — no grupo tinham sido colocados num quarto com outra pessoa.

Alguns dos vampiros tinham colegas de quarto também. Ele não ficou satisfeito ao descobrir que ia compartilhar um quarto com

Diantha, mas o hotel estava totalmente lotado, disse o recepcionista. Ele até pode ter mentido a respeito de outras coisas, mas aquilo era realmente verdade. Eu partilharia o quarto com o flerte de Gervaise e, ao deslizar o cartão magnético na porta, imaginei se ela estaria ali. Ela estava. Eu esperava por uma mulher igual àquelas vampirófilas que perambulavam pelo Fangtasia, mas Carla Danvers era outro tipo de criatura.

— Ei, garota! – ela disse, quando entrei. – Imaginei que logo estaria aqui quando trouxeram sua bagagem. Sou Carla, namorada de Gerry.

— Prazer em conhecê-la – respondi, apertando sua mão. Carla era uma rainha de baile de formatura. Talvez não tenha sido literalmente; talvez não tenha sido nem rainha de boas-vindas ao lar, mas com certeza esteve na corte. Carla possuía cabelos castanho-escuros na altura do queixo, grandes olhos castanhos e dentes tão retos e brancos que eram uma propaganda para seu ortodontista. Seus seios foram turbinados e as orelhas exibiam piercings, assim como seu umbigo. Ela tinha uma tatuagem na parte baixa das costas, algumas videiras pretas num padrão em V com algumas rosas e folhas verdes no meio. Pude ver tudo isso porque Carla estava nua, e ela parecia não ter a menor ideia de que sua nudez estava na categoria “informação demais” para ser apropriado para mim.

— Você e Gervaise estão juntos há muito tempo? – perguntei para camuflar o quanto me sentia desconfortável.

— Conheci Gerry, vejamos, há uns sete meses atrás. Ele disse que seria melhor para mim se tivesse um quarto separado, porque poderia ter que conduzir reuniões de negócios no quarto dele, sabe? Além disso, vou fazer compras enquanto estou aqui — terapia a varejo! Lojas de cidade grande! E eu queria um lugar para guardar minhas sacolas de compras sem que ele me pergunte quanto tudo custou. – Ela me deu uma piscadela que só posso dizer que foi marota.

— Okay – respondi. – Parece bom. – Na verdade não parecia, mas o programa de Carla dificilmente era da minha conta.

Minha mala esperava por mim numa estante, então abri e comecei a desfazê-la, notando que minha valise com os vestidos bons já estava no armário. Carla havia me deixado exatamente metade do espaço no armário e na gaveta, o que foi gentil. Ela trouxera vinte vezes mais roupas do que eu, o que tornava sua honestidade ainda mais notável.

— Você é namorada de quem? – Carla perguntou. Ela estava fazendo as unhas dos pés. Quando ela dobrou um joelho, a luz de cima cintilou sobre algo metálico entre suas pernas. Completamente embaraçada, eu me virei de costas para pendurar o vestido de noite no cabide.

— Estou saindo com Quinn – respondi. Lancei um olhar por sobre o ombro, mantendo-o para cima. Carla pareceu inexpressiva.

— O tigre – falei. – Ele está aqui organizando as cerimônias.

Ela pareceu um pouco mais receptiva.

— Sujeito grande, cabeça raspada – continuei.

O rosto se iluminou. — Ah, sim, eu o vi esta manhã! Ele estava tomando café no restaurante quando eu me registrei.

— Existe um restaurante?

— Sim, claro. Apesar de ser pequeno, é óbvio. E há serviço de quarto.

— Sabe, hotéis vampiros geralmente não possuem restaurante – falei, apenas para puxar assunto. Eu tinha lido um artigo a respeito na revista American Vampire.

— Oh. Bom, isso não faz nenhum sentido. – Carla terminou um pé e começou o outro.

— Não de um ponto de vista vampiro.

Carla franziu o cenho. — Eu sei que eles não comem. Mas as pessoas sim. E este é um mundo das pessoas, certo? É como não aprender inglês quando se emigra para a América.

Eu me virei para checar o rosto de Carla e ter certeza que ela falava a sério. Sim, ela falava.

— Carla – eu disse, e então parei. Não tinha ideia do que falar, como fazê-la entender que um vampiro de quatrocentos anos não liga muito para os planos de alimentação de uma humana de vinte

anos. Mas a garota esperava que eu terminasse. – Bom, é ótimo que exista um restaurante por aqui – disse, pouco convincente.

Ela concordou. — Sim, porque eu preciso do meu café pela manhã – respondeu. – Simplesmente não consigo viver sem. Claro, quando você sai com um vampiro, sua manhã tende a começar as três ou quatro da tarde. – Ela riu.

— Verdade – respondi. Terminei de desfazer as malas, então fui até a janela para espiar. O vidro era tão escuro que era difícil distinguir a paisagem, mas era visível. Eu não estava na parte do hotel onde se avistava o Lago Michigan, o que era uma pena, mas olhei os prédios que cercavam o lado oeste com curiosidade. Não via cidades com frequência, e nunca vi uma cidade do norte.

O céu estava escurecendo rápido, então entre isso e as janelas opacas eu não consegui ver muito após dez minutos. Os vampiros acordariam em breve, e meu turno de trabalho começaria. Apesar de manter um fluxo de conversa esporádico, Carla não perguntou qual era meu papel naquela conferência. Ela assumiu que eu estava ali como acompanhante. Por hora, aquilo estava bom para mim. Cedo ou tarde, ela descobriria qual era meu talento particular e então ficaria nervosa. Por outro lado, agora ela estava um pouco relaxada demais.

Carla estava se vestindo (graças a Deus) como o que achei ser uma “prostituta de luxo”. Ela usava um vestido de coquetel drapeado verde, quase ínfimo na parte de cima, sapatos apelativos e o que equivalia a uma calcinha transparente. Bem, ela tinha suas roupas de trabalho e eu as minhas. Não estava muito satisfeita comigo

mesma por julgar, e talvez estivesse com um pouco de inveja por minhas roupas de trabalho serem tão conservadoras.

Para esta noite, eu havia escolhido um vestido de renda marrom chocolate. Coloquei meus brincos de ouro grandes e calcei sapatos de salto baixo marrons, passei um pouco de batom e escovei muito bem os cabelos.

Guardando minha chave-cartão dentro da bolsinha de noite, segui para a recepção a fim de descobrir qual era a suíte da rainha, já que o Sr.

Cataliades disse para me apresentar lá.

Eu esperei topar com Quinn no caminho, mas não vi nem sinal dele.

Tendo uma colega de quarto comigo e Quinn tão ocupado o tempo todo, aquela conferência não prometia ser tão divertida quanto eu esperava.

O recepcionista no balcão empalideceu quando me viu e olhou ao redor para checar se Diantha estava comigo. Enquanto ele rabiscava o número do quarto da rainha num pedaço de papel com a mão trêmula, eu olhei ao redor com mais atenção.

Havia câmeras de segurança em alguns locais óbvios, apontados para as entradas principais e o balcão de registro. E achei ter visto um nos elevadores. Havia os habituais seguranças armados — habitual para um hotel vampiro, quero dizer. O grande apelo para qualquer hotel vampiro era a segurança e privacidade de

seus hóspedes. Do contrário, vampiros podiam ficar nos quartos especiais dos grandes hotéis (Até o Motel Six possuía um quarto vampiro em quase todas as suas filiais). Quando pensei nos protestantes lá fora, eu desejei de verdade que a equipe de segurança aqui na Pirâmide fosse competente.

Acenei com a cabeça para outra mulher humana ao cruzar o saguão até o conjunto central de elevadores. Os quartos ficavam mais elegantes quanto mais subia, percebi, já que havia poucos em cada andar. A rainha estava numa das suítes do quarto andar, desde que o reservara para este evento há um bom tempo, antes do Katrina — e provavelmente enquanto o marido ainda estava vivo. Havia apenas oito portas naquele andar, e eu não precisei ver o número para saber qual era o quarto de Sophie-Anne.

Sigebert estava parado na frente dela. Sigebert era um homem gigantesco.

Ele protegeu a rainha por centenas de anos, assim como Andre. O antigo vampiro parecia solitário sem o irmão, Wybert. Fora isso, ele parecia o mesmo velho guerreiro Anglo-saxão que foi desde a primeira vez em que o encontrei — barbado, físico de um javali selvagem, sem um ou dois dentes em lugares cruciais.

Sigebert sorriu para mim, uma visão aterrorizante. — Srta. Sookie – disse a propósito de cumprimento.

— Sigebert – respondi, pronunciando cuidadosamente “See-yabairt”.

– Você está bem? – Eu queria exprimir simpatia sem mergulhar em águas sentimentais demais.

— Meu irmão morreu como herói – Sigebert disse orgulhosamente. – Na batalha.

Pensei em dizer, Você deve sentir muita falta dele após mil anos.

Então decidi que isso soava exatamente como os repórteres perguntando aos pais de uma criança desaparecida, Como se sentem?

— Ele foi um grande lutador – falei em vez disso, e era exatamente o que Sigebert queria ouvir. Ele me deu um tapa no ombro, quase me derrubando no chão. Então seu olhar pareceu um pouco ausente, como se estivesse ouvindo um comunicado.

Suspeitei que a rainha pudesse falar com suas “crianças”

telepaticamente e, quando Sigebert abriu a porta para mim sem outra palavra, eu soube que era verdade. Fiquei contente por ela não poder falar comigo. Ser capaz de me comunicar com Barry era divertido, mas se andássemos juntos o tempo todo, com certeza enjoaria rápido. Além disso, Sophie-Anne era bem mais assustadora.

A suíte da rainha era luxuosa. Eu nunca vi nada igual. O carpete era branco e tão grosso quanto pele de carneiro. A mobília era estofada em tons dourados e azul-escuros. A janela inclinada

anexada à parede exterior era opaca. Eu tenho que dizer, a parede larga e escura me deixou nervosa.

No meio daquele esplendor, Sophie-Anne se encontrava esparramada num sofá. Pequena e extremamente pálida, com os cabelos castanhos brilhantes presos num coque, a rainha usava um conjunto de seda de cor framboesa com meias e sapatos de salto alto pretos. Suas joias eram de ouro, pesadas e simples. Sophie-Anne ficaria melhor se usasse um traje L.A.M.B. de Gwen Stefani mais apropriado à sua idade. Ela morreu como humana quando tinha uns quinze ou dezesseis anos. Na época dela, aquilo a tornava uma mulher adulta e mãe. Em nossa época, era uma rata de loja.

Para olhos modernos, as roupas eram velhas demais para ela, mas uma pessoa seria insana se lhe dissesse isso. Sophie-Anne era a adolescente mais perigosa do mundo, e o segundo mais perigoso estava atrás dela.

Andre se encontrava parado atrás de Sophie-Anne, como sempre.

Após me lançar um olhar minucioso e a porta se fechar atrás de mim, ele de fato sentou-se ao lado de Sophie-Anne, o que era algum tipo de sinal de que eu era membro do clube, acho. Andre e sua rainha estavam bebendo TrueBlood e pareciam rosados como resultado — quase humanos, na verdade.

— Como estão suas acomodações? – Sophie-Anne perguntou educadamente.

— Ótimas. Estou compartilhando o quarto com... a namorada de Gervaise – respondi.

— Com Carla? Por quê? – Suas sobrancelhas se levantaram como pássaros negros num céu claro.

— O hotel está lotado. Não é nada demais. Imagino que, de qualquer forma, ela fique com Gervaise na maior parte do tempo – falei.

Sophie-Anne disse, — O que você acha de Johan?

Senti meu rosto endurecer. — Acho que ele devia estar na cadeia.

— Mas ele vai me manter fora de lá.

Tentei imaginar como seria a cela de um vampiro, desisti. Não podia lhe oferecer nenhum reforço positivo quanto a Johan, então apenas concordei.

— Você ainda não está me dizendo o que percebeu nele.

— Ele está muito nervoso e conflitante.

— Explique.

— Ele está ansioso. Com medo. Está lutando com lealdades diferentes. Ele só quer sair dessa vivo. Não se importa com ninguém a não ser ele mesmo.

— Então como isso o torna diferente de qualquer outro humano? – Andre comentou. Sophie-Anne respondeu com uma contração no canto da boca. Esse Andre, que comediante.

— A maioria dos humanos não esfaqueia mulheres – respondi em voz tão baixa e calma quanto possível. – A maioria dos humanos não desfruta disso.

Sophie-Anne não era completamente indiferente à morte violenta que Johan Glassport infligiu, mas naturalmente estava um pouco mais preocupada com a própria defesa legal. Pelo menos, foi como eu a interpretei, mas com vampiros eu tinha que contar com linguagem corporal sutil ao invés do conhecimento certeiro direto de seus cérebros.

— Ele me defenderá, eu vou pagá-lo e então ele está por conta própria – ela disse. – Qualquer coisa poderá lhe acontecer daí por diante. – Ela me lançou um olhar resolvido.

Okay, Sophie-Anne, eu entendi.

— Ele a questionou minuciosamente? Você sentiu que ele sabia o que estava fazendo? – ela perguntou, voltando aos assuntos importantes.

— Sim, senhora – respondi rapidamente. – Ele parece ser realmente competente.

— Então ele compensará o problema.

Eu nem mesmo pisquei.

— Cataliades lhe disse o que esperar?

— Sim, madame, ele disse.

— Bom. Tanto quanto seu testemunho no julgamento, eu preciso que você compareça a todas as reuniões que incluam humanos comigo.

Aquele era o motivo pela qual ela estava me pagando uma fortuna.

— Ah, você tem alguma agenda das reuniões? – perguntei. – É só para estar preparada esperando, ter uma ideia de quando precisam de mim.

Antes que ela pudesse responder, houve uma batida na porta. Andre levantou e moveu-se para atender tão silenciosa e fluidamente que era possível jurar que ele era em parte felino. A espada estava em sua mão, embora eu não a tenha visto antes. A porta abriu só um pouco enquanto Andre a alcançava, e ouvi a voz estrondosa de Sigebert.

Após trocarem algumas frases, a porta se abriu por completo, e André disse, — O Rei do Texas, milady. – Havia apenas um toque de alegre surpresa em sua voz, mas era o equivalente a André dando cambalhotas no tapete. Essa visita era uma demonstração de apoio a Sophie-Anne, e todos os outros vampiros notariam.

Stan Davis entrou, acompanhado por um grupo de vampiros e humanos.

Stan era o nerd dos nerds. Ele era o tipo de sujeito que você verificava se possuía um protetor de bolso. Era possível notar as marcas de pente nos cabelos castanhos e seus óculos eram pesados e grossos. Eles também eram completamente desnecessários. Eu nunca conheci um vampiro que não tivesse excelente visão e audição precisa. Stan usava uma camisa branca com o logotipo da Sears e calças azul-marinho. E mocassins de couro marrom também. Uau, garoto. Ele era xerife quando o conheci e, agora que era o rei, mantinha o mesmo visual inofensivo.

Atrás de Stan veio seu sargento, Joseph Velasquez. Um hispânico baixo e robusto com cabelo espetado, Joseph nunca parecia sorrir. Ao seu lado estava uma vampira ruiva chamada Rachel; eu lembrava dela também, de minha viagem a Dallas. Rachel era uma selvagem e não gostava de cooperar nem um pouco com humanos. Seguindo os dois, Barry o Carregador parecia bonito em seu jeans de marca e uma camiseta de seda, com uma corrente de ouro discreta ao redor do pescoço. Barry havia amadurecido de modo quase assustador desde a última vez em que o vi. Era um rapaz bonito e desajeitado com uns dezenove anos quando o avistei pela primeira vez trabalhando como carregador no Hotel Silent Shore em Dallas. Agora Barry tinha as unhas feitas, um belo corte de cabelo, e os olhos cautelosos de alguém que esteve nadando na piscina dos tubarões.

Nós sorrimos um para o outro, e Barry disse, “Bom te ver. Está bonita, Sookie.”

“Obrigada, e igualmente, Barry.”

Andre estava dando os cumprimentos apropriados, que não incluíam apertos de mão.

— Stan, é um prazer vê-lo. Quem você trouxe para conhecermos?

Stan galantemente inclinou-se para beijar a mão de Sophie-Anne.

— Belíssima rainha – disse. – Este vampiro é meu segundo em comando, Joseph Velasquez. E esta vampira é minha irmã de ninho, Rachel.

O humano é o telepata Barry Bellboy. Indiretamente, tenho que agradecê-la por ele.

Sophie-Anne de fato sorriu. Disse, — Claro, sempre fico feliz por lhe fazer qualquer tipo de favor em meu poder, Stan. – Ela gesticulou para que ele se sentasse à sua frente. Rachel e Joseph posicionaram-se de ambos os lados. – É tão bom vê-lo aqui em minha suíte. Fiquei preocupada achando que não teria quaisquer visitantes (“Já que fui acusada de matar meu marido e também sofri um abalo econômico surpreendente”, era o subtexto).

— Estendo-lhe minhas simpatias – disse Stan com uma voz completamente inalterada. – As perdas em seu domínio foram extremas. Se pudermos ajudar... eu sei que os humanos de meu estado ajudaram os seus, e é apenas justo que os vampiros façam o mesmo.

— Obrigada por sua gentileza – ela disse. O orgulho de Sophie-Anne estava bem ferido. Ela teve que lutar para manter o sorriso no rosto. – Acredito que conheça Andre – continuou. – Andre, agora conhece Joseph.

E acredito que todos vocês conhecem nossa Sookie.

O telefone tocou e, já que eu estava mais perto, atendi.

— Estou falando com um membro da comitiva da Rainha da Louisiana? – uma voz brusca perguntou.

— Sim, está.

— Um de vocês precisa descer até a área de descarga para pegar uma mala que pertence ao seu grupo. Não conseguimos ler a etiqueta.

— Oh... está bem.

— Quanto antes melhor.

— Tudo bem.

Ele desligou. Okay, isso foi um pouco abrupto. Já que a rainha estava esperando que lhe dissesse quem tinha ligado, eu transmiti o pedido, e ela pareceu igualmente aturdida por um milésimo de segundo.

— Mais tarde – disse, descartando a ideia.

Nesse meio tempo, os olhos claros do Rei do Texas estavam concentrados em mim como raios laser. Inclinei a cabeça para ele, esperando que aquela fosse a resposta correta. Pareceu ser adequada. Eu teria apreciado algum tempo para discutir o protocolo com Andre antes de a rainha começar a receber convidados, mas sinceramente não havia esperado ninguém, muito menos um sujeito poderoso como Stan Davis.

Aquilo devia significar algo bom para a rainha, ou talvez fosse um insulto vampiro sutil. Com certeza eu descobriria.

Senti um toque de Barry em minha mente. “É bom trabalhar para ela?” Barry perguntou.

“Eu só a ajudo de vez em quando”, respondi. “Ainda tenho um emprego diurno.”

Barry me fitou surpreso. “Está brincando? Você podia estar faturando alto, se fosse para um bom estado como Ohio ou Illinois onde entra dinheiro de verdade.”

Eu dei de ombros. “Gosto do lugar onde eu moro”, respondi.

Então ambos percebemos que nossos empregadores vampiros observavam nossa silenciosa troca. Nossos rostos devem ter mudado de expressão, eu acho, como acontece durante uma conversa... exceto que ela foi silenciosa.

— Desculpem – falei. – Eu não quis ser grosseira. Apenas não vejo pessoas como eu com muita frequência, e é um prazer conversar com outro telepata. Peço perdão, madame, senhor.

— Eu quase pude ouvi-los – Sophie-Anne maravilhou-se. – Stan, ele tem sido útil?

Sophie-Anne podia conversar com suas próprias crianças mentalmente, mas devia ser uma habilidade tão rara entre vampiros quanto era entre humanos.

— Muito útil – Stan confirmou. – O dia em que sua Sookie me chamou a atenção para ele foi um dia muito bom para mim. Ele sabe quando os humanos estão mentindo; conhece seus motivos ocultos. É uma ferramenta maravilhosa.

Eu olhei para Barry, imaginando se ele já pensou em si mesmo como traidor da humanidade ou apenas um vendedor suprindo uma necessidade.

Ele encontrou meus olhos, o rosto rígido. Com certeza ele tinha conflitos por servir um vampiro, revelando segredos humanos para seu empregador.

Eu mesma lutava com a ideia de tempos em tempos.

— Hmmm. Sookie trabalha para mim apenas ocasionalmente. – Sophie-Anne me encarava e, se eu pudesse decifrar seu rosto liso, diria que estava pensativa. André meditava sobre algo por trás da fachada adolescente rosada, e era algo com a qual eu devia ter cuidado. Ele não estava somente pensativo, estava interessado; determinado, por falta de descrição melhor.

— Bill a levou para Dallas – Stan observou, não exatamente perguntando.

— Ele era protetor dela na época – disse Sophie-Anne.

Um breve silêncio. Barry me fitou esperançosamente, e eu lhe lancei um olhar de vai-sonhando. Na verdade, senti vontade de abraçá-lo, já que aquele pequeno intercâmbio interrompeu o silêncio e o transformou em algo com a qual eu podia lidar.

— Vocês realmente precisam de mim e de Barry por aqui, já que somos os únicos humanos e pode não ser tão produtivo se ficarmos apenas sentados lendo as mentes um do outro?

Joseph Velasquez de fato sorriu antes que pudesse se conter. Depois de um momento de silêncio, Sophie-Anne concordou, assim como Stan.

Rainha Sophie e Rei Stan, eu lembrei a mim mesma. Barry curvou-se numa reverência treinada, e senti vontade de mostrar a língua para ele. Fiz uma espécie de aceno e então disparei para fora do quarto.

Sigebert nos fitou com uma expressão questionadora. — A rainha não precisa de você? – perguntou.

— Agora não – respondi. Mostrei o pager que Andre havia me dado no último minuto. – O pager vai vibrar se ela precisar de mim – falei.

Sigebert olhou desconfiado para o aparelho. — Acho que é melhor vocês simplesmente ficarem por aqui – disse.

— A rainha disse que eu posso ir – falei.

E assim nós partimos, Barry seguindo logo atrás de mim. Pegamos o elevador e descemos até o saguão, encontrando um canto discreto onde ninguém podia nos pegar desprevenido ou bisbilhotar.

Eu nunca conversei com ninguém apenas através da mente, nem Barry, então brincamos com aquilo por um tempo. Barry me contou a história de sua vida enquanto eu tentava bloquear todos os outros cérebros ao redor; então tentei escutar todos ao mesmo tempo e Barry. Aquilo era realmente divertido.

Barry se mostrou melhor do que eu em descobrir quem pensava o quê entre a multidão. Eu era um pouco melhor em ouvir nuances e detalhes, o que nem sempre era algo fácil de perceber em pensamentos. Mas tínhamos algumas coisas em comum. Concordávamos sobre quem eram os melhores transmissores no salão; isto é, nossa “audição” era igual. Ele apontava para alguém (nesse caso minha colega de quarto, Carla) e ambos ouvíamos seus pensamentos, então dávamos uma nota de um a cinco, cinco sendo para o transmissor mais alto e claro. Carla era um três. Após aquela concordância, demos notas para outras pessoas e nos descobrimos reagindo quase como um só organismo. Okay, isso era interessante.

“Vamos tentar com o toque,” sugeri.

Barry nem mesmo lançou um olhar malicioso. Ele estava interessado também. Sem vacilar, ele pegou minha mão e olhamos para direções quase opostas. As vozes surgiram tão claras que era como se estivéssemos conversando em voz alta com todos no aposento, ao mesmo tempo. Era como aumentar o volume do DVD

com os agudos e baixos perfeitamente equilibrados. Era maravilhoso e assustador ao mesmo tempo. Embora não estivesse olhando para o balcão de recepção, eu ouvi claramente uma mulher perguntando sobre a chegada dos vampiros da Louisiana. Percebi minha própria imagem no cérebro do recepcionista, que sentiu prazer em me deixar em maus lençóis.

“Aí vem encrenca,” Barry me avisou.

Eu me voltei para encarar uma vampira avançando na minha direção com uma expressão nem um pouco agradável no rosto. Ela possuía olhos castanhos quentes, cabelos claros lisos, e era magra e mesquinha.

— Finalmente, alguém do grupo da Louisiana. O resto de vocês está se escondendo? Diga a sua amante cadela prostituta que vou pendurá-la na parede! Ela não vai escapar por assassinar meu rei! Eu a verei com uma estaca e exposta ao sol no telhado desse hotel!

Eu disse a primeira coisa que surgiu em minha cabeça, infelizmente.

— Guarde o drama para sua mãe – respondi como uma criança de onze anos. – E, a propósito, quem diabos é você?

Obviamente, aquela devia ser Jennifer Cater. Comecei a lhe dizer que o caráter do rei dela era realmente de baixo nível, mas eu gostava de minha cabeça sobre os ombros, e não precisaria de muito para levar aquela mulher ao limite. Ela me fuzilou com o olhar, isso eu posso dizer.

— Vou drená-la até secar – ela disse, asperamente. Estávamos atraindo um bocado de atenção naquele instante.

— Oooo – falei, exasperada além da razão. – Estou morrendo de medo. O tribunal não adoraria ouvi-la dizer isso? Corrija-me se estou errada, mas vampiros não estão impedidos — oh, sim — por lei de ameaçar humanos de morte, ou eu simplesmente ouvi errado?

— Como se eu desse a mínima para leis humanas – disse Jennifer Cater, mas o fogo estava diminuindo em seus olhos ao perceber que todo o saguão ouvia nossa conversa, inclusive vários humanos e provavelmente alguns vampiros que adorariam vê-la fora do caminho. – Sophie-Anne Leclerq será julgada pelas leis de nosso povo – disse Jennifer como despedida. – E será considerada culpada. Eu terei o Arkansas e o tornarei grandioso.

— Quero só ver – falei justificada. Arkansas, Louisiana e Mississippi eram três estados pobres próximos, para nossa mútua consternação. Todos se sentiam gratos uns pelos outros, porque nos revezávamos por último em quase todas as listas nos Estados Unidos: nível de pobreza, gravidez na adolescência, mortes por câncer, analfabetismo... nós frequentemente alternávamos as honras.

Jennifer afastou-se marchando, não querendo tentar uma revanche.

Ela era determinada e cruel, mas achei que Sophie-Anne podia manobrar Jennifer quando quisesse. Se fosse apostar numa das mulheres, eu colocaria meu dinheiro no cavalo francês.

Barry e eu encolhemos os ombros. Incidente encerrado. Unimos as mãos novamente. “Mais encrenca,” disse Barry, soando resignado.

Focalizei meu cérebro para onde ele estava apontando. Ouvi um tigre vindo em nossa direção numa pressa danada. Larguei a mão de Barry e girei com os braços já estendidos, meu rosto todo sorrindo.

— Quinn! – falei e, após um momento de incerteza, Quinn me pegou em seus braços. Abracei-o bem apertado e ele retribuiu tão enfaticamente que minhas costelas protestaram. Então ele me beijou e tive que recorrer a toda minha força de caráter para manter o beijo dentro dos limites sociais.

Quando nos afastamos para respirar, percebi Barry parado desajeitadamente há alguns passos de distância, incerto sobre o que fazer.

— Quinn, este é Barry Bellboy – falei, tentando não me sentir embaraçada. – Ele é o único outro telepata que conheço. Trabalha para Stan Davis, o Rei do Texas.

Quinn estendeu a mão para Barry, que agora percebi estar parado desajeitadamente por uma razão. Nós transmitimos muito graficamente.

Senti uma onda vermelha varrer minhas bochechas. A melhor coisa a fazer era fingir que não notei, é claro, e foi o que fiz. Mas

pude sentir um pequeno sorriso curvando os cantos de minha boca, e Barry parecia mais divertido do que zangado.

— Que bom conhecê-lo, Barry – Quinn murmurou.

— Você é o encarregado dos preparativos para as cerimônias? – Barry perguntou.

— Sim, sou eu.

— Ouvi falar a seu respeito – Barry disse. – O grande lutador. Você possui um bocado de fama entre os vampiros, cara.

Eu inclinei a cabeça. Não estava entendendo algo ali. — Grande lutador? – falei.

— Falo a respeito mais tarde – disse Quinn, e sua boca se fechou numa linha rígida.

Barry lançou um olhar para mim e Quinn. Seu próprio rosto enrijeceu, e fiquei surpresa ao notar aquela dureza em Barry. — Ele não te contou? – perguntou, e então leu a resposta direto de minha cabeça. – Ei, cara, isso não é certo – ele disse a Quinn. – Ela devia saber.

Quinn quase rosnou. — Contarei a ela em breve.

— Breve? – Os pensamentos de Quinn estavam cheios de agitação e violência. – Que tal agora?

Mas naquele momento, uma mulher cruzou o saguão em nossa direção. Ela era uma das mulheres mais assustadoras que já vi, e

eu tive minha cota de mulheres assustadoras. Provavelmente tinha 1,75m de altura, com cabelos bem pretos e encaracolados que envolviam sua cabeça, e segurava um elmo debaixo do braço. Combinava com sua armadura. A armadura em si, preta e lustrosa, parecia muito com o traje de um jogador de beisebol: um protetor para o peito, coxas e tornozelos, com o acréscimo de grossas braçadeiras de couro que se prendiam ao redor dos antebraços.

Ela usava botas pesadas também, e carregava uma espada, uma arma e uma pequena besta[5].

Eu só pude ficar de boca aberta.

presa ao coldre apropriado.

— Você é aquele que chamam de Quinn? – ela perguntou, parando a cerca de um metro de distância. Ela possuía um sotaque pesado e não consegui decifrar de onde era.

— Sou eu – disse Quinn. Notei que ele não pareceu tão assombrado quanto eu, diante da aparição daquele ser mortífero.

— Sou Batanya. Você está a cargo dos eventos especiais. Isso inclui a segurança? Desejo discutir as necessidades especiais de meu cliente.

— Achei que segurança fosse o seu trabalho – disse Quinn.

Batanya sorriu, e isso realmente faria seu sangue gelar. — Oh, sim, é meu trabalho. Mas protegê-lo seria mais fácil se...

— Não estou encarregado da segurança – ele disse. – Só cuido dos rituais e procedimentos.

— Tudo bem – ela disse, o sotaque transformando a frase casual em algo sério. – Então com quem eu falo?

— Um sujeito chamado Todd Donati. Seu escritório fica na ala dos funcionários, atrás do balcão de registro. Um dos recepcionistas pode lhe mostrar.

— Com licença – falei.

— Sim? – Ela olhou para mim por trás de um nariz reto, mas não pareceu hostil ou arrogante, apenas preocupada.

— Eu sou Sookie Stackhouse – respondi. – Para quem você trabalha, Srta. Batanya?

— O Rei do Kentucky – ela disse. – Ele nos trouxe para cá a um grande custo. Então é uma pena que não haja nada que eu possa fazer para evitar que seja morto, como as coisas estão agora.

— O que quer dizer? – Eu estava consideravelmente aturdida e alarmada. A guarda-costas parecia disposta a me dar ouvidos, mas fomos interrompidas.

— Batanya! – um jovem vampiro apressou-se em cruzar o saguão, o corte escovinha e o traje gótico todo preto parecendo completamente frívolo ao lado daquela mulher formidável. – O mestre diz que precisa de você ao lado dele.

— Estou indo – disse Batanya. – Conheço meu lugar. Mas tive que protestar pelo modo como o hotel está tornando meu trabalho muito mais difícil do que o necessário.

— Reclame por conta própria – disse o jovenzinho, rispidamente.

Batanya lançou-lhe um olhar que eu não gostaria de merecer. Então ela se inclinou para nós numa reverência, um de cada vez.

— Srta. Stack-house – ela disse, estendendo a mão para um aperto.

Eu não tinha percebido que mãos podiam ser caracterizadas como musculosas. – Sr. Quinn – Quinn recebeu o aperto também, enquanto Barry ganhou um aceno de cabeça, já que não havia se apresentado. – Ligarei para este Todd Donati. Desculpem-me por encher seus ouvidos, quando isso não é responsabilidade de vocês.

— Uau – falei, enquanto observava Batanya se afastar. Ela usava calças que pareciam couro líquido, e era possível ver as nádegas se flexionarem e relaxarem com seus movimentos. Era como uma lição de anatomia. Ela tinha músculos no traseiro.

— De que galáxia ela veio? – Barry perguntou, soando atordoado.

Quinn respondeu, — Galáxia não. Dimensão. Ela é uma Britlingen.

Nós esperamos por mais esclarecimentos.

— Ela é um guarda-costas, um super guarda-costas – explicou. – Britlingens são os melhores. Você tem que ser realmente rico para contratar uma bruxa que possa trazê-los, e a bruxa tem que negociar os termos com a corporação. Quando o trabalho terminar, a bruxa terá que mandá-los de volta. Não pode deixá-los aqui. Suas leis são diferentes. Bem diferentes.

— Você está me dizendo que o Rei do Kentucky pagou montanhas de dinheiro para trazer aquela mulher para esta... esta dimensão? – Eu ouvi um bocado de coisas inacreditáveis nos últimos dois anos, mas isso superou todas.

— É uma ação bem extrema. Pergunto-me do que ele tem tanto medo. Kentucky não está exatamente rolando em dinheiro.

— Talvez ele tenha apostado no cavalo certo – respondi, já que tinha minha própria realeza com que me preocupar. – E eu preciso falar com você.

— Docinho, eu tenho que voltar ao trabalho – Quinn disse em tom de desculpa. Ele lançou um olhar pouco amistoso para Barry. – Sei que precisamos conversar. Mas eu tenho que alinhar os jurados para o julgamento e organizar uma cerimônia de casamento. As negociações entre o Rei de Indiana e o Rei do Mississippi foram concluídas e eles querem atar o nó enquanto todos estão aqui.

— Russell está se casando? – Eu sorri. Imaginei se ele seria a noiva ou noivo, ou um pouco de cada.

— Sim, mas não conte a ninguém ainda. Eles vão anunciar esta noite.

— Então quando nós vamos conversar?

— Irei ao seu quarto quando os vampiros forem para a cama durante o dia. Onde você está?

— Eu tenho uma colega de quarto. – Dei o número do quarto mesmo assim.

— Se ela estiver lá, encontraremos outro lugar para ir – ele disse, olhando para o relógio. – Ouça, não se preocupe; está tudo bem.

Eu imaginei com o que devia estar preocupada. Imaginei onde ficava outra dimensão e quanta dificuldade existiria para trazer dois guarda-costas de lá. Imaginei por que alguém faria isso. Não que Batanya não parecesse totalmente eficaz; mas o esforço extremo que Kentucky fez com certeza parecia demonstrar medo extremo. Quem estava atrás dele?

Minha cintura zumbiu e percebi que estava sendo convocada para voltar à suíte da rainha. O pager de Barry tocou também. Trocamos um olhar.

“De volta ao trabalho,” ele disse, enquanto seguíamos para o elevador. “Desculpe se causei problemas entre você e Quinn.”

“Você não fez de propósito.”

Ele olhou para mim e teve a cortesia de parecer envergonhado. “Eu não acho. Construí uma imagem de como seria entre nós, e Quinn meio que se intrometeu em minha fantasia.”

“Ah... ah.”

“Não se preocupe — você não tem que pensar em algo para dizer. Era uma daquelas fantasias. Agora que estou com você de verdade, tenho que me ajustar.”

“Ah.”

“Mas eu não devia deixar meu desapontamento me transformar num imbecil.”

“Ah. Okay. Tenho certeza que Quinn e eu vamos resolver.”

“Então, eu mantive a fantasia escondida de você, hein?” Eu concordei vigorosamente. “Bom, pelo menos já é alguma coisa.”

Eu sorri para ele. “Todo mundo tem que ter uma fantasia,” respondi.

“Minha fantasia é descobrir onde Kentucky conseguiu dinheiro e quem ele contratou para trazer aquela mulher para cá. Ela não foi a coisa mais assustadora que você já viu?”

“Não,” Barry respondeu para minha surpresa. “A coisa mais assustadora que já vi... bom, não foi Batanya.” Então ele trancou a porta de comunicação entre nossos cérebros e jogou fora a chave.

Sigebert abriu a porta da suíte da rainha e voltamos ao trabalho.

Depois que Barry e seu grupo partiram, eu meio que acenei com a mão no ar para fazer a rainha saber que tinha algo a dizer, se ela quisesse ouvir. Ela e Andre discutiam os motivos de Stan para fazer uma visita tão significativa, e eles se interromperam em atitudes idênticas. Era simplesmente estranho. Suas cabeças estavam inclinadas no mesmo ângulo e, com a extrema palidez e imobilidade, era como ser vista por obras de arte esculpidas em mármore: Ninfa e Sátiro em Repouso, ou algo assim.

— Vocês sabem o que são Britlingens? – perguntei, balbuciando a palavra desconhecida.

A rainha assentiu. Andre apenas esperou.

— Eu vi uma – falei, e a cabeça da rainha sacudiu.

— Quem se deu ao trabalho de contratar um Britlingen? – Andre perguntou.

Eu lhes contei a história toda. A rainha parecia — bem, era difícil definir como ela parecia. Talvez um pouco preocupada, talvez intrigada, já que consegui acumular tantas novidades no saguão.

— Eu nunca imaginei o quanto seria útil ter uma serva humana – ela disse a Andre. – Outros humanos dirão qualquer coisa perto dela e até mesmo uma Britlingen falou livremente.

Andre talvez sentisse um pouco de inveja se o olhar em seu rosto dava alguma indicação.

— Por outro lado, não posso fazer nada a respeito disso – falei. – Só posso lhes contar o que ouvi, e dificilmente é informação confidencial.

— Onde Kentucky conseguiu o dinheiro? – disse Andre.

A rainha sacudiu a cabeça como se estivesse dizendo que não tinha pistas e realmente não se importava.

— Você viu Jennifer Cater? – ela me perguntou.

— Sim, madame.

— O que ela disse? – perguntou Andre.

— Ela disse que beberia meu sangue e a veria com uma estaca, exposta no telhado do hotel.

Houve um momento de total silêncio. Então Sophie-Anne disse, — Jennifer estúpida. Qual era aquela frase que Chester costumava usar? Ela está se achando demais. O que fazer...? Imagino se ela aceitaria uma mensagem minha?

Ela e Andre se olharam firmemente e eu decidi que ambos estavam tendo sua própria comunicação telepática.

— Imagino que ela tenha ocupado a suíte que Arkansas reservou – a rainha disse para Andre, e ele pegou o telefone para chamar a recepção.

Não foi a primeira vez que ouvi o rei ou rainha de um estado se referir como o próprio estado, mas parecia algo bem impessoal mencionar o antigo marido daquela forma, não importa se o casamento tivesse terminado violentamente.

— Sim – ele disse, após desligar.

— Talvez devêssemos lhe fazer uma visita – disse a rainha.

Ela e Andre se entregaram àquele silêncio que era uma forma de conversa. Provavelmente foi igual quando observaram a mim e Barry, imaginei.

— Ela irá nos receber, tenho certeza. Há coisas que ela quer dizer pessoalmente. – A rainha pegou o telefone, mas não como se fizesse isso todos os dias. Ela discou o número do quarto com os próprios dedos também. – Jennifer – ela disse, simpaticamente. Ela ouviu uma torrente de palavras das quais pude ouvir somente uma fração. Jennifer não soou mais feliz do que quando esteve no saguão.

— Jennifer, nós precisamos conversar. – A rainha pareceu muito mais charmosa e um bocado inflexível. Houve silêncio do outro lado da linha. – As portas não estão fechadas para discussão ou negociação, Jennifer – disse Sophie-Anne. – Pelo menos, minhas portas não estão. E quanto as suas? – Acho que Jennifer falou novamente. – Tudo bem, isso é ótimo, Jennifer. Desceremos daqui a um ou dois minutos. – A rainha desligou e permaneceu em silêncio por um longo instante.

Visitar Jennifer Cater, quando ela estava movendo um processo contra Sophie-Anne pelo assassinato de Peter Threadgill, realmente parecia uma má ideia para mim. Mas Andre assentiu com aprovação para Sophie-

Anne. Após a conversa dela com sua arquiinimiga, eu achei que seguiríamos para o quarto do grupo de Arkansas a qualquer momento. Mas talvez a rainha não estivesse tão confiante quanto parecia.

Ao invés de se aprontar energicamente para o confronto com Jennifer Cater, Sophie-Anne se moveu devagar. Deu a si mesma uma retocada extra, trocou os sapatos, procurou pelas chaves do quarto e assim por diante.

Então ela atendeu um telefonema sobre que tipo de cobrança do serviço de quarto para os humanos em seu grupo podia ser colocado na conta do hotel.

Então se passaram mais quinze minutos antes de deixarmos o quarto.

Sigebert surgiu pela porta da escadaria e tomou seu lugar com André, esperando pelo elevador.

Jennifer Cater e seu grupo estavam no sétimo andar. Não havia ninguém diante da porta dela: acho que ela não considerou ter seus próprios guarda-costas. Andre fez as honras ao bater na porta, e Sophie-Anne endireitou-se em expectativa. Sigebert se afastou, me dando um inesperado sorriso. Tentei não me esquivar.

A porta se abriu. O interior da suíte estava escuro. O cheiro que flutuou pela porta foi inconfundível.

— Bem – disse a Rainha da Louisiana animadamente. – Jennifer está morta.

Capítulo 10

— VÁ OLHAR – A RAINHA ME DISSE.

— O quê? Mas todos vocês são bem mais fortes do que eu! E estão menos assustados!

— E somos aqueles que ela está processando – Andre observou. – Nosso cheiro não pode estar lá. Sigebert, você deve ir ver.

Sigebert deslizou para a escuridão. Uma porta do outro lado se abriu, e Batanya apareceu.

— Sinto cheiro de morte – ela disse. – O que aconteceu?

— Ligamos antes de vir – falei. – Mas as portas já estavam destrancadas. Algo está errado lá dentro.

— Você não sabe o que é?

— Não, Sigebert está verificando – expliquei. – Estamos esperando.

— Deixe-me chamar minha assistente. Não posso deixar a porta de Kentucky desprotegida. – Ela se virou para chamar alguém na suíte. – Clovache! – Pelo menos, acho que é como se soletra, foi pronunciado como “Kloh-VOSH.”

Uma espécie de Batanya Junior surgiu — mesma armadura, mas em escala menor; mais jovem, cabelos castanhos, menos assustadora... mas ainda assim formidável.

— Faça um reconhecimento do lugar – Batanya ordenou e, sem uma única pergunta, Clovache sacou a espada e deslizou para dentro do apartamento como um sonho perigoso.

Todos nós esperamos prendendo a respiração — bom, de qualquer forma, eu prendi. Os vampiros não tinham fôlego para prender, e Batanya não parecia nem um pouco agitada. Ela se mudou para um local onde podia observar a porta aberta do aposento de Jennifer Cater e a porta fechada do Rei de Kentucky. Sua espada estava a postos.

O rosto da rainha parecia quase tenso, talvez até excitado; isto é, levemente menos inexpressivo do que o habitual. Sigebert saiu e sacudiu a cabeça sem uma palavra.

Clovache apareceu na porta.

— Todos mortos – ela comunicou a Batanya. Batanya esperou. – Por decapitação – Clovache elaborou. – A mulher estava, hã – ela pareceu estar contando mentalmente – em seis pedaços.

— Isso é ruim – a rainha disse ao mesmo tempo em que André disse, — Isso é bom.

Eles trocaram olhares exasperados.

— Algum humano? – perguntei, tentando manter a voz baixa porque não queria chamar a atenção, mas queria saber, e muito.

— Não, todos vampiros – respondeu Clovache, após receber permissão de Batanya. – Eu vi três. Eles estão se decompondo bem rápido.

— Clovache, vá e chame aquele Todd Donati. – Clovache entrou silenciosamente na suíte Kentucky e fez uma ligação que teve um efeito eletrizante. Dentro de cinco minutos, a área em frente ao elevador estava lotada de pessoas de todos os tipos, descrições e graus de experiência.

Um homem vestindo uma jaqueta marrom com Segurança escrito no bolso parecia ser o encarregado, então devia ser Todd Donati. Ele era um policial que se aposentara cedo, por causa do dinheiro que fazia protegendo e auxiliando os morto-vivos. Mas isso não significava que gostava deles.

Agora estava furioso por algo ter acontecido tão cedo na conferência, algo que provocaria mais trabalho do que era capaz de lidar. Ele tinha câncer, ouvi claramente, apesar de eu não ser capaz de distinguir que tipo. Donati queria trabalhar tanto quanto pudesse para dar sustento à família depois que se fosse, e estava ressentido com o estresse e a tensão que esta investigação causaria, a energia que seria drenada. Mas estava obstinadamente determinado a fazer seu trabalho.

Quando o chefe vampiro de Donati, o gerente do hotel, apareceu, eu o reconheci. Christian Baruch esteve na capa da Fang

(a versão vampira da People) há alguns meses atrás. Baruch nasceu na Suíça. Quando humano, ele projetou e dirigiu uma série de hotéis elegantes na Europa Ocidental.

Quando disse a um vampiro no mesmo ramo de negócios que se fosse “trazido” (não só para a vida de vampiro, mas para a América), poderia administrar hotéis excepcionais e lucrativos para um sindicato de vampiros, ele foi atendido de ambos os modos.

Agora Christian Baruch tinha vida eterna (se evitasse objetos de madeira pontudos) e o sindicato de hotéis vampiros estava nadando em dinheiro. Mas ele não era um cara ligado em segurança ou especialista no cumprimento da lei, e não era da polícia. Claro, ele podia decorar muito bem um hotel e dizer ao arquiteto quantas cabines um bar precisava, mas que bem faria nessa situação? O funcionário humano, aborrecido, fitou Baruch. Este usava um terno que parecia extraordinariamente maravilhoso, mesmo para olhos inexperientes como os meus. Eu tinha certeza que fora feito sob medida para ele e custara uma nota.

Fui empurrada pela multidão até estar pressionada contra a parede, perto de uma das portas — a suíte de Kentucky, eu percebi. Ainda não tinha aberto. As duas Britlingens teriam que proteger sua incumbência com cuidado extra com aquela multidão se aglomerando. A algazarra era notável. Eu estava ao lado de uma mulher com uniforme de segurança; era igual ao do ex-tira, mas ela não tinha que usar gravata.

— Você acha que deixar todas essas pessoas nesse espaço é uma boa ideia? – perguntei. Eu não queria dizer à mulher como

fazer seu trabalho, mas puxa. Ela nunca assistiu CSI?

Segurança Feminina me lançou um olhar sombrio. — O que você está fazendo aqui? – ela perguntou, como se aquilo provasse algo.

— Estou aqui porque estava com o grupo que encontrou os corpos.

— Bem, você só precisa ficar quieta e nos deixar fazer nosso trabalho. – Ela disse aquilo no tom mais arrogante possível.

— Que trabalho seria esse? Você não parece estar fazendo absolutamente nada – eu falei.

Okay, talvez eu não devesse ter dito aquilo, mas ela não estava fazendo algo. Pareceu-me que ela devia — Então ela me agarrou e jogou contra a parede, me algemando. Eu soltei uma espécie de ganido de surpresa.

— Não foi exatamente isso o que eu quis dizer – falei com alguma dificuldade, já que meu rosto estava sendo esmagado contra a porta do quarto.

Houve um profundo silêncio da multidão atrás de nós. — Chefe, eu tenho uma mulher aqui causando problema – disse Segurança Feminina.

Jaqueta Marrom lançou-lhe um olhar terrível, a propósito.

— Landry, o que você está fazendo? – disse uma voz masculina bem razoável. Era o tipo de voz que se usava com uma criança irracional.

— Ela estava me dizendo o que fazer – retrucou Segurança Feminina, mas percebi que sua voz perdia força mesmo enquanto falava.

— O que ela disse para você fazer, Landry?

— Ela perguntou o que todas essas pessoas faziam aqui, senhor.

— Essa não é uma pergunta válida, Landry?

— Senhor?

— Você não acha que devíamos estar dispersando algumas dessas pessoas?

— Sim, senhor, mas ela disse que estava aqui porque era do grupo que encontrou os corpos.

— Então, ela não devia ir embora.

— Correto. Senhor.

— Ela estava tentando ir embora?

— Não, senhor.

— Mas você a algemou.

— Ah.

— Tire as malditas algemas dela, Landry.

— Sim, senhor. – Landry era uma panqueca achatada agora, sem nenhum ar de sobra.

Para meu alívio, as algemas se foram e fui capaz de me virar. Eu estava tão zangada que podia ter derrubado Landry. Mas já que poderia ser algemada novamente, me segurei. Sophie-Anne e Andre abriram caminho através da multidão; na verdade, eles meio que derreteram diante dos dois.

Vampiros e humanos pareciam igualmente contentes por sair do caminho da Rainha da Louisiana e seu guarda-costas.

Sophie-Anne olhou meus pulsos, viu que não estavam machucados afinal, e diagnosticou corretamente que o pior ferimento foi em meu orgulho.

— Esta é minha funcionária – disse Sophie-Anne em voz baixa, aparentemente se dirigindo a Landry, mas certificando-se de que todos ali a ouviam. – Um insulto ou dano a esta mulher é um insulto ou dano a mim.

Landry não sabia quem diabos era Sophie-Anne, mas percebia poder quando via, e Andre era simplesmente assustador. Eles eram os dois adolescentes mais apavorantes do mundo, acredito.

— Sim, senhora, Landry irá se desculpar por escrito. Agora podem me contar o que aconteceu aqui há pouco? – Todd Donati

perguntou num tom bem razoável.

A multidão estava silenciosa e esperando. Procurei por Batanya e Clovache, e percebi que elas tinham desaparecido. De repente, Andre disse, — Você é o chefe da segurança? – disse numa voz bem alta, e enquanto o fazia, Sophie-Anne inclinou-se bem perto de mim para dizer, — Não mencione as Britlingens.

— Sim, senhor. – O policial passou a mão pelo bigode. – Sou Todd Donati, e este é meu chefe, Sr. Christian Baruch.

— Sou Andre Paul, e esta é minha rainha, Sophie-Anne Leclerq. Esta jovem mulher é nossa funcionária, Sookie Stackhouse. – Andre esperou pelo próximo passo.

Christian Baruch me ignorou. Mas ele deu a Sophie-Anne o olhar que eu daria a um assado que estava pensando em comprar para o jantar de domingo.

— Sua presença é uma grande honra para meu hotel – ele murmurou num pesado sotaque inglês, e eu vislumbrei a ponta de suas presas. Ele era bem alto, com um maxilar largo e cabelos escuros. Mas os olhos pequenos eram cinza árticos.

Sophie-Anne aceitou o cumprimento, apesar de suas sobrancelhas se juntarem por um segundo. Mostrar presas não era exatamente um modo sutil de dizer “Você abala meu mundo”. Ninguém falou. Bom, não por um longo e embaraçoso segundo. Então falei, — Vocês vão chamar a polícia ou não?

— Acho que devemos considerar o que temos que contar – disse Baruch com voz suave e sofisticada, zombando da humana caipira sulista que era eu. – Sr. Donati, pode ir ver o que há na suíte?

Todd Donati abriu caminho através da multidão sem qualquer sutileza. Sigebert, que guardava a porta aberta (por falta de algo melhor para fazer), afastou-se para deixar o humano entrar. O enorme guarda-

costas aproximou-se da rainha, parecendo mais feliz quando estava ao lado de sua governante.

Enquanto Donati examinava o que restou na suíte de Arkansas, Christian Baruch dirigiu-se à multidão. — Quantos de vocês vieram até aqui depois de ouvir que algo tinha acontecido? – Talvez umas quinze pessoas levantaram as mãos ou simplesmente assentiram. – Por favor, sigam até o bar Gole de Sangue no andar térreo, onde nossos garçons terão algo especial para todos vocês. – Os quinze se moveram bem rápido depois disso. Baruch conhecia seu pessoal sedento. Vampiros. Seja o que for.

— Quantos não estavam aqui quando os corpos foram descobertos? – disse Baruch, depois que o primeiro grupo partiu. Todos levantaram a mão, exceto nós quatro: eu, a rainha, Andre e Sigebert. – Todos vocês sintam-se livres para partirem – disse Baruch civilizadamente, como se estendesse um agradável convite.

E eles obedeceram. Landry hesitou e recebeu um olhar que a fez correr escada abaixo. A área ao redor do elevador central

parecia espaçosa agora, já que estava bem vazia. Donati voltou. Ele não parecia profundamente perturbado ou enojado, mas estava menos composto.

— Sobraram apenas pedaços deles agora. Mas há coisas por todo o chão; resíduos, acho que pode se chamar assim. Acho que havia três. Mas um deles está tão despedaçado que pode ser dois.

— Quem está registrado?

Donati recorreu a um aparelho eletrônico de bolso. — Jennifer Cater, do Arkansas. Esse quarto estava alugado para a delegação de vampiros do Arkansas. Os vampiros restantes.

A palavra “restante” provavelmente recebeu uma pequena ênfase extra. Donati definitivamente conhecia o histórico da rainha. Christian Baruch levantou uma sobrancelha grossa e escura.

— Eu conheço minha própria gente, Donati.

— Sim, senhor.

O nariz de Sophie-Anne pode ter franzido delicadamente de desgosto.

Sua própria gente, meu traseiro, dizia o nariz. Baruch tinha no máximo quatro anos de idade, como vampiro.

— Quem entrou para ver os corpos? – Baruch perguntou.

— Nenhum de nós – André respondeu imediatamente. – Não colocamos os pés na suíte.

— Quem colocou?

— A porta estava destrancada e sentimos o cheiro de morte. Em vista da situação entre minha rainha e os vampiros do Arkansas, nós achamos que seria imprudente entrarmos – disse Andre. – Mandamos Sigebert, o guarda-costas da rainha.

Andre simplesmente omitiu o exame de Clovache na suíte. Então Andre e eu tínhamos algo em comum: podíamos contornar a verdade com algo que não era exatamente uma mentira. Ele fez um trabalho de mestre.

Enquanto as perguntas continuavam — a maioria não respondidas ou impossíveis de responder — me encontrei imaginando se a rainha ainda teria que ser julgada agora que sua principal acusadora estava morta. Imaginei a quem pertencia o estado do Arkansas; era razoável assumir que o contrato de casamento deu alguns direitos à rainha no que dizia respeito às propriedades de Peter Threadgill, e eu sabia que Sophie-Anne precisava de cada tostão de lucro que pudesse reclamar, desde o Katrina. Ela ainda teria esses direitos sobre o Arkansas, já que Andre tinha matado Peter? Eu não havia pensado totalmente em quantas coisas pendiam sobre a cabeça da rainha nesta conferência.

Mas depois que terminei de me fazer todas essas perguntas, percebi que a questão mais imediata ainda tinha que ser resolvida. Quem matou Jennifer Cater e seus companheiros? (Quantos vampiros do Arkansas sobraram, após a batalha em Nova Orleans e o massacre de hoje?

O Arkansas não era um estado tão grande e possuía bem poucos centros populacionais.)

Fui lembrada do aqui e agora quando Christian Baruch chamou minha atenção. — Você é a humana que consegue ler mentes – disse tão subitamente que fiquei sobressaltada.

— Sim – respondi, porque eu estava cansada de dizer “senhor, senhora” para todo mundo.

— Você matou Jennifer Cater?

Eu não tive que fingir o espanto.

— Isso é me dar um bocado de crédito – falei. – Pensar que eu poderia derrotar três vampiros. Não, eu não a matei. Ela se aproximou de mim no saguão esta noite, falando besteira, mas foi a única vez em que a vi.

Ele pareceu um pouco surpreso, como se esperasse outra resposta ou talvez uma atitude mais humilde. A rainha deu um passo para ficar ao meu lado e Andre a imitou, então me vi rodeada por vampiros antigos. Que sentimento caloroso e aconchegante. Mas eu sabia que eles estavam lembrando ao hoteleiro que eu era a humana especial deles e não devia ser hostilizada.

Naquele momento bem oportuno, um vampiro surgiu pela porta das escadas e correu em direção à suíte da morte. Mas Baruch também foi rápido e lhe barrou o caminho, então o novo vampiro colidiu com ele e caiu no chão. O pequeno vampiro levantou-se num movimento tão rápido que meus olhos não perceberam e fez um

esforço desesperado para tirar Baruch da frente da porta. Mas o recém-chegado não conseguiu e finalmente afastou-se do hoteleiro. Se o vampiro menor fosse humano, ele estaria ofegando, como se seu corpo sacudisse com tremores de ação retardada.

Ele tinha cabelos castanhos escuros, barba curta e usava um terno, um velho e comum JCPenney. Ele parecia um cara normal até você ver os olhos arregalados e perceber que era algum tipo de lunático.

— É verdade? – ele perguntou em voz baixa e intensa.

— Jennifer Cater e seus companheiros estão mortos – Christian Baruch disse, não sem compaixão.

O homenzinho uivou, literalmente, e os pelos dos meus braços se eriçaram. Ele caiu de joelhos, o corpo oscilando para frente e para trás num arroubo de dor.

— Suponho que você seja um dos membros do grupo dela? – disse a rainha.

— Sim, sim!

— Então agora sou sua rainha. Eu lhe ofereço um lugar ao meu lado.

Os uivos pararam como se tivessem sido cortados por um par de tesouras.

— Mas você matou o nosso rei – disse o vampiro.

— Eu era a esposa de seu rei e, como tal, tenho o direito de herdar seu estado no caso de morte – disse Sophie-Anne, os olhos escuros parecendo quase benevolentes e luminosos. – E ele sem dúvida está morto.

— É o que está escrito no papel – o Sr. Cataliades murmurou em meu ouvido, e mal consegui reprimir um grito de espanto. Eu sempre achei que o que as pessoas diziam sobre homens grandes se movendo sorrateiramente era uma besteira total. Pessoas grandes se movem grande.

Mas o Sr. Cataliades se movia tão leve quanto uma borboleta, e eu não tinha ideia de que ele estava por perto até que falou comigo.

— No contrato de casamento da rainha? – eu consegui dizer.

— Sim – ele respondeu. – E o advogado de Peter de fato o examinou minuciosamente. O mesmo se aplicava no caso da morte de Sophie-Anne também.

— Suponho que haja várias cláusulas a respeito?

— Oh, só algumas. A morte tinha que ser testemunhada.

— Oh, céus. Sou eu.

— Sim, na realidade é. A rainha quer tê-la à vista e sob suas asas por uma razão muito boa.

— E as outras condições?

— Não poderia existir um segundo vampiro vivo no comando para tomar posse do estado. Em outras palavras, uma grande catástrofe teria que ocorrer.

— E agora aconteceu.

— Sim, parece que aconteceu – O Sr. Cataliades parecia bem satisfeito a respeito.

Minha mente rodava como uma daquelas gaiolas que lançavam números no bingo da feira.

— Meu nome é Henrik Feith – disse o pequeno vampiro. – E restaram apenas cinco vampiros no Arkansas. Sou o único aqui em Rhodes, e só estou vivo porque desci para reclamar sobre as toalhas do banheiro.

Eu tive que tapar minha boca para não rir, o que teria sido, digamos, inapropriado. O olhar de Andre permaneceu fixo no homem ajoelhado diante de nós, mas de algum modo ele estendeu a mão e me beliscou.

Depois disso foi fácil não rir. De fato, era difícil não gritar.

— O que havia de errado com as toalhas? – disse Baruch, completamente distraído por essa calúnia ao seu hotel.

— Jennifer sozinha usou três – Henrik começou a explicar, mas esse fascinante atalho foi cortado quando Sophie disse: — Basta. Henrik, venha conosco até minha suíte. Sr. Baruch, estaremos

ansiosos para receber atualizações a respeito dessa situação. Sr. Donati, o senhor pretende chamar a polícia de Rhodes?

Foi cortês da parte dela se dirigir a Donati, como se ele de fato pudesse fazer alguma coisa. Donati respondeu:

— Não, senhora, essa parece ser uma questão entre vampiros para mim. Não há corpos para examinar agora, não há imagens já que não existe câmera de segurança na suíte e se olharem para cima... – Todos nós olhamos, é claro, para o canto do corredor. – Vocês irão notar que alguém acertou com precisão uma goma de mascar sobre a lente da câmera de segurança. Ou talvez, se foi um vampiro, ele pulou e plantou o chiclete na lente. Obviamente, eu vou rever as fitas, mas como um vampiro consegue pular rápido, pode ser impossível determinar quem é o indivíduo. No momento, não há nenhum vampiro no esquadrão de homicídios da força policial de Rhodes, então não tenho certeza se existe alguém que possamos chamar. A maioria dos policiais humanos não irá investigar um crime dessa natureza, a não ser que tenha um parceiro vampiro para lhe dar cobertura.

— Não consigo pensar em mais nada que possamos fazer aqui – disse Sophie-Anne, exatamente como se não pudesse se importar menos. – Se não precisam mais de nós, iremos para a cerimônia de abertura. – Ela olhara para o relógio algumas vezes durante essa conversa. – Mestre Henrik, se estiver disposto, venha conosco. Se não estiver, o que obviamente entenderíamos, Sigebert o levará até minha suíte onde deve permanecer.

— Gostaria de ir para um lugar tranquilo – disse Henrik Feith. Ele parecia um filhotinho surrado. Sophie-Anne acenou para Sigebert, que não pareceu feliz com suas ordens. Mas tinha que obedecer, claro, então ele se foi com o pequeno vampiro que era um quinto de tudo que restara dos morto-vivos do Arkansas.

Eu tinha tanto em que pensar que meu cérebro deu um tempo. Justo quando acreditei que nada mais podia acontecer, o elevador subiu e as portas se abriram para permitir a saída de Bill. Ele não chegou tão dramaticamente quanto Henrik, mas fez uma entrada definitiva. Ele parou de repente e avaliou a situação. Vendo que todos nós estávamos ali calmos, ele se recompôs e disse, — Ouvi falar que houve problemas? – ele se dirigiu a ninguém em particular, então qualquer um poderia lhe responder.

Eu estava cansada de pensar nele como Sem Nome. Inferno, era Bill.

Podia detestar cada molécula de seu corpo, mas ele estava inegavelmente ali. Imaginei se os Lobis realmente conseguiam manter o renegado fora do radar, e como eles lidavam com isso. Eu não estava me saindo muito bem.

— Há problemas – disse a rainha. – Apesar de eu não entender qual a finalidade de sua presença.

Eu nunca vi Bill parecer envergonhado, mas ele estava agora. — Peço desculpas, minha rainha – disse. – Se precisar de mim para algo, estarei de volta ao meu estande no salão de convenções.

Num silêncio gelado, as portas do elevador se fecharam, bloqueando o rosto e as formas de meu primeiro amante. Era possível que Bill estivesse tentando mostrar que se importava comigo ao aparecer com tanta rapidez quando devia estar fazendo negócios para a rainha em outro lugar. Se essa demonstração era para amolecer meu coração, ela fracassou.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudá-lo em sua investigação?

– Andre perguntou a Donati, embora suas palavras realmente visassem Christian Baruch. – Já que a rainha é herdeira legal do Arkansas, estamos prontos para ajudar.

— Eu não esperaria nada menos de tão linda rainha, também reconhecida por sua astúcia comercial e tenacidade. – Baruch inclinou-se para a rainha.

Até Andre pestanejou diante do cumprimento convoluto, e a rainha lançou um olhar oblíquo a Baruch. Eu mantive os olhos fixos numa folhagem e o rosto absolutamente inexpressivo. Estava em perigo de rir.

Aquilo era bajulação numa escala que eu nunca encontrei. Realmente parecia não haver nada mais a dizer e, num silêncio submisso, entrei no elevador com os vampiros e o Sr. Cataliades, que permaneceu extraordinariamente quieto.

Assim que as portas se fecharam, ele disse, — Minha rainha, você deve se casar de novo imediatamente.

Deixe-me dizer, Sophie-Anne e Andre tiveram uma reação e tanto àquela bomba; seus olhos se arregalaram por um segundo inteiro.

— Case-se com qualquer um; Kentucky, Florida, eu acrescentaria até Mississippi, se ele não estivesse negociando com Indiana. Mas você precisa de uma aliança, alguém letal para lhe dar apoio. Do contrário, chacais como esse Baruch irão rodeá-la, uivando por sua atenção.

— Mississippi está fora do páreo, felizmente. Não acho que conseguiria suportar todos os homens. De vez em quando, é claro, mas não centenas deles dia sim, dia não – disse Sophie-Anne.

Foi a coisa mais natural e desprotegida que já ouvi ela dizer. Ela soou quase humana. Andre estendeu a mão e apertou o botão para deter o elevador entre os andares.

— Eu não aconselharia Kentucky – ele disse. – Alguém que precisa de Britlingens já tem problemas suficientes.

— Alabama é adorável – Sophie-Anne disse. – Mas ela gosta de algumas coisas na cama que eu desaprovo.

Eu estava cansada de estar no elevador e também ser considerada parte do cenário.

— Posso fazer uma pergunta? – falei.

Após um momento de silêncio, Sophie-Anne concordou.

— Como consegue manter suas crianças com você, e ir para a cama com elas, quando a maioria dos vampiros é incapaz de fazer isso? Não devia ser um relacionamento a curto prazo, criador e criança?

— A maioria das crianças vampiras não fica com seus criadores após um certo tempo – Sophie-Anne concordou. – E existem poucos casos de crianças que ficaram com seu criador tanto quanto Andre e Sigebert tem estado comigo. Essa proximidade é meu dom, meu talento. Cada vampiro possui um dom: alguns podem voar, outros têm habilidades especiais com a espada. Eu consigo manter minhas crianças comigo. Podemos conversar uns com os outros, assim como você e Barry. Podemos nos amar fisicamente.

— Se é assim, por que você simplesmente não nomeia Andre o Rei do Arkansas e casa com ele?

Houve um silêncio longo e total. Os lábios de Sophie-Anne se abriram algumas vezes, como se estivesse prestes a me explicar por que aquilo era impossível, mas em todas as ocasiões ela fechou de novo. Andre me encarou com tal intensidade que esperei ver dois pontos em meu rosto começarem a fumegar. O Sr. Cataliades parecia somente chocado, como se um macaco tivesse começado a falar com ele em versos iâmbicos.

— Sim – disse Sophie-Anne finalmente. – Por que não faço isso? Ter meu querido amigo e amante como rei e esposo. – Num piscar de olhos, ela parecia positivamente radiante. – Andre, o único inconveniente é que você terá que passar algum tempo longe de

mim quando voltar ao Arkansas para cuidar das questões de estado. Minha criança mais velha, você está disposto?

O rosto de Andre se transformou de amor. — Por você, qualquer coisa – disse.

Testemunhamos um momento Kodak. Na verdade, me senti um pouco sufocada. Andre apertou o botão novamente e nós descemos.

Embora eu não seja imune ao romance — longe disso — em minha opinião, a rainha precisava se concentrar em descobrir quem matou Jennifer Cater e o resto dos vampiros do Arkansas. Ela precisava interrogar Homem Toalha, o vampiro sobrevivente — Henrik qualquer coisa. Ela não precisava perambular por aí em encontros e saudações. Mas Sophie-Anne não me perguntou o que eu achava, e ofereci ideias suficientes para o dia.

O saguão estava abarrotado. Mergulhado nessa turba, meu cérebro normalmente se sobrecarregaria a não ser que eu realmente tomasse cuidado. Mas quando a maioria dos seres com cérebros eram vampiros, eu tinha um saguão cheio de nada, com apenas uma leve agitação dos cérebros de alguns humanos bajuladores. Observar toda a movimentação e não ouvir muito era estranho, como ver as asas dos pássaros batendo e ainda assim não ouvir o movimento. Eu estava definitivamente trabalhando agora, então me agucei e perscrutei os indivíduos que possuíam circulação sanguínea e pulsação.

Um bruxo, uma mulher. Um amante/doador de sangue — em outras palavras, um vampirófilo, mas de alta-classe. Quando o rastreei visualmente, vi um belo rapaz usando trajes apertados que realçavam seus encantos, e orgulhoso disso. Parado ao lado do Rei do Texas estava Barry o Carregador: fazendo seu trabalho assim como eu. Segui alguns funcionários do hotel tratando de seus afazeres. As pessoas nem sempre pensam coisas interessantes como, “Esta noite estou envolvido numa conspiração para assassinar o gerente do hotel” ou algo assim, mesmo que seja verdade. Elas pensam coisas como, “O quarto no 11º precisa de sabonete, a suíte do oitavo andar tem um aquecedor que não funciona, o carrinho do serviço de quarto no 4º andar precisa ser removido...”

Então, eu me deparei com uma prostituta. Agora, ela era interessante.

A maioria das piranhas que eu conheci era do tipo amador, mas esta mulher era uma profissional dedicada. Fiquei curiosa o suficiente para fazer contato visual. Ela era bem atraente no quesito rosto, mas nunca teria sido candidata a Miss América ou mesmo rainha da primavera — definitivamente não fazia o tipo garota da vizinhança, a não ser que você morasse na zona de meretrício. Os cabelos platinados eram revoltos, num penteado pós-

cama, e ela tinha olhos castanhos bem oblíquos, bronzeado total, seios turbinados, brincos grandes, saltos altos, batom brilhante, um vestido vermelho todo drapeado — não se podia dizer que ela não fazia propaganda.

Ela acompanhava um homem que foi transformado em vampiro quando tinha uns quarenta anos. Ela se agarrava ao braço dele como se não conseguisse andar sem ajuda, e imaginei se os saltos agulha eram os responsáveis ou se agarrava porque ele gostava.

Eu estava tão interessada nela — ela projetava sua sexualidade tão fortemente, era uma prostituta tão assumida — que deslizei através da multidão para rastreá-la mais de perto. Concentrada em meu objetivo, não pensei que me notaria, mas ela pareceu sentir meus olhos e checou por sobre o ombro ao ver minha aproximação.

O homem que estava com ela conversava com outro vampiro, e ela não precisava se mostrar submissa naquele instante, então teve tempo de me encarar com uma suspeita aguda. Parei a alguns metros de distância para ouvi-la por pura curiosidade mórbida.

Garota esquisita, não é uma de nós, ela o quer? Pode ficar; não suporto aquela coisa que ele faz com a língua, e depois de transar comigo vai querer que eu transe com ele e aquele outro cara — céus, eu tenho energia de sobra? Talvez ela pudesse ir embora e parar de me encarar?

— Claro, desculpe – falei envergonhada, e mergulhei no meio da multidão. Em seguida me aproximei dos garçons contratados pelo hotel, que estavam ocupados circulando pelo salão com bandejas de taças com sangue e até alguns drinques para os poucos humanos ao redor. Os garçons estavam todos preocupados em se esquivar do pessoal aglomerado, sem derramar bebidas ou atingir costas e pés, coisas assim.

Barry e eu trocamos um aceno de cabeça e peguei um pensamento solto que tinha o nome de Quinn embutido, então segui aquela trilha até descobrir que levava a uma funcionária da E(E)E. Eu soube disso porque ela usava uma camiseta da empresa. Essa jovem era uma moça de cabelos bem curtos e pernas bem longas. Ela estava conversando com um dos garçons e definitivamente era uma conversa unilateral. Numa multidão impecavelmente bem-vestida, os jeans e tênis dessa mulher se destacavam.

— ...e um engradado de refrescos gelados – ela dizia. – Uma bandeja de sanduíches e alguns salgadinhos. Okay? No salão de bailes, em uma hora. – Ela se virou abruptamente e ficou cara a cara comigo. Ela me examinou de alto a baixo e ficou pouco impressionada.

— Está saindo com um dos vampiros, loira? – ela perguntou. Sua voz era áspera aos meus ouvidos, um acento bem distinto do norte.

— Não, eu estou saindo com Quinn – falei. – Loira também. – Apesar de eu ser naturalmente loira. Bom, natural com ajuda. O cabelo daquela garota parecia palha... se palha tinha raízes escuras. Ela não gostou daquilo, embora eu não tivesse certeza de que parte a desagradou mais.

— Ele não disse que tinha uma nova mulher – ela disse e, obviamente, foi do modo mais ofensivo possível.

Me senti livre para mergulhar em sua cabeça e encontrei ali uma profunda afeição por Quinn. Ela não considerava nenhuma

mulher digna dele. Achava que eu era uma garota sulista atrasada que se escondia atrás de homens. Já que isso era baseado em nossa conversa de menos de sessenta segundos, eu podia desculpá-la por estar errada. Podia desculpá-la por amar Quinn. Não podia perdoar seu completo desprezo.

— Quinn não precisa lhe dar informações pessoais – respondi. O que eu realmente queria era lhe perguntar onde estava Quinn agora, mas isso definitivamente daria vantagem a ela, então resolvi guardar a pergunta para mim mesma. – Se me der licença, eu tenho que voltar ao trabalho e imagino que você também.

Seus olhos escuros faiscaram e ela se afastou. Ela era pelo menos dez centímetros mais alta do que eu e bem magra. Não se incomodou em vestir um sutiã e possuía seios pequenos como ameixas que balançavam de modo chamativo. Aquela era uma garota que sempre queria ficar por cima. Eu não fui a única pessoa que a observou no salão. Barry trocara sua fantasia a meu respeito por outra novinha em folha.

Voltei para perto da rainha porque ela e André seguiam do vestíbulo para o salão de convenções. As largas portas duplas estavam escoradas por um belo par de urnas que continham enormes arranjos de ervas secas.

Barry disse, “Você já esteve numa convenção de verdade, uma normal?”

“Não,” respondi, tentando ao mesmo tempo examinar a multidão ao redor. Me perguntei como os agentes do Serviço

Secreto conseguiam.

“Bom, eu fui com Sam numa convenção para suprimentos de bar, mas só por algumas horas.”

“Todos usavam crachá, certo?”

“Se você pode chamar de crachá um negócio num cordão ao redor do pescoço, sim.”

“É para que os funcionários da porta possam ter certeza de que você pagou por sua entrada, e para que pessoas desautorizadas não entrem.”

“Sim, e daí?”

Barry ficou em silêncio. “Então, você vê alguém com um crachá? Vê alguém checando?”

“Ninguém a não ser nós. E o que nós sabemos? A prostituta pode ser uma espiã disfarçada dos vampiros do norte. Ou algo pior,” acrescentei mais sóbria.

“Eles estão acostumados a serem os mais fortes e mais assustadores,” disse Barry. “Podem até temer uns aos outros, mas não temem seriamente os humanos, não quando estão juntos.”

Eu entendi o que ele quis dizer. As Britlingens já tinham despertado minha preocupação, e agora eu estava ainda mais ansiosa. Então voltei a olhar para as portas do hotel. Estavam sendo guardadas por vampiros armados, ao invés de humanos, agora que

estava escuro. O balcão de recepção também tinha funcionários vampiros usando o uniforme do hotel, e esses vampiros verificavam cada pessoa que entrava pela porta. Esse edifício não era tão negligentemente protegido quanto parecia. Eu relaxei e decidi verificar os estandes no salão de convenções.

Havia um estande de próteses com presas que podiam ser implantadas; vinham em marfim natural, prata ou ouro, e as mais caras eram retráteis que funcionavam com um minúsculo motor quando sua língua pressionava um botão na boca. — Indistinguíveis dos verdadeiros – um velho assegurava a um vampiro de barbas longas e tranças. — E afiados, oh céus, sim! – Eu não conseguia imaginar quem iria querer um par. Um vampiro com dente quebrado? Um candidato a vampiro que queria fingir? Um humano procurando por um pouco de faz de conta?

O estande seguinte vendia CDs de música de várias épocas históricas, como Canções Folclóricas Russas do Século Dezoito ou Música de Câmara Italiana, os Primeiros Anos. Estava faturando bem. As pessoas sempre gostavam de música de sua época, mesmo se a época fosse de séculos atrás.

O próximo estande era de Bill e tinha um grande cartaz pendurado acima das “paredes” temporárias do anexo. IDENTIFICAÇÃO VAMPIRA, dizia simplesmente. RASTREIE QUALQUER VAMPIRO, EM QUALQUER LUGAR A QUALQUER HORA. TUDO QUE PRECISA É UM SERVIÇAL USUÁRIO DE COMPUTADORES, dizia um cartaz menor. Bill conversava com uma vampira que lhe estendia o cartão de crédito, e Pam enfiava um

estojo de CD numa sacolinha. Pam percebeu meu olhar e piscou. Ela vestia um traje de odalisca falso que eu teria imaginado que ela se recusaria a usar. Mas Pam de fato estava sorrindo.

Talvez estivesse desfrutando a mudança na rotina.

EDITORA FELIZ ANIVERSÁRIO APRESENTA: CALDO SANGUINÁRIO PARA A ALMA era o cartaz da próxima cabine, onde uma vampira entediada e solitária se encontrava sentada com uma pilha de livros diante dela.

A exposição seguinte tomava um grande espaço e não precisava de explicações. — Você definitivamente deve substituir – um vendedor sério dizia a uma vampira negra de cabelos trançados com milhares de fitas coloridas. Ela ouvia atentamente, olhando uma das amostras em miniatura de caixões abertos na frente dela. – Certamente, madeira é biodegradável e tradicional, mas quem precisa disso? Seu caixão é seu lar, é o que meu pai sempre dizia.

E havia outros, inclusive um para a Eventos (Extremamente)

Elegantes. Aquela era uma mesa larga com vários catálogos de preços e álbuns de fotos abertos para chamar a atenção dos transeuntes. Eu estava prestes a checar quando notei que o estande estava sendo “tripulado” pela Srta. Arrogante de Pernas Compridas. Eu não queria falar com ela novamente, então fiquei perambulando, embora nunca perdesse a rainha de vista. Um dos garçons humanos estava admirando o traseiro de Sophie-

Anne, mas decidi que isso não era punível com morte, então ignorei.

Naquele momento, a rainha e Andre encontraram os xerifes Gervaise e Cleo Babbitt. Gervaise era um homem de rosto largo e estatura baixa, talvez um metro e setenta. Ele parecia ter uns trinta e cinco anos, embora fosse fácil acrescentar uma centena de anos a isso e estar mais próximo de sua idade real. Gervaise teve que carregar o fardo de manter e distrair Sophie-Anne nas últimas semanas, e o desgaste era visível. Ouvi dizer que ele era famoso pelos trajes sofisticados e estilo jovial. Na única vez em que o vi antes, os cabelos claros estavam penteados tão lisos quanto vidro na cabeça lustrosa e redonda. Agora ele definitivamente estava desgrenhado.

O belo terno precisava ir para a tinturaria e os sapatos precisavam ser engraxados. Cleo era uma mulher robusta com ombros largos, cabelos pretos como carvão e um rosto grande com lábios cheios. Cleo era moderna o suficiente para querer usar o sobrenome; ela era vampira há apenas cinquenta anos.

— Onde está Eric? – Andre perguntou aos outros xerifes.

Cleo riu, o tipo de risada profunda que fazia os homens olharem.

— Ele foi recrutado – disse. – O sacerdote não apareceu e Eric tem um curso, então ele tomará seu lugar.

Andre sorriu. — Isso é algo para se ver. Qual é a ocasião?

— Será anunciado em um segundo – disse Gervaise.

Imaginei que tipo de igreja teria Eric como sacerdote. A Igreja dos Altos Lucros? Fui até o estande de Bill e atraí a atenção de Pam.

— Eric é um sacerdote? – murmurei.

— Igreja do Espírito Amoroso – ela me contou, embrulhando três cópias de CDs e entregando ao vampirófilo mandado por seu mestre para pegá-los. – Ele conseguiu o diploma através de um curso pela Internet, com a ajuda de Bobby Burnham. Ele pode realizar cerimônias de casamento.

Um garçom, de alguma forma, conseguiu passar por todos os convidados ao redor da rainha e se aproximou dela com uma bandeja cheia de taças com sangue até a borda. Num piscar de olhos, Andre se colocou entre o garçom e a rainha, e no momento seguinte, o homem girou e seguiu em outra direção. Tentei ver dentro da mente dele, mas descobri que estava perfeitamente em branco. Andre havia tomado controle da vontade do sujeito e o mandara embora. Esperava que o garçom ficasse bem. Segui seu progresso até uma humilde porta num canto até ter certeza de que estava voltando para a cozinha. Okay, incidente evitado.

Houve um murmúrio nos corredores do salão de exposições, e me virei para observar o que estava acontecendo. O Rei do Mississippi e o Rei de Indiana surgiram de mãos dadas, o que parecia ser um aviso público de que eles haviam concluído as negociações de casamento. Russell Edgington era um vampiro

franzino e atraente que gostava de outros homens — exclusiva e amplamente. Ele podia ser uma boa companhia e era bom lutador também. Eu gostava dele. Estava um pouco nervosa por ver Russell, já que meses atrás eu deixei um corpo em sua piscina. Tentei olhar para o lado bom. O corpo era de um vampiro, então devia ter desintegrado antes da cobertura da piscina ser removida na primavera.

Russell e Indiana pararam diante do estande de Bill. Indiana, a propósito, era um sujeito grande e robusto com cabelos castanhos encaracolados e um rosto que achei sério. Cheguei mais perto, porque aquilo podia ser encrenca.

— Bill, você parece bem – disse Russell. – Meu pessoal contou que passou por maus bocados em minha casa. Você parece ter se recuperado bem. Não tenho certeza de como se libertou, mas fico contente. – Se Russell estava esperando por uma reação, não conseguiu nada. O rosto de Bill estava impassível, como se Russell comentasse sobre o clima, não a tortura que Bill sofreu. – Lorena era sua criadora, portanto eu não podia interferir – Russell continuou, a voz tão calma quanto o rosto de Bill. – E aqui está você, vendendo seu próprio programa de computador que Lorena tentou tanto tirar de você. Como diz o bardo, “Tudo está bem se acaba bem.”

Russell foi loquaz demais, a única indicação de que o rei estava ansioso sobre a reação de Bill. Com certeza, a voz de Bill era como seda fria deslizando sobre vidro. Mas tudo que ele disse foi, — Não se preocupe, Russell. Imagino que felicitações estão em ordem.

Russell sorriu para o noivo.

— Sim, Mississippi e eu estamos atando o nó – disse o Rei de Indiana. Ele possuía uma voz profunda. E teria parecido à vontade surrando algum caloteiro num beco ou sentado num bar com serragem no chão.

Russell fez tudo, exceto enrubescer. Talvez aquela fosse uma união por amor.

Então Russell me avistou.

— Bart, você tem que conhecer essa moça – disse imediatamente. Eu quase tive um ataque de pânico, mas não havia como fugir da situação sem simplesmente virar e correr. Russell puxou seu prometido consigo através das mãos dadas. – Esta mulher foi atingida com uma estaca quando esteve em Jackson. Alguns daqueles facínoras da Irmandade estavam num bar e um deles a atacou.

Bart pareceu quase surpreso. — Obviamente, você sobreviveu – disse. – Mas como?

— O Sr. Edgington aqui me ajudou – respondi. – De fato, ele salvou minha vida.

Russell tentou parecer modesto, e quase teve êxito. O vampiro tentava parecer bom diante do noivo, uma reação tão humana que eu mal pude acreditar.

— No entanto, acredito que você levou algo consigo quando partiu – disse Russell severamente, sacudindo um dedo para mim.

Eu tentei vislumbrar algo em seu rosto que pudesse me dizer como responder. Havia levado um cobertor, com certeza, e algumas peças de roupa que os rapazes do harém de Russell tinham largado ao acaso. E levei Bill também, que era prisioneiro num dos prédios anexos. Provavelmente Russell estava se referindo a Bill?

— Sim, senhor, mas deixei algo para trás em troca – falei, já que não suportava aquela brincadeira de gato e rato verbal. Certo, está bem! Eu resgatei Bill e matei a vampira Lorena, embora tenha sido mais ou menos um acidente. E larguei sua carcaça do mal na piscina.

— Acho que tinha algum lodo no fundo, quando preparamos a piscina para o verão – Russell disse, e seus olhos de chocolate amargo me examinaram pensativamente. – Que jovem mulher empreendedora você é, Srta...

— Stackhouse. Sookie Stackhouse.

— Sim, eu me lembro agora. Você não estava no Clube dos Mortos com Alcide Herveaux? Ele é um Lobi, querido – Russell disse a Bart.

— Sim, senhor – respondi, desejando que ele não tivesse lembrado daquele pequeno detalhe.

— Será que ouvi dizer que o pai de Herveaux esteve fazendo campanha para líder do bando em Shreveport?

— É verdade. Mas ele... hã, ele não conseguiu.

— Então foi nesse dia que Papai Herveaux morreu?

— Foi – eu disse. Bart ouvia atentamente, a mão percorrendo a manga do terno de Russell o tempo todo. Era um pequeno gesto de luxúria.

Quinn apareceu ao meu lado nesse instante e me abraçou, e os olhos de Russell se arregalaram.

— Cavalheiros – Quinn disse para Indiana e Mississippi. – Acredito que temos seu casamento pronto e à espera.

Os dois reis trocaram um sorriso. — Nada de pés frios? – Bart perguntou a Russell.

— Não se você mantê-los quentes – Russell respondeu com um sorriso que teria derretido um iceberg. – Além disso, nossos advogados nos matariam se deixássemos de cumprir o contrato.

Ambos assentiram para Quinn que subiu num pequeno palco no canto do salão de exposições. Ele alcançou sua altura máxima e estendeu os braços. Havia um microfone ali, e sua voz profunda ecoou entre a multidão.

— Sua atenção, damas e cavalheiros, reis e súditos, vampiros e humanos! Solicito e convido todos a comparecerem à união de Russell Edgington, Rei do Mississippi, e Bartlett Crowe, Rei de Indiana, no Salão de Rituais. A cerimônia começará em dez

minutos. O Salão de Rituais fica na ala leste do saguão, passando pelas portas duplas. – Quinn apontou regiamente naquela direção.

Eu tive tempo de apreciar seu traje enquanto ele falava. Quinn usava calças amarradas na cintura e nos tornozelos. Eram de um escarlate profundo. Ele havia apertado as calças com um largo cinto dourado, como um cinturão dos lutadores, e usava botas de couro pretas com as pernas da calça dobradas para dentro. Ele não estava usando camisa. Parecia um gênio que acabara de sair de uma enorme garrafa.

— Este é o seu novo homem? – perguntou Russell. – Quinn?

Eu assenti e ele pareceu impressionado.

— Sei que tem outras coisas em mente agora – falei impulsivamente.

– Sei que está prestes a se casar. Mas eu só quero dizer que espero que estejamos quites, certo? Você não está zangado comigo ou guardando rancor, ou algo assim?

Bart estava aceitando os cumprimentos de vários vampiros, e Russell olhou na direção dele. Então teve a cortesia de se concentrar em mim, embora eu soubesse que ele tinha que se virar e apreciar sua noite em breve, o que era apenas justo.

— Não guardo rancor contra você – ele disse. – Felizmente, eu tenho senso de humor e, felizmente, não dava a mínima para Lorena. Emprestei o quarto no estábulo porque a conhecia há um ou dois séculos, mas ela sempre foi uma cadela.

— Então me deixe perguntar, já que não está zangado comigo – falei.

– Por que todos parecem tão assombrados com Quinn?

— Você realmente não sabe, e agarrou o tigre pela cauda? – Russell pareceu alegremente intrigado. – Eu não tenho tempo para contar a história toda, porque quero estar com meu futuro marido, mas vou lhe dizer uma coisa, Srta. Sookie, seu homem fez um bocado de dinheiro para muita gente.

— Obrigada – falei, um pouco perplexa – e os melhores votos para você e, hã, o Sr. Crowe. Espero que sejam muito felizes juntos. – Já que apertar mãos não era um costume vampiro, eu fiz uma reverência e tentei me afastar rapidamente, enquanto ainda estávamos em paz um com o outro.

Rasul brotou junto ao meu cotovelo. Ele sorriu quando eu pulei.

Esses vampiros. Tem que adorar seu senso de humor. Eu só tinha visto Rasul em seu traje da SWAT e ele parecera ótimo. Esta noite, ele estava usando outro uniforme, mas também tinha aparência bem militar, no estilo cossaco. Ele usava uma túnica de mangas compridas e calças sob medida de cor ameixa escura, com galões pretos e botões brilhantes de latão. Rasul era profundamente moreno, de modo bem natural, tinha grandes olhos escuros líquidos e cabelos pretos de alguém do Oriente Médio.

— Eu sabia que você devia estar por aqui, então é bom encontrá-lo – falei.

— Ela enviou Carla e eu na frente – ele respondeu tranquilamente em seu acento exótico. – Você parece mais adorável do que nunca, Sookie.

Está gostando da conferência?

Eu ignorei as amenidades. — Qual é a do uniforme?

— Se você quer dizer de quem é o uniforme, é o novo traje da casa da rainha – disse. – Usamos isso ao invés da armadura quando não estamos na rua. Bonito, não?

— Oh, você tem estilo – respondi, e ele riu.

— Vai à cerimônia? – perguntou.

— Sim, claro. Eu nunca vi um casamento vampiro. Ouça, Rasul, sinto muito a respeito de Chester e Melanie.

Eles estiveram encarregados da segurança com Rasul, em Nova Orleans. Por um segundo, todo o humor desapareceu do rosto do vampiro.

— Sim – ele respondeu, após um instante de silêncio rígido. – Ao invés de meus camaradas, agora eu tenho o Ex-Peludo. – Jake Purifoy estava se aproximando de nós e usava o mesmo uniforme de Rasul. Ele parecia solitário. Não era vampiro tempo suficiente para manter o rosto calmo que parecia ser uma segunda natureza para os morto-vivos.

— Oi, Jake – falei.

— Oi, Sookie – ele respondeu, soando infeliz e esperançoso.

Rasul fez uma reverência para nós e partiu em outra direção. Eu fiquei encalhada com Jake. Isso parecia demais com o primário para meu gosto. Jake era o garoto que vinha à escola usando as roupas erradas e trazendo um lanche esquisito. Ser um Lobi-vampiro arruinara suas chances com os dois grupos. Era como tentar ser um atleta obeso.

— Já teve chance de conversar com Quinn? – perguntei por falta de algo melhor para dizer. Jake foi empregado de Quinn antes de sua mudança finalmente deixá-lo sem emprego.

— Eu dei um oi de passagem – disse Jake. – Simplesmente não é justo.

— O quê?

— Que ele seja aceito não importa o que tenha feito, e eu sou condenado ao ostracismo.

Eu sabia o que significava ostracismo, porque foi minha Palavra do Dia no calendário. Mas meu cérebro simplesmente lutou com a palavra, porque o significado maior do comentário de Jake afetou meu equilíbrio.

— Não importa o que tenha feito? – perguntei. – O que isso quer dizer?

— Bom, com certeza, você sabe sobre Quinn – disse Jake, e eu pensei em pular em suas costas e bater na cabeça dele com algo

pesado.

— O casamento começou! – surgiu a voz aumentada de Quinn, e a multidão começou a seguir para as portas duplas que ele indicara anteriormente. Jake e eu seguimos com o fluxo. A assistente sem sutiã de Quinn se encontrava parada junto à entrada, distribuindo pequenas bolsinhas de potpourri. Algumas estavam amarradas com laços dourados e azuis, outros com azuis e vermelhos.

— Por que as cores diferentes? – a prostituta perguntou para a assistente de Quinn. Eu apreciei que ela tenha perguntado, porque significava que eu não tinha que fazer isso.

— Vermelho e azul da bandeira do Mississippi, azul e dourado de Indiana – a mulher disse com um sorriso automático. Ela ainda tinha o sorriso fixado no rosto quando me entregou uma bolsinha vermelha e azul, embora tenha desaparecido de um jeito cômico, quando percebeu quem eu era. Jake e eu abrimos caminho até um bom local, da direita para o centro.

O palco estava vazio, exceto por alguns acessórios, e não havia cadeiras.

Aparentemente, eles esperavam que isso não demorasse muito.

— Me responda – eu sussurrei. – Sobre Quinn.

— Depois do casamento – ele disse, tentando não sorrir. Fazia meses desde que Jake tivera vantagem sobre alguém e não

conseguia esconder o fato de que estava se divertindo.

Ele olhou para trás e seus olhos se arregalaram. Eu olhei naquela direção para ver que o canto oposto do salão estava arrumado como num bufê, apesar da atração principal não ser comida, mas sangue. Para o meu desgosto, havia cerca de vinte homens e mulheres de pé numa fila ao lado de uma fonte de sangue sintético, e todos tinham crachás que simplesmente diziam, “Doador Voluntário”. Senti náuseas. Isso era legal? Mas todos estavam livres e sem restrições e podiam sair andando se quisessem, e a maioria parecia bem ávida para começar a doar. Perscrutei rapidamente seus cérebros. É, voluntários.

Virei-me para a plataforma, de apenas quarenta centímetros de altura, que Mississippi e Indiana tinham acabado de subir. Eles haviam posto trajes elaborados, que lembrei de ter visto antes num álbum de fotos no estúdio de um fotógrafo especializado em registrar rituais sobrenaturais.

Pelo menos, estes eram fáceis de vestir. Russell usava uma espécie de túnica aberta de brocado pesado, vestida por cima de suas roupas normais.

Era uma peça esplêndida de tecido dourado brilhante, trabalhado em bordados azuis e escarlates. Bart, Rei de Indiana, usava uma túnica similar numa cor marrom-acobreada, bordada com padrões verde e ouro.

— Suas túnicas formais – Rasul murmurou. Outra vez, ele deslizara para o meu lado sem que eu notasse. Pulei e vi um

pequeno sorriso curvar os cantos da boca generosa. À minha esquerda, Jake aproximou-se um pouco mais de mim, como se estivesse tentando se esconder de Rasul, ocultando-se atrás de meu corpo. Mas eu estava mais interessada na cerimônia do que em camaradagem vampira.

Um Ankh gigante se destacava no centro do palco entre o grupo.

Separado de um lado, uma mesa continha dois maços grossos de papéis com duas canetas em forma de pena arrumadas entre eles. Uma vampira estava atrás da mesa, e vestia um conjunto executivo com saia na altura do joelho. O Sr. Cataliades se encontrava atrás dela, parecendo bonachão, com as mãos cruzadas sobre a barriga. Parado do lado oposto do palco, alinhado com a mesa, estava Quinn, meu namorado (cujos antecedentes eu estava determinada a descobrir em breve), ainda em seu traje de gênio Aladim.

Ele esperou até que os murmúrios da multidão cessassem e então fez um grande gesto para o lado direito do palco. Uma figura surgiu nos degraus e subiu a plataforma. Ele usava uma capa de veludo negro e estava encapuzado. O capuz o cobria por completo. O símbolo do Ankh estava bordado em ouro no ombro da capa. A figura se posicionou entre Mississippi e Indiana, de costas para o Ankh, e levantou os braços.

— A cerimônia tem início – disse Quinn. – Que todos permaneçam em silêncio e testemunhem esta união.

Quando alguém diz a um vampiro para ficar quieto, pode ter certeza que o silêncio é absoluto. Vampiros não se contorcem, suspiram, espirram, tossem ou assuam o nariz como as pessoas fazem. Eu me senti barulhenta apenas respirando.

O capuz da figura coberta foi afastado. Eu suspirei. Eric. Seus cabelos cor de trigo pareciam lindos contra o manto preto, e o rosto estava solene e dominante, o que é desejável num juiz de paz.

— Estamos aqui para testemunhar a união de dois reis – ele disse, e cada palavra ecoou pelos cantos do salão. – Russell e Bart concordaram, através de um pacto escrito e verbal, em aliar seus estados por cem anos.

Por cem anos, eles não devem casar com qualquer outro. Eles não devem formar uma aliança com qualquer outro, a menos que esta aliança seja mutuamente consentida e testemunhada. Cada um deve prestar ao outro uma visita conjugal pelo menos uma vez ao ano. O bem-estar do reino de Russell deve vir em segundo lugar apenas ao seu próprio diante de Bart, e o bem-estar do reino de Bart deve vir em segundo lugar apenas ao seu próprio diante de Russell. Russell Edgington, Rei do Mississippi, você aceita este pacto?

— Sim, eu aceito – Russell respondeu claramente. Ele segurou a mão de Bart.

— Bartlett Crowe, Rei de Indiana, você aceita este pacto?

— Aceito – disse Bart, pegando a mão de Russell. Aaahhh.

Então Quinn deu um passo à frente e se ajoelhou, segurando um cálice sob as mãos unidas, e Eric fustigou uma faca, cortando os dois pulsos com movimentos rápidos demais para distinguir.

Oh, eca. Enquanto os dois reis sangravam sobre o cálice, eu me xinguei mentalmente. Devia saber que uma cerimônia vampira envolveria troca de sangue. De fato, quando os cortes se fecharam, Russell tomou um gole do cálice e entregou-o a Bart, que bebeu o resto. E eles se beijaram, Bart segurando ternamente o homem menor. Então se beijaram mais um pouco. Evidentemente, o sangue misturado os acendeu.

Olhei para Jake. Arrumem um quarto, ele sussurrou, e eu olhei para baixo a fim de esconder o sorriso.

Finalmente, os dois reis seguiram o passo seguinte, uma cerimoniosa assinatura do contrato com a qual concordaram. A mulher executiva revelou-se ser uma advogada vampira do Illinois, já que um advogado de outro estado tinha que redigir o contrato. O Sr. Cataliades era um advogado neutro também, e ele assinou os documentos depois dos reis e da advogada vampira.

Eric permaneceu imóvel em toda sua glória preta e dourada enquanto tudo aquilo era feito e, assim que as canetas pousaram em suas posições elaboradas, disse, — O casamento está sacramentado por cem anos! – e um coro de vivas se elevou.

Vampiros não são bons em vivas, então a maioria dos humanos e outros sobrenaturais na multidão se encarregaram dos aplausos.

Mas os vampiros soltaram murmúrios apreciativos — não tão bom, mas era o melhor que podiam fazer, eu acho.

Eu certamente queria descobrir mais a respeito do quanto Eric era qualificado como sacerdote, ou como quer que chamem um oficial, mas primeiro faria Jake me contar sobre Quinn. Ele estava tentando se misturar à multidão, mas o capturei bem rápido. Ele ainda não era um vampiro bom o suficiente para fugir de mim.

— Desembuche – falei, e ele tentou agir como se não soubesse do que eu estava falando, mas viu em meu rosto que não fui enganada.

Então, enquanto a multidão se dispersava ao nosso redor tentando não correr em direção ao bar, eu esperei pela história de Quinn.

— Não acredito que ele mesmo não tenha contado – disse Jake, e fiquei tentada a lhe dar um tapa na cabeça. Fuzilei-o com o olhar para que soubesse que estava esperando.

— Okay, okay – ele disse. – Ouvi tudo isso quando ainda era Lobi.

Quinn é como uma estrela do rock no mundo metamorfo, sabe. Ele é um dos últimos tigres e dos mais ferozes.

Eu assenti. Até agora aquilo correspondia ao meu conhecimento sobre Quinn.

— A mãe de Quinn foi capturada certa lua cheia, quando se transformou. Um bando de caçadores estava acampando, montaram uma armadilha porque queriam um urso para suas rinhas ilegais. Algo novo no qual apostar, sabe? Uma matilha de cães contra um urso. Isso foi em algum lugar do Colorado e estava nevando. A mãe dele estava lá fora sozinha e, de algum modo, caiu na armadilha, não percebeu.

— Onde estava o pai dele?

— Ele morreu quando Quinn era pequeno. Quinn tinha uns quinze anos quando isso aconteceu.

Senti que algo pior estava por vir, e acertei.

— Ele se transformou na mesma noite, claro, assim que descobriu que ela havia desaparecido. Ele os rastreou até o acampamento. A mãe dele tinha voltado a se transformar em mulher sob o estresse da captura, e um deles estava a estuprando. – Jake respirou fundo. – Quinn matou todos.

Eu olhei para o chão. Não conseguia pensar em nada para dizer.

— O local tinha que ser limpo. Não havia matilhas por perto para intervir — claro, tigres não andam em bando — e a mãe dele estava muito ferida e em estado de choque, então Quinn foi ao ninho vampiro local. Eles concordaram em fazer o serviço, se ele se comprometesse com eles por três anos. – Jake deu de ombros. – Ele aceitou.

— O que exatamente ele aceitou fazer? – perguntei.

— Lutar no fosso por eles. Durante três anos ou até morrer, o que viesse primeiro.

Comecei a sentir dedos gelados subirem pela minha espinha e, dessa vez, não era o arrepiante Andre... apenas medo.

— O fosso? – falei e, se não tivesse audição vampira, ele seria incapaz de compreender minhas palavras.

— Há um bocado de apostas feitas em uma luta no fosso – disse Jake.

– São como as rinhas nas quais os caçadores queriam o urso. Humanos não são os únicos que gostam de assistir animais se matando. Alguns vampiros adoram. Assim como outros sobrenaturais.

Meus lábios se curvaram em repugnância. Senti-me quase nauseada.

Jake olhava para mim, preocupado com minha reação, mas também me dando tempo para compreender que a história triste não tinha acabado.

— Obviamente, Quinn sobreviveu aos seus três anos – disse Jake. – Ele é um dos poucos que sobreviveram por tanto tempo. – Ele me olhou de esguelha. – Continuou vencendo e vencendo. Ele era um dos lutadores mais selvagens que alguém já viu. Lutou contra ursos, leões, basta dizer.

— Eles não são muito raros? – perguntei.

— Sim, eles são, mas acho que até criaturas raras precisam de dinheiro – Jake disse com um menear de cabeça. – E você consegue fazer uma grana preta com lutas no fosso, quando ganha o suficiente para apostar em si mesmo.

— Por que ele parou? – perguntei. Arrependia-me mais do que conseguia imaginar por ter ficado curiosa a respeito de Quinn. Devia ter esperado até que ele tivesse se oferecido para tudo isso. Ele teria contado, eu esperava. Jake viu uma criada humana passando e pegou uma taça de sangue sintético da bandeja. Ele bebeu num gole.

— Seus três anos acabaram e ele tinha que tomar conta da irmã.

— Irmã?

— Sim, a mãe dele ficou grávida naquela noite, e o resultado é a loira tingida que nos deu as bolsinhas de potpourri na porta. Frannie fica encrencada de vez em quando, e a mãe de Quinn não consegue controlá-la, então ela a manda para ficar com Quinn por algum tempo. Frannie chegou aqui ontem à noite.

Era mais do que eu podia suportar. Virei num movimento rápido e me afastei de Jake. E para seu mérito, ele não tentou me deter.

Capítulo 11

EU ESTAVA TÃO ANSIOSA por me afastar da multidão no salão de casamento que colidi com um vampiro, que rodopiou e me agarrou pelos ombros num borrão de escuridão. Ele tinha um longo bigode Fu Manchu e uma juba de cabelos que daria orgulho a um par de cavalos. Ele vestia um sólido terno preto. Numa ocasião diferente, eu podia ter apreciado o pacote completo. Agora só queria que ele saísse do caminho.

— Por que a pressa, minha doce donzela? – ele perguntou.

— Senhor – falei educadamente, já que ele devia ser bem mais velho do que eu – eu realmente estou com pressa. Peço desculpas pela colisão, mas preciso ir.

— Por acaso você não é uma doadora?

— Não, desculpe.

Ele soltou meus ombros abruptamente e voltou para a conversa que eu tinha interrompido. Com uma grande onda de alívio, eu continuei a abrir caminho através da aglomeração, embora tomasse mais cuidado agora que passei por um momento de tensão.

— Aí está você! – disse Andre, soando quase zangado. – A rainha precisa de você.

Eu tive que lembrar a mim mesma que estava ali a trabalho, e realmente não importava quanto drama interior estivesse experimentando.

Segui Andre até a rainha, que conversava com um grupo de vampiros e humanos.

— É claro que estou do seu lado, Sophie – dizia uma vampira. Ela usava um vestido de noite em gaze rosa, preso ao ombro com um grande broche de diamantes cintilantes. Podiam ser até cristais Swarovski, mas pareciam verdadeiros para mim. O que eu sei? A cor rosa pálida parecia realmente bonita contra sua pele chocolate. – De qualquer forma, Arkansas era um imbecil. Fiquei simplesmente espantada por você ter se casado com ele em primeiro lugar.

— Então se eu for a julgamento, você será gentil, Alabama? – Sophie-Anne perguntou, e você teria jurado que ela não tinha um dia a mais do que dezesseis anos. O rosto arrebitado era macio e firme, os olhos grandes brilhavam e a maquiagem era sutil. Os cabelos castanhos estavam soltos, algo incomum para Sophie-Anne.

A vampira pareceu abrandar visivelmente. — É claro – disse.

Sua companhia humana, o vampirófilo produzido que notei anteriormente, pensou, “Isso vai durar dez minutos, até ela dar as costas a Sophie-Anne. Então eles vão tramar novamente. Claro, todos dizem que gostam de fogueiras e longas caminhadas pela praia à luz do luar, mas sempre que há uma festa, é manobra, manobra, manobra, e mentira, mentira, mentira.”

O olhar de Sophie-Anne pousou em mim por uma fração de segundo, e eu sacudi a cabeça de leve. Alabama pediu licença para ir cumprimentar os recém-casados, e seu humano a seguiu. Consciente de todos os ouvidos ao redor, a maioria capaz de ouvir bem melhor do que eu, falei, — Mais tarde – e recebi um aceno de Andre.

O próximo a cortejar Sophie-Anne foi o Rei do Kentucky, o homem protegido por Britlingens. Kentucky se parecia muito com Davy Crockett.

Tudo que precisava era de uma barba e boina de pele de castor. De fato, ele vestia calças de couro, camisa e jaqueta de camurça, botas de camurça franjadas e um grande lenço de seda amarrado ao redor do pescoço. Talvez ele precisasse de guarda-costas para protegê-lo da polícia da moda.

Eu não vi Batanya e Clovache em lugar algum, então achei que ele as deixara no quarto. Não entendia qual era a vantagem de contratar guarda-

costas caros de outro mundo se não ficavam por perto para guardar suas costas. Então, já que não tinha outro humano para me distrair, notei algo estranho: havia um espaço atrás de Kentucky que permanecia constantemente vazio, não importava qual fosse o fluxo da multidão. Não importava o quanto fosse natural para alguém passar por trás de Kentucky naquela área, de algum modo, ninguém pisava ali. Compreendi que as Britlingens estavam de serviço afinal.

— Sophie-Anne, você é uma visão para olhos cansados – disse Kentucky. Ele possuía um sotaque arrastado denso como mel, e deixou Sophie-Anne perceber que suas presas estavam parcialmente à mostra. Eca.

— Isaiah, é sempre bom vê-lo – disse Sophie-Anne, a voz e rosto suaves e calmos como sempre. Eu não saberia dizer se Sophie-Anne percebia ou não que as guarda-costas estavam bem ali atrás dele. Assim que me aproximei, descobri que, embora não conseguisse ver Clovache e Batanya, conseguia perceber suas assinaturas mentais.

A mesma mágica que encobria suas presenças físicas também abafava suas ondas cerebrais, mas eu conseguia perceber um fraco eco das duas. Eu sorri para ambas, o que foi realmente idiota de minha parte, porque Isaiah, Rei do Kentucky, percebeu imediatamente. Devia saber que ele era mais esperto do que parecia.

— Sophie-Anne, eu quero conversar com você, mas tem que tirar essa jovenzinha loura daqui nesse meio tempo – disse Kentucky com um largo sorriso. – Ela com certeza me dá arrepios. – Ele acenou em minha direção, como se Sophie-Anne tivesse várias humanas loiras atrás dela.

— Claro, Isaiah – disse Sophie-Anne, lançando-me um olhar neutro.

– Sookie, por favor, desça até o subsolo e traga a mala que o pessoal do hotel mencionou anteriormente.

— Claro – respondi. Não me importava com a humilde tarefa. Eu quase tinha me esquecido da voz brusca ao telefone no começo da noite.

Achei estúpido um procedimento que exigisse que nós descêssemos até as profundezas do hotel, ao invés de mandar um carregador trazer a mala, mas burocracia é igual em todo lugar que se vai, certo?

Quando me virei para sair, o rosto de Andre estava bem inexpressivo, como sempre, mas assim que me vi quase fora de alcance, ele disse, — Com licença, sua majestade, não informamos a garota sobre nossa programação para esta noite. – Num daqueles desconcertantes lampejos de movimento, ele estava ao meu lado, segurando meu braço.

Imaginei se ele recebeu um daqueles comunicados telepáticos de Sophie-Anne. Sem uma palavra, Sigebert tomou o lugar de Andre ao lado da rainha, meio passo atrás.

— Vamos conversar – disse Andre e, tão rápido quanto um piscar de olhos, me guiou até uma porta de SAÍDA. Nós nos encontramos num corredor de serviço bege e vazio que se estendia por talvez nove metros, então virava à direita. Duas garçonetes carregadas surgiram pelo corredor e passaram por nós, lançando olhares curiosos, mas se apressaram a ir cumprir suas tarefas quando encontraram os olhos de Andre.

— As Britlingens estão lá – falei, achando que era por isso que Andre queria falar comigo em particular. – Elas estão bem atrás de

Kentucky. Todos os Britlingens podem se tornar invisíveis?

Andre fez outro movimento tão rápido quanto um borrão e então seu pulso surgiu na minha frente, pingando sangue. — Beba – ele disse e o senti pressionando minha mente.

— Não – respondi, ultrajada e chocada com o movimento súbito, a exigência, o sangue. – Por quê? – Tentei me afastar, mas não havia lugar para fugir e nenhuma ajuda à vista.

— Você tem que ter uma conexão mais forte com Sophie-Anne ou comigo. Precisamos de você vinculada a nós por mais do que um contracheque. Você já provou ser mais valiosa do que imaginamos. Esta conferência é crucial para nossa sobrevivência, e precisamos de todas as vantagens que pudermos conseguir.

Falando em honestidade brutal.

— Eu não quero que vocês tenham controle sobre mim – respondi, e foi horrível ouvir minha voz trêmula de medo. – Não quero que vocês saibam como me sinto. Fui contratada para este trabalho e, depois disso, voltarei à minha vida normal.

— Você não possui mais uma vida normal – disse Andre. Ele não parecia cruel; aquela era a coisa mais estranha e mais assustadora de todas.

Ele parecia absolutamente seguro.

— Eu tenho! Vocês são o ponto do radar, não eu! – Não tive total certeza do que estava querendo dizer com aquilo, mas Andre

entendeu.

— Eu não me importo com quais são seus planos pelo resto de sua existência humana – disse, dando de ombros. Dane-se sua vida. – Nossa posição será reforçada se você beber, portanto você deve. Eu expliquei isto, o que não teria feito se não respeitasse sua habilidade.

Eu o empurrei, mas era como mover um elefante. Funcionaria apenas se o elefante quisesse ser incitado. Andre não se moveu. Seu pulso aproximou-se de minha boca e eu cerrei os lábios, embora tivesse certeza que Andre quebraria meus dentes se necessário. E se eu abrisse a boca para gritar, ele teria aquele sangue em minha boca antes que pudesse dizer Jack Robinson.

De repente, uma terceira presença surgiu no severo corredor bege.

Eric, ainda usando a capa de veludo negro com o capuz puxado para trás, parou diante de nós, o rosto excepcionalmente incerto.

— Andre – ele disse, a voz soando mais profunda que o normal. – Por que está fazendo isso?

— Você está questionando a vontade de sua rainha?

Eric se encontrava numa posição ruim porque estava definitivamente interferindo com a execução das ordens da rainha — pelo menos, imaginei que a rainha soubesse disso — mas só pude rezar para que ele ficasse e me ajudasse. Eu lhe implorei com meus olhos.

Eu podia dizer o nome de vários vampiros com quem preferia ter uma conexão ao invés de Andre. E, estupidamente, não consegui evitar me sentir magoada. Havia dado uma ideia tão boa a Andre e Sophie-Anne, sobre ele ser o Rei do Arkansas, e era assim que eles retribuíam. Isso me ensinaria a manter a boca fechada. Isso me ensinaria a tratar vampiros como se fossem pessoas.

— Andre, deixe-me oferecer uma sugestão – Eric disse numa voz bem mais fria e calma. Bom. Ele estava mantendo a cabeça fria. Um de nós precisava. – Ela deve ser mantida feliz, ou não irá cooperar mais.

Ah, merda. De algum modo eu sabia que sua sugestão não seria “Solte-a ou quebro seu pescoço”, porque Eric era astuto demais para isso.

Onde estava John Wayne quando se precisava dele? Ou Bruce Willis? Ou até Matt Damon? Eu ficaria feliz em ver Jason Bourne agora mesmo.

— Nós compartilhamos sangue várias vezes, Sookie e eu – disse Eric.

– De fato, fomos amantes. – Ele se aproximou. – Acho que ela não seria tão intransigente se eu fosse o doador de sangue. Isto satisfaria seus propósitos? Estou sob juramento a você. – Ele inclinou a cabeça respeitosamente. Estava sendo cuidadoso, muito cuidadoso. Aquilo me deixou ainda mais apavorada com Andre.

Andre me soltou enquanto meditava. De qualquer forma, seu pulso havia quase se curado. Tomei fôlego, trêmula e longamente. Meu coração estava disparado. Andre fitou Eric e pensei ter detectado certa quantia de desconfiança em seu olhar. Então ele olhou para mim.

— Você parece um coelho, escondido num arbusto enquanto a raposa o rastreia – disse. Houve uma longa pausa. – Você prestou um grande serviço à rainha e a mim. Mais de uma vez. Se o resultado final será o mesmo, por que não?

Eu comecei a dizer, “E sou a única testemunha da morte de Peter Threadgill”, mas meu anjo da guarda fechou minha boca para impedir as palavras. Bom, talvez não fosse um anjo da guarda de verdade, mas meu subconsciente ordenou que não falasse. Tanto faz. Senti-me grata.

— Tudo bem, Eric – disse Andre. – Contanto que ela esteja vinculada a alguém em nosso reino. Só tive uma gota do sangue dela, para descobrir se era parte fae. Se você compartilhou sangue com ela mais de uma vez, o vínculo já é forte. Ela respondeu bem ao seu chamado?

O quê? Que chamado? Quando? Eric nunca me chamou. De fato, eu o desafiei, várias e várias vezes antes.

— Sim, ela obedece muito bem – Eric respondeu, sem piscar. Eu quase sufoquei, mas aquilo teria arruinado o efeito das palavras de Eric, então olhei para meu peito, como se estivesse embaraçada com minha escravidão.

— Bem, então – Andre disse com um gesto impaciente da mão. – Vá em frente.

— Aqui? Eu prefiro um lugar mais reservado – disse Eric.

— Aqui e agora. – Andre não faria mais nenhum acordo.

Eric disse, — Sookie. – Ele me olhou decididamente.

Eu devolvi o olhar. Compreendia o que aquela única palavra significava. Não havia como escapar daquilo. Lutar, gritar ou recusar não evitaria aquele processo. Eric pode ter impedido que eu me submetesse a Andre, mas era até onde podia ir. Eric levantou uma sobrancelha. Com aquela sobrancelha arqueada, Eric dizia que esta era minha melhor opção, que tentaria não me machucar, que estar atada a ele era infinitamente preferível a estar atada a Andre.

Eu sabia de tudo isso não apenas porque não era estúpida, mas por estarmos vinculados. Eric e Bill tiveram meu sangue, e eu o deles. Pela primeira vez, compreendi que havia uma conexão verdadeira. Eu não via os dois mais como humanos do que vampiros? Eles não tinham o poder de me ferir mais do que qualquer outro? Não era apenas meu relacionamento passado com ambos que me mantinha ligada a eles. Era o sangue compartilhado. Talvez por causa de minha herança incomum, eles não pudessem mandar em mim. Eles não possuíam controle sobre minha mente, e não podiam ler meus pensamentos; e eu não podia fazer nada disso com eles. Mas compartilhávamos um elo. Com que frequência eu ouvi suas vidas zumbindo no fundo, sem perceber que estava ouvindo? Levaria mais tempo para dizer isso do que pensar.

— Eric – falei, inclinando a cabeça para um lado. Ele leu tanto desse gesto e da palavra quanto eu. Ele se aproximou e levantou os braços para estender o manto negro ao se inclinar sobre mim, para que o tecido e o capuz pudessem nos dar uma ilusão de privacidade. O gesto era exagerado, mas a ideia boa.

— Eric, sem sexo – eu disse na voz mais dura possível. Conseguiria tolerar isso se não fosse como uma troca de sangue entre amantes. Eu não faria sexo na frente de outra pessoa.

A boca de Eric estava na curva entre meu pescoço e ombro, e seu corpo pressionado contra o meu. Meus braços deslizaram ao redor dele, porque aquele simplesmente era o modo mais fácil de me acomodar. Então ele mordeu, e não consegui engolir um ofego de dor. Ele não parou, graças a Deus, porque eu queria que terminasse logo. Uma de suas mãos acariciou minhas costas, como se ele estivesse tentando me consolar.

Após alguns longos segundos, Eric lambeu meu pescoço para se assegurar de que sua saliva carregada de coagulante cobriu as pequenas feridas. — Agora, Sookie – ele disse em meu ouvido. Eu não conseguiria alcançar seu pescoço a não ser que estivéssemos deitados, nem se ele não se inclinasse desajeitadamente. Ele começou a levar o pulso à minha boca, mas teríamos que nos reorganizar para que aquilo funcionasse. Desabotoei sua camisa e a abri. Hesitei. Eu sempre detestei essa parte, porque dentes humanos não são nem um pouco afiados como dentes de vampiro, e sabia que faria sujeira quando mordesse. Eric fez algo que me surpreendeu então; ele tirou a mesma pequena adaga cerimonial

que usou para casar Mississippi e Indiana. Com o mesmo movimento rápido que usou nos pulsos deles, Eric cortou o peito bem abaixo do mamilo direito. O sangue escorreu devagar e tirei vantagem do fluxo para capturá-lo. Isso era embaraçosamente íntimo, mas pelo menos eu não tinha que olhar para Andre, e ele não podia me ver.

Eric moveu-se inquieto, e percebi que ele estava ficando excitado.

Não havia nada que pudesse fazer a respeito, e mantive nossos corpos separados por alguns cruciais centímetros. Suguei com força e Eric fez um pequeno ruído, mas eu estava somente tentando acabar logo com aquilo.

Sangue vampiro é grosso e quase doce, mas quando se pensa no que realmente está fazendo e não se encontra sexualmente excitada, não é nem um pouco agradável. Quando achei que já tinha feito suficiente, soltei Eric e abotoei sua camisa com mãos trêmulas, pensando que esse pequeno incidente havia terminado e podia me esconder em algum lugar até meu coração parar de martelar.

E então Quinn abriu a porta e surgiu no corredor.

— Que diabos está fazendo? – ele rugiu, e não tive certeza se quis dizer eu, Eric ou Andre.

— Eles estão obedecendo ordens – Andre respondeu asperamente.

— Minha mulher não tem que obedecer a ordens suas – disse Quinn.

Abri a boca para protestar, mas sob aquelas circunstâncias, era difícil dizer a Quinn que eu podia cuidar de mim mesma.

Não havia manual de etiqueta para cobrir uma calamidade como essa e, até a regra social para todas as ocasiões de minha avó (“Faça o que deixa todo mundo mais confortável”), dificilmente se aplicaria para abranger minha situação. Imaginei o que diria a Querida Abby.

— Andre – falei, tentando soar firme ao invés de intimidada e amedrontada –, terminarei o serviço que me comprometi a fazer para a rainha aqui, porque concordei. Mas eu nunca mais trabalharei para vocês dois novamente. Eric, obrigada por tornar as coisas tão agradáveis para mim quanto lhe foi possível. (Embora agradável dificilmente parecesse a palavra certa.)

Eric havia cambaleado para recostar-se contra a parede. Ele deixou que a capa se abrisse, e a mancha em suas calças ficou claramente visível.

— Oh, sem problema – ele disse sonhadoramente.

Aquilo não ajudou. Suspeitei que ele tivesse feito de propósito. Senti o calor queimar minhas bochechas. — Quinn, eu converso com você mais tarde, como nós combinamos – respondi. Então vacilei. – Isto é, se você ainda estiver disposto a falar comigo.

Eu pensei, mas não consegui dizer, porque teria sido excessivamente injusto, que teria sido mais útil se ele tivesse aparecido dez minutos antes...

ou não tivesse vindo afinal.

Não olhando para a direita e nem para a esquerda, me forcei a marchar pelo corredor, virando à direita, passando através de uma porta giratória que dava diretamente na cozinha.

Claramente não era onde eu queria estar, mas pelo menos estava longe dos três homens no corredor.

— Onde fica a área de bagagens? – perguntei ao primeiro funcionário uniformizado que avistei. Era uma garçonete carregando taças de sangue sintético numa enorme bandeja redonda, que não parou a tarefa enquanto acenava com a cabeça na direção de uma porta na parede sul dizendo SAÍDA. Eu estava entrando num bocado de portas como aquela esta noite.

Esta porta era mais pesada e conduzia a um lance de escadas que descia para um nível inferior, que percebi ser de fato subterrâneo. Nós não temos porões de onde eu venho (o nível da água é alto demais), então senti um leve frisson por estar abaixo do nível da rua.

Eu andava como se algo estivesse me perseguindo, o que de um modo não literal era absolutamente verdade, e pensava na maldita mala para que não tivesse que pensar em mais nada. Mas quando alcancei o patamar, me detive completamente.

Agora que estava fora de vista e realmente sozinha, tomei um tempo para ficar imóvel, uma mão descansando contra a parede. Me permiti reagir ao que tinha acabado de acontecer. Comecei a tremer e, quando toquei meu pescoço, percebi que o colarinho parecia estranho. Puxei o tecido e dei uma espécie de torcida para dar uma olhada. O colarinho estava manchado com meu sangue. Lágrimas começaram a fluir de meus olhos, e me agachei no patamar daquela escadaria desoladora numa cidade longe de casa.

Capítulo 12

EU SIMPLESMENTE NÃO CONSEGUIA processar o que tinha acabado de acontecer; não coincidia com a imagem interna que eu fazia de mim mesma ou como me comportava. Só conseguia pensar, você tinha que ter estado lá. E mesmo assim isso não soava convincente.

Okay, Sookie, falei. O que mais você poderia ter feito? Não era hora de pensar detalhadamente, mas um rápido exame em minhas opções mostrou zero. Eu não podia ter lutado contra Andre ou tê-lo convencido a me deixar em paz. Eric podia ter lutado, mas escolheu não fazê-lo porque queria manter sua posição na hierarquia da Louisiana, e também porque podia ter perdido. Mesmo se tivesse chance de vencer, a penalidade seria incrivelmente pesada. Vampiros não lutam por causa de humanos.

Mesmo assim, eu podia ter escolhido morrer ao invés de me submeter à troca de sangue, mas não tinha realmente certeza de como teria conseguido, e com certeza não queria fazer isso. Simplesmente não havia nada que eu pudesse ter feito, pelo menos nada que viesse à cabeça enquanto me encontrava ali sentada no meio do colorido bege das escadas.

Me recompus, enxuguei o rosto com um lenço do bolso e alisei os cabelos.

Fiquei de pé e me endireitei. Eu estava na trilha certa para recuperar minha autoimagem. Teria que guardar o resto para depois.

Empurrei a porta de metal e entrei numa área cavernosa com chão de concreto. Enquanto progredia pela área de trabalho do hotel (começando pelo primeiro corredor bege simples), a decoração foi se reduzindo ao mínimo. Esta área era absolutamente funcional.

Ninguém prestou a mínima atenção em mim, então dei uma boa olhada ao redor. Não era como se eu estivesse ansiosa para voltar correndo para a rainha, certo? Do outro lado do espaço, havia um enorme elevador industrial. Esse hotel fora desenhado de modo a ter o menor número possível de aberturas para o mundo exterior, para minimizar a chance de intrusos tanto humanos quanto o inimigo sol. Mas o hotel tinha que ter ao menos uma doca larga para carregar e descarregar caixões e suprimentos.

Esse era o elevador que servia a doca. Os caixões entravam por aqui antes de serem levados para os quartos designados. Dois homens uniformizados armados com espingardas ficavam de frente para o elevador, mas eu tenho que dizer que pareciam notavelmente entediados, nem um pouco parecidos com os cães de guarda alertas no saguão.

Numa área junto à parede mais distante, à esquerda do enorme elevador, algumas malas se encontravam amontoadas numa triste espécie de cercado, uma área delineada por aqueles postes que contém correias retráteis usadas para direcionar cargas nos

aeroportos. Ninguém parecia estar encarregada delas, então caminhei até lá — e foi uma longa caminhada — e comecei a ler as etiquetas. Já havia outro lacaio como eu examinando as bagagens, um rapaz de óculos vestindo um terno.

— O que está procurando? – perguntei. – Se vir enquanto eu procuro, posso pegar para você.

— Boa ideia. A recepção ligou para dizer que tínhamos uma mala aqui e que não chegou ao quarto, então aqui estou. A etiqueta diz “Phoebe Golden, Rainha do Iowa” ou algo assim. Você?

— Sophie-Anne Leclerq, Louisiana.

— Uau, você trabalha para ela? Ela matou?

— Não. E eu sei por que estava lá – respondi, e o rosto curioso ficou ainda mais curioso. Mas ele percebeu que eu não diria mais nada a respeito, e recomeçou a procurar.

Fiquei surpresa com a quantidade de malas no cercado.

— Por que – perguntei ao rapaz – eles simplesmente não trouxeram e deixaram nos quartos? Como o resto da bagagem?

Ele deu de ombros. — Me disseram que é algum tipo de questão de responsabilidade. Temos que identificar as malas pessoalmente, para que possam dizer que fomos nós que pegamos. Ei, é essa que eu quero – ele disse após um momento. – Não consigo ler o nome do dono, mas diz Iowa, então deve pertencer a

alguém do nosso grupo. Bom, tchau, foi um prazer falar com você. – Ele partiu rapidamente com uma mala preta de rodas.

Imediatamente depois disso, eu atingi meu alvo. Uma mala de couro azul tinha a etiqueta “Xerife, Área — ” bom, eu não consegui decifrar o garrancho. Os vampiros usavam todos os tipos de escrita, dependendo da educação que tiveram na época em que nasceram. “Louisiana”, dizia a etiqueta. Peguei a velha mala e a tirei do cercado. A escrita não ficou mais clara ao examiná-la de perto. Como meu colega de Iowa, decidi que a melhor opção seria levá-la para cima e mostrá-la por aí até que alguém a reclamasse. Um dos seguranças armados virou de lado em seu posto para verificar o que eu estava fazendo.

— Onde está indo com isso, belezinha? – ele disse em voz alta.

— Trabalho para a Rainha da Louisiana. Ela me mandou vir pegá-la – respondi.

— Seu nome?

— Sookie Stackhouse.

— Ei, Joe! – ele gritou para um funcionário, um sujeito pesado sentado atrás de uma escrivaninha realmente feia com um computador maltratado. – Verifique o nome Stackhouse, falou?

— Claro – disse Joe, afastando o olhar do rapaz de Iowa que mal era visível do outro lado do espaço cavernoso. Joe me brindou com a mesma curiosidade. Quando viu que eu notei, ele pareceu culpado e digitou no teclado. Olhou para a tela do computador como

se este pudesse lhe dizer tudo que precisava saber, e para propósito de seu trabalho, talvez estivesse certo.

— Okay – Joe gritou para o guarda. – Ela está na lista. – Era dele a voz brusca que lembrei da conversa telefônica.

Ele voltou a me encarar e, embora todas as outras pessoas no lugar estivessem com pensamentos em branco, neutros, os de Joe não eram assim.

Eles estavam protegidos. Nunca encontrei nada parecido. Alguém colocara um capacete metafísico em sua cabeça. Tentei passar por ele, ao redor, por baixo, mas permaneceu no lugar. Enquanto perscrutava, tentando entrar em seus pensamentos, Joe me olhou com uma expressão zangada. Não achei que ele soubesse o que eu estava fazendo. Achei-o rabugento.

— Com licença – falei, gritando para que minha pergunta alcançasse os ouvidos de Joe. – Minha foto está com o nome em sua lista?

— Não – ele disse, bufando como se eu tivesse feito uma pergunta estranha. – Temos uma lista de todos os hóspedes e quem eles trouxeram junto.

— Então como sabe quem sou eu?

— Hein?

— Como sabe que eu sou Sookie Stackhouse?

— Você não é?

— Sim.

— Então por que está enchendo o saco? Saia daqui com a maldita mala. – Joe olhou para seu computador e o guarda virou-se para encarar o elevador. Aquela devia ser a lendária grosseria ianque, pensei.

A mala não possuía rodas; impossível dizer a quanto tempo o dono a possuía. Peguei-a e marchei até a porta da escadaria. Havia outro elevador perto da porta, notei, mas não chegava nem perto do tamanho daquela que dava acesso ao exterior. Tinha espaço para caixões, verdade, mas talvez para só um de cada vez.

Eu já tinha aberto a porta da escada quando percebi que se fosse por aquele caminho, teria que passar pelo corredor de serviço novamente. E se Eric, Andre e Quinn ainda estivessem lá? E se eles tivessem arrancado as gargantas um dos outros? Apesar de, naquele momento, tal cenário não me deixar devastada, decidi evitar a chance de um encontro. Peguei o elevador em vez disso. Okay, era covarde, mas uma mulher só pode lidar com o suficiente por uma noite.

Aquele elevador definitivamente era para peões. As paredes eram estofadas para evitar que cargas fossem danificadas. Servia apenas os primeiros quatro andares: térreo, saguão, mezanino, andar humano. Depois disso, o formato da pirâmide ditava que, para subir, você tinha que ir ao centro para pegar um dos elevadores que subiam até o fim. Isso tornava o transporte dos caixões um processo

lento, pensei. O pessoal da Pirâmide trabalhava duro para merecer o salário.

Decidi levar a mala direto para a suíte da rainha. Não sabia o que mais fazer com ela.

Quando saí no andar de Sophie-Anne, a área do vestíbulo junto ao elevador estava silenciosa e vazia. Provavelmente todos os vampiros e seus serviçais estavam lá embaixo no sarau. Alguém havia deixado uma lata de refrigerante largada num grande vaso espalhafatosamente enfeitado, contendo algum tipo de árvore pequena. O vaso estava posicionado contra a parede entre os dois elevadores. Acho que a árvore devia ser algum tipo de palmeira, para combinar com o tema egípcio. A estúpida lata de soda me incomodou. Obviamente, havia serventes no hotel cujo trabalho era manter tudo limpo, mas o hábito de recolher estava enraizado em mim. Não sou uma fanática por arrumação, mas mesmo assim. Aquele era um lugar asseado, e algum idiota estava jogando lixo por aí. Eu me inclinei para catar o negócio com a mão direita livre, pretendendo jogá-la na primeira lata de lixo disponível.

Mas ela era bem mais pesada do que devia ser.

Eu larguei a mala para olhar a lata mais de perto, embalando-a com ambas as mãos. As cores e o desenho faziam o cilindro parecer uma lata de Dr. Pepper em quase todos os aspectos, mas simplesmente não era.

As portas do elevador se abriram novamente, e Batanya saiu com uma arma de aparência estranha na mão, uma espada na

outra. Olhando por sobre o ombro da guarda-costas, dentro do elevador, eu vi o Rei do Kentucky, que me devolveu o olhar, curioso.

Batanya pareceu um pouco surpresa em me ver parada ali, estatelada diante da porta. Ela perscrutou a área, então apontou a arma cuidadosamente para o chão. A espada permaneceu pronta em sua mão esquerda.

— Você poderia dar um passo para minha esquerda? – ela perguntou muito cortês. – O rei quer entrar nesse quarto. – Sua cabeça acenou em direção a um dos quartos à direita.

Eu não me mexi, não conseguia imaginar o que dizer. Ela estudou o modo como eu estava parada e a expressão em meu rosto. E disse de modo simpático, — Eu não sei por que vocês bebem essas coisas gaseificadas.

Elas me dão gases também.

— Não é isso.

— Algo errado?

— Isto não é uma lata vazia – respondi.

O rosto de Batanya congelou. — O que você acha que é? – ela perguntou muito, muito calmamente. Era a voz para Grandes Problemas.

— Pode ser uma câmera espiã – falei esperançosamente. – Ou, veja, estou achando que pode ser uma bomba. Porque não é uma

lata de verdade.

Está cheia de algo pesado, e esse peso não é fluído. – Não apenas não havia lingüeta na lata, como seu conteúdo não sacudia como líquido.

— Compreendo – disse Batanya. Novamente com calma. Ela apertou um pequeno painel na armadura em seu peito, uma área azul-escura do tamanho de um cartão de crédito. – Clovache – ela disse. – Dispositivo desconhecido no quarto andar. Estou levando o rei para baixo.

A voz de Clovache respondeu, — De que tamanho é o dispositivo? – Seu sotaque era parecido com russo, pelo menos para meus ouvidos locais.

— Do tamanho de uma daquelas latas de xarope adocicado – respondeu Batanya.

— Ah, as bebidas que fazem arrotar – disse Clovache. Boa memória, Clovache, pensei.

— Sim. A garota Stackhouse notou, não eu – Batanya disse sombriamente. – E agora ela está parada com o objeto na mão.

— Diga-lhe para colocar no chão – aconselhou a invisível Clovache, com a simplicidade de alguém que afirmava um fato óbvio.

Atrás de Batanya, o Rei do Kentucky estava começando a parecer muito nervoso. Batanya fitou-o por sobre o ombro.

— Mande um esquadrão antibombas da unidade de policiamento local para cá – disse Batanya para Clovache. – Estou levando o rei para baixo.

— O tigre está aqui também – Clovache disse. – Ela é mulher dele.

Antes que eu pudesse dizer, “Pelo amor de Deus, não o mande aqui para cima,” Batanya apertou o retângulo novamente e desligou-o.

— Eu tenho que proteger o rei – Batanya disse com um tom de desculpas na voz. Ela entrou no elevador, apertou um botão e me deu um aceno. Nada me assustou tanto quanto aquele aceno. Era um olhar de adeus.

E a porta se fechou.

Ali estava eu, sozinha no andar silencioso do hotel, segurando um instrumento da morte. Talvez. Nenhum dos elevadores deu qualquer sinal de vida. Ninguém saiu pelas portas do quarto andar, e ninguém entrou. A porta da escadaria não se moveu. Houve um longo e mortal momento em que não fiz nada, exceto segurar a lata de Dr. Pepper falsa. Respirei um pouco também, mas nada violento demais.

Com uma explosão de som que me sobressaltou a ponto de quase derrubar a lata, Quinn irrompeu no corredor. Ele subira as escadas numa pressa danada, se sua respiração dava qualquer indicação. Eu não podia dispensar parte do cérebro para descobrir o

que estava se passando em sua cabeça, mas seu rosto não mostrava nada exceto o mesmo tipo de máscara calma que Batanya usara. Todd Donati, o segurança, surgiu nos calcanhares de Quinn. Ambos pararam a cerca de um metro e meio de distância de mim.

— O esquadrão antibombas está a caminho – disse Donati, adiantando as boas notícias.

— Coloque onde estava, docinho – disse Quinn.

— Oh, sim, eu quero colocar de volta onde estava – respondi. – Só estou com medo de fazer isso.

Eu não tinha movido um músculo no que pareceu ser um milhão de anos, e já estava ficando cansada. Mas continuei olhando para a lata que segurava com ambas as mãos. Prometi a mim mesma que nunca mais tomaria outro Dr. Pepper enquanto vivesse, e eu realmente gostava deles antes desta noite.

— Está bem – disse Quinn, estendendo a mão. – Dê para mim.

Eu nunca quis tanto fazer algo em minha vida.

— Não até sabermos o que é – respondi. – Talvez seja uma câmera.

Talvez algum tabloide esteja tentando conseguir fotos da grande conferência vampira. – Tentei sorrir. – Talvez seja um pequeno computador, contando vampiros e humanos enquanto eles passam. Talvez seja uma bomba que Jennifer Cater plantou antes

de ser eliminada. Talvez ela quisesse explodir a rainha. – Tive alguns minutos para pensar a respeito.

— E talvez arranque sua mão fora – ele disse. – Me deixe pegá-la, docinho.

— Você tem certeza de que quer fazer isso, depois dessa noite? – perguntei sombriamente.

— Podemos conversar a respeito mais tarde. Não se preocupe com isso. Apenas me dê a maldita lata.

Notei que Todd Donati não se ofereceu, e ele já tinha uma doença fatal. Ele não queria morrer como um herói? Qual era o problema dele?

Então fiquei envergonhada de mim mesma por até pensar daquele jeito. Ele tinha uma família e queria cada minuto com eles. Donati estava suando visivelmente e estava branco como um vampiro. Ele falava num pequeno aparelho que usava, relatando o que estava vendo para... alguém.

— Não, Quinn. Alguém com um daqueles trajes especiais precisa pegar – falei. – Não vou me mexer. A lata não vai se mexer. Estamos bem.

Até um daqueles caras especiais chegar aqui. Ou garotas especiais – acrescentei para ser justa.

Estava me sentindo um pouco tonta. Os múltiplos choques da noite estavam cobrando seu preço, e eu estava começando a

tremer. Além disso, achava que estava louca por fazer aquilo; e no entanto ali estava, fazendo.

— Alguém tem visão de raio-x? – perguntei, tentando sorrir. – Onde está o Super-Homem quando se precisa dele?

— Você está tentando ser uma mártir para essas malditas coisas? – Quinn perguntou, e percebi que “malditas coisas” eram os vampiros.

— Rá – eu disse – Oh, ha-ha. Sim, porque eles me amam. Viu quantos vampiros estão aqui? Zero, certo?

— Um – disse Eric, surgindo na escadaria. – Estamos atados demais para o meu gosto, Sookie. – Ele estava visivelmente tenso; eu não conseguia lembrar de alguma vez ter visto Eric tão ansioso. – Estou aqui para morrer com você, aparentemente.

— Ótimo. Para tornar meu dia absolutamente completo, aqui está Eric novamente – falei e, se soei um pouco sarcástica, bom, eu tinha o direito. – Vocês estão completamente malucos? Saiam daqui!

Numa voz enérgica, Todd Donati disse, — Bem, eu vou. Você não vai deixar ninguém pegar a lata, não vai largar e não explodiu ainda. Então eu acho que vou descer e esperar pelo esquadrão antibombas.

Eu não podia culpar sua lógica.

— Obrigada por chamar as tropas – respondi, e Donati pegou as escadas, porque o elevador estava perto demais de mim. Pude ler facilmente sua cabeça; ele se sentia profundamente envergonhado por não ter realmente se oferecido para me ajudar de uma forma mais concreta. Ele planejava descer pelas escadas até um andar onde ninguém pudesse vê-lo, e então pegar o elevador para conservar as forças. A porta das escadas se fechou atrás dele, então nós três nos vimos sozinhos num quadro vivo triangular: Quinn, Eric e eu. Isto era simbólico ou o quê?

Minha cabeça parecia leve.

Eric começou a se mover muito lenta e cuidadosamente — acho que para não me sobressaltar. Num instante, ele estava junto de meu cotovelo.

O cérebro de Quinn pulsava e martelava como uma bola de discoteca bem à minha direita. Ele não sabia como me ajudar e, é claro, estava um pouco temeroso do que podia acontecer. Quem sabia, com Eric? Tirando o fato de ser capaz de localizá-lo e determinar como estava se orientando ao meu redor, eu não conseguia ver mais nada.

— Dê para mim e vá embora – Eric disse. Ele estava pressionando sua influência vampira em minha cabeça com todas as forças.

— Não vai funcionar, nunca funcionou – murmurei.

— Você é uma mulher teimosa – ele disse.

— Não sou – respondi, prestes a chorar, primeiro por ser acusada de nobreza, então teimosia. – Eu só não quero me mexer! É mais seguro!

— Alguns podem considerá-la suicida.

— Bom, “alguns” podem tomar no traseiro.

— Docinho, coloque-o no vaso. Apenas largue ali beeeeem devagar – disse Quinn, a voz muito gentil. – Então vou lhe arranjar um drinque bem grande com bastante álcool. Você é uma garota realmente forte, sabia disso? Estou orgulhoso de você, Sookie. Mas se você não largar isso agora e sair daqui, eu vou ficar realmente furioso, você me ouviu? Não quero que nada aconteça a você. Isso seria loucura, certo?

Fui salva de um debate adicional com a chegada de outra entidade à cena. A polícia enviara um robô pelo elevador. Quando a porta se abriu, todos nós pulamos, porque estivemos envolvidos demais no drama para notar o ruído. De fato, eu ri quando o robô desajeitado rolou pelo elevador.

Comecei a estender a bomba para ele, mas percebi que o robô não devia pegá-lo. Ele parecia ser operado por controle remoto e virou levemente à direita para me encarar. Permaneceu imóvel por alguns minutos para dar uma boa olhada em mim e no que estava em minha mão. Após um minuto ou dois de exame, o robô retornou ao elevador e seu braço se estendeu desajeitadamente para apertar o botão correto. As portas se fecharam e ele partiu.

— Eu detesto tecnologia moderna – Eric disse em voz baixa.

— Não é verdade – falei. – Você ama o que os computadores podem fazer. Sei disso como fato. Lembra-se do quanto ficou feliz quando viu a escala dos empregados do Fangtasia, com todas as horas de trabalho preenchidas?

— Eu não gosto da impessoalidade. Gosto do conhecimento que pode conter.

Achei a conversa estranha demais para continuar sob aquelas circunstâncias.

— Alguém está subindo pelas escadas – Quinn disse, e abriu a porta.

O sujeito que desarmava bombas juntou-se ao nosso pequeno grupo.

A divisão de homicídios podia não ostentar nenhum tira vampiro, mas o esquadrão de bombas sim. O vampiro usava uma daquelas armaduras parecidas com trajes espaciais (mesmo que você consiga sobreviver, acho que ser explodido não é uma boa experiência). Alguém havia escrito “BOOM” onde normalmente devia estar o crachá em seu peito. Oh, isso era tão engraçado.

— Vocês dois, civis, precisam deixar o local para a senhorita e eu – disse Boom, movendo-se lentamente na minha direção. – Deem uma volta, caras – disse quando nenhum dos homens se mexeu.

— Não – disse Eric.

— Inferno, não – respondeu Quinn.

Não é fácil encolher os ombros num daqueles trajes, mas Boom conseguiu. Ele segurava um container quadrado.

Sinceramente, eu não estava com humor para dar uma olhada, e tudo com que me importei foi o momento em que ele abriu a tampa e o segurou, cuidadosamente colocando-o sob minhas mãos. Muito, muito cuidadosamente baixei a lata até o interior almofadado do container. Soltei e tirei as mãos com um alívio que nem mesmo conseguia descrever, e Boom fechou a tampa, ainda sorrindo alegremente por trás da cautela no rosto claro. Eu estremeci por completo, as mãos tremendo violentamente por sair daquela posição.

Boom virou-se, retardado pelo traje, e gesticulou para que Quinn abrisse a porta das escadas novamente. Quinn obedeceu, e lá se foi o vampiro: lenta, cuidadosa e equilibradamente. Talvez ele tenha sorrido no caminho. Mas não explodiu, porque não ouvi nenhum ruído, e tenho que dizer que todos nós ficamos congelados no lugar por um bom tempo.

— Oh – falei. – Oh. – Isso não foi brilhante, mas eu estava em milhares de pedaços emocionais. Meus joelhos cederam.

Quinn lançou-se sobre mim e colocou os braços ao meu redor.

— Sua idiota – disse. – Sua idiota. – Era como se estivesse dizendo, “Obrigado, Deus.” Estava sendo sufocada por um tigre e

esfreguei o rosto contra sua camisa da E(E)E, para enxugar as lágrimas que escapavam de meus olhos.

Quando perscrutei por sob seu braço, não havia ninguém por perto.

Eric havia desaparecido. Então tive um momento para desfrutar o abraço, para saber que Quinn ainda gostava de mim, que o negócio com Andre e Eric não tinha matado todos os sentimentos que ele começara a ter por mim.

Tive um momento para sentir alívio absoluto por ter escapado da morte.

Então o elevador e a porta das escadarias se abriram simultaneamente, e todos os tipos de pessoas quiseram falar comigo.

Capítulo 13

— ERA UMA BOMBA – disse Todd Donati. – Uma bomba rápida, tosca. A polícia poderá dizer mais, eu espero, assim que concluírem a análise. – O chefe da segurança encontrava-se sentado na suíte da rainha.

Eu finalmente consegui rebocar a mala azul até uma das poltronas e, cara, fiquei feliz por me livrar dela. Sophie-Anne não se incomodou em me agradecer por trazê-la, mas realmente não esperava que o fizesse, eu acho.

Quando se possui subordinados, você os envia em missões e não tem que agradecê-los. É por isso que são subordinados. Para falar a verdade, eu não tinha certeza se aquela coisa estúpida era mesmo dela.

— Imagino que serei despedido, especialmente depois dos assassinatos – disse o segurança-chefe. Sua voz era calma, mas os pensamentos eram amargos. Ele precisava do seguro-saúde.

Andre lançou ao homem um de seus longos olhares azuis. — E como a lata veio parar no andar da rainha, naquela área? – Andre não podia ter se importado menos com a situação de emprego de Todd Donati. Donati retribuiu o olhar, mas era uma espécie de olhar cansado.

— Por que diabos você seria despedido, só porque alguém foi capaz de trazer uma bomba e plantá-la? Talvez porque você esteja

encarregado da segurança de todos no hotel? – Gervaise perguntou, definitivamente de modo cruel. Eu não o conhecia muito bem e estava começando a sentir que por mim estava ótimo. Cleo deu um tapa no braço de Gervaise com força suficiente para fazê-lo se encolher.

Donati disse, — Em poucas palavras, é isto. Obviamente, alguém trouxe aquela bomba e colocou-a no vaso perto da porta do elevador. Pode ter sido para a rainha, já que estava mais perto da porta dela. Quase da mesma forma, pode ter sido para qualquer um nesse andar, ou pode ter sido plantada por acaso. Então acho que a bomba e o assassinato dos vampiros do Arkansas são dois casos diferentes. Em nosso interrogatório, descobrimos que Jennifer Cater não tinha muitos amigos. Sua rainha não é a única que tem algo contra ela, embora seja o caso mais sério.

Possivelmente Jennifer plantou a bomba ou arranjou para que alguém o fizesse, antes de ser assassinada.

Vi Henrik Feith sentado num canto da suíte, com a barba sacudindo enquanto balançava a cabeça. Tentei visualizar o único membro sobrevivente do contingente de Arkansas perambulando por aí com uma bomba, e simplesmente não consegui imaginar. O pequeno vampiro parecia convencido de que estava num ninho de víboras. Eu tinha certeza que ele estava se arrependendo por aceitar a proteção da rainha, porque agora isso não parecia uma perspectiva muito confiável.

— Há muito que fazer aqui e agora – disse Andre. Ele soava apenas levemente preocupado, e seguia sua própria linha de

pensamento. – Christian Baruch foi precipitado ao ameaçar demiti-lo agora, quando mais precisa de sua lealdade.

— O sujeito é temperamental – disse Todd Donati, e eu soube sem dúvida que ele não era nativo de Rhodes. Quanto mais estressado, mais parecia com meu lar; não a Louisiana, talvez, mas norte do Tennessee. – O machado ainda não caiu. Se conseguirmos chegar ao fundo do que está acontecendo, talvez eu seja reintegrado. Não existem muitas pessoas para este trabalho. Muitos seguranças não gostam de... – Trabalhar com os malditos vampiros, Donati completou a frase silenciosamente, exceto para mim e ele mesmo. Então se lembrou rapidamente de voltar ao presente imediato. – Não gostam da carga de horário exigida para administrar a segurança de um lugar grande como este – ele terminou em voz alta, para benefício dos vampiros. – Mas eu gosto do trabalho. – Meus filhos vão precisar dos benefícios quando eu morrer. Só mais dois meses e a cobertura ficará com eles depois que eu me for. Ele viera à suíte da rainha para falar comigo sobre o incidente com a lata de Dr. Pepper (assim como a polícia e o sempre presente Christian Baruch), mas estava ficando para bater papo.

Apesar dos vampiros parecerem não ter notado, Donati estava tão falante porque tomara medicação pesada para dor. Senti pena por ele e, ao mesmo tempo, percebi que alguém com tantas distrações provavelmente não fazia um bom trabalho. O que passara despercebido a Donati nos últimos meses, desde que sua doença começara a afetar sua vida diária?

Talvez tivesse contratado as pessoas erradas. Talvez tivesse omitido algum passo vital para proteger os hóspedes do hotel. Talvez — fui distraída por uma onda de calor.

Eric estava vindo.

Eu nunca senti tão claramente a presença dele, e meu coração afundou ao me dar conta de que a troca de sangue foi importante. Se minha memória estava correta, foi a terceira vez que tomei o sangue de Eric, e três sempre é um número significativo. Sentia uma constante percepção de sua presença quando ele estava por perto, e tinha que acreditar que Eric sentia o mesmo. Deviam existir mais coisas naquele vínculo agora do que eu já tinha experimentado. Fechei os olhos e me inclinei, encostando a testa nos joelhos.

Houve uma batida na porta e Sigebert atendeu depois de olhar cuidadosamente através do olho mágico. Ele deixou Eric entrar. Eu mal consegui olhar para ele ou cumprimentá-lo casualmente. Devia estar grata a Eric, sabia disso, e de certa forma estava. Chupar o sangue de Andre teria sido intolerável. Apague isso: eu teria que ter tolerado. Seria repugnante.

Mas compartilhar sangue não foi exatamente escolha minha, e não esqueceria disso. Eric sentou-se ao meu lado no sofá. Eu pulei como se tivesse sido cutucada com um aguilhão e cruzei o aposento até o bar para me servir de um copo de água. Não importava onde fosse eu podia sentir a presença de Eric; para tornar isso ainda mais inquietante, descobri que essa proximidade era de algum modo reconfortante, como se me fizesse sentir mais segura.

Oh, simplesmente ótimo.

Não havia outro lugar para me sentar. Acomodei-me miseravelmente ao lado do viking, que agora possuía um pedaço de mim. Antes dessa noite, quando via Eric, eu sentia um simples prazer casual — embora tenha pensado nele com mais frequência do que uma mulher devia pensar num homem que sobreviveria a ela por séculos. Lembrei que isso não era culpa de Eric. Ele podia ser político e estar concentrado em procurar pelo número um (que se soletrava E-R-I-C), mas eu não via como podia ter adivinhado o propósito de Andre e nos encontrado para argumentar com qualquer grau de premeditação. Então devia a Eric um grande obrigado, não importa como olhasse para aquilo, mas aquela não seria uma conversa que teríamos perto da rainha e do supracitado Andre.

— Bill ainda está vendendo seus disquinhos de computador lá embaixo – Eric comentou comigo.

— E daí?

— Achei que talvez você estivesse imaginando por que eu apareci quando você estava encrencada e ele não.

— Isso nunca me passou pela cabeça – respondi, imaginando por que Eric estava trazendo isso à tona.

— Eu o fiz permanecer lá embaixo – Eric disse. – Afinal, sou o xerife da área dele.

Eu dei de ombros.

— Ele queria me bater – Eric continuou com apenas um toque de sorriso nos lábios. – Ele queria tomar a bomba de você e ser seu herói.

Quinn teria feito isso também.

— Recordo que Quinn se ofereceu – falei.

— Eu me ofereci também – disse Eric. Ele pareceu meio chocado com o fato.

— Não quero falar a respeito – respondi e esperava que meu tom tivesse deixado claro que falava sério.

Estava amanhecendo e eu tive uma noite estressante (que era o modo mais leve de expressar). Consegui chamar a atenção de Andre e dei um pequeno aceno de cabeça na direção de Todd Donati. Estava tentando lhe dar a dica de que Donati não estava totalmente bem. De fato, ele estava tão cinzento quanto um céu nublado.

— Se nos der licença, Sr. Donati... Apreciamos sua companhia, mas temos muito a discutir sobre os planos para amanhã à noite – disse Andre tranquilamente e Donati enrijeceu, já que sabia muito bem que estava sendo dispensado.

— É claro, Sr. Andre – disse o segurança-chefe. – Espero que todos durmam bem durante o dia e vejo-os amanhã à noite. – Ele ficou de pé com mais esforço do que seria necessário e reprimiu um esgar de dor. – Srta.

Stackhouse, espero que se recupere logo da experiência ruim.

— Obrigada – falei, e Sigebert abriu a porta para que Donati saísse. – Se vocês me derem licença – continuei no minuto em que ele se foi. – Eu também vou para o meu quarto agora.

A rainha me lançou um olhar oblíquo. — Você está infeliz com algo, Sookie? – disse, apesar de ter soado como se não quisesse realmente ouvir a resposta.

— Oh, por que estaria infeliz? Eu adoro ter coisas feitas a mim contra a vontade – respondi. A pressão esteve reprimida e as palavras saíram como lava explodindo de um vulcão, embora meu subconsciente, mais inteligente, ficasse dizendo para tapá-lo. – E mais – falei em voz bem alta, não me ouvindo nem um pouco –, adoro andar com os responsáveis por isso. É ainda melhor! – Eu estava perdendo a coerência e ganhando ímpeto.

Não sabia o que teria dito a seguir se Sophie-Anne não tivesse levantado uma mão branca. Ela parecia um ‘cadinho perturbada, como diria minha avó.

— Você está assumindo que eu sei do que está falando e quero ouvir uma humana gritando comigo – disse Sophie-Anne.

Os olhos de Eric brilhavam como se houvesse uma vela queimando por trás deles, e estava tão adorável que eu podia me afogar nele. Deus me ajude. Forcei-me a olhar para Andre, que me examinava como se estivesse decidindo onde estava o melhor corte de filé. Gervaise e Cleo pareciam apenas interessados.

— Desculpe – respondi, voltando ao mundo da realidade com um baque. Era tão tarde, eu estava cansada e a noite foi tão cheia de incidentes que achei que, por um breve segundo, podia de fato desmaiar. Mas os Stackhouses não produziam fracos, tampouco as fadas, eu acho. Era hora de eu dar um aceno àquela pequena porcentagem de minha herança. – Estou muito cansada. – De repente, me vi sem forças. Eu realmente queria ir para a cama. Nem uma palavra foi dita enquanto eu me arrastava até a porta, o que foi quase um milagre.

No entanto, assim que fechei a porta atrás de mim, ouvi a rainha dizer: — Explique, Andre.

Quinn esperava na porta do meu quarto. Nem mesmo sabia se tinha energia para ficar contente ou triste em vê-lo. Tirei o retângulo plástico, abri a porta e depois de um rápido exame lá dentro para ver que minha colega de quarto não estava (embora tenha imaginado onde estaria, já que Gervaise se encontrava sozinho), sacudi a cabeça para dizer a Quinn que ele podia entrar.

— Eu tenho uma ideia – ele disse em voz baixa.

Levantei as sobrancelhas, exausta demais para falar.

— Vamos simplesmente subir na cama e dormir.

Eu finalmente consegui sorrir para ele.

— É a melhor oferta que recebi o dia todo – respondi. E naquele segundo, percebi que poderia amar Quinn. Enquanto ele

visitava o banheiro, tirei as roupas, dobrei e vesti o pijama rosa, curto e sedoso ao toque.

Quinn saiu do banheiro de cuecas, mas eu estava cansada demais para apreciar a vista. Ele subiu na cama enquanto eu escovava os dentes e lavava o rosto. Subi ao lado dele. Ele virou de lado e abriu os braços, e eu simplesmente deslizei até ele. Não tínhamos tomado banho, mas ele cheirava bem para mim: vivo e vital.

— Boa cerimônia esta noite – lembrei de dizer, depois de desligar a lâmpada de cabeceira.

— Obrigado.

— Tem mais vindo por aí?

— Sim, se sua rainha for a julgamento. Agora que Cater foi morta, quem sabe se ainda está de pé. E amanhã à noite tem o baile, depois do julgamento.

— Oh, vou poder usar meu belo vestido. – Um pequeno toque de prazer me inundou àquela perspectiva. – Você tem que trabalhar?

— Não, o baile está sendo organizado pelo hotel – ele disse. – Você vai dançar comigo ou com o vampiro loiro?

— Oh, inferno – respondi, desejando que Quinn não tivesse me lembrado.

Pegando a deixa, ele disse, — Esqueça, docinho. Estamos aqui juntos agora na cama, como devíamos estar.

Como devíamos estar. Aquilo parecia ótimo.

— Você ouviu falar sobre mim esta noite, certo? – ele perguntou.

A noite teve tantos incidentes que levei um tempo para lembrar o que descobri sobre as coisas que ele teve que fazer para sobreviver. E que ele tinha uma meia-irmã. Uma meia-irmã problemática, louca e dependente que me detestara à primeira vista. Ele estava um pouco tenso, esperando por minha reação. Pude sentir em sua cabeça, seu corpo. Tentei pensar numa forma gentil e maravilhosa de expressar como me sentia. Estava cansada demais.

— Quinn, eu não tenho problema com você – falei. Beijei seu rosto e sua boca. – Nenhum problema. E tentarei gostar de Frannie.

— Oh – ele disse, soando simplesmente aliviado. – Bom, então. – Ele beijou minha testa e nós adormecemos.

Eu dormi como um vampiro. Não acordei nem para fazer uma viagem ao banheiro ou mesmo para me virar. Deslizei para a consciência uma vez ao ouvir Quinn roncando, apenas um leve rufar de som, e me aconcheguei mais contra ele. Ele parou, murmurou e ficou em silêncio.

Olhei para o relógio de cabeceira quando finalmente, realmente, acordei. Era quatro da tarde; eu dormi por doze horas. Quinn havia partido, mas desenhara um grande par de lábios (com meu batom)

num bloco de carta do hotel e deixara-o em seu travesseiro. Sorri. Minha colega de quarto não tinha voltado. Talvez ela estivesse passando o dia no caixão de Gervaise. Estremeci.

— Ele me deixa arrepiada – falei em voz alta, desejando que Amelia estivesse ali para responder. Falando em Amelia... pesquei o celular de dentro da bolsa e liguei para ela.

— Oi – ela disse. – O que foi?

— O que está fazendo? – perguntei, tentando não sentir saudades de casa.

— Escovando Bob – ela disse. – Ele tem uma bola de pelos.

— E tirando isso?

— Oh, trabalhei um pouco no bar – Amelia respondeu, tentando parecer casual.

Fiquei pasma. — Fazendo o quê?

— Bom, servindo bebidas. O que mais há para se fazer?

— Como Sam acabou precisando de você?

— A Irmandade está fazendo um grande comício em Dallas, e Arlene quis uma licença para ir com aquele imbecil com quem está saindo.

Então o filho de Danielle teve pneumonia. Sam estava realmente preocupado e, já que eu estava no bar, ele me perguntou

se sabia como fazer o trabalho. “Ei, qual seria a dificuldade?”

— Obrigada, Amelia.

— Oh, okay, acho que pareci bem desrespeitosa. – Amelia riu. – Bom, é meio complicado. Todo mundo quer conversar com você, mas você tem que se apressar, não pode derramar a bebida neles, tem que lembrar o que todos estão bebendo e quem pagou a rodada, e quem vai ficar com a conta. E você tem que ficar de pé durante horas e horas.

— Bem-vinda ao meu mundo.

— Então, como está o Sr. Listras?

Percebi que ela falava de Quinn. — Estamos bem – respondi, certa de que era verdade. – Ele organizou uma grande cerimônia na noite passada; foi tão legal. Um casamento vampiro. Você teria adorado.

— O que terá esta noite?

— Bom, talvez um julgamento. – Não senti vontade de explicar, especialmente num celular. – E um baile.

— Uau, como Cinderela.

— Parece que sim.

— Como está indo a parte dos negócios?

— Conto quando voltar – respondi, repentinamente não tão animada.

– Fico feliz que esteja ocupada e que tudo esteja correndo bem.

— Oh, Terry Bellefleur ligou para perguntar se você quer um filhote.

Lembra-se de quando Annie fugiu?

Annie era a muito cara e amada cadela Catahoula de Terry. Ele veio até minha casa para procurar por Annie quando ela fugiu e, na hora em que a encontrou, ela já tivera alguns encontros.

— Com o que se parecem os filhotes?

— Ele disse que você teria que vê-los para acreditar. Eu disse que você talvez voltasse na semana que vem. Não a comprometi com nada.

— Okay, bom.

Conversamos mais um minuto, mas já que tinha saído de Bon Temps há menos de quarenta e oito horas, realmente não havia muito que dizer.

— Então – ela disse para encerrar –, sinto sua falta, Stackhouse.

— É? Também sinto sua falta, Broadway.

— Tchau. Não deixe nenhuma presa desconhecida se aproximar.

Tarde demais para isso. — Tchau. Não derrame cerveja no xerife.

— Se fizer, vai ser de propósito.

Eu ri, porque também gostaria de encharcar Bud Dearborn. Desliguei me sentindo melhor. Pedi serviço de quarto para experimentar. Não era algo que fazia todos os dias; nem mesmo todo ano. Ou nunca. Fiquei um pouco nervosa sobre deixar o garçom entrar no quarto, mas Carla apareceu no mesmo instante. Ela estava enfeitada de mordidas de amor e usando o vestido da noite passada.

— Isso parece gostoso – ela disse, e lhe dei um croissant. Ela tomou meu suco de laranja enquanto eu bebi o café. Funcionou bem. Carla se encarregou da conversa por nós duas, contando tudo sobre o que eu havia experimentado.

Ela parecia não perceber que eu estive com a rainha quando o massacre do grupo de Jennifer Cater foi descoberto e, embora tenha ouvido que eu encontrei a bomba de Dr. Pepper, me contou a respeito mesmo assim, como se eu não tivesse estado lá. Talvez Gervaise a fizesse ficar quieta e as palavras simplesmente se acumulavam.

— O que vai usar no baile de hoje à noite? – perguntei, me sentindo impossivelmente efusiva por até fazer tal pergunta. Ela me

mostrou o vestido, que era preto, cintilante e quase inexistente acima da cintura, como todos os seus outros trajes de noite. Carla definitivamente acreditava em enfatizar seus atrativos.

Ela pediu para ver meu vestido, e ambas fizemos ruídos insinceros sobre o bom gosto uma da outra. Tivemos que nos revezar no banheiro, é claro, coisa com a qual eu não estava acostumada. Sentia-me um bocado exasperada no momento em que Carla saiu. Esperava que a cidade inteira não tivesse ficado sem água quente. Obviamente, sobrou bastante e, apesar de sua maquiagem estar toda espalhada no balcão do banheiro, eu consegui me lavar e me aprontar a tempo. Em honra ao meu belo vestido, tentei colocar meu cabelo para cima, mas não sou boa em nada mais complexo do que um rabo de cavalo. O cabelo ficaria solto. Peguei mais pesado com a maquiagem do que costumo usar todos os dias e coloquei um par de brincos grandes que Tara disse que eram simplesmente perfeitos.

Experimentei virar a cabeça e observei-os sacudirem e brilharem. Eram prateados e brancos, assim como o corpete do meu vestido de noite. E agora era hora de vesti-lo, disse a mim mesma com uma pequena onda de antecipação.

Oh, cara. Meu vestido era azul gelo, e possuía detalhes em prata e branco, com um decote na profundidade certa atrás e na frente. Possuía um sutiã embutido, então não tive que usar um, e vesti uma calcinha azul que não deixava a silhueta marcada. E meia-calças. E sapatos de salto alto prateados. Fiz as unhas

enquanto Mulher Água estava no chuveiro, passei batom e dei uma olhada final no espelho.

Carla disse, — Você está realmente bonita, Sookie.

— Obrigada. – Sabia que estava dando um grande sorriso. Não havia nada como se vestir bem de vez em quando. Era como se meu acompanhante de baile de formatura estivesse vindo me pegar com um buquê de flores para prender em meu vestido. JB me levou ao baile no colegial, apesar de outras garotas terem o convidado, porque ele era fotogênico. Minha tia Linda fizera meu vestido. Nada mais de vestidos caseiros para mim.

Uma batida na porta me fez olhar ansiosa para o espelho. Mas era Gervaise, verificando se Carla estava pronta. Ela sorriu e deu uma volta para receber a devida admiração, e Gervaise deu-lhe um beijo na bochecha.

Não fiquei muito impressionada com a personalidade de Gervaise, tampouco o considerava atraente fisicamente, com seu rosto largo e brando, e o pequeno bigode, mas tive que admirar sua generosidade: ele prendeu um bracelete de diamantes ao pulso de Carla sem muita cerimônia, como se estivesse lhe dando uma bugiganga. Carla tentou conter o entusiasmo, mas então jogou a ideia pela janela e lançou os braços ao redor do pescoço de Gervaise. Fiquei embaraçada por estar no quarto, porque alguns dos apelidos carinhosos que ela usou enquanto o agradecia eram meio que anatomicamente corretos.

Depois que eles partiram, satisfeitos um com o outro, fiquei parada no meio do quarto. Eu não queria sentar com o vestido até que precisasse, porque sabia que amassaria e perderia aquela sensação de perfeição. Aquilo me deixou com pouco para fazer, exceto tentar não ficar aborrecida com o caos que Carla havia deixado no espaço dela e me sentir um pouco perplexa. Certamente Quinn disse que viria ao quarto para me buscar? Não combinamos de nos encontrar lá embaixo, certo?

Minha bolsa fez um ruído e percebi que tinha enfiado o pager da rainha ali. Oh, certamente que não!

“Desça até aqui,” dizia a mensagem. “Julgamento é agora.”

No mesmo instante, o telefone do quarto tocou. Eu atendi, tentando recuperar o fôlego.

— Docinho – disse Quinn. – Desculpe. Caso você não tenha ouvido, o conselho decidiu que a rainha irá a julgamento agora mesmo, e você tem que descer correndo até aqui. Sinto muito, – disse novamente – estou encarregado de organizar. Tenho que trabalhar. Talvez isso não demore muito.

— Okay – respondi fracamente, e ele desligou.

Era o que faltava para a noite glamourosa com meu novo namorado.

Mas, maldição, eu não ia trocar de roupa para nada menos que festivo. Todos estariam usando roupas de festa e, mesmo que meu papel na noite fosse alterado, eu merecia parecer bonita também.

Desci no elevador com um dos funcionários do hotel, que não sabia dizer se eu era vampira ou não. Eu o deixei bem nervoso. Sempre me espantou que as pessoas não conseguissem perceber. Para mim, os vampiros meio que brilhavam, só um pouco.

Andre esperava por mim quando saí do elevador. Ele estava mais agitado do que nunca; eu podia perceber porque seus dedos se abriam e fechavam, e os lábios tinham sangrado onde ele havia mordido, embora tenham sarado enquanto observava. Antes da noite passada, Andre só me deixava nervosa. Agora eu o execrava. Mas era evidente que eu tinha que colocar questões pessoais de lado até outra hora.

— Como isso pôde acontecer? – ele perguntou. – Sookie, você precisa descobrir tudo que puder a respeito. Temos mais inimigos do que imaginávamos.

— Achei que não haveria julgamento depois que Jennifer foi morta.

Já que ela era a principal acusadora da rainha...

— Foi o que todos nós pensamos. Ou, se houvesse um julgamento, seria vazio, organizado apenas para que as acusações fossem rejeitadas.

Mas quando descemos esta noite, todos esperavam por nós. Eles adiaram o início do baile para fazer isso. Pegue meu braço – ele disse, e fui pega tão desprevenida que deslizei meu braço pelo dele. – Sorria – disse. – Pareça confiante.

E caminhamos até o salão de convenções com rostos seguros — eu e meu amigão Andre. Por sorte eu tinha um bocado de prática com sorrisos insinceros, porque aquilo era como uma maratona de Salve o Orgulho.

Todos os vampiros e seus séquitos humanos abriram caminho para nós.

Alguns deles sorriam também, embora desagradavelmente, alguns pareciam preocupados e outros apenas levemente expectantes, como se estivessem prestes a assistir um filme que teve boa crítica.

E a torrente de pensamentos me engoliu. Eu sorri e caminhei automaticamente enquanto ouvia. Bonita... Sophie-Anne vai ter o que merece... talvez possa ligar para o advogado dela, ver se está aberta a uma aproximação do nosso rei... belos peitos... meu homem precisa de um telepata... ouvi dizer que ela está transando com Quinn... ouvi dizer que ela está transando com a rainha e o Garotão Andre... encontrei-a num bar...

Sophie-Anne está ferrada, bem feito... ouvi dizer que ela está transando com Cataliades... julgamento estúpido, onde está a banda?... espero que eles tenham comida no baile, comida de gente...

E assim por diante. Alguns deles eram relativos a mim, a rainha e/ou Andre, outros eram simplesmente pensamentos de pessoas cansadas de esperar e querendo que a festa começasse.

Seguimos desafiadoramente até terminamos na sala onde o casamento foi realizado. A multidão nessa sala era quase cem por cento vampira. Uma ausência notável: servos e quaisquer outros funcionários humanos do hotel. Os únicos circulando com bandejas de bebidas eram vampiros. As coisas que aconteceriam nesse aposento não eram para consumo humano. Se era possível me sentir mais ansiosa, aconteceu.

Pude notar que Quinn esteve ocupado. A plataforma baixa fora reorganizada. O Ankh gigante foi tirado e dois estandes acrescentados. No lugar onde Mississippi e seu amado fizeram seus juramentos, entre os dois estandes, havia uma espécie de trono. Nela se encontrava uma senhora bem velha com selvagens cabelos brancos. Eu nunca vi uma vampira que foi transformada tão velha e, embora tivesse jurado que não falaria com Andre, comentei isso com ele.

— É a Pitonisa Anciã – ele disse distraidamente. Perscrutava a multidão, tentando encontrar Sophie-Anne, imaginei. Avistei Johan Glassport, que teria seu momento sob os holofotes afinal, e o resto do contingente da Louisiana reunido com o advogado homicida — todos, exceto a rainha, Eric e Pam, que avistei perto do palco.

Andre e eu tomamos nossos lugares na frente à direita. Do lado esquerdo, havia um grupo de vampiros que não eram nossos fãs. O chefe deles era Henrik Feith. Henrik havia se transformado de gato assustado em pânico numa bola de fúria. Ele nos fuzilou com o olhar. Fez tudo, exceto jogar bolas de cuspe.

— O que subiu pelo traseiro dele e morreu? – murmurou Cleo Babbitt, jogando-se na cadeira à minha direita. – A rainha se oferece para colocá-lo sob sua proteção quando está sozinho e indefeso, e é este o agradecimento que ela recebe? – Cleo vestia um smoking tradicional e parecia ótima nele. A austeridade do traje combinava com ela. Seu garoto brinquedo parecia mais feminino. Imaginei por que ele foi incluído na plateia, que era toda de sobrenaturais e dominantemente vampira.

Diantha inclinou-se para frente na fila de trás e deu um tapinha em meu ombro. Ela estava vestindo um espartilho vermelho com decote e saia de tafetá preto franzidos. O espartilho não tinha muito busto para enchê-lo.

Ela apertava um videogame portátil.

— Bomtever – ela disse, e eu fiz um esforço para lhe sorrir. Ela voltou a atenção para o jogo.

— O que acontecerá conosco se Sophie-Anne for considerada culpada? – Cleo perguntou, e todos nós ficamos em silêncio.

O que aconteceria conosco se Sophie-Anne fosse condenada? Com a Louisiana numa posição enfraquecida e o escândalo cercando a morte de Peter, todos nós corríamos risco. Eu não sei por que não pensei nisso antes, mas não pensei.

Num instante, compreendi que sequer pensei em me preocupar porque tinha crescido numa sociedade humana livre nos Estados Unidos; não costumava me preocupar com meu destino estar em

questão. Bill juntou-se ao pequeno grupo cercando a rainha e, enquanto eu observava o outro lado do salão, ele se ajoelhou ao lado de Eric e Pam. Andre levantou-

se de sua cadeira à minha esquerda e, num de seus movimentos relâmpago, cruzou a sala para ajoelhar-se com eles. A rainha permaneceu diante deles como uma deusa romana aceitando tributo. Cleo seguiu meu olhar e sacudiu o ombro. Ela não iria se ajoelhar.

— Quem está no conselho? – perguntei à vampira de cabelos escuros, e ela acenou para o grupo de cinco vampiros sentados diante do palco baixo, encarando a Pitonisa Anciã.

— O Rei do Kentucky, a Rainha de Iowa, o Rei de Wisconsin, o Rei do Missouri, a Rainha do Alabama – ela respondeu, apontando para eles em ordem. O único que eu conhecia era Kentucky, embora tenha reconhecido a sedutora Alabama da conversa com Sophie-Anne.

O advogado do outro lado juntou-se a Johan Glassport no palco.

Alguma coisa no advogado de Arkansas lembrou-me do Sr. Cataliades e, quando ele assentiu em nossa direção, vi o Sr. Cataliades retribuir o gesto.

— Eles são relacionados? – perguntei a Cleo.

— Cunhados – disse Cleo, me deixando imaginar como seria uma demônio fêmea. Certamente elas não se pareciam todas com

Diantha.

Quinn subiu no palco. Ele usava um terno cinza, camisa branca e gravata, e carregava um longo cajado coberto de entalhes. Ele acenou para Isaiah, Rei do Kentucky, que flutuou até o palco. Com um floreio, Quinn entregou o cajado para Kentucky, que estava vestido mais elegantemente do que antes. O vampiro bateu o cajado contra o chão e toda a conversa cessou. Quinn retrocedeu para os fundos do palco.

— Sou o oficial eleito desta sessão judicial – Kentucky anunciou numa voz que ecoou facilmente pelos cantos do salão. Ele levantou o cajado para que não pudesse ser ignorado. – Seguindo as tradições da raça dos vampiros, convoco todos a testemunharem o julgamento de Sophie-

Anne Leclerq, Rainha da Louisiana, sob a acusação de assassinato do esposo por contrato e decisão, Peter Threadgill, Rei do Arkansas.

Aquilo soou muito solene na voz profunda e arrastada de Kentucky.

— Convoco os advogados das duas partes para que estejam preparados para apresentar seus casos.

— Estou pronto – disse o advogado parte-demônio. – Sou Simon Maimonides, e represento o enlutado estado do Arkansas.

— Estou pronto – disse nosso advogado homicida, lendo um panfleto.

– Sou Johan Glassport, e represento a viúva enlutada, Sophie-Anne Leclerq, falsamente acusada do assassinato de seu esposo por contrato e decisão.

— Pitonisa Anciã, está pronta para ouvir o caso? – Kentucky indagou, e a velha encarquilhada virou a cabeça na direção dele.

— Ela é cega? – sussurrei.

Cleo assentiu. — Desde o nascimento – disse.

— Como ela acabou se tornando a juíza? – perguntei. Mas os olhares dos vampiros ao nosso redor me recordaram que suas audições dificilmente tornavam um sussurro útil, e seria simplesmente educado calar a boca.

— Sim – disse a Pitonisa Anciã. – Estou pronta para ouvir o caso. – Ela possuía um sotaque pesado que eu não cheguei a identificar. Houve um agito de antecipação da plateia.

Okay. Que os jogos comecem.

Bill, Eric e Pam moveram-se para junto da parede, enquanto Andre se sentava ao meu lado. O Rei Isaiah bateu com o cajado novamente.

— Que a acusada seja trazida à frente – disse não sem dramaticidade.

Sophie-Anne, parecendo muito delicada, caminhou até o palco, escoltada por dois guardas. Como o resto de nós, ela já estava

vestida para o baile e usava púrpura. Imaginei se a cor real fora uma coincidência.

Provavelmente não. Tive a sensação de que Sophie-Anne arranjava suas próprias coincidências. O vestido possuía um colarinho alto e mangas longas, e de fato possuía cauda.

— Ela é linda – disse André, com a voz cheia de reverência.

É, é, claro. Eu tinha mais coisas em mente do que admirar a rainha.

Os guardas eram as duas Britlingens, provavelmente pressionadas a fazer o serviço por Isaiah, e elas trouxeram armaduras formais em suas malas interdimensionais. Eram pretas também, mas brilhavam levemente, como águas escuras que se moviam devagar. E tão apertadas quanto o primeiro conjunto de armaduras. Clovache e Batanya elevaram Sophie-Anne até a plataforma baixa e então recuaram um pouco. Desse modo, elas ficavam perto da prisioneira e do seu empregador, então funcionava bem, imaginei, do ponto de vista delas.

— Henrik Feith, exponha seu caso – disse Isaiah, sem mais cerimônias.

O caso de Henrik foi longo, arrebatado e cheio de acusações.

Resumindo, ele testemunhou que Sophie-Anne casara com seu rei, assinara todos os contratos habituais e então imediatamente começara a manipular Peter até sua luta fatal, apesar do temperamento angelical do rei e sua veneração pela nova esposa.

Parecia que Henrik falava de Kevin e Britney, ao invés de dois vampiros antigos e ardilosos.

Blá blá blá. O advogado de Henrik deixou-o continuar, e Johan não fez quaisquer objeções às afirmações totalmente coloridas de Henrik. Johan achava (eu verifiquei) que Henrik perderia simpatia por ser tão fervoroso e sem moderação — e chato — e estava absolutamente certo, se os movimentos leves e mudanças na linguagem corporal da plateia fossem levados em conta.

— E agora – Henrik concluiu, lágrimas levemente rosadas escorrendo por seu rosto – sobrou apenas alguns poucos de nós em todo o estado. Ela, que matou meu rei e sua tenente Jennifer, me ofereceu um lugar com ela. E quase fui fraco suficiente para aceitar, por medo de ser tratante. Mas ela é uma mentirosa e irá me matar também.

— Alguém lhe disse isso – murmurei.

— O quê? – a boca de Andre estava junto de meu ouvido. Manter uma conversa particular num grupo de vampiros não é uma coisa fácil.

Levantei a mão para pedir seu silêncio. Não, eu não estava ouvindo o cérebro de Henrik, mas seu advogado, que não possuía tanto sangue demoníaco quanto Cataliades. Sem perceber que fazia isso, eu estava me inclinando para frente na cadeira e me concentrando na direção do palco para ouvir melhor. Ouvir com minha cabeça, quero dizer.

Alguém havia dito a Henrik Feith que a rainha planejava matá-lo. Ele estivera disposto a relegar o processo, já que o assassinato de Jennifer Cater diminuiu a queixa de chefe. Ele nunca subiu suficientemente de posição para aceitar o manto de liderança; ele não possuía o espírito ou desejo. Ele preferia estar a serviço da rainha. Mas se ela realmente queria matá-lo... ele tentaria matá-la primeiro do único modo que podia para sobreviver, e isso era através da lei.

— Ela não quer matá-lo – falei em voz alta, mal percebendo o que fazia. Eu nem mesmo estava consciente de que tinha ficado de pé até que senti os olhos de todos na plateia sobre mim. Henrik Feith me encarava, o rosto aturdido, a boca ainda aberta. – Contenos quem lhe disse isso e saberemos quem matou Jennifer Cater, porque...

— Mulher – disse uma voz possante, e fui interrompida e calada muito eficientemente. – Fique quieta. Quem é você e que direito tem de se intrometer nestes solenes procedimentos? – A Pitonisa era surpreendentemente enérgica para alguém tão frágil quanto parecia. Ela se inclinara para frente em seu trono, fitando zangada em minha direção com olhos cegos.

Okay, levantar numa sala cheia de vampiros e interromper seu ritual era um bom modo de conseguir manchas de sangue em todo meu belo vestido novo.

— Não tenho qualquer direito no mundo, Vossa Majestade – respondi e, de alguns metros à minha esquerda, ouvi Pam dar uma risadinha. – Mas sei a verdade.

— Oh, então não tenho função nesse procedimento, tenho? – grasnou a Pitonisa Anciã em seu inglês com sotaque pesado. – Por que eu devia sair de minha caverna para julgar?

Por que, de fato.

— Eu posso ouvir a verdade, mas não tenho como agir para que a justiça seja feita – falei honestamente. Pam riu novamente. Eu simplesmente sabia que era ela.

Eric esteve de pé num canto da sala com Pam e Bill, mas agora deu alguns passos à frente. Pude sentir sua presença, calma e firme, muito perto de mim. Ele me deu um pouco de coragem. Não sei como. Apenas senti uma força crescente onde antes havia apenas meus joelhos trêmulos. Uma chocante suspeita me atingiu com a força de um caminhão. Eric havia me dado sangue suficiente que qualifiquei agora, em conhecimento sanguíneo, estar próxima de um vampiro; e meu estranho dom invadiu um território fatal. Eu não estava lendo a mente do advogado de Henrik. Estava lendo Henrik.

— Então venha me dizer o que devo fazer – disse a Pitonisa Anciã com um sarcasmo tão afiado que poderia ter fatiado um bolo de carne.

Eu precisava de uma semana ou duas para superar o choque de minha terrível suspeita, e tive a convicção renovada de que devia realmente matar Andre, e talvez Eric também, mesmo se um pedaço de meu coração chorasse sua perda. Tive vinte segundos completos para processar isso.

Cleo me deu um beliscão agudo. — Vaca – ela disse furiosa. – Você vai arruinar tudo. – Saí pelo lado esquerdo da fila, pisando em Gervaise ao fazer isso. Ignorei seu olhar e o beliscão de Cleo. Os dois eram pulgas, se comparados aos outros poderes que podiam querer um pedaço de mim primeiro. E Eric se aproximou por trás de mim. Minhas costas estavam cobertas.

Ao me aproximar da plataforma, era difícil dizer o que Sophie-Anne estava pensando diante daquela nova virada em seu julgamento inesperado.

Concentrei-me em Henrik e seu advogado.

— Henrik acha que a rainha decidiu mandar matá-lo. Alguém lhe disse isso, para que testemunhasse contra ela em defesa própria – falei.

Agora eu estava atrás da cadeira da juíza, com Eric ao meu lado.

— A rainha não decidiu me matar? – disse Henrik, parecendo esperançoso, confuso e traído, tudo ao mesmo tempo. Aquilo era uma ordem grande para um vampiro, já que expressões faciais não são suas principais formas de comunicação.

— Não, ela não decidiu. Ela foi sincera ao lhe oferecer um lugar. – Mantive os olhos fixos nos dele, tentando enfiar minha sinceridade em seu cérebro assustado. Tinha parado quase na frente dele agora.

— Você provavelmente está mentindo também. Está na folha de pagamento dela afinal.

— Talvez eu possa ter uma palavra? – disse a Pitonisa Anciã, com sarcasmo ácido.

Opa. Houve um silêncio simplesmente arrepiante.

— Você é vidente? – ela perguntou, falando lentamente para que eu pudesse entendê-la.

— Não, madame, sou uma telepata. – Assim de perto, a Pitonisa Anciã parecia ainda mais velha, o que não achei que seria possível.

— Você consegue ler mentes? Mentes vampiras?

— Não, senhora, estes são os únicos que não consigo ler – respondi bem firme. – Juntei todas as peças dos pensamentos do advogado.

O Sr. Maimonides não ficou feliz com isso.

— Tudo isso era de seu conhecimento? – a Pitonisa perguntou ao advogado.

— Sim – ele disse. – Eu não sabia que o Sr. Feith se sentia ameaçado de morte.

— E você sabia que a rainha se ofereceu para aceitá-lo a serviço dela?

— Sim, ele me contou o que ela disse. – Aquilo foi dito num tom tão duvidoso que você não tinha que ser uma Pitonisa para ler as entrelinhas.

— E você não acreditou na palavra de uma rainha vampira?

Okay, isso foi uma surpresa para Maimonides.

— Senti que era um dever proteger meu cliente, Pitonisa Anciã. – Ele tocou a nota exata de dignidade humilde.

— Hmmm – disse a Pitonisa, soando tão cética quanto eu me sentia.

– Sophie-Anne Leclerq, é sua vez de apresentar o seu lado da história. Irá prosseguir?

Sophie-Anne disse, — O que Sookie falou é verdade. Ofereci um lugar e proteção a Henrik comigo. Quando chamarmos testemunhas, Anciã, ouvirá que Sookie é minha testemunha e esteve lá durante a luta final entre o pessoal de Peter e o meu. Embora soubesse que Peter se casou comigo com propósitos ocultos, eu não levantei a mão contra ele até que seu pessoal atacou na noite de nossa festa de celebração. Devido a várias circunstâncias, ele não escolheu seu melhor momento para ir atrás de mim e, como resultado, seu pessoal morreu e a maioria do meu sobreviveu. Ele de fato começou o ataque quando havia outros que não eram de nosso sangue. – Sophie-Anne conseguiu parecer chocada e triste. – Levei todos esses meses para me certificar de que todas as dívidas foram cobertas.

Achei que tinha tirado a maioria dos humanos e Lobis antes do início do massacre, mas aparentemente alguns ficaram por perto. Provavelmente já não estavam mais.

— Desde aquela noite, você sofreu muitas outras perdas – a Pitonisa Anciã observou. Isto soou bem solidário.

Comecei a sentir que a balança estava pendendo a favor de Sophie-

Anne. Era significativo que Kentucky, cortejando Sophie-Anne, fosse o membro do conselho encarregado dos procedimentos?

— Como você disse, eu tive muitas perdas — tanto em termos de pessoal como renda – Sophie-Anne concordou. – É por isso que preciso do patrimônio de meu marido, ao qual tenho direito como parte de nosso acordo de casamento. Ele achou que herdaria o rico reino da Louisiana.

Agora eu ficarei feliz se conseguir o pobre reino do Arkansas.

Houve um longo silêncio.

— Devo chamar nossa testemunha? – disse Johan Glassport. Ele pareceu muito hesitante e incerto para um advogado. Mas neste tribunal, não era difícil entender por que.

— Ela já está aqui e testemunhou a morte de Peter. – Ele estendeu a mão para mim, e eu tive que subir a plataforma. Sophie-Anne pareceu relaxada, mas Henrik Feith, alguns centímetros à minha esquerda, apertava os braços de sua cadeira.

Outro silêncio. Os cabelos brancos e selvagens da vampira anciã caíram para frente, escondendo seu rosto, enquanto fitava o próprio colo.

Então ela levantou o rosto e os olhos cegos pousaram infalivelmente em Sophie-Anne.

— Arkansas é seu por lei, e agora por direito. Eu a declaro inocente de conspirar para assassinar seu marido – a Pitonisa Anciã disse, quase casualmente.

Bom... vivaaa. Eu estava perto o suficiente para ver que os olhos de Sophie-Anne se arregalaram de alívio e surpresa, e Johan Glassport deu um pequeno sorriso particular. Simon Maimonides olhou para os cinco juízes para ver como eles aceitaram o pronunciamento da P.A., e quando nenhum deles lançou uma palavra de protesto, o advogado deu de ombros.

— Agora, Henrik – grasnou a Pitonisa Anciã – sua segurança está garantida. Quem lhe contou mentiras?

Henrik mal parecia confiante. Parecia impotentemente assustado. Ele ficou de pé diante de mim. Henrik era mais esperto do que nós. Houve um relampejo no ar.

A expressão seguinte a cruzar seu rosto foi de total horror. Ele olhou para baixo e todos nós seguimos seu olhar. Havia uma fina haste de madeira se projetando de seu peito, e assim que seus olhos a identificaram, a mão de Henrik levantou para tocá-la e ele oscilou. Uma plateia humana teria explodido em caos, mas os

vampiros se jogaram no chão quase em silêncio. A única pessoa a gritar foi a Pitonisa Anciã cega, que exigiu saber o que havia acontecido e por que todos estavam tão tensos.

As duas Britlingens pularam no palco e se postaram diante de Kentucky, com as armas prontas nas mãos. Andre literalmente voou de sua cadeira na plateia e pousou diante de Sophie-Anne. E Quinn saltou do palco para me derrubar e levou a segunda flechada, a flecha de segurança, que era para Henrik. Na verdade foi desnecessário. Henrik estava morto quando atingiu o chão.

Capítulo 14

BATANYA MATOU O ASSASSINO com uma estrela de metal. Ela encarava a multidão, então viu o vampiro de pé depois que todos os outros prudentemente deitaram no chão. Este vampiro não estava lançando flechas com uma besta; ele mesmo o fazia, e foi por isso que conseguiu permanecer despercebido. Mesmo naquele grupo, alguém carregando uma besta teria atraído certa atenção.

Somente um vampiro podia lançar uma flecha e matar alguém.

Talvez apenas um Britlingen pudesse lançar uma estrela afiada de tal modo que decapitaria um vampiro.

Eu já vi vampiros decapitados antes, e não tem tanta sujeira quanto se imagina; não é como cortar a cabeça de um humano. Mas tampouco é agradável e, enquanto observava a cabeça despencar de cima dos ombros, tive um momento de náusea em minha posição no chão. Esforcei-me para ficar de joelhos e checar Quinn.

— Não estou mal – ele disse imediatamente. – Não está ruim. Está em meu ombro, não no coração. – Ele se virou para deitar de costas. Todos os vampiros da Louisiana pularam até a plataforma para rodear a rainha, um segundo depois de Andre. Assim que se certificaram de que não havia mais ameaça, eles se juntaram a nós.

Cleo tirou o paletó do smoking e arrancou a camisa branca de pregas.

Ela o enrolou numa bola com movimentos tão rápidos que eu mal consegui discernir. — Segure isso – ela disse, me entregando o tecido e colocando minha mão perto da ferida. – Prepare-se para apertar com força. – Ela não esperou que eu concordasse. – Agüente firme – disse para Quinn. E ela colocou as mãos fortes sobre seus ombros para imobilizá-lo enquanto Gervaise arrancava a flecha.

Quinn gritou, o que não foi surpresa. Os minutos seguintes foram bem ruins. Eu pressionei a almofada de tecido contra a ferida e, enquanto Cleo vestia o paletó do smoking sobre o sutiã de renda preto, ela ordenou que Herve, seu namorado humano, doasse a camisa também. Tenho que dizer, ele a arrancou imediatamente. Havia algo de realmente chocante em ver o peito nu de alguém no meio de toda aquela elegância noturna. E era algo além do estranho eu notar isso, depois de ter visto a cabeça de um homem ser separada de seu corpo.

Eu soube que Eric estava do meu lado antes que ele falasse, porque me senti menos aterrorizada. Ele se inclinou no mesmo nível. Quinn concentrava-se em não gritar, então os olhos estavam fechados como se estivesse inconsciente, e havia ainda muita ação ao meu redor. Mas Eric estava perto de mim e me senti... não exatamente calma, mas não tão perturbada. Porque ele estava ali. Eu simplesmente detestava isso.

— Ele vai se curar – disse Eric. Ele não pareceu especialmente feliz a respeito, mas tampouco triste.

— Sim – respondi.

— Eu sei. Eu não previ.

— Oh, você teria se jogado na minha frente?

— Não – Eric disse simplesmente. – Porque poderia ter me atingido no coração, e eu morreria. Mas teria mergulhado e a derrubado no chão para tirá-la do caminho da flecha, se tivesse havido tempo.

Não consegui pensar em nada para dizer.

— Eu sei que pode vir a me odiar porque evitei que fosse mordida por Andre – ele disse em voz baixa. – Mas realmente sou o menor dos dois males.

Fitei-o de esguelha. — Sei disso – falei, enquanto o sangue de Quinn manchava minhas mãos e encharcava a atadura improvisada. – Eu não teria preferido morrer a ser mordida por Andre, mas chegou perto.

Ele riu e Quinn abriu os olhos. — O tigre está recuperando a consciência – disse Eric. – Você o ama?

— Não sei ainda.

— Você me amou?

Uma equipe carregando uma maca se aproximou. Obviamente eles não eram paramédicos normais. Paramédicos normais não seriam bem-

vindos na Pirâmide de Gisé. Estes eram Lobis e metamorfos que trabalhavam para os vampiros e a líder, uma jovem mulher que parecia uma bonequinha, disse, — Vamos nos certificar de que ele se cure em tempo recorde, senhora.

— Eu o verei mais tarde.

— Cuidaremos dele – ela disse. – Ele ficará melhor entre nós. É um privilégio cuidar de Quinn.

Quinn assentiu.

— Estou pronto para ser levado – disse, mas as palavras saíam com dificuldade, entre dentes.

— Vejo-o mais tarde – respondi, pegando sua mão. – Você é o mais corajoso de todos, Quinn.

— Docinho – ele disse, mordendo o lábio inferior com a dor. – Tenha cuidado.

— Não se preocupe com ela – disse um sujeito negro com cabelo afro curto. – Ela tem guardiões.

Ele lançou um olhar frio para Eric. Eric estendeu a mão e pegou a minha para que me levantasse. Meus joelhos doíam um pouco devido ao chão duro.

Ao colocarem-no na maca e levantarem, Quinn pareceu perder a consciência. Eu dei um passo à frente, mas o cara negro levantou a mão.

Parecia ébano esculpido, os músculos eram tão definidos.

— Irmã, apenas fique aqui – disse. – Estamos trabalhando agora.

Eu o observei ser levado. Assim que ele ficou fora de vista, olhei para meu vestido. Incrivelmente, estava tudo bem. Não estava sujo nem manchado de sangue, e o amassado era mínimo. Eric esperava.

— Eu te amei? – Eu sabia que Eric não desistiria e era melhor pensar numa resposta. – Talvez. Algo assim. Mas eu soube o tempo todo que quem estava comigo não era você de verdade. E sabia que, cedo ou tarde, você se lembraria de quem e o que era.

— Você não parece ter sim ou não como resposta quanto aos homens – ele disse.

— Você também não parece saber exatamente como se sente a meu respeito – falei.

— Você é um mistério – ele respondeu. – Quem foi sua mãe e quem foi seu pai? Oh, eu sei, você dirá que eles a criaram e morreram quando era uma garotinha. Eu recordo de você me contando a história. Mas não sei se é exatamente verdade. Se for, quando o sangue de fada entrou em sua árvore genealógica? Surgiu com um de seus avós? É o que estou achando.

— E por que isso é da sua conta?

— Você sabe que é da minha conta. Agora estamos atados.

— Isto vai desaparecer? Vai, certo? Não será sempre assim?

— Eu gosto de estar assim. Você irá gostar também – ele disse, e parecia decididamente seguro.

— Quem era o vampiro que tentou nos matar? – perguntei, mudando de assunto. Eu esperava que ele estivesse errado e, de qualquer forma, discutimos tudo que havia sobre a questão no que dizia respeito a mim.

— Vamos até lá descobrir – ele respondeu, e pegou minha mão. Eu o segui, simplesmente porque queria saber.

Batanya se encontrava junto ao corpo do vampiro, que começara a desintegrar rapidamente como os de sua espécie. Ela recuperara sua estrela de metal e a limpava na perna da calça.

— Bom arremesso – Eric disse. – Quem era ele?

Ela encolheu os ombros. — Não sei. O cara com as flechas, é tudo que sei. Tudo com que me importo.

— Ele era o único?

— Sim.

— Pode me descrever a aparência dele?

— Eu estava sentado ao lado dele – disse um pequeno vampiro.

Tinha talvez 1,52m e era magro. O cabelo caía por suas costas. Se fosse para a cadeia, ele teria sujeitos batendo na porta de sua cela em trinta minutos. Eles se arrependeriam, claro, mas para olhos incautos parecia o alvo mais fácil do mundo. – Era um sujeito grosseiro e não estava vestido para a noite. Calças caqui e uma camisa listrada... bom, pode ver. – Embora o corpo estivesse escurecendo e se despedaçando, como acontecia com corpos de vampiros, as roupas estavam naturalmente intactas.

— Talvez ele tivesse uma licença de motorista? – sugeri. Aquilo era quase óbvio com humanos, mas não vampiros. Contudo, valia a pena verificar.

Eric agachou-se e inseriu os dedos no bolso dianteiro do homem.

Nada apareceu em nenhum dos bolsos da frente, então sem cerimônia Eric rolou o corpo. Afastei-me alguns passos para evitar a lufada de cinzas.

Havia alguma coisa no bolso traseiro: uma carteira normal. E dentro dela, com certeza, uma licença de motorista.

Ela foi emitida em Illinois. No espaço designado para informar o tipo sanguíneo, “NA.” É, um vampiro, com certeza. Lendo sobre o ombro de Eric, pude ver que o nome do vampiro era Kyle Perkins. Perkins informara como idade “3V”, então ele foi vampiro por apenas três anos.

— Ele deve ter sido um arqueiro antes de morrer – falei. – Porque não é uma habilidade que se ganha logo de cara, especialmente sendo tão jovem.

— Concordo – disse Eric. – E durante o dia, quero que você verifique todos os locais para prática de tiro de arco. Lançar flechas não é uma habilidade que se possa improvisar. Ele treinou. A flecha foi especialmente fabricada. Precisamos descobrir o que aconteceu a Kyle Perkins e por que o sujeito aceitou o serviço para comparecer a esta reunião e matar quem fosse necessário.

— Então ele era um... assassino profissional vampiro?

— Sim, eu acho que sim – disse Eric. – Alguém está nos manipulando muito cuidadosamente. Claro, esse Perkins era apenas uma alternativa no caso do julgamento dar errado. E se não fosse por você, poderia ter muito bem dado errado. Alguém se deu a muito trabalho para jogar com o medo de Henrik Feith, e o estúpido Henrik estava prestes a dedurar esse alguém. Este Kyle foi plantado apenas para evitar isso.

Então a equipe de limpeza chegou: um grupo de vampiros com um saco para corpos e artigos de limpeza. As camareiras humanas não seriam obrigadas a remover Kyle. Felizmente, estavam todas ocupadas na limpeza dos quartos vampiros, que estavam fora dos limites durante o dia.

Em instantes, os restos de Kyle Perkins foram ensacados e levados, com um vampiro ficando atrás para manejar um pequeno aspirador de pó portátil. Deixem o CSI de Rhodes lidar com isso.

Senti uma grande movimentação e levantei o rosto para ver as portas de serviço abertas e os funcionários entrando no salão para levar embora as cadeiras. Em menos de quinze minutos, a parafernália judicial de Quinn foi guardada, com sua irmã comandando o trabalho. Então uma banda se estabeleceu na plataforma e a sala foi organizada para o baile. Eu nunca vi nada parecido. Primeiro um julgamento, então alguns assassinatos e finalmente dança.

A vida continua. Ou, neste caso, a morte continua.

Eric disse, — É melhor você ir se apresentar à rainha.

— Oh, claro, ela deve ter algumas coisas para me dizer – olhei ao redor e avistei Sophie-Anne rapidamente.

Ela estava cercada por uma multidão de pessoas cumprimentando-a pelo veredicto favorável. Obviamente, eles ficariam igualmente contentes por vê-la ser executada, ou o que quer que acontecesse se a Pitonisa Anciã a tivesse condenado. Falando na P.A....

— Eric, para onde foi a velha? – perguntei.

— A Pitonisa Anciã é o oráculo original que Alexandre consultou – ele disse com voz bem neutra. – Ela foi considerada tão sagrada que, mesmo quando envelheceu, foi transformada pelos vampiros primitivos de sua época. E agora sobreviveu a todos.

Eu não queria pensar em como ela se alimentou antes do advento do sangue sintético que mudou o mundo vampiro. Como

ela se arrastara atrás de suas presas humanas? Talvez trouxessem pessoas para ela, como os donos de cobras traziam ratos vivos para seus bichos de estimação?

— Para responder sua pergunta, eu imagino que suas servas a tenham levado para sua suíte. Ela é trazida em ocasiões especiais.

— Como a prataria boa – falei séria, e então explodi em risadas. Para minha surpresa, Eric sorriu também, aquele grande sorriso que fazia múltiplos arcos pequenos aparecerem nos cantos de sua boca.

Ocupamos nossos lugares atrás da rainha. Eu não tinha certeza se registrara minha presença, ela estava tão ocupada sendo a beldade do baile.

Mas durante uma trégua momentânea na conversa, ela estendeu a mão para trás e pegou a minha, apertando-a de leve.

— Conversaremos mais tarde – disse, e então cumprimentou uma corpulenta vampira num conjunto drapeado. – Maude – disse Sophie-Anne – que bom vê-la. E como estão as coisas em Minnesota?

Nesse instante, um ruído no palco chamou a atenção de todos para a banda. Eram vampiros, eu notei para começar. O sujeito de cabelo liso no pódio disse, — Se todos vocês, vampiros e vampiras ardentes, estão preparados para agitar, nós estamos prontos para tocar! Eu sou Rick Clark e esta é... a Dead Man Dance Band! – Houve uma educada salva de palmas.

– Para abrir a noite, aqui estão dois dos melhores dançarinos de Rhodes, cortesia da Blue Moon Produções. Por favor, recebam... Sean e Layla[6].

O casal que pisou no centro da pista de dança era impressionante, tanto para humanos quanto vampiros. Eles próprios eram da variedade! sangue-frio, embora ele fosse antigo e ela transformada recentemente, pensei. Ela era uma das mulheres mais bonitas que já vi, e usava um vestido de renda bege que envolvia suas pernas elegantes como neve caindo sobre as árvores. Seu parceiro era talvez o único vampiro que vi com sardas, e o cabelo ruivo era tão longo quanto o dela.

Eles tinham olhos somente um para o outro, e dançavam juntos como se deslizassem num sonho. Eu nunca vi nada igual e, pela atenção embevecida da plateia, ninguém viu tampouco. Quando a música foi chegando ao fim — e até hoje, não consigo lembrar o que eles dançaram — Sean deitou Layla sobre o braço, inclinou-se sobre ela e mordeu. Fiquei chocada, mas os outros pareciam esperar por aquilo e ficaram excitados, sem dúvida. Sophie-Anne se derreteu para André (embora não tivesse muito sobre o que derreter, já que ele não era mais alto que ela), e Eric me fitou com aquele brilho caloroso nos olhos e que me deixava perturbada.

Voltei a atenção para a pista de dança com determinação e aplaudi como uma maníaca quando os dois fizeram uma reverência e outros casais juntaram-se à eles quando a música começou novamente. Por hábito, eu procurei por Bill, que não se encontrava em lugar algum.

Então Eric disse, — Vamos dançar – e descobri que não podia dizer não.

Seguimos pela pista com a rainha e seu futuro rei, e vi Russell Edgington e o marido, Bart, entrarem para dançar também. Eles pareciam quase tão encantados um com o outro quanto os dois dançarinos.

Eu não sei cantar, mas por Deus, consigo dançar. E Eric teve algumas lições de dança de salão ao longo do caminho, em algum século.

Minha mão descansou em suas costas, a dele na minha, nossas mãos livres se uniram e lá fomos nós. Eu não tinha certeza de que tipo de dança era aquela, mas ele era um condutor firme, então foi fácil segui-lo. Mais como uma valsa do que qualquer outra coisa, decidi.

— Belo vestido – disse a dançarina Layla ao passarmos por eles.

— Obrigada – respondi, sorrindo radiantemente para ela. De alguém tão adorável como ela, isso era um grande cumprimento. Então o parceiro dela inclinou-se para dar-lhe um beijo, e eles deslizaram para o meio da multidão.

— É mesmo um belo vestido – disse Eric. – E você é uma linda mulher.

Eu estava estranhamente embaraçada. Recebi elogios antes — você não pode ser uma garçonete e não ganhar cumprimentos —

mas a maioria consistiu de sujeitos (em vários graus de alcoolismo) me dizendo que eu era realmente bonita — ou, no caso de um homem, como meu “bagageiro”

era impressionante. (De algum modo, JB du Rone e Hoyt Fortenberry conseguiram pisar no pé dele e derramar-lhe bebida ao mesmo tempo, apenas acidentalmente.)

— Eric – falei, mas não consegui terminar a sentença porque não conseguia pensar no que dizer a seguir. Tive que me concentrar na velocidade com que meus pés se moviam. Estávamos dançando tão rápido que era como se eu estivesse voando. De repente, Eric soltou minha mão para agarrar minha cintura e enquanto nos virávamos, ele me girou e então me vi realmente voando, com a ajudinha de um viking. Eu ri como uma boba, com os cabelos flutuando ao redor da cabeça, e então ele me soltou e pegou apenas a centímetros do chão, fazendo de novo e de novo, até finalmente estar no chão e a música terminar.

— Obrigada – falei, sabendo que devia parecer que estive no meio de uma ventania. – Com licença, preciso ir ao toalete.

Deslizei pela multidão, tentando não sorrir como uma idiota. Eu devia estar com — ah, sim — meu namorado. Ao invés de dançar com outro sujeito até me sentir explodindo de felicidade. E não fazia nenhum bem, dar como desculpa nosso vínculo de sangue.

Sophie-Anne e Andre tinham parado de dançar e se encontravam com um grupo de outros vampiros. Ela não precisaria de mim então, já que não havia humanos para “ouvir”. Avistei Carla

dançando com Gervaise, e eles pareciam bem felizes. Carla estava recebendo vários olhares de admiração de outros vampiros, e isso fazia Gervaise se encher de orgulho.

Ter seus colegas vampiros desejando o que ele já possuía era ótimo. Eu sabia como Gervaise se sentia.

Parei imediatamente.

Eu estava... eu não estava realmente lendo a mente dele, estava?

Não, eu não poderia. Nas únicas vezes em que percebi o fragmento da mente de um vampiro antes dessa noite, aquele fragmento pareceu frio e traiçoeiro. Mas eu sabia como Gervaise se sentia, com certeza, assim como tinha lido os pensamentos de Henrik. Aquilo era apenas meu conhecimento dos homens e suas reações, meu conhecimento dos vampiros ou podia realmente decifrar melhor as emoções dos vampiros já que tive o sangue de Eric pela terceira vez? Ou minha habilidade, talento ou maldição — o que fosse — aumentara para incluir vampiros já que estava perto de eu mesma me tornar uma?

Não. Não, não, não. Eu me sentia normal. Sentia-me humana. Quente.

Eu estava respirando. Tinha que usar o banheiro. Estava com fome também.

Pensei no velho e famoso bolo de chocolate da Sra. Bellefleur. Fiquei com água na boca. Sim, humana.

Tudo bem, então, esta nova afinidade por vampiros desapareceria, como minha força extra, com o tempo. Bebi duas vezes de Bill, pensei; talvez mais. E três de Eric. E toda vez que tive o sangue deles, passaram-se dois ou três meses para que a força e a sagacidade que ganhei ao ingerir diminuíssem. Então isso aconteceria dessa vez também, certo? Me recompus energicamente. Claro que sim.

Jake Purifoy encontrava-se inclinado contra a parede, observando os casais dançarem. Eu o tinha vislumbrado antes, conduzindo uma jovem vampira pelo salão, e ela esteve rindo. Então não era totalmente melancólico para Jake, e fiquei feliz.

— Oi – falei.

— Sookie, uma ação e tanto no julgamento.

— É, foi assustador.

— De onde veio aquele cara?

— Contratado, eu acho. Eric me mandou verificar alguns estandes de tiro de arco amanhã para rastreá-lo, e tentar descobrir quem o contratou.

— Bom. Aquela passou perto de você. Sinto muito – ele disse desajeitado. – Sei que deve ter se sentido assustada.

Na realidade, eu estava mais preocupada com Quinn para pensar na flecha sendo apontada para mim. — Acho que estava. Agora, divirta-se.

— É algo que devia fazer já que não sou mais capaz de me transformar – disse Jake.

— Eu não sabia que você tentou – Não conseguia pensar em nada para dizer.

— Várias vezes – ele respondeu. Fitamos um ao outro por um longo instante. – Bom, vou procurar outra parceira – ele disse e seguiu propositadamente na direção de uma vampira que veio com o grupo de Stan Davis, do Texas. Ela pareceu contente ao vê-lo se aproximar.

No instante seguinte, eu segui para o toalete das senhoras, que era pequeno, é claro; a maioria das mulheres na Pirâmide de Gisé não precisaria usar tal instalação, exceto para escovar os cabelos. Havia uma atendente, um refinamento que nunca vi antes, embora tenha lido a respeito nos livros. Eu devia lhe dar uma gorjeta. Ainda estava com minha bolsinha de noite com a chave do quarto dentro e fiquei aliviada ao recordar que tinha alguns dólares guardados ali, junto com lenços de papel, pastilhas de menta e uma pequena escova. Acenei para a funcionária, uma mulher atarracada e de pele escura, com o rosto infeliz.

Fiz meus negócios na cabine limpa e asseada, então saí para lavar as mãos e tentar arrumar o cabelo. A atendente, usando um crachá que dizia “Lena”, abriu a torneira para mim, o que achei estranho. Quero dizer, eu posso abrir uma torneira. Mas lavei as mãos e usei a toalha que ela me estendeu, imaginando que aquela era a rotina e não devia agir como uma ignorante. Coloquei dois dólares na jarra de gorjetas e ela tentou sorrir para mim, mas

parecia infeliz demais para conseguir. Ela devia estar tendo uma noite ruim.

— Obrigada – falei e virei para sair. Não sei por que, mas olhei para o espelho afixado na porta antes de puxar a maçaneta. Ali estava Lena, fazendo um buraco em minhas costas. Ela parecia tão infeliz, porque tinha que reprimir o quanto me odiava.

É sempre uma sensação ruim descobrir que alguém a detesta; especialmente quando não existe nenhuma boa razão. Mas os problemas dela não eram meus e, se não queria abrir a torneira para mulheres que saíam com vampiros, ela devia procurar outro emprego. Eu não queria sua maldita virada-de-torneira afinal, por Deus.

Então abri caminho através da multidão, verificando com a rainha se ela tinha algum humano por perto que precisava ser perscrutado (não), verificando se conseguia encontrar um Lobi ou metamorfo que podia me dar uma atualização sobre Quinn (não).

Por um golpe de sorte, eu encontrei o bruxo do clima, o feiticeiro que avistei anteriormente. Confesso que fiquei um pouco orgulhosa por descobrir que minha conjetura de fato estava certa. Sua presença aqui, esta noite, era a recompensa pelo bom trabalho, embora eu não tenha conseguido detectar quem era seu patrão. O bruxo meteorologista tinha um drinque na mão e uma mulher de meia-idade no braço. Sra. Bruxa, descobri com outro rápido pulo em sua piscina mental. Ele esperava que ela não notasse seu interesse pela bela vampira dançarina e a linda humana loira que vinha em

sua direção, aquela que olhara para ele antes como se o conhecesse. Oh... esta seria eu.

Não consegui descobrir seu nome, o que teria ajudado em minha aproximação, e não sabia o que dizer. Mas esta era uma pessoa que devia receber a atenção de Sophie-Anne. Alguém o usara contra ela.

— Olá – falei, dando-lhes meu maior sorriso. A esposa retribuiu um pouco cautelosa, porque o casal sossegado normalmente não era abordado por jovens mulheres solteiras (ela olhou para minha mão esquerda) durante festas glamourosas. O sorriso do bruxo meteorologista era mais do tipo assustado. – Vocês estão apreciando a festa? – perguntei.

— Sim, uma noite e tanto – disse a esposa.

— Meu nome é Sookie Stackhouse – falei, destilando charme.

— Olive Trout – ela respondeu, e trocamos um aperto de mão. – Este é meu marido, Julian. – Ela não tinha ideia do que o marido era.

— Vocês são daqui? – Eu perscrutei a multidão tão discretamente quanto possível. Não sabia o que fazer com eles agora que os encontrei.

— Você não assiste nossas estações locais – disse Olive orgulhosamente. – Julian é meteorologista do Canal 7.

— Que interessante – falei com absoluta sinceridade. – Se vocês dois vierem comigo, sei de alguém que simplesmente irá adorar conhecê-los.

Enquanto arrastava os dois através da multidão, eu comecei a ter segundos pensamentos. E se Sophie-Anne pretendesse revidar? Mas isso não faria sentido. O fato importante não era que havia um bruxo meteorologista; o importante é que alguém contratara Julian Trout para prever o tempo para a Louisiana e, de algum modo, adiou a conferência até o Katrina causar sua destruição.

Julian era esperto o suficiente para descobrir que havia algo errado com meu entusiasmo, e eu temi que ambos tentassem fugir. Fiquei bem aliviada ao avistar a cabeça loura de Gervaise. Chamei seu nome num tom cordial, como se não falasse com ele há tempos. No instante em que o alcancei, estava quase sem fôlego por arrebanhar os Trouts com tal pressa e ansiedade.

— Gervaise, Carla – falei, depositando os Trouts na frente do xerife, como se os tivesse dragado de dentro da água. – Esta é Olive Trout e seu marido, Julian. A rainha andou ansiosa para conhecer alguém como Julian.

Ele realmente entende de clima. – Okay, não foi sutil. Mas o rosto de Julian ficou branco. É, o pequeno conhecimento de algum ato errado definitivamente estava presente na consciência de Julian.

— Querido, você está bem? – Olive perguntou.

— Precisamos ir para casa – ele disse.

— Não, não, não – disse Carla, entrando na conversa. – Gervaise, querido, lembra que Andre disse que se ouvíssemos falar de alguém que realmente fosse uma autoridade em clima, ele e a rainha gostariam especialmente de ter uma palavra com ele? – Ela enganchou os braços ao redor dos Trouts e sorriu radiante para eles. Olive pareceu incerta.

— Claro – disse Gervaise, a lâmpada finalmente se acendendo em sua cabeça. – Obrigado, Sookie. Por favor, venham conosco. – E eles guiaram os Trouts para longe.

Senti-me um pouco tonta com o prazer de ter acertado. Olhando ao redor, avistei Barry largando um pratinho numa bandeja vazia.

— Você quer dançar? – perguntei, porque o Dead Man Dance Band estava tocando uma ótima cover de uma velha canção da Jennifer Lopez.

Barry pareceu relutante, mas puxei-o pela mão e logo estávamos sacudindo nossos bonbons por aí e nos divertindo muito. Nada como dançar para relaxar a tensão e esquecer de si mesmo por algum tempo. Eu não era tão boa quanto Shakira em controle muscular, mas talvez se praticasse de vez em quando...

— O que você está fazendo? – Eric perguntou, e não estava sendo engraçado. Ele estava glacial de desaprovação.

— Dançando, por quê? – Dei um aceno como sinal para que Eric se fosse. Mas Barry já tinha parado e me deu um pequeno

adeus.

— Eu estava me divertindo – protestei.

— Você estava exibindo seus atrativos na frente de toda a plateia masculina do salão – disse. – Como uma...

— Espere aí, meu chapa! Pode parar agora mesmo! – Apontei-lhe um dedo, avisando-o.

— Tire seu dedo do meu rosto – ele disse.

Respirei fundo para dizer algo imperdoável, acolhendo a onda de raiva com verdadeiro prazer — eu não estava presa a ele pela cintura — quando um braço forte e rijo me envolveu, e uma voz desconhecida com sotaque irlandês disse, — Quer dançar, querida?

Enquanto o dançarino ruivo, que abriu a noite de festa, me girava num conjunto de passos mais tranquilo, porém complicado, avistei sua parceira agarrando o pulso de Eric para fazer o mesmo.

— Apenas me siga enquanto se acalma, garota. Sou Sean.

— Sookie.

— Prazer em conhecê-la, minha jovem. Você é uma ótima dançarina.

— Obrigada. É um grande elogio, vindo de você. Realmente apreciei a apresentação de antes. – Pude sentir o ímpeto de raiva diminuindo.

— É minha parceira – ele disse, sorrindo. Aquele sorriso não parecia fácil para ele, mas o transformava de um homem de rosto magro e sardento com nariz reto num sujeito com charme para esbanjar. – Minha Layla é um sonho para dançar.

— Ela é muito bonita.

— Oh, sim, por dentro e por fora.

— Há quanto tempo vocês são parceiros?

— Na dança, dois anos. Em vida, quase um ano.

— Por seu sotaque, imagino que veio para cá através de meios indiretos. – Vislumbrei Eric e a bela Layla. Layla possuía um sorriso fácil nos lábios e conversava com Eric, que ainda parecia meio aborrecido. Mas não zangado.

— Pode se dizer que sim – ele concordou. – Obviamente, sou da Irlanda, mas já estou aqui há... – Sua sobrancelha se franziu em meditação, e era como observar mármore se enrugando. – Estou aqui há pelo menos cem anos, de qualquer forma. De vez em quando, nós pensamos em voltar para o Tennessee, de onde Layla vem, mas ainda não nos decidimos.

Isso era um bocado de conversa para um sujeito de aparência quieta.

— Está se cansando de viver na cidade?

— Muita coisa antivampiro acontecendo ultimamente. A Irmandade do Sol, o movimento Tire a Noite dos Mortos; estamos vendo crescer por aqui.

— A Irmandade está em todo lugar – falei. O simples nome me fazia sentir deprimida. – E o que vai acontecer quando eles ouvirem a respeito dos Lobis?

— Aye. E acho que isso acontecerá em breve. Fico ouvindo dos Lobis que está bem próximo.

Você acharia que, de todos os sobrenaturais que conheço, um deles me avisaria o que estava acontecendo. Cedo ou tarde, os Lobis e metamorfos teriam que deixar o mundo descobrir seu grande segredo, ou seriam expostos pelos vampiros, intencionalmente ou não.

— Pode haver até uma guerra civil – disse Sean, e forcei minha mente a voltar ao assunto presente.

— Entre a Irmandade e os sobrenaturais?

Ele assentiu.

— Estou achando que pode acontecer.

— O que você faria nesse caso?

— Já estive em algumas guerras, e não quero entrar em outra – ele respondeu rapidamente. – Layla não viu o Velho Mundo e ela

gostaria, então iríamos para a Inglaterra. Poderíamos dançar por lá ou simplesmente encontrar um lugar para nos escondermos.

Apesar de isso ser interessante, não estava me ajudando a resolver os inúmeros problemas que eu encarava no momento, e que podia contar nos dedos. Quem pagou Julian Trout? Quem plantou a bomba Dr. Pepper?

Quem matou o resto dos vampiros do Arkansas? Foi a mesma pessoa que mandou matar Henrik, o empregado da vampira chefe?

— Qual seria o resultado? – falei em voz alta, para confusão do vampiro ruivo.

— Como disse?

— Só falando comigo mesma. Foi um prazer dançar com você. Com licença; tenho que ir procurar um amigo.

Sean me acompanhou até um canto do salão e nos separamos. Ele já estava procurando por sua companheira. Casais vampiros não ficavam juntos por muito tempo, como regra. Mesmo os casamentos de cem anos dos reis e rainhas exigiam apenas uma visita nupcial uma vez por ano.

Esperava que Sean e Layla fossem exceções.

Decidi que devia verificar Quinn. Aquele seria um longo processo, já que eu não tinha ideia de onde os Lobis o tinham levado. Estava confusa demais pelo efeito que Eric tinha em mim e toda atrapalhada com o início do afeto por Quinn. Mas eu sabia

quem devia considerar. Quinn salvou minha vida esta noite. Comecei a busca ligando para seu quarto, mas não tive resposta.

Se fosse um Lobi, onde eu levaria um tigre ferido? Bom, nenhum lugar público, porque Lobis eram discretos. Eles não iam querer que um funcionário do hotel pegasse uma palavra ou frase que lhes desse a dica da existência de outros sobrenaturais. Então levariam Quinn para um quarto particular, certo? Então, quem tinha um quarto particular e possuía simpatia pelos Lobis?

Jake Purifoy, é claro — ex-Lobi, atual vampiro. Quinn podia estar lá — ou podia estar em algum lugar da garagem do hotel, na sala do segurança-chefe ou na enfermaria, se havia tal coisa. Eu tinha que começar em algum lugar. Indaguei no balcão da recepção, onde a funcionária não pareceu ter qualquer problema em me dar o número do quarto, embora fosse verdade que Jake e eu estávamos marcados como membros do mesmo grupo. A recepcionista não era a mesma pessoa que foi tão grosseira quando nos registramos. Ela achou meu vestido muito bonito e queria um igualzinho.

O quarto de Jake ficava um andar acima do meu e, ao levantar a mão para bater na porta, eu casualmente perscrutei lá dentro para contar os cérebros. Havia o buraco no ar que marcava o cérebro de um vampiro (é o melhor jeito que posso descrever) e um par de assinaturas humanas. Mas peguei um pensamento que congelou meu punho antes que tivesse a chance de tocar a porta.

“...todos eles deviam morrer,” foi o fraco fragmento de pensamento.

Nada se seguiu, no entanto — nenhum outro pensamento que esclarecesse ou elaborasse aquela ideia maligna. Então eu bati, e o padrão no quarto mudou instantaneamente. Jake atendeu a porta. Ele não pareceu acolhedor.

— Oi, Jake – falei, dando um sorriso tão brilhante e inocente quanto fui capaz. – Como está indo? Vim checar se Quinn estava com você.

— Comigo? – Jake pareceu aturdido. – Desde que fui transformado, eu mal falei com Quinn, Sookie. Simplesmente não temos nada para conversar. – Eu devo ter parecido incrédula, porque ele disse depressa – Oh, não é Quinn; sou eu. Não consigo cruzar o abismo entre quem eu era e quem eu sou agora. Nem mesmo tenho certeza de quem eu sou. – Seus ombros desabaram.

Aquilo soou honesto suficiente. E senti um bocado de simpatia por ele. — De qualquer modo, – disse Jake. – eu ajudei a carregá-lo até a enfermaria e aposto que ainda está lá. Há uma metamorfa chamada Bettina e um Lobi chamado Hondo com ele.

Jake manteve a porta fechada. Ele não queria que eu visse suas companhias. Jake não sabia que eu podia perceber que havia pessoas em seu quarto. Não era da minha conta, é claro. Mas era inquietante. Mesmo enquanto o agradecia e virava para partir, pensei na situação. A última coisa no mundo que queria fazer era causar mais problemas a Jake, mas se ele de algum modo estava envolvido na trama que parecia estar serpenteando pelos corredores da Pirâmide de Gisé, eu tinha que descobrir.

As coisas mais importantes primeiro. Desci até meu quarto e liguei para a recepção a fim de pegar direções para a enfermaria, e anotei cuidadosamente num bloco de papel. Então subi furtivamente as escadas para ficar novamente do lado de fora da porta de Jake, mas no instante em que fui embora, o grupo começara a se dispersar. Vi dois humanos de costas. Estranho; não tinha certeza, mas um deles se parecia com o grosseiro Joe, o empregado que consultara o computador na área de bagagens. Jake se reunira com alguns dos funcionários do hotel em seu quarto. Talvez ainda se sentisse mais à vontade com humanos do que com vampiros. Mas certamente os Lobis teriam sido sua escolha...

Enquanto permanecia ali no corredor, sentindo pena dele, a porta de Jake se abriu e ele saiu. Eu não tinha verificado pontos vazios, apenas assinaturas vivas. Meu erro. Jake pareceu um pouco desconfiado quando me viu, e não podia culpá-lo.

— Você quer ir comigo? – perguntei.

— O quê? – Ele pareceu surpreso. Não era vampiro há tempo suficiente para ter o rosto inescrutável.

— Para ver Quinn? – falei. – Peguei instruções para ir até a enfermaria e você disse que não falava com ele há um tempo, então pensei que pudesse querer ir comigo, se eu meio que suavizar o caminho?

— É uma boa ideia, Sookie – ele disse. – Acho que vou passar.

O fato é que a maioria dos metamorfos não me quer mais por perto. Quinn é melhor do que a maioria, tenho certeza, mas eu o deixo desconfortável. Ele conhece minha mãe, meu pai, minha ex-namorada; todas as pessoas de minha antiga vida, aqueles que não querem andar comigo agora.

Eu disse impulsivamente, — Jake, eu sinto tanto. Sinto muito que Hadley o tenha transformado, se você preferia o contrário. Ela gostava de você e não queria que morresse.

— Mas eu morri, Sookie – disse Jake. – Não sou mais o mesmo sujeito. Como você sabe. – Ele pegou meu braço e olhou para a cicatriz, aquela que ele deixou com seus dentes. – Você tampouco será a mesma – disse, e se afastou. Não tive certeza se ele sabia para onde estava indo, mas só queria se afastar de mim.

Observei-o até ele sumir de vista. Ele não se virou para me olhar.

Meu humor esteve frágil de qualquer forma, e esse encontro ajudou a piorá-

lo. Arrastei-me até os elevadores, determinada a encontrar a maldita enfermaria. A rainha não me chamou, então provavelmente estava ficando íntima com outros vampiros, tentando descobrir quem contratou o bruxo meteorologista e geralmente revelando em seu alívio. Nada mais de julgamento, uma herança livre, a chance de colocar seu amado Andre no poder. A vida estava se tornando um mar de rosas para a Rainha da Louisiana, e eu tentei não ficar amarga. Ou tinha o direito de estar? Hmmm, vejamos.

Eu ajudei a deter o julgamento, embora não tenha contado em deter tão final e completamente como foi, digamos, para o desventurado Henrik.

Já que foi considerada inocente, ela conseguiria a herança como prometido em seu contrato de casamento. E quem teve a ideia sobre Andre? E provei que estava certa a respeito do bruxo. Okay, talvez eu pudesse ser um pouco amarga com minha própria má sorte. Além disso, cedo ou tarde, eu teria que escolher entre Quinn e Eric, embora não fosse culpa minha. Fiquei segurando uma bomba por um longo tempo. A Pitonisa Anciã não era membro de meu fã-clube e era um objeto de reverência para a maioria dos vampiros. Quase fui morta com uma flecha.

Bom, já tive noites piores.

Descobri a enfermaria, que foi mais fácil de localizar do que imaginei, porque a porta estava aberta e pude ouvir o riso familiar vindo do quarto. Entrei para encontrar Quinn conversando com a mulher com aparência de boneca, que devia ser Bettina, e o sujeito negro, provavelmente Hondo. Para meu espanto, Clovache também estava lá. Ela não tinha tirado a armadura, mas conseguiu dar a impressão de alguém que tinha afrouxado a gravata.

— Sookie – disse Quinn. Ele sorriu para mim, mas os dois metamorfos não. Eu era definitivamente uma visitante indesejada. Mas eu não vim ver eles. Vim para ver o homem que salvou minha vida.

Aproximei-me dele, deixando-o me observar, dando-lhe um pequeno sorriso. Sentei-me na cadeira de plástico junto à cama e peguei sua mão.

— Diga-me como está se sentindo – falei.

— Como se tivesse feito a barba muito rente – disse. – Mas eu vou ficar bem.

— Vocês poderiam nos dar licença por um momento, por favor? – Fui a mais educada possível ao encontrar os olhos dos três visitantes no quarto.

Clovache disse, — De volta para proteger Kentucky – e partiu. Ela pode ter piscado para mim antes de desaparecer. Bettina pareceu um pouco descontente, como se fosse uma aluna que esteve ensinando sozinha e agora a professora voltara para arrebatar sua autoridade.

Hondo me lançou um olhar sombrio que continha mais do que uma dica de ameaça. — Trate meu amigo direito – disse. – Não o faça sofrer.

— Nunca – respondi. Ele não conseguia pensar numa maneira de ficar, já que Quinn aparentemente queria conversar comigo, então partiu. – Meu fã-clube simplesmente fica cada vez maior – falei, observando-os partirem. Levantei-me e fechei a porta. A menos que um vampiro ou Barry ficasse do lado de fora da porta, tínhamos uma razoável privacidade.

— Aqui é onde você me larga pelo vampiro? – Quinn perguntou.

Todo o traço de bom humor havia desaparecido de seu rosto, e ele estava imóvel.

— Não. Aqui é onde eu lhe conto o que aconteceu, você ouve, e então nós conversamos. – Eu disse aquilo como se tivesse certeza que ele concordaria, mas estava longe de ser o caso, e meu coração martelava na garganta, enquanto esperava por sua resposta. Finalmente, ele assentiu, e eu fechei os olhos de alívio, pegando sua mão esquerda nas minhas. – Okay – falei, me recobrando e então começando minha narrativa, esperando que ele visse que Eric realmente era o menor de dois males.

Quinn não retirou a mão, mas tampouco segurou a minha. — Você está atada a Eric – disse.

— Sim.

— Você compartilhou sangue com ele pelo menos três vezes.

— Sim.

— Você sabe que ele pode transformá-la quando bem entender?

— Qualquer um de nós poderia ser transformado quando os vampiros quisessem, Quinn. Até você. Poderia ser necessário dois deles para segurá-lo e um para drenar todo seu sangue e dar o dele, mas ainda podia acontecer.

— Não demoraria muito se ele se decidisse, agora que vocês dois compartilharam tão frequentemente. E isto é culpa de Andre.

— Não há nada que eu possa fazer a respeito agora. Desejava poder.

Desejava poder cortar Eric de minha vida. Mas não posso.

— A não ser que ele seja estaqueado – Quinn disse.

Senti um baque no coração que quase me fez levar a mão ao peito.

— Você não quer que isso aconteça – a boca de Quinn estava comprimida numa linha rígida.

— Não, é claro que não!

— Você se importa com ele.

Ah, merda. — Quinn, você sabe que Eric e eu ficamos juntos por um tempo, mas ele teve amnésia e não se lembra. Quero dizer, ele sabe que é um fato, mas não se lembra de absolutamente nada.

— Se fosse outra pessoa me contando essa história, você sabe o que eu pensaria.

— Quinn. Eu não sou outra pessoa.

— Bebê, eu não sei o que dizer. Eu me importo e adoro passar o tempo com você. Adoro ir para a cama com você. Gosto de comer à mesa com você. Gosto quando cozinhamos juntos. Gosto de

quase tudo a seu respeito, inclusive seu dom. Mas eu não sou bom em compartilhar.

— Eu não me envolvo com dois caras ao mesmo tempo.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que estou envolvida com você, a menos que diga o contrário.

— O que você fará quando o Sr. Grande e Loiro lhe disser para pular na cama com ele?

— Direi que estou falando por... se você falar.

Quinn moveu-se inquieto na cama estreita. — Estou sarando, mas dói – ele admitiu. Parecia muito cansado.

— Eu não o incomodaria com tudo isso se não fosse muito importante para mim – falei. – Estou tentando ser honesta com você.

Absolutamente honesta. Você levou a flechada por mim, e é o mínimo que posso fazer em retorno.

— Eu sei disso, Sookie. Sou um homem que quase sempre conhece a própria mente, mas tenho que confessar... não sei o que dizer. Achei que éramos simplesmente ideais um para o outro até isso acontecer. – Os olhos de Quinn faiscaram em seu rosto repentinamente. – Se ele morresse, nós não teríamos problemas.

— Se você o matasse, eu teria um problema – respondi. Não podia ser mais simples do que isso.

Quinn fechou os olhos. — Temos que pensar a respeito novamente quando eu estiver totalmente curado e você sem sono e com tempo para relaxar – ele disse. – Você tem que conhecer Frannie também. Eu estou tão... – Para meu horror, achei que Quinn iria sufocar. Se ele chorasse, eu faria o mesmo também e a última coisa que precisava era de lágrimas.

Inclinei-me tanto que achei que cairia sobre ele e o beijei, apenas uma leve pressão de minha boca sobre a dele. Mas então ele segurou meu ombro e me puxou para si, e havia tanto a explorar, seu calor e intensidade... mas então seu ofego rompeu o momento. Ele tentava não fazer uma careta de dor.

— Oh! Me desculpe.

— Nunca se desculpe por um beijo como esse – disse. E ele não parecia mais choroso. – Nós definitivamente temos algo acontecendo, Sookie. Eu não quero que a merda vampira de Andre arruíne isso.

— Tampouco eu – respondi. Não queria desistir de Quinn, muito menos agora com nossa fervorosa química. Andre me aterrorizava, e quem sabe quais eram suas intenções? Certamente não eu. Suspeitei que Eric não soubesse tampouco, mas ele nunca foi avesso ao poder.

Despedi-me de Quinn relutantemente, e comecei a fazer meu caminho de volta ao baile. Sentia-me obrigada a verificar a rainha para me certificar de que não precisava de mim, mas eu estava exausta e precisava tirar o vestido e desmaiar na cama.

Clovache encontrava-se apoiada contra a parede no corredor adiante, e tive a impressão que ela esperava por mim. A jovem Britlingen era menos escultural do que Batanya e, enquanto Batanya parecia um impressionante falcão com caracóis escuros, Clovache era mais simples, com cabelos castanhos finos que precisavam de um bom cabeleireiro, e grandes olhos verdes com sobrancelhas bem arqueadas.

— Ele parece ser um bom homem – ela disse com seu sotaque áspero, e tive a forte sensação de que Clovache não era uma mulher sutil.

— Ele parece assim para mim também.

— Enquanto um vampiro, por definição, é ardiloso e enganador.

— Por definição? Você quer dizer, sem exceções?

— Sim.

Fiquei em silêncio enquanto caminhávamos. Eu estava cansada demais para decifrar o propósito da guerreira ao me contar aquilo. Decidi perguntar. — O que está acontecendo, Clovache? Aonde quer chegar?

— Você já se perguntou por que nós estamos aqui protegendo o Rei do Kentucky? Por que ele decidiu pagar nossas taxas realmente astronômicas?

— Sim, me perguntei, mas imaginei que não fosse da minha conta.

— É muito da sua conta.

— Então me conte. Não estou a fim de adivinhações.

— Isaiah pegou uma espiã da Irmandade no meio de sua comitiva um mês atrás.

Eu parei de súbito, e Clovache também. Processei suas palavras. — Isso é realmente ruim – respondi, sabendo que as palavras eram inadequadas.

— Ruim para a espiã, é claro. Mas ela revelou algumas informações antes de ir para o vale das sombras.

— Uau, é um belo modo de se expressar.

— É um monte de merda. Ela morreu, e não foi bonito. Isaiah é um sujeito à moda antiga. Moderno na superfície, um vampiro tradicional por dentro. Ele teve ótimos momentos com a pobre coitada antes de ela desistir.

— Você acha que o que ela disse é confiável?

— Boa questão. Eu confessaria qualquer coisa se achasse que isso evitaria algumas das coisas que os camaradas dele fizeram

com ela.

Não tinha certeza se aquilo era verdade. Clovache era feita de um material bem resistente.

— Mas eu acho que ela disse a verdade. Sua história foi de que um grupo independente da Irmandade ficou sabendo dessa conferência e decidiu que seria uma oportunidade de ouro para se revelar em sua luta contra os vampiros. Não simples protestos e sermões contra os vampiros, mas guerra total. Este não é o corpo principal da Irmandade... os líderes são sempre cuidadosos em dizer, “Oh, céus, não, nós não toleramos violência contra ninguém. Estamos apenas avisando as pessoas para que se conscientizem de que quando se associam com vampiros, estão se associando com o mal.”

— Você sabe um bocado de coisas a respeito desse mundo – respondi.

— Sim – ela concordou. – Faço muita pesquisa antes de pegarmos um trabalho.

Eu quis lhe perguntar como era seu mundo, como veio de lá para cá, quanto cobrava, se todos os guerreiros do (no?) mundo dela eram mulheres ou se os rapazes também chutavam o pau da barraca; e se sim, qual era a aparência deles naquelas maravilhosas calças. Mas esta não era a hora nem o lugar.

— Então, qual é o fundamento da questão? – perguntei.

— Eu acho que talvez a Irmandade esteja tentando montar uma grande ofensiva aqui.

— A bomba na lata de refrigerante?

— Na realidade, isso me confunde. Mas foi do lado de fora do quarto de Louisiana, e a Irmandade tem que estar sabendo agora que sua operação não teve sucesso, se foi trabalho deles.

— E também existem os três vampiros assassinados na suíte de Arkansas – apontei.

— Como eu disse, confuso – disse Clovache.

— Eles teriam matado Jennifer Cater e os outros?

— Certamente, se tivessem a chance. Mas apostar em algo tão pequeno quando, de acordo com a espiã, eles planejaram algo realmente grande... parece bem improvável. Além disso, como um humano poderia entrar no quarto e matar três vampiros?

— Então para que serviu a bomba Dr. Pepper? – perguntei, me esforçando para decifrar o pensamento por trás daquilo. Voltamos a andar e agora estávamos do lado de fora do salão de cerimônias. Pude ouvir a orquestra.

— Bom, parece que lhe deu alguns cabelos brancos novos – disse Clovache, sorrindo.

— Não consigo imaginar que este foi o objetivo – respondi. – Não sou tão egocêntrica.

Clovache se decidiu. — Você está certa, – disse – porque a Irmandade não teria plantado. Eles não iam querer chamar atenção para seu grande plano com uma pequena bomba.

— Então foi posta lá para algum outro propósito.

— E que propósito foi esse?

— O resultado final da bomba, se tivesse explodido, seria ter dado um grande susto na rainha – respondi lentamente.

Clovache pareceu aturdida.

— Não era para matar?

— Ela nem mesmo estava no quarto.

— Devia ter explodido bem antes de você encontrá-la – disse Clovache.

— Como você sabe disso?

— O cara da segurança. Donati. Foi o que a polícia lhe contou.

Donati nos vê como colegas profissionais. – Clovache sorriu. – Ele gosta de mulheres em armaduras.

— Ei, quem não gosta? – eu retribuí o sorriso.

— E foi uma bomba fraca, se qualquer bomba pode ser chamada assim. Não estou dizendo que não causaria estrago.

Causaria. Talvez até matasse alguém, como você podia ter sido. Mas o episódio pareceu ser ineficaz e mal-planejado.

— A menos que tenha sido projetado apenas para assustar. Planejado para ser descoberto. E desarmado.

Clovache encolheu os ombros.

— Não compreendo – eu disse. – Se não é a Irmandade, quem seria?

O que a Irmandade planeja fazer? Invadir o saguão, armado com bastões de beisebol afiados?

— A segurança por aqui não é muito boa – disse Clovache.

— É, eu sei. Quando desci ao porão para pegar uma mala para a rainha, os seguranças foram bem preguiçosos e não acho que os funcionários sejam revistados quando entram, tampouco. E eles tinham um bocado de malas misturadas.

— E os vampiros contratam essas pessoas. Inacreditável. Por um lado, os vampiros percebem que não são imortais. Eles podem ser mortos.

Por outro, sobreviveram por tanto tempo que isto os faz se sentirem onipotentes – Clovache encolheu os ombros. – Bom, de volta ao trabalho.

Nós chegamos ao salão de baile. O Dead Man Dance Band ainda tocava.

A rainha estava bem perto de Andre, que já não se encontrava mais atrás dela, mas ao seu lado. Eu sabia que isso era significativo, mas não era evidente o bastante para fazer Kentucky perder as esperanças. Christian Baruch também estava por perto. Se tivesse um rabo estaria abanando, já que ele estava tão ansioso para agradar Sophie-Anne. Olhei ao redor do salão para os outros reis e rainhas, reconhecíveis por suas comitivas. Eu nunca os vi todos juntos num aposento, e contei. Havia apenas quatro rainhas. Os outros doze governantes eram homens. Das quatro rainhas, Minnesota parecia estar ligada ao Rei de Wisconsin. Ohio tinha o braço ao redor de Iowa, então eles eram um casal. Além de Alabama, a única rainha solteira era Sophie-Anne.

Embora muitos vampiros fossem flexíveis quanto ao gênero de seu parceiro sexual, ou pelo menos tolerantes com aqueles que preferiam algo diferente, alguns definitivamente não eram. Não era de se espantar que Sophie-Anne estivesse brilhando tanto, mesmo debaixo da nuvem levantada pela morte de Peter Threadgill. Vampiros não pareciam ter medo de viúvas alegres.

O garoto-brinquedo de Alabama percorreu com os dedos as costas nuas dela, e ela gritou com medo fingido. — Você sabe que eu detesto aranhas – disse brincalhona, parecendo quase humana, trazendo-o para mais perto. Embora ele brincasse de assustá-la, ela o agarrava.

Espere, pensei. Espere um minuto. Mas a ideia não se formou.

Sophie-Anne percebeu o movimento furtivo e me chamou. — Acho que a maioria dos humanos já encerrou a noite – disse.

Um olhar ao redor do salão me disse que era verdade.

— O que achou de Julian Trout? – perguntei para acalmar meu medo de que ela fez algo terrível a ele.

— Acho que ele não compreende o que fez – disse Sophie-Anne. – Pelo menos até certo ponto. Mas nós chegamos a um entendimento. – Ela sorriu. – Ele e a esposa estão bem. Não preciso mais de você esta noite. Vá se divertir – disse, e não soou condescendente. Sophie-Anne realmente queria que eu me divertisse embora, concedendo, não fosse particular demais a respeito de como eu faria isso.

— Obrigada – respondi, e então recordei que seria melhor ocultar aquilo um pouco. – Obrigada, madame, tenha uma boa noite. Vejo-a amanhã à noite.

Fiquei feliz por sair de lá. Com o salão lotado de vampiros, os olhares que eu estava recebendo eram mais do tipo famintos. Sanguessugas sozinhos tinham mais facilidade em se ater a sangue artificial do que um grupo. Algo a ver com a memória dos velhos tempos simplesmente os fazia querer algo quente de uma fonte, ao invés do líquido criado em laboratório e esquentado num microondas. Bem na hora, o grupo de Doadores Voluntários voltou através da porta dos fundos e se enfileiraram, mais ou menos, contra a parede. Em pouco tempo, todos se viram ocupados e (eu imagino) felizes.

Depois que Bill tomou meu sangue enquanto fazíamos amor, ele me contou que o sangue de um pescoço humano — após uma

dieta de TrueBlood, digamos — era como ir à Churrascaria Ruth Chris depois de muitas refeições no McDonald's. Avistei Gervaise aninhando Carla num canto e imaginei se ela precisava de ajuda; quando vi o rosto dela, eu decidi que não.

Carla também não voltou ao quarto naquela noite e, sem a distração de Quinn, me senti meio deprimida. Eu tinha muito em que pensar. Parecia que os problemas procuravam por mim nos corredores da Pirâmide de Gisé e, não importava para onde me virasse, eles iam me achar.

Capítulo 15

EU FINALMENTE FUI PARA A CAMA às quatro da manhã, e acordei ao meio-dia. Aquelas oito horas não foram boas. Fiquei acordando o tempo todo e não consegui regular minha temperatura, o que devia ter algo a ver com a troca de sangue... ou não. Tive pesadelos também e, por duas vezes, pensei ter ouvido Carla entrar no quarto, apenas para abrir os olhos tempo suficiente e ver que ela não estava lá. A luz estranha que entrava pelos vidros quase opacos do único andar humano não era como luz do dia de verdade, nem um pouco. E me incomodava.

Senti-me um pouco melhor após uma longa ducha e peguei o telefone para chamar o serviço de quarto e arranjar algo para comer. Então decidi descer até o pequeno restaurante. Eu queria ver outros humanos.

Havia poucos humanos lá; não minha colega de quarto, mas um acompanhante ou dois, e Barry. Ele gesticulou para a cadeira vazia em sua mesa e eu caí nela, procurando ao redor pelo garçom para pedir café. Ele veio imediatamente, e estremeci de prazer com o primeiro gole. Depois que terminei a primeira xícara, falei — de meu jeito — “Como você está hoje?

Ficou acordado a noite toda?”

“Não, Stan foi para a cama cedo com sua nova namorada, então não fui necessário. Eles ainda estão na fase de lua de mel.

Fui ao baile por um tempo, então fiquei com a maquiadora que a Rainha de Iowa trouxe com ela." Ele sacudiu as sobrancelhas para dizer que a maquiadora era gatinha.

"Então, quais são seus planos para hoje?"

"Você teve um desses enfiado debaixo da sua porta?" Barry empurrou um maço de papéis grampeados sobre a mesa, enquanto o garçom trazia meus bolinhos ingleses e ovos.

"Sim, guardei em minha bolsa." Uau, eu podia conversar com Barry enquanto comia, a desculpa mais perfeita que pude inventar para falar com a boca cheia.

"Dê uma olhada."

Enquanto Barry cortava um pãozinho para besuntá-lo com manteiga, eu perscrutei as páginas. Uma agenda de compromissos para a noite, o que era muito útil. O julgamento de Sophie-Anne foi o caso mais sério a ser resolvido, o único envolvendo realeza. Mas havia alguns outros. A primeira sessão estava agendada para as oito da noite, e era uma disputa envolvendo dano corporal. Uma vampira de Wisconsin chamada Jodi (o que parecia improvável de qualquer forma) estava sendo processada por um vampiro de Illinois chamado Michael. Michael alegava que Jodi esperou até ele ir dormir durante o dia, e então arrancou um de seus caninos. Com alicates.

"Nossa. Isso parece... interessante." Arqueei minhas sobrancelhas.

“Por que os xerifes não lidam com isso? Vampiros na verdade não gostam de lavar roupa suja em público.”

— Envolve dois estados – Barry respondeu sucinto. O garçom acabava de trazer outro bule de café, então Barry encheu minha xícara e então a dele.

Folheei as páginas. O caso seguinte envolvia uma vampira chamada Cindy Lou Suskin de Kansas City, Missouri, que transformou uma criança.

Cindy Lou alegava que a criança estava de qualquer forma morrendo de uma doença de sangue e sempre quis um filho; agora ela tinha um eterno vampiro pré-adolescente. Além disso, o garoto foi transformado com o consentimento dos pais dele, por escrito. Kate Book da Kansas City verdadeira, em Kansas, advogada nomeada pelo estado para supervisionar o bem-estar da criança, reclamava que agora o garoto se recusava a ver os pais humanos ou ter qualquer contato com eles, o que era contrário ao acordo entre ambos os lados.

Parecia televisão diurna. Juíza Judy, alguém?

Então, esta noite era sessão de tribunal, resumi após verificar as folhas restantes. — Imagino que vão precisar de nós?

— Sim, eu acho. Haverá testemunhas humanas no segundo caso.

Stan quer que eu esteja lá, e aposto que sua rainha também vai querer que você esteja. Seu súdito, Bill, é um dos juízes nomeados.

Apenas reis e rainhas podem julgar outros reis e rainhas, mas para casos envolvendo vampiros menos poderosos, os juízes são escolhidos num sorteio. O nome de Bill saiu do chapéu.

— Oh, ótimo.

“Você tem uma história com ele?”

“Sim. Mas acho que ele provavelmente será um bom juiz.” Eu não tinha certeza do por que acreditava nisso; afinal, Bill mostrou ser capaz de grande decepção. Mas achei que ele tentaria ser justo e desapaixonado.

Notei que as “sessões” de tribunal seriam das oito às onze. Depois disso, meia-noite às quatro da manhã estava marcada como “Comércio”.

Barry e eu trocamos um olhar e encolhemos os ombros.

— Feira de trocas? – eu sugeri. – Mercado de pulgas?

Barry não tinha ideia.

A quarta noite da conferência era a última, e a primeira metade dela estava marcada como “Horário Livre para Todos em Rhodes.” Algumas das atividades sugeridas: ver os dançarinos do Blue Moon novamente, ou sua divisão mais explícita, Black Moon. A diferença não era soletrada, mas imaginei que os funcionários da Black Moon fizessem performances mais sexualmente orientadas. Diferentes times de dança do estúdio estavam listados como atrações em diversos locais. Os vampiros visitantes também receberam

sugestões para visitas ao zoológico, que estaria aberto à noite mediante arranjos especiais, ou o museu da cidade, idem. Ou eles poderiam visitar um clube “para divertimento particular daqueles que preferem prazeres mais sombrios.” Era chamado Beijo de Dor. “Lembre-me de atravessar a rua se me deparar com esse,” informei Barry.

“Você nunca curtiu uma mordidinha?” Barry tocou os próprios caninos com a língua para que eu não confundisse a insinuação.

“Há um bocado de prazer nisso,” falei, porque dificilmente podia negar. “Mas acho que este lugar provavelmente vai um pouco além de uma mordidinha no pescoço. Você está muito ocupado agora? Porque eu tenho que bater perna para o Eric e uma ajuda seria útil.”

— Claro – disse Barry. – O que há?

— Precisamos encontrar galerias para prática de arco e flecha – respondi.

— Isto foi deixado para você na recepção, senhorita – disse nosso garçom, largando um envelope pardo na mesa e se afastando, como se suspeitasse que tivéssemos hidrofobia. Evidentemente, nossa conversa silenciosa deve ter assustado alguém.

Abri o envelope para encontrar dentro uma fotografia de Kyle Perkins. Preso à foto com um clipe, havia um bilhete de Bill escrito em sua caligrafia familiar. “Sookie, Eric disse que você precisa fazer

algum trabalho de detetive, e que esta foto é necessária. Por favor, seja cautelosa.

William Compton.” E justo quando estava pensando em pedir uma lista telefônica ao garçom, eu vi uma segunda folha. Bill havia pesquisado na Internet e fizera uma lista de todos os estandes de arco e flecha da cidade.

Havia apenas quatro. Tentei não ficar impressionada com a atenção e ajuda de Bill. Já estava cheia de ficar impressionada com ele.

Liguei para a garagem do hotel para pegar um dos carros trazidos pelo grupo de Arkansas. A rainha tomara posse deles, e Eric me oferecera um.

Barry correu até seu quarto para pegar uma jaqueta e eu fiquei parada na porta da frente esperando que trouxessem o carro, imaginando quanto de gorjeta devia dar ao manobrista quando avistei Todd Donati. Ele se aproximou de mim, caminhando devagar e de forma pesada, embora fosse um homem magro. Ele parecia mal hoje, com o couro cabeludo exposto pela linha de calvície grisalha e a aparência suada; até o bigode estava sem vida. Ele ficou me encarando por um momento, sem falar. Achei que estivesse reunindo coragem ou desesperança. Se alguma vez vi a morte sobre os ombros de um homem, ela estava em Todd Donati.

— Meu chefe está tentando convencer a sua chefe a ficarem juntos – ele disse abruptamente. Se eu tivesse imaginado como ele iniciaria nossa conversa, nunca incluiria essa frase.

— É, agora que é viúva, ela está atraindo um bocado de interesse – respondi.

— Ele é um sujeito à moda antiga de muitas formas – disse Todd Donati. – Vem de uma família antiga, não gosta de pensamento moderno.

— Um-hmm – falei, tentando soar neutra, mas encorajadora.

— Ele não acredita em mulheres decidindo sozinhas, sendo capazes de se defenderem – disse o segurança-chefe.

Eu não podia parecer que havia entendido o que Donati estava falando, porque com certeza não entendi.

— Até mulheres vampiras – ele continuou, e me fitou direta e firmemente.

— Okay – respondi.

— Pense a respeito – disse Donati. – Faça sua rainha perguntar onde está a fita de segurança que mostra a área em frente ao quarto dela.

— Farei isso – respondi, não tendo ideia do por que estava concordando. Então o homem doente girou nos calcanhares e se afastou com um ar de missão cumprida.

Então o carro foi trazido, Barry saiu correndo do elevador e se juntou a mim, e qualquer pensamento que estivesse tendo a respeito do encontro sumiu devido ao meu medo por dirigir na

cidade. Não acho que Eric jamais tenha considerado o quanto seria difícil para mim, dirigir em Rhodes, porque ele não pensava em coisas do tipo. Se não tivesse Barry comigo, teria sido quase impossível. Eu podia lidar com a direção ou olhar o mapa que o funcionário do estacionamento nos emprestou, mas não fazer as duas coisas.

Não me saí tão mal, apesar do tráfego estar pesado e o clima ser frio e chuvoso. Eu não tinha saído do hotel desde que chegamos, e foi confortante ver o mundo exterior. Além do mais, aquele seria provavelmente o único vislumbre que teria do resto da cidade. Olhei tanto quanto foi possível. Quem sabe se eu voltaria algum dia? A cidade ficava longe.

Barry guiou nosso percurso e começamos nossa excursão em busca de galerias em Rhodes.

Começamos com a empresa mais distante, chamada Flecha Direta.

Era um local comprido e estreito numa avenida bem movimentada. Era brilhante, bem iluminada — e possuía instrutores qualificados e bem armados atrás do balcão. Eu sabia disso porque um grande cartaz informava. Os homens ali não ficaram impressionados com o sotaque sulista de Barry. Achavam que o fazia parecer estúpido. No entanto, quando eu falei, eles acharam bonitinho. Okay, quanto isso era ofensivo?

O subtexto, que li claramente em suas mentes, era: mulheres pareciam estúpidas de qualquer forma, então um sotaque sulista

apenas realçava aquela burrice de forma adorável. Homens deviam parecer secos e diretos, então homens sulistas pareciam estúpidos e fracos.

Contudo, apesar do preconceito enraizado, estes homens não foram úteis. Eles nunca viram Kyle Perkins em qualquer de suas aulas noturnas, e não achavam que ele alugara tempo para praticar em seu estabelecimento.

Barry fumegava com o desrespeito que teve de suportar, e nem mesmo quis ir ao segundo estande. Eu entrei sozinha com a fotografia, e o único sujeito trabalhando na loja, que não possuía local para prática, disse “Não”

imediatamente. Ele não discutiu a fotografia, não me perguntou por que queria saber sobre Kyle Perkins ou me desejou um bom dia. Ele não possuía um cartaz para me dizer o quanto era formidável. Imaginei que simplesmente fosse grosseiro com todas as pessoas.

O terceiro local, localizado num prédio que achei ter sido um dia uma pista de boliche, tinha alguns carros no estacionamento e uma pesada porta opaca. PARE E SE IDENTIFIQUE, dizia um cartaz. Barry e eu conseguimos ler do carro. Parecia um pouco ameaçador.

— Estou cansado de ficar no carro mesmo – ele disse galantemente, e foi comigo. Paramos onde podíamos ser vistos e eu o alertei quando avistei a câmera sobre nossas cabeças. Eu e Barry tentamos parecer tão simpáticos quanto possível (no caso de Barry, isso era muito simpático; ele tinha jeito). Após alguns segundos, ouvimos um estalido audível e a porta se destrancou. Olhei para

Barry e ele manteve a porta pesada aberta enquanto eu entrava e ficava de lado para que pudesse entrar também.

Nos vimos diante de um longo balcão se estendendo ao longo da parede oposta. Havia uma mulher mais ou menos da minha idade atrás do balcão, com cabelo e pele cor de bronze, o produto de uma interessante mistura racial. Ela tingira as sobrancelhas de preto, o que acrescentava um toque bizarro ao efeito de uma só cor.

Ela nos examinou tão cuidadosamente em pessoa quanto através da câmera, e pude ler em seu pensamento que estava bem mais feliz por ver Barry do que a mim. Eu disse a Barry, “É melhor você lidar com ela.”

“É, estou entendendo,” respondeu e, enquanto eu colocava a fotografia de Kyle no balcão, ele disse: — Você poderia nos dizer se este sujeito veio aqui para comprar flechas ou praticar?

Ela nem perguntou por que queríamos saber. Inclinou-se sobre a foto, talvez mais do que o necessário para mostrar o decote para Barry. Ela examinou a foto de Kyle e imediatamente fez uma careta. — Sim, ele veio aqui ontem à noite – disse. – Nós nunca tivemos um cliente vampiro e eu não queria realmente atendê-lo, mas o que se podia fazer? Ele tinha dinheiro e a lei diz que não podemos discriminar. – Ela era uma mulher pronta e disposta a discriminar, sem dúvida.

— Havia alguém com ele? – Barry perguntou.

— Oh, me deixe pensar. – Ela fez charme, inclinando a cabeça para trás, em benefício de Barry. Ela não achava que seu sotaque sulista era estúpido. Considerava adorável e sexy. – Eu simplesmente não consigo lembrar. Escute, direi o que vou fazer. Vou pegar a fita de segurança da noite passada; ainda a temos. E deixo você dar uma olhada, okay?

— Podemos fazer isso agora? – perguntei, sorrindo com doçura.

— Bom, eu não posso deixar o balcão agora. Não há ninguém aqui para cuidar da loja se tiver que ir lá atrás. Mas se você voltar para olhar à noite, depois que meu substituto chegar... – ela lançou um olhar bem objetivo para Barry, para ter certeza que eu entendia que não precisava vir – deixo dar uma olhada.

— Que horas? – Barry perguntou, bem relutante.

— Que tal às sete? Eu saio logo em seguida.

Barry não topou a indireta, mas concordou em voltar às sete.

— Obrigada, Barry – falei ao entrarmos no carro. – Você realmente me ajudou. – Liguei para o hotel e deixei um recado para a rainha e Andre, explicando onde estava e o que fazia, para que não ficassem zangados por eu não estar à disposição no momento que acordassem, o que seria em breve. Afinal, estava seguindo as ordens de Eric.

— Você tem que vir comigo – disse Barry. – Não irei sozinho para ver essa mulher. Ela irá me comer vivo. Aquilo foi a Guerra de

Agressão do Norte, com certeza.

— Okay. Eu fico no carro e você pode gritar através da cabeça, se ela pular em cima.

— Feito.

Para passarmos o tempo, tomamos café e comemos bolo numa padaria. Foi ótimo. Minha avó sempre acreditou que as mulheres do norte não sabiam cozinhar. Era agradável descobrir exatamente como era injusta aquela convicção. Meu apetite também foi agradável. Era um alívio contínuo descobrir que tinha fome como sempre. Nada vampírico a meu respeito, não senhor!

Depois que enchemos o tanque e verificamos o trajeto de volta para a Pirâmide, era finalmente hora de voltarmos ao estande para falar com a ruiva. O céu já estava completamente escuro e a cidade brilhava com as luzes. Senti-me urbana e glamourosa, dirigindo numa cidade tão grande e famosa. E recebi uma missão que executei com sucesso. Eu não era nenhum ratinho do interior.

Minha sensação de alegria e superioridade não durou muito tempo.

Nossa primeira dica de que nem tudo estava bem na Companhia de Tiro com Arco Monteagle foi a porta de metal pesada entortada.

— Merda – disse Barry, o que resumiu meus sentimentos em poucas palavras.

Saímos — muito relutantemente — e, com vários olhares ao redor, nos aproximamos da porta para examiná-la.

— Arrombada ou arrancada? – perguntei.

Barry ajoelhou-se no concreto para olhar mais de perto.

— Eu não sou 007 – disse – mas acho que foi arrancada.

Olhei desconfiada para a porta. Mas quando me inclinei para olhar mais de perto, vi o metal retorcido das dobradiças. Um ponto para Barry.

— Okay – falei. “Aqui está a parte em que de fato temos que entrar.”

Barry cerrou o maxilar. “Sim,” disse, mas não parecia ter certeza.

Barry definitivamente não era chegado em violência ou confronto. Ele era interessado em dinheiro e tinha o empregador que pagava mais. Agora mesmo, ele imaginava se a quantia de dinheiro era suficiente para compensá-lo por isso e pensava que, se não estivesse com uma mulher, teria simplesmente entrado no carro e ido embora. Às vezes, orgulho masculino pode ser uma coisa boa. Eu certamente não queria fazer isso sozinha.

Empurrei a porta, que respondeu de modo espetacular se desprendendo das dobradiças e desabando no concreto.

— Oi, estamos aqui – disse Barry em voz baixa. – Alguém que não esteja sabendo agora...

Depois que o barulho parou e nada pulou do prédio para nos engolir, Barry e eu nos endireitamos da instintiva posição agachada. Respirei fundo.

Aquela era minha tarefa, já que a missão foi dada a mim. Coloquei-me sob o facho de luz que vinha da entrada vazia. Dei um grande passo adiante no limiar do prédio. Um rápido exame não me deu nenhum sinal cerebral, então imaginei o que encontraria.

Ah, sim, a ruiva estava morta. Ela estava deitada sobre o balcão, os membros esparramados, a cabeça inclinada para um lado. Havia uma faca se projetando de seu peito. Alguém vomitara cerca de um metro à esquerda de meu pé — sem sangue — então houve pelo menos um humano no local.

Ouvi os passos de Barry entrando no prédio e parando, assim como os meus.

Eu tinha notado duas portas no aposento em nossa visita anterior.

Havia uma porta à direita, do lado de fora do balcão, que levava os clientes ao estande de prática. A outra porta atrás do balcão era para que os funcionários saíssem para intervalos e atendessem os clientes na área de tiro. Eu tinha certeza que a fita que nós viemos assistir estaria lá atrás, porque era o lugar natural para equipamento de segurança. Se ainda estava lá atrás, esta era a grande questão.

Eu queria me virar e ir embora sem olhar para trás e estava assustada até a medula, mas ela morrera por causa da fita, percebi, e pareceria que eu estava descartando seu sacrifício involuntário se descartasse a fita. Aquilo não fazia muito sentido, mas era como me sentia.

“Não estou encontrando mais ninguém na área,” Barry disse.

“Tampouco eu,” respondi, após efetuar um segundo exame mais minucioso.

Barry obviamente sabia com exatidão o que eu planejava fazer, e disse, “Você quer que eu vá junto?”

“Não, quero que fique do lado de fora. Eu chamo se precisar de você.” Na verdade, seria ótimo tê-lo por perto, mas a sala cheirava mal demais para alguém suportar ficar mais do que um minuto, e nosso minuto tinha acabado.

Sem protestar, Barry voltou a sair e eu circundei o balcão até uma área mais limpa. Parecia indescritivelmente arrepiante caminhar por ali, evitando o corpo da ruiva. Fiquei grata pelos olhos cegos não estarem apontados em minha direção enquanto usava um lenço para limpar a área onde minhas mãos tocaram. Do lado de dentro do balcão, havia evidência de luta considerável. Ela lutara bastante. Havia manchas de sangue aqui e ali, e papéis espalhados no chão. Havia um botão de alarme claramente visível, debaixo do balcão, mas achei que ela não teve tempo de apertá-lo.

As luzes estavam acesas no escritório atrás do balcão também, como pude ver através da porta parcialmente aberta. Empurrei-a com o pé e a porta balançou com um pequeno rangido. De novo, nada pulou em mim.

Respirei fundo e entrei.

A sala era uma combinação de sala de segurança/escritório/sala de descanso. Havia balcões montados ao redor da parede com cadeiras giratórias encostadas, computadores, um forno microondas e uma pequena geladeira: a aparelhagem habitual. E ali estavam as fitas de segurança, empilhadas no chão e ardendo em chamas. Todos os outros odores na sala externa eram tão fortes que simplesmente encobriam aquele. Havia outra porta interna; não fui verificar para ver aonde conduzia, porque havia um corpo a bloqueando. Era o cadáver de um homem e estava deitado com o rosto para baixo, o que era uma benção. Eu não precisava verificá-lo para ver se tinha morrido. Certamente estava. O substituto da ruiva, eu supus.

— Bem, merda – falei em voz alta. Então pensei, Graças a Deus, eu vou poder sair daqui. Algo mais tinha se queimado com as fitas de segurança: qualquer registro de nossa visita anterior também havia desaparecido.

Antes de sair, apertei o botão de alarme com o cotovelo. Eu esperava que estivesse ecoando em alguma delegacia de polícia e eles viessem logo.

Barry esperava por mim do lado de fora, como estive 99% segura de que estaria. Embora confessasse que não ficaria completamente surpresa se ele tivesse partido.

— Vamos embora! Eu ativei o alarme – falei. Pulamos para dentro do carro e caímos fora dali.

Eu dirigi, porque Barry parecia verde. Tivemos que encostar uma vez (e isso não é fácil no tráfego de Rhodes) para que ele vomitasse. Eu não o culpava nem um pouco. O que vimos foi horrível. Mas fui abençoada com um estômago forte e vi coisas piores.

Voltamos ao hotel em tempo para as sessões judiciais. Barry olhou para mim boquiaberto quando comentei que era melhor eu me preparar para aquilo. Ele não tinha a mais vaga ideia do que andei pensando, então eu soube que estava realmente se sentindo mal.

— Como consegue pensar em ir? – disse. – Temos que contar a alguém o que aconteceu.

— Eu chamei a polícia ou pelo menos a companhia de segurança que irá comunicar – falei. – O que mais posso fazer? – Estávamos no elevador, subindo do estacionamento para o saguão.

— Temos que falar com eles.

— Por quê? – As portas se abriram e saímos no saguão do hotel.

— Para contar.

— O quê?

— Que alguém tentou matá-la na noite passada ao... okay, lançando uma flecha em você. – Ele ficou em silêncio.

— Correto. Vê? – Eu estava pegando seus pensamentos agora, e ele tirou a conclusão certa. – Isso ajudaria a resolver o assassinato da garota?

Provavelmente não, porque o sujeito está morto e as fitas foram destruídas.

E eles viriam fazer perguntas sobre os vampiros mestres de um terço dos Estados Unidos. Quem me agradeceria por isso? Ninguém, com certeza.

— Não podemos ficar parados sem fazer nada.

— Não é perfeito. Sei disso. Mas é realista. E prático.

— Oh, então agora você é prática? – Barry estava começando a gritar.

— E você está gritando com minha... com Sookie – disse Eric, ganhando outro grito (dessa vez sem palavras) de Barry. Naquele momento, Barry não ligava se me veria novamente na vida. Embora não me sentisse tão drástica, eu também não achava que nos tornaríamos amigos por correspondência.

Se Eric não sabia que termo usar para definir o que eu era para ele, eu estava igualmente perplexa. — Você precisa de alguma

coisa? – perguntei num tom que avisava que não estava com humor para duplo sentido.

— O que você descobriu hoje? – ele perguntou, todo negócios, e a presunção desapareceu em mim numa torrente.

— Você pode ir – falei a Barry e ele não precisou que lhe dissesse duas vezes.

Eric olhou ao redor procurando um lugar seguro para conversarmos, e não viu nenhum. O saguão estava movimentado com vampiros que iriam para as sessões judiciais, que conversavam ou flertavam. — Venha – ele disse, não tão rude quanto pareceu, e subimos pelo elevador até seu quarto.

Eric estava no nono andar, que cobria uma área muito maior do que o da rainha. Havia no mínimo vinte quartos naquele andar. Havia bem mais tráfego também; passamos por alguns vampiros a caminho do quarto de Eric, que ele disse estar compartilhando com Pam.

Eu estava um pouco curiosa para ver um quarto vampiro normal, já que vi apenas a sala de estar na suíte da rainha. Fiquei desapontada ao descobrir que, além dos caixões de viagem, parecia bem comum. Claro, havia um grande “além”. Os caixões de Eric e Pam repousavam em luxuosos cavaletes cobertos com hieróglifos dourados falsos sobre madeira preta pintada, o que lhes dava um toque atmosférico elegante. Havia também duas camas de casal e um banheiro bem compacto. Ambas as toalhas estavam penduradas, o que pude ver porque a porta estava aberta.

Eric nunca pendurou suas toalhas quando viveu comigo, então eu estava disposta a apostar que Pam as dobrou e pendurou no porta-toalhas. Pareceu estranhamente doméstico. Pam provavelmente fez isso para Eric por mais de um século. Bom Deus. Eu não agüentei nem duas semanas.

Com os caixões e as camas, o quarto estava meio lotado, e imaginei o que os vampiros de escalão inferior tinham que agüentar, digamos, no 12º

andar. Seria possível ajeitar caixões como beliches? Mas eu estava simplesmente perdendo tempo, tentando não pensar no fato de estar sozinha com Eric. Nos sentamos, Eric numa cama e eu em outra, e ele se inclinou para frente. — Conte-me – disse.

— Bem, não é agradável – falei, apenas para colocá-lo na trilha certa.

Seu rosto ficou sombrio, as sobrancelhas louras se juntaram, e a boca se curvou para baixo.

— Nós encontramos a galeria de arco e flecha que Kyle Perkins visitou. Você estava certo sobre isso. Barry foi comigo como uma gentileza, e eu realmente apreciei – disse, dando meus créditos de abertura. – Para resumir a tarde toda, nós encontramos o estabelecimento certo em nossa terceira parada e a garota atrás do balcão disse que poderíamos olhar as fitas de segurança da noite em que Kyle apareceu. Achei que poderíamos ver alguém que conhecíamos com ele. Mas ela quis que voltássemos no fim de seu turno de trabalho, às sete da noite. – Eu parei para respirar. O rosto

de Eric não se alterou. – Voltamos na hora marcada e ela estava morta, assassinada, na loja. Passei por ela para olhar no escritório, e as fitas tinham sido queimadas.

— Morta como?

— Ela foi esfaqueada e a faca deixada em seu peito. O assassino, ou alguém com ele, vomitou comida. Um sujeito que trabalhava na loja também foi morto, mas não verifiquei para descobrir como.

— Ah. – Eric meditou sobre aquilo. – Algo mais?

— Não – respondi e me levantei para partir.

— Barry estava zangado com você – ele observou.

— É, ele estava, mas vai superar.

— Qual é o problema dele?

— Ele não acha que lidei com... ele acha que não devíamos ter ido embora. Ou... eu não sei. Ele acha que fui insensível.

— Eu acho que você se saiu excepcionalmente bem.

— Bem, ótimo! – Então me reprimi. – Desculpe – falei. – Sei que você quis dizer como um elogio. Não estou me sentindo muito bem a respeito da morte dela. Ou deixá-la. Mesmo que seja a coisa prática a fazer.

— Você está se questionando.

— Sim.

Uma batida na porta. Já que Eric não se mexeu, eu levantei para atender. Não achei que fosse chauvinismo; era uma questão de status. Eu era definitivamente a mais inferior no quarto.

Não para minha completa ou total surpresa, o visitante era Bill.

Aquilo simplesmente tornou meu dia perfeito. Afastei-me do caminho para que ele entrasse. Nem sonhando eu ia perguntar a Eric se devia deixá-lo entrar.

Bill me olhou de alto a baixo, acho que para verificar se minhas roupas estavam em ordem, e então passou por mim sem uma palavra. Eu revirei os olhos às suas costas. Então tive uma ideia brilhante: ao invés de voltar ao quarto para mais discussão, saí pela porta e fechei-a atrás de mim.

Afastei-me rapidamente e peguei o elevador com um mínimo de espera.

Em dois minutos, eu estava destrancando minha porta.

Fim do problema. Senti-me um bocado orgulhosa.

Carla estava em nosso quarto, pelada de novo.

— Oi – falei. – Por favor, vista um roupão.

— Bem, ei, se a incomoda – ela disse de maneira bem relaxada, e colocou o roupão. Uau. Fim de outro problema. Ação

direta, afirmações simples; obviamente, aquelas eram as chaves para aperfeiçoar minha vida.

— Obrigada – respondi. – Não vai às sessões judiciais?

— Acompanhantes humanos não são convidados – ela disse. – É Tempo Livre para nós. Gervaise e eu iremos a um clube noturno mais tarde.

Um lugar realmente da pesada chamado Beijo de Dor.

— Tenha cuidado – falei. – Coisas ruins podem acontecer se houver muitos vampiros juntos e um ou dois humanos sangrando.

— Posso lidar com Gervaise – disse Carla.

— Não, você não pode.

— Ele é louco por mim.

— Até que pare de ser. Ou até que um vampiro mais velho se interesse por você, e Gervaise fique todo contraditório.

Ela pareceu incerta por um segundo, uma expressão que eu tinha certeza que Carla não demonstrava com muita frequência.

— E quanto a você? Ouvi dizer que agora está atada a Eric.

— Apenas por um tempo – respondi, e falava sério. – Vai passar.

Eu nunca mais iria a lugar nenhum com vampiros novamente, prometi a mim mesma. Deixaria a tentação do dinheiro e a excitação da viagem para trás. Mas não faria aquilo novamente. Com Deus como testemunha... Então tive que rir alto. Eu não era Scarlett O'Hara. — Nunca passarei fome novamente – falei para Carla.

— Por que, você comeu uma refeição grande? – ela perguntou, concentrada no espelho, porque estava tirando as sobrancelhas.

Eu ri. E não consegui parar.

— O que há com você? – Carla virou-se para me olhar com alguma preocupação. – Não está agindo como você mesma, Sookie.

— Tive apenas um choque ruim – respondi, ofegando por ar. – Estarei bem em um minuto.

Levou mais dez, antes que eu conseguisse me controlar novamente.

Estava sendo esperada para a reunião judicial e, francamente, queria ter algo para ocupar minha mente. Lavei o rosto e passei maquiagem, vesti uma blusa de seda bronze e calças cor tabaco com um casaco de lã combinando, e calcei sapatilhas de couro marrom.

Com a chave do quarto em meu bolso e uma despedida aliviada para Carla, saí para procurar as sessões judiciais.

Capítulo 16

A VAMPIRA JODI ERA FORMIDÁVEL. Ela me fez pensar em Jael, da Bíblia. Jael, uma mulher determinada de Israel, enfiou uma estaca na cabeça de Sisera, um capitão inimigo, se eu estava lembrando corretamente. Sisera estava dormindo no momento em que Jael praticou o ato, assim como Michael quando Jodi quebrou sua presa. Embora o nome de Jodi me fizesse rir, vi nela uma força de aço e resolução, e fiquei imediatamente do seu lado. Esperava que a bancada de juízes conseguisse ver além das lamúrias de Michael a respeito do maldito dente.

Aquilo não foi organizado como na noite anterior, apesar da sessão acontecer na mesma sala. A bancada de juízes, acho que é assim que chamam, estava no palco e sentada numa longa mesa de frente para a audiência. Havia três deles, todos de estados diferentes: dois homens e uma mulher. Um dos homens era Bill, que parecia (como sempre) calmo e controlado. Eu não conhecia o outro sujeito loiro. A mulher era uma vampira bonita e pequena, de costas retas e com os cabelos pretos ondulados mais longos que já vi. Ouvi Bill dirigir-se a ela como “Dahlia”.

Seu pequeno rosto redondo virava de um lado para outro enquanto ouvia primeiro o testemunho de Jodi, e então de Michael, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. No centro da mesa coberta com uma toalha branca, diante dos juízes, havia uma estaca que imaginei ser o símbolo da justiça vampira.

Os dois vampiros queixosos não eram representados por advogados.

Eles contavam suas partes e então os juízes faziam perguntas antes de decidirem o veredicto pela maioria dos votos. Era simples em forma, se não como fato.

— Você torturou uma mulher humana? – Dahlia perguntou a Michael.

— Sim – ele respondeu sem piscar. Olhei ao redor. Eu era a única humana na plateia. Não era de admirar que houvesse certa simplicidade nos procedimentos. Os vampiros não estavam tentando mascarar para uma audiência de sangue quente. Estavam se comportando como fariam se estivessem sozinhos. Eu estava sentada ao lado de membros do meu grupo — Rasul, Gervaise, Cleo — e talvez a proximidade ocultasse meu cheiro, ou talvez uma insípida humana não contasse.

— Ela me ofendeu, e eu gosto de sexo desse modo, então a seqüestrei e me diverti um pouco – disse Michael. – Então Jodi ficou toda irritada comigo e quebrou minha presa. Vê? – Ele abriu a boca o suficiente para mostrar aos juízes o toco de dente (imaginei se ele tinha ido ao estande ainda montado na área de vendas, aquele que tinha incríveis presas artificiais).

Michael tinha o rosto de um anjo e não entendia que o que fez foi errado. Ele quis fazer, então foi em frente. Nem todas as pessoas que foram transformadas em vampiros eram mentalmente estáveis para começar, e alguns deles ficavam totalmente insensíveis após

décadas, ou mesmo séculos, tratando humanos como bem entendiam. No entanto, apreciavam a liberdade da nova ordem, podendo perambular por aí sendo eles mesmos, com o direito de não serem estaqueados. Eles não queriam pagar pelo privilégio, aderindo às regras de decência comum.

Achei que quebrar uma presa foi uma punição bem leve. Eu não conseguia acreditar que ele teve coragem de trazer um caso contra alguém.

Aparentemente, nem Jodi, que ficou de pé e foi para cima dele novamente.

Talvez ela quisesse arrancar sua outra presa. Isso era muito melhor que o Tribunal do Povo ou Juíza Judy. O juiz louro a agarrou. Ele era muito maior que Jodi; ela pareceu aceitar que não ia conseguir atacá-lo. Notei que Bill movera sua cadeira para trás para que pudesse saltar se as coisas progredissem e exigissem ação rápida.

A pequena Dahlia disse, — Por que você se ressentiu dos atos de Michael, Jodi?

— A mulher era irmã de um de meus empregados – disse Jodi, a voz trêmula de raiva. – Ela estava sob minha proteção. E esse estúpido Michael fará com que sejamos caçados novamente se continuar desse jeito. Ele não pode ser corrigido. Nada o detém, nem mesmo perder uma presa. Eu o avisei três vezes para se afastar, mas a moça lhe respondeu quando ele a abordou na rua

novamente, e seu orgulho foi mais importante do que a inteligência ou discrição.

— Isso é verdade? – a pequena vampira perguntou a Michael.

— Ela me insultou, Dahlia – ele respondeu tranquilamente. – Uma humana me insultou em público.

— Este é fácil – disse Dahlia. – Ambos concordam? – O homem loiro prendendo Jodi assentiu, assim como Bill que ainda se encontrava empoleirado na ponta da cadeira à direita de Dahlia. – Michael, você nos trará recompensa por suas ações imprudentes e sua incapacidade para controlar os impulsos – disse Dahlia. – Você ignorou avisos, e ignorou o fato de que a jovem estava sob proteção de outro vampiro.

— Você não pode estar falando sério! Onde está seu orgulho? – Michael gritava de pé.

Dois homens saíram das sombras no fundo do palco. Ambos eram vampiros, é claro, e tinham bom tamanho. Eles seguraram Michael, que se mostrou um lutador e tanto. Fiquei chocada pelo barulho e violência, mas num minuto eles levariam Michael para alguma prisão vampira, e os procedimentos tranquilos continuariam.

Para meu absoluto espanto, Dahlia assentiu para o vampiro, que levantou e ajudou Jodi a fazer o mesmo. Jodi, com um largo sorriso, cruzou o palco num pulo, como uma pantera. Ela agarrou a estaca sobre a mesa dos juízes e, com um poderoso movimento do braço magro, enterrou-a no peito de Michael.

Eu fui a única a ficar chocada e cobri a boca com as mãos para evitar um grito. Michael a fitou com fúria total e continuou lutando, eu imagino, para libertar os braços e poder arrancar a estaca, mas tudo acabou em poucos segundos. Os dois vampiros levaram embora o novo cadáver, e Jodi saiu do palco, ainda sorrindo radiante.

— Próximo caso – chamou Dahlia.

O caso seguinte era do garoto vampiro e havia humanos envolvidos nele. Senti-me menos visível quando eles entraram: os pais furtivos com sua representante vampira (seria possível que humanos não podiam testemunhar perante esta corte?) e a “mãe” com seu “filho”.

Este era um caso longo e triste, porque o sofrimento dos pais pela perda do filho — que ainda andava e falava, mas não com eles — era quase palpável. Eu não fui a única a clamar, “Que vergonha!”, quando Cindy Lou revelou que os pais pagavam mensalmente o sustento do garoto. A vampira Kate argumentou ferozmente pelos pais, e era claro que achava Cindy Lou uma vampira sórdida e mãe ruim, mas os três juízes — dessa vez diferentes e eu não conhecia nenhum — foram fiéis ao contrato escrito que os pais assinaram e recusaram-se a dar ao garoto um novo guardião. Contudo, eles decretaram que o contrato devia ser igualmente justo a favor dos pais, e o garoto seria obrigado a passar tempo com os pais biológicos pelo tempo que eles escolhessem exercer o direito.

O juiz principal, um sujeito com cara de falcão e olhos escuros líquidos, chamou o garoto a comparecer diante deles. — Você deve

respeito e obediência a essas pessoas, e assinou esse contrato também – disse. – Você pode ser um menor para a lei humana, mas para nós, você é tão responsável quanto... Cindy Lou. – Cara, era de matar para ele ter que admitir a existência de uma vampira chamada Cindy Lou. – Se você tentar aterrorizar, coagir ou beber o sangue de seus pais humanos, nós amputaremos sua mão. E quando voltar a crescer, amputaremos de novo.

O garoto dificilmente conseguiria ficar mais branco do que já estava, e sua mãe humana desmaiou. Mas ele foi tão exibido, tão seguro de si e descartou os pobres pais. Achei que o aviso violento foi necessário. Vi-me concordando.

Oh, sim, era justo ameaçar um garoto de amputar sua mão.

Mas se você visse esse garoto, concordaria. E Cindy Lou não era flor que se cheire; quem a transformou deve ter sido mental e moralmente deficiente.

Eu não fui necessária afinal. Estava me perguntando sobre o resto da noite quando a rainha atravessou as portas duplas nos fundos do salão, com Sigebert e Andre a seguindo de perto. Ela usava um conjunto de seda azul safira com um belo colar e pequenos brincos de diamantes. Ela parecia elegante, absolutamente refinada, brilhante e perfeita. Andre veio direto a mim.

— Eu sei – disse ele – isto é, Sophie-Anne me disse que agi mal com você. Não estou arrependido, porque farei qualquer coisa

por ela. Outros não significam nada para mim. Mas me arrependo por não ter sido capaz de evitar lhe causar aborrecimento.

Se aquele era um pedido de desculpas, foi o mais esfarrapado que já recebi na vida. Deixou quase tudo a desejar. Tudo que pude dizer foi, — Entendido. – Era o máximo que eu conseguiria.

Então, Sophie-Anne parou na minha frente. Fiz minha espécie de reverência. — Precisarei de você durante as próximas horas – ela disse, e eu respondi, — Claro.

Ela examinou minhas roupas de alto a baixo, como se desejasse que eu estivesse mais bem vestida, mas ninguém me avisou que parte da noite marcada como Comércio significava que roupas elegantes eram apropriadas.

O Sr. Cataliades surgiu ao meu lado, usando um belo terno e gravata de seda dourada com vermelho-escuro, e disse, — Que bom vê-la, minha querida. Deixe-me instruí-la a respeito do próximo item da agenda.

Estendi as mãos para mostrar que estava pronta. — Onde está Diantha? – perguntei.

— Ela está resolvendo algo com o hotel – disse Cataliades. Ele franziu o cenho. – É muito peculiar. Aparentemente, havia um caixão extra lá embaixo.

— Como isso é possível? – Caixões pertenciam a alguém. Não era como se um vampiro viajasse com um extra, como se tivesse

que ter um caixão formal e outro para o dia a dia. – Por que eles chamaram você?

— Possuía uma de nossas etiquetas – respondeu.

— Mas todos os nossos vampiros estão presentes, certo? – Senti uma pontada de ansiedade no peito. Nesse instante, eu vi os garçons habituais se movimentando entre a multidão, percebi um me avistar e dar as costas.

Então ele viu Barry, que vinha com o Rei do Texas. O homem se virou novamente.

De fato, comecei a chamar um vampiro por perto para que segurasse o sujeito e eu pudesse dar uma olhada em sua cabeça, então percebi que estava agindo arrogantemente como os próprios vampiros. O garçom desapareceu e não pude examiná-lo melhor, e não tinha certeza se poderia mesmo identificá-lo numa multidão de outros criados com o mesmo traje.

O Sr. Cataliades estava falando, mas levantei uma mão. — Espere um segundo – murmurei. A fuga rápida do garçom me lembrou de algo, outra coisa que pareceu estranha.

— Por favor, preste atenção, Srta. Stackhouse – disse o advogado, e tive que guardar o fio de pensamento. – Isso é o que precisa saber. A rainha irá negociar por alguns favores necessários para ajudar a reconstruir seu estado. Apenas faça o que sabe fazer de melhor para descobrir se alguém que está negociando com ela é honesto.

Isso não era uma diretriz muito específica.

— Fazer meu melhor – respondi. – Mas acho que deve procurar Diantha, Sr. C. Acho que existe algo realmente estranho e errado sobre este caixão extra de que estão falando. Havia aquela mala extra também – falei.

– Eu a levei até a suíte da rainha.

O Sr. Cataliades me fitou inexpressivamente. Pude notar que ele considerava ínfimo e abaixo de suas preocupações o pequeno problema dos itens extras surgindo no hotel. — Eric lhe contou a respeito da mulher assassinada? – perguntei, e sua atenção se aguçou.

— Não vi Mestre Eric esta noite – disse. – Vou me certificar de rastreá-lo.

— Algo está acontecendo; só não sei o que é – resmunguei para mim mesma, então me virei para lidar com Sophie-Anne.

O Comércio era conduzido no estilo bazar. Sophie-Anne estabeleceu-se à mesa onde Bill esteve sentado, ele voltou ao trabalho de vender programas de computador. Pam estava o ajudando, mas usava as roupas normais, e fiquei feliz pelo traje de harém ganhar um descanso.

Imaginava qual seria o procedimento, mas adotei uma atitude de esperar para ver, e logo descobri. O primeiro a se aproximar de Sophie-Anne foi o vampiro loiro grandalhão que serviu como juiz anteriormente. — Cara senhora – disse, beijando a mão dela. –

Estou encantado por vê-la, como sempre, e devastado pela destruição de sua bela cidade.

— Uma pequena porção de minha bela cidade – disse Sophie-Anne com o mais doce dos sorrisos.

— Fico desolado ao pensar nas dificuldades que está passando – ele continuou após uma breve pausa para registrar a correção dela. – Você, a governante de reino tão lucrativo e prestigioso... agora tão assolado. Espero ser capaz de ajudá-la ao meu humilde modo.

— E de que modo seria essa ajuda? – Sophie-Anne indagou.

Após muito palavreado, descobriu-se que o Sr. Floreio estava disposto a levar uma montanha de madeira serrada a Nova Orleans se Sophie-Anne lhe desse dois por cento dos próximos cinco anos de renda.

Seu contador estava com ele. Fitei seus olhos com grande curiosidade.

Afastei-me e Andre deslizou para o meu lado. Virei para que ninguém pudesse ler meus lábios.

— Qualidade da madeira – falei tão baixo quanto o bater de asas de um beija-flor.

Aquilo levou uma eternidade para ser resolvido, e era chato, chato, chato. Alguns dos pretensos fornecedores não tinham humanos com eles, e não fui útil nesses casos; mas a maioria

trouxe. Às vezes, o humano pagava uma soma substancial a um vampiro para que este o “patrocinasse” e pudesse estar no salão para apresentar seu negócio no mano-a-mano.

No momento em que o vendedor número oito parou sorrindo afetadamente diante da rainha, eu já era incapaz de reprimir meus bocejos.

Notei que Bill alcançou um marco na venda de cópias do seu banco de dados vampiro. Para um sujeito reservado, ele fazia um bom trabalho ao explicar e promover seu produto, considerando que alguns dos vampiros não confiavam muito em computadores. Se ouvisse sobre o “Pacote de Atualização Anual” mais uma vez eu ia vomitar. Havia um bocado de humanos se aglomerando ao redor de Bill, porque eram mais acessíveis aos computadores do que os vampiros como um todo. Enquanto eles estavam distraídos, tentei um exame aqui e ali, mas eles pensavam apenas em megahertz, RAM e hard drives — coisas assim.

Eu não vi Quinn. Já que era um metamorfo, imaginava que ele já teria superado por completo o ferimento da noite anterior. Podia apenas tomar sua ausência como um sinal. Eu estava deprimida e com o coração pesado.

A rainha convidou Dahlia, a pequena e bonita vampira que foi tão direta no julgamento, à sua suíte para um drinque. Dahlia aceitou regiamente e o grupo inteiro subiu para o quarto. Christian Baruch nos acompanhou; ele esteve rodeando Sophie-Anne à noite toda. Sua corte a Sophie-Anne era exagerada, para dizer o mínimo. Pensei de novo no rapaz que observei na noite anterior, fazendo

cócegas nas costas de sua amada e imitando uma aranha, porque sabia que ela tinha medo delas, e como ele conseguiu que ela o puxasse para mais perto. Senti uma lâmpada acender sobre minha cabeça e imaginei se era visível para mais alguém.

Minha opinião sobre o hoteleiro despencou. Se ele achava que tal estratégia funcionaria com Sophie-Anne, ele ainda tinha muito em que pensar.

Eu não vi Jake Purifoy por perto e me perguntei o que Andre lhe mandou fazer. Algo inofensivo provavelmente, como verificar se todos os carros estavam com o tanque cheio. Ele não era realmente confiado a lidar com nada mais sério, ainda não. A juventude e a herança Lobi de Jake contavam contra ele, e teria que se esforçar muito para ganhar alguns pontos. Mas Jake não possuía a vontade. Estava olhando para o passado, para sua vida como Lobi. Ele carregava uma reserva de amargura.

A suíte de Sophie estava limpa; todos os quartos vampiros tinham que ser limpos à noite, claro, enquanto eles estavam fora. Christian Baruch começou a nos contar sobre a ajuda extra que teve que empregar para suprir a demanda da conferência e como alguns deles ficaram nervosos sobre limpar quartos ocupados por vampiros. Pude notar que Sophie-Anne não ficou impressionada com o ar de superioridade de Baruch. Ele era bem mais jovem, devia parecer um adolescente arrogante para a rainha com centenas de anos.

Então Jake surgiu e, após render homenagens à rainha e conhecer Dahlia, veio se sentar ao meu lado. Eu me empoleirava

numa cadeira reta e desconfortável, e ele puxou outra.

— O que tem feito, Jake?

— Nada demais. Fui pegar os ingressos da rainha e de Andre para um show amanhã à noite. É uma produção totalmente vampira de Hello, Dolly!

Tentei imaginar aquilo e não consegui. — O que você vai fazer? A programação diz que é horário livre.

— Eu não sei – ele respondeu com um tom curiosamente distante na voz. – Minha vida mudou tanto que simplesmente não consigo prever o que vai acontecer. Você vai sair amanhã durante o dia, Sookie? Compras talvez? Existem algumas lojas maravilhosas na Widewater Drive. É perto do lago.

Até eu ouvi falar de Widewater Drive, e respondi, — Acho que é possível. Não sou louca por compras.

— Você realmente devia ir. Existem algumas lojas ótimas de sapatos, e uma Macy's enorme — você adoraria a Macy's. Tire o dia para isso. Saia desse lugar enquanto pode.

— Com certeza vou pensar a respeito – respondi, meio perplexa. – Hmm, você viu Quinn hoje?

— Avistei. E conversei com Frannie por um minuto. Eles estão ocupados preparando as cerimônias de encerramento.

— Oh – falei. Certo. Claro. Aquilo tomava bastante tempo.

— Ligue para ele, peça para levá-la amanhã – disse Jake.

Tentei me visualizar pedindo a Quinn que me levasse para fazer compras. Bom, não estava totalmente fora de questão, mas não era provável, tampouco. Dei de ombros.

— Talvez eu vá.

Ele pareceu satisfeito.

— Sookie, você pode ir – disse Andre. Eu estava tão cansada que nem notei sua aproximação.

— Okay. Boa noite a vocês dois – falei, levantando para me espreguiçar. Notei que a mala azul ainda estava onde eu a larguei duas noites atrás. – Oh, Jake, você precisa levar aquela mala de volta ao porão.

Eles ligaram e disseram para trazê-la para cá, mas ninguém a reclamou.

— Vou perguntar por aí – ele disse vagamente, e foi embora para o próprio quarto. A atenção de Andre já tinha se voltado para a rainha, que ria da descrição de um casamento a que Dahlia[7] compareceu.

— Andre – chamei em voz bem baixa. – Eu tenho que dizer, acho que o Sr. Baruch teve algo a ver com aquela bomba do lado de fora da porta da rainha.

Andre olhou como se alguém tivesse enfiado um dedo em seus fundamentos. — O quê?

— Estou achando que ele queria assustar Sophie-Anne – respondi. – Estou achando que ele pensou que ficaria vulnerável e precisaria de um protetor masculino forte se ela se sentisse ameaçada.

Andre não era o Sr. Expressivo, mas vi incredulidade, desgosto e crença cruzarem sua expressão em ordem rápida.

— E também estou achando que talvez ele tenha dito a Henrik Feith que Sophie-Anne iria matá-lo. Porque ele é o dono do hotel, certo? E teria uma chave para entrar no quarto da rainha, onde achamos que Henrik estaria seguro, certo? Então Henrik continuaria com o julgamento da rainha, porque foi convencido de que ela o destruiria. Novamente, Christian Baruch estaria lá, para ser seu grande salvador. Talvez ele tivesse matado Henrik depois que ele fizesse seu papel, então poderia “tá-dá” fazer uma grande revelação e impressionar Sophie-Anne com sua incrível preocupação por ela.

Andre estava com a expressão mais estranha no rosto, como se tivesse dificuldade de me entender.

— Existem provas? – perguntou.

— Nem uma migalha. Mas quando falei com o Sr. Donati no saguão esta manhã, ele deu a dica de que havia uma fita de segurança que eu poderia querer assistir.

— Vá ver – disse Andre.

— Se eu pedir por ela, ele será despedido. Você precisa fazer a rainha descompromissadamente pedir ao Sr. Baruch para ver a fita de segurança do saguão durante o momento em que a bomba foi plantada.

Com ou sem chiclete na câmera, aquela fita mostrará algo.

— Saia primeiro, para que ele não a conecte a isso. – Na verdade, o hoteleiro parecia absorvido na rainha e sua conversa, ou sua audição vampira teria lhe dado a dica de que estávamos falando sobre ele.

Embora estivesse exausta, eu tive a gratificante sensação de que estava merecendo o dinheiro que eles pagavam por essa viagem. E foi uma carga a menos sentir que o negócio da lata de Dr. Pepper tinha se resolvido.

Christian Baruch não plantaria mais bombas agora que a rainha estava lhe dando atenção. A ameaça que o grupo separatista da Irmandade representava... bom, eu só ouvi falar através de fofoca e não tinha qualquer evidência do que poderia ser. Apesar da morte da mulher na galeria de arco e flecha, me senti mais relaxada do que quando entrei na Pirâmide de Gisé, porque estava inclinada a responsabilizar Baruch pelo arqueiro assassino também. Talvez ele tivesse ficado ganancioso, quando viu que Henrik de fato tomaria o Arkansas da rainha, e mandou o assassino eliminá-lo para que a rainha conseguisse tudo. Havia algo confuso e errado a respeito do cenário, mas eu estava cansada demais para pensar naquilo, e ficaria contente por deixar aquela teia emaranhada de lado até estar descansada.

Cruzei o pequeno vestíbulo até o elevador e apertei o botão. Quando as portas se abriram, Bill saiu, com as mãos cheias de formulários com pedidos.

— Você se saiu bem esta noite – falei, cansada demais para odiá-lo.

Acenei para os formulários.

— Sim, faremos muito dinheiro com isso – ele respondeu, mas não soou particularmente entusiasmado.

Esperei que ele saísse do caminho, mas não fez isso tampouco.

— Eu desistiria de tudo se pudesse apagar o que aconteceu entre nós – disse. – Não as vezes em que passamos nos amando, mas...

— As vezes em que passou mentindo para mim? As vezes que você fingiu que mal podia esperar para sair comigo quando se revelou que estava sob ordens? Essas vezes?

— Sim – ele disse, e os profundos olhos castanhos não vacilaram. – Essas vezes.

— Você me magoou demais. Isso nunca irá acontecer.

— Você ama algum homem? Quinn? Eric? Aquele idiota JB?

— Você não tem o direito de me perguntar isso – respondi. – Você não tem quaisquer direitos afinal no que me diz respeito.

JB? De onde veio aquilo? Eu sempre gostei do sujeito e ele era adorável, mas sua conversa era tão estimulante quanto vacilante. Sacudi a cabeça enquanto descia pelo elevador até o andar humano.

Carla estava fora, como sempre, e já que eram cinco da manhã, as chances de que ela permanecesse fora pareciam boas. Vesti meu pijama cor-de-rosa e coloquei os chinelos ao lado da cama para que não tivesse que procurá-los no quarto escuro, caso Carla entrasse antes de eu acordar.

Capítulo 17

MEUS OLHOS SE ABRIRAM como persianas puxadas de repente.

“Acorde, acorde, acorde! Sookie, há algo errado.”

“Barry, onde você está?”

“Diante dos elevadores no andar humano.”

“Estou indo.” Peguei o traje da noite passada, mas sem os sapatos.

Ao invés disso, eu coloquei meus chinelos de sola de borracha. Peguei a carteira fina que continha a chave do quarto, minha licença de motorista e o cartão de crédito, e enfiei-a no bolso, guardei o telefone celular em outro e saí apressada do quarto. A porta se fechou atrás de mim com um baque agourento. O hotel parecia vazio e silencioso, mas meu relógio dizia que eram 9h50m.

Tive que correr por um longo corredor e virar à direita até chegar aos elevadores. Não encontrei uma alma sequer. Um instante de pensamento me disse que isso não era tão estranho. A maioria dos humanos naquele andar estaria dormindo, porque mantinham horas vampiras. Mas não havia nenhum funcionário do hotel limpando os corredores. Todos os pequenos vestígios de inquietação que circularam através de meu cérebro, como rastros de

lesmas na entrada dos fundos, se uniram numa enorme massa pulsante de preocupação.

Era como estar no Titanic, e ter acabado de ouvir o casco colidir contra o iceberg.

Eu finalmente avistei alguém, deitado no chão. Fui acordada tão repentina e abruptamente que tudo que eu fazia possuía uma qualidade de sonho, então encontrar um corpo no corredor não foi um baque. Soltei um grito, e Barry surgiu num canto. Ele se agachou comigo. Rolei o corpo. Era Jake Purifoy e não podia ser acordado.

“Por que ele não está no próprio quarto? O que estava fazendo aqui tão tarde?” Até a voz mental de Barry parecia em pânico.

“Olhe, Barry, ele está meio que deitado e apontando na direção do meu quarto. Você acha que ele estava indo me ver?”

“Sim, e não conseguiu.”

O que poderia ser tão importante para que Jake não estivesse se preparando para dormir durante o dia? Fiquei em pé, pensando furiosamente. Eu nunca, jamais, ouvi falar de um vampiro que não soubesse instintivamente que o amanhecer estava chegando. Pensei nas conversas que tive com Jake, e nos dois homens que vi saindo de seu quarto.

— Seu bastardo – sibilei entre dentes, e o chutei com toda a força.

— Jesus, Sookie! – Barry agarrou meu braço, horrorizado. Mas então ele viu o quadro em meu cérebro.

— Precisamos encontrar o Sr. Cataliades e Diantha – falei. – Eles podem se levantar; não são vampiros.

— Vou buscar Cecile. Ela é humana, minha colega de quarto – disse Barry, e ambos partimos em direções diferentes, deixando Jake deitado onde estava. Era tudo que podíamos fazer.

Nós nos encontramos de novo após cinco minutos. Foi surpreendentemente fácil acordar o Sr. Cataliades, e Diantha estava compartilhando do quarto. Cecile provou ser uma jovem mulher com corte de cabelo sério e maneiras competentes, e não fiquei surpresa quando Barry a apresentou como a nova assistente executiva do rei.

Eu tinha sido tola ao descartar, mesmo por um minuto, o aviso que Clovache passou adiante. Estava tão zangada comigo mesma que mal conseguia suportar estar na própria pele. Mas tinha que colocar aquilo de lado e devíamos agir agora.

— Escutem o que eu acho – falei. Eu estava juntando as peças na cabeça. – Alguns dos garçons vêm evitando Barry e eu nos últimos dois dias, assim que descobrem o que somos. – Barry assentiu. Ele também notou. E pareceu estranhamente culpado, mas aquilo teria que esperar. – Eles sabem o que somos. Não queriam que nós soubéssemos o que estavam fazendo, eu imagino. Então também imagino que deve ser algo muito, muito ruim. E Jake Purifoy estava envolvido.

O Sr. Cataliades pareceu levemente aborrecido, mas agora começou a ficar seriamente alarmado. Os olhos grandes de Diantha pousavam de rosto em rosto.

— O que devemos fazer? – Cecile perguntou, e ganhou uma pontuação alta em meu livro.

— São os caixões extras – falei. – E a mala azul na suíte da rainha.

Barry, alguém lhe pediu para buscar uma mala também, correto? E não pertencia a ninguém?

Barry respondeu, — Correto. Ainda está largada no vestíbulo da suíte do rei, já que todos passam por lá. Achamos que alguém a reclamaria.

Eu ia levá-la de volta ao departamento de bagagens hoje.

— Aquela que eu peguei está na sala de estar do quarto da rainha – respondi. – Acho que o cara que armou isso é Joe, o gerente da área de entrega e bagagens. Foi ele quem me chamou para ir pegar a mala.

Ninguém parecia saber nada a respeito.

— As malas irão explodir? – Diantha perguntou em sua voz aguda. – Os caixões não reclamados no porão também? Se o porão explodir, o edifício irá desabar! – Eu nunca ouvi Diantha soar tão humana.

— Nós temos que acordá-los – falei. – Temos que tirá-los daqui.

— O prédio vai explodir – disse Barry, tentando processar a ideia.

— Os vampiros não vão acordar. – Cecile, a prática. – Não conseguem.

— Quinn! – falei. Eu estava pensando em tantas coisas ao mesmo tempo, que estava criando raiz no lugar. Pescando o celular do bolso, apertei o número dele na discagem rápida e ouvi seu murmúrio do outro lado da linha. – Saia – falei. – Quinn, pegue sua irmã e saia. Haverá uma explosão. – Esperei apenas para ouvi-lo ficar mais alerta antes de desligar.

— Temos que nos salvar também – Barry estava dizendo.

Brilhantemente, Cecile correu pelo corredor até o dispositivo vermelho e acionou o alarme de incêndio. O clamor quase rompeu nossos tímpanos, mas o efeito foi maravilhoso nos humanos adormecidos daquele andar. Em segundos, eles começaram a sair dos quartos.

— Peguem as escadas – Cecile os direcionou com um grito e, obedientemente, eles desceram. Fiquei feliz por ver a cabeça morena de Carla entre eles. Mas não vi Quinn e ele sempre foi fácil de avistar.

— A rainha está lá em cima – disse o Sr. Cataliades.

— Esses painéis de vidro podem ser quebrados por dentro? – perguntei.

— Elas servem como saída de emergência – disse Barry.

— Podíamos tentar fazer os caixões deslizarem para baixo.

— Eles quebrariam com o impacto – disse Cecile.

— Mas os vampiros sobreviveriam à explosão – argumentei.

— Para serem queimados pelo sol – disse o Sr. Cataliades. – Diantha e eu vamos subir para tentar tirar o grupo da rainha, enrolados em cobertores. Nós os levaremos... – Ele olhava para mim desesperado.

— Ambulâncias! Ligue para o 911 agora! Eles podem arranjar um lugar para levá-los!

Diantha ligou para o 911, incoerente e desesperada o suficiente para que as ambulâncias se preparassem para uma explosão que ainda não acontecera. — O prédio está pegando fogo – disse, o que era como uma verdade futura.

— Vá – falei para o Sr. Cataliades, na verdade empurrando o demônio, e ele correu para a suíte da rainha.

— Vá tentar resgatar seu grupo – falei para Barry, e ele e Cecile correram para o elevador, embora pudesse deixar de funcionar a qualquer minuto.

Fiz tudo o que foi possível para tirar os humanos dali. Cataliades e Diantha podiam cuidar da rainha e de Andre. Eric e Pam! Eu sabia onde ficava o quarto de Eric, graças a Deus. Peguei as escadas. Enquanto subia correndo, encontrei um grupo descendo: as duas Britlingens, ambas com enormes mochilas nas costas e carregando um fardo enrolado. Clovache tinha os pés, Batanya a cabeça. Eu não tinha dúvida de que o pacote era o Rei de Kentucky e que ambas cumpriam seu dever. As duas assentiram enquanto eu me encostava à parede para deixá-las passar.

Se elas não se encontravam calmas como se esperassem por um passeio, estavam perto.

— Você acionou o alarme de incêndio? – disse Batanya. – O que a Irmandade está fazendo é hoje?

— Sim – respondi.

— Obrigada. Estamos saindo agora, e você devia também – disse Clovache.

— Voltaremos ao nosso lar depois que o deixarmos – disse Batanya.

– Adeus.

— Boa sorte – respondi estupidamente, e então corri pelas escadas, como se tivesse treinado para isso. Como resultado, eu estava bufando como um fole quando abri a porta do nono andar. Vi uma camareira solitária empurrando um carrinho pelo longo

corredor. Corri até ela, assustando-a ainda mais do que o alarme de incêndio.

— Dê-me sua chave mestra – falei.

— Não! – Ela era uma senhora hispânica de meia-idade e não estava prestes a ceder diante de tal exigência insana. – Serei despedida.

— Então abra essa porta – apontei para o quarto de Eric – e saia daqui. – Com certeza eu parecia uma mulher desesperada, e estava. – Esse prédio vai explodir a qualquer minuto.

Ela atirou a chave para mim e abriu caminho pelo corredor até os elevadores. Droga.

E então as explosões começaram. Houve um tremor profundo, retumbante, e um estrondo debaixo de meus pés, como se uma criatura das profundezas do mar estivesse abrindo caminho para a superfície.

Cambaleei até o quarto de Eric, enfiando o cartão de plástico na ranhura, e empurrei a porta aberta num momento de total silêncio. O quarto estava completamente escuro.

— Eric, Pam! – gritei. Procurei por um interruptor no quarto escuro como breu, sentindo o prédio oscilar. Pelo menos uma das cargas principais explodira. Oh, merda! Oh, merda! Mas a luz se acendeu e vi que Eric e Pam estavam deitados nas camas, não nos caixões.

— Acordem! – disse, sacudindo Pam já que ela estava mais perto.

Ela nem mesmo se mexeu. Era exatamente como sacudir uma boneca cheia de serragem. – Eric! – gritei direto em seu ouvido.

Isso causou alguma reação; ele era muito mais velho do que Pam. Os olhos dele se abriram numa fenda e tentaram focar. — O quê? – ele disse.

— Vocês têm que levantar! Vocês devem! Tem que sair!

— Dia – ele sussurrou. E começou a virar para o lado.

Estapeei-o com mais força do que já bati em alguém na vida. Gritei, — Levante-se! – até minha voz mal surtir efeito. Finalmente Eric se moveu e conseguiu sentar. Ele estava usando pijama de seda preto, graças a Deus, e avistei o manto cerimonial preto jogado sobre seu caixão. Ele não tinha devolvido a Quinn, o que era uma grande sorte. Coloquei-a sobre ele e amarrei-a ao seu pescoço. Puxei o capuz sobre seu rosto. – Cubra sua cabeça! – gritei, e ouvi uma explosão de ruídos sobre a cabeça: vidro espatifado, seguido por gritos.

Eric voltaria a dormir se eu não o mantivesse acordado. Pelo menos, ele estava tentando. Lembrei que Bill conseguiu cambalear, sob circunstâncias extremas, por alguns minutos. Mas Pam, embora tivesse quase a mesma idade de Bill, simplesmente não conseguia ser acordada. Eu até puxei os longos cabelos pálidos.

— Você tem que me ajudar a tirar Pam – eu disse finalmente, desesperada. – Eric, você simplesmente tem que fazer isso. – Houve outro estrondo e um abalo no chão. Eu gritei e os olhos de Eric se arregalaram.

Ele cambaleou de pé. Como se compartilhássemos pensamentos, igual à mim e Barry, empurramos seu caixão de cima do cavalete para o carpete.

Então o deslizamos até o painel de vidro opaco que formava a lateral do edifício.

Tudo ao nosso redor tremia e chacoalhava. Os olhos de Eric estavam mais abertos agora, e ele se concentrava tanto em se manter em movimento que sua força estava afetando a minha.

— Pam – falei, tentando forçá-lo a agir. Abri o caixão, depois de uma desesperada procura. Eric foi até sua criança adormecida, caminhando como se os pés estivessem grudando no chão a cada passo. Ele pegou Pam pelos ombros e pelas pernas e levantou-a, com cobertor e tudo. O chão sacudiu de novo, mais violentamente dessa vez, e tropeçamos até o caixão, jogando Pam lá dentro. Fechei a tampa e tranquei, apesar de um pedaço da camisola de Pam estar para fora.

Pensei em Bill, e Rasul cruzou minha mente, mas não havia nada que eu pudesse fazer e não tinha mais tempo de sobra. — Nós temos que quebrar o vidro! – gritei para Eric. Ele assentiu muito lentamente. Ficamos de joelhos e nos apoiamos contra a ponta do caixão, empurrando com toda força até bater no vidro, fazendo-o

estalar em mil pedaços. Ele não se quebrou, surpreendentemente — o milagre do vidro de segurança. Eu podia gritar de frustração. Precisávamos de um buraco, não uma cortina de vidro.

Agachados, firmando os pés no carpete e tentando ignorar os ruídos altos do edifício embaixo de nós, Eric e eu empurramos com todas as forças.

Finalmente! Socamos o caixão até o fim. A janela se desprendeu da armação e caiu pela lateral do prédio.

E Eric viu a luz do sol pela primeira vez em mil anos. Ele gritou, um som terrível e profundo. Mas no instante seguinte, puxou o manto ao redor.

Ele me agarrou, montou sobre o caixão e empurramos com nossos pés. Por apenas uma fração de minuto, oscilamos na balança e então nos inclinamos para frente. No momento mais terrível de minha vida, saímos pela janela e começamos a escorregar pela lateral do prédio sobre o caixão. Nós iríamos bater a menos que — De repente, tínhamos nos afastado do caixão e meio que flutuamos no ar, Eric me segurando contra ele com inabalável tenacidade. Respirei com profundo alívio. É claro, Eric podia voar.

Em seu estupor devido à luz, ele não conseguia voar muito bem.

Aquele não era o progresso suave que experimentei antes; era mais uma espécie de ziguezague, uma descida oscilante.

Mas era melhor do que uma queda livre.

Eric conseguiu retardar nossa descida o suficiente para evitar que eu me espatifasse morta na rua do lado de fora do hotel. No entanto, o caixão com Pam teve uma aterrissagem ruim, e ela foi catapultada de dentro dos restos de madeira para a luz do sol, onde permaneceu deitada imóvel. Sem fazer nenhum ruído, ela começou a queimar. Eric pousou em cima dela e usou o manto para cobrir ambos. Um dos pés de Pam ficou exposto e a carne fumegou. Eu a cobri.

Eu também ouvi o som de sirenes. Fiz sinais para a primeira ambulância que vi, e os paramédicos saltaram. Apontei para o monte coberto. — Dois vampiros — tirem do sol! – falei.

A dupla de paramédicas, ambas jovens mulheres, trocou um olhar incrédulo. — O que fazemos com eles? – perguntou a morena.

— Levem-nos para um bom porão em algum lugar, sem quaisquer janelas, e digam aos donos para manter aquele porão aberto, porque haverá mais.

Lá em cima, uma explosão menor atingiu uma das suítes. Uma mala-

bomba, pensei, imaginando quantas delas Joe nos convenceu a levar para os quartos. Uma chuva fina de vidro cintilou sob o sol ao olharmos para cima, mas coisas escuras seguiram saindo pela janela, e as paramédicas começaram a se mexer como o time treinado que eram. Elas não entraram em pânico, mas se moveram definitivamente com pressa, já debatendo qual o prédio mais próximo à mão que possuía um porão largo.

— Nós diremos a todos – disse a mulher morena. Pam agora se encontrava na ambulância e Eric estava a meio caminho de lá. Seu rosto estava vermelho brilhante e vapor saía dos lábios. Oh, meu Deus. – O que você vai fazer?

— Eu tenho que voltar para lá – respondi.

— Tola – ela disse, e então se atirou para dentro da ambulância, partindo.

Havia mais vidro chovendo agora e parte do andar de baixo parecia estar entrando em colapso. Aquilo devia ser por causa de alguns dos caixões cheios de explosivos na área de desembarque e recepção. Outra explosão veio do sexto andar, mas do outro lado da pirâmide. Meus sentidos estavam tão entorpecidos por causa do som e da visão que não fiquei surpresa quando vi a mala azul voando pelo ar. O Sr. Cataliades conseguira quebrar a janela da rainha. De repente, eu percebi que a mala estava intacta, não tinha explodido, e estava caindo direto sobre mim.

Comecei a correr, retornando aos meus dias de softball, quando corria da terceira base para o home e tinha que deslizar. Visei o parque do outro lado da rua, onde o tráfego parou por causa dos veículos de emergência: carros de polícia, ambulâncias, bombeiros. Havia uma policial bem na minha frente olhando para outro lugar, apontando algo para outro colega. — Abaixem! – gritei. – Bomba! – e ela se virou para me encarar e eu a derrubei, levando-a ao chão comigo. Algo me atingiu no meio das costas, whoosh, e o ar foi arrancado de meus pulmões. Ficamos deitadas por um longo minuto, até que saí de cima dela e me coloquei de pé instavelmente.

Era maravilhoso inspirar, apesar de o ar estar acre com chamas e poeira. Ela deve ter dito algo para mim, mas não consegui ouvi-la.

Virei-me para encarar a Pirâmide de Gisé.

Partes da estrutura estavam desabando, se dobrando, o vidro, concreto, aço e madeira se separando do todo em partes distintas, enquanto a maioria das paredes que criaram os espaços — de quartos, banheiros e corredores — entrava em colapso. Aquele colapso bloqueou muito dos corpos que ocuparam estas áreas arbitrariamente divididas. Elas eram uma só agora: a estrutura, suas partes, seus ocupantes.

Aqui e ali ainda existiam pedaços que continuavam unidos. O andar humano, o mezanino e o saguão estavam parcialmente intactos, apesar da área ao redor da recepção estar destruída.

Vi uma forma reconhecível, um caixão. A tampa se abrira com o impacto durante sua queda. Assim que o sol atingiu a criatura ali dentro, ela soltou um lamento e eu corri até lá. Havia um pedaço de compensado por perto e arrastei-a para cima do caixão. Houve silêncio assim que o sol parou de tocar o vampiro ali dentro.

— Socorro! – gritei. – Socorro!

Alguns policiais se moveram em minha direção.

— Há pessoas e vampiros ainda vivos – falei. – Os vampiros têm que ser cobertos.

— Pessoas primeiro – disse um robusto veterano.

— Claro – concordei automaticamente, embora mesmo enquanto falava, tenha pensado, “Os vampiros não colocaram essas bombas.” – Mas se puderem cobrir os vampiros, eles podem esperar até as ambulâncias os levarem a um local seguro.

Havia um naco do hotel ainda de pé, um pedaço da parte sul.

Levantando o rosto, eu vi o Sr. Cataliades parado sob uma armação vazia onde o vidro tinha caído. De algum modo, ele conseguira descer até o andar humano. Ele segurava um fardo embrulhado numa colcha, apertando-a contra o peito.

— Veja! – gritei para chamar a atenção de um bombeiro. – Veja!

Eles entraram em ação ao ver uma pessoa viva para resgatar. Eles eram bem mais entusiásticos quanto a isso do que em resgatar vampiros que provavelmente estavam queimando até a morte sob a luz do sol e poderiam ser facilmente salvos ao serem cobertos. Tentei culpá-los, mas não podia.

Pela primeira vez, notei que havia uma multidão de pessoas normais que pararam seus carros e saíram para ajudar — ou se embasbacar. Também havia pessoas gritando, “Deixem-nos queimarem!” Observei os bombeiros levantarem-se em grupo para pegar o demônio e sua carga, então me virei para abrir caminho através dos escombros.

Após um tempo, eu chamei ajuda. Os gritos de humanos sobreviventes, a fumaça, a luz do sol abafada pela enorme nuvem de poeira, o ruído da estrutura rangendo e se acomodando, o

barulho febril do pessoal de resgate e a maquinaria que estava chegando e sendo empregada... eu estava sobrecarregada.

Naquele momento, após roubar uma jaqueta amarela e um capacete que todos das equipes de resgate usavam, cheguei perto o suficiente para encontrar dois vampiros, um deles conhecido, nas ruínas da área de recepção, cobertos por escombros dos andares superiores. Um grande pedaço de madeira sobreviveu para identificar o balcão de recepção. Um dos vampiros estava bem queimado e eu não tinha ideia se ele sobreviveria ou não. O outro havia se escondido entre um largo pedaço de madeira, e apenas seus pés e mãos estavam chamuscados e pretos. Assim que gritei por ajuda, os vampiros foram cobertos por mantas.

— Temos um prédio há dois quarteirões de distância; estamos usando como repositório dos vampiros – disse a motorista de ambulância de pele morena que tomou conta do vampiro mais ferido, e percebi que era a mesma mulher que levara Eric e Pam.

Além dos vampiros, eu descobri Todd Donati parcialmente vivo.

Passei alguns instantes com ele até uma maca ser trazida. E perto dele, encontrei uma camareira morta. Ela fora esmagada.

Eu tinha um cheiro no nariz que simplesmente não ia embora, e odiei.

Estava revestindo meus pulmões por dentro, pensei, e passaria o resto de minha vida inspirando e expirando. O odor era composto de materiais de construção queimados, corpos chamuscados e

vampiros desintegrados. Era o cheiro do ódio. Vi coisas tão terríveis que nem mesmo conseguia mais pensar nelas.

De repente, senti que não conseguiria mais procurar. Eu tinha que sentar. Fui atraída para uma pilha criada ao acaso com um largo cano e madeira compensada. Sentei sobre ela e chorei. Então a pilha inteira desabou de lado e eu caí no chão, ainda chorando. Reparei na abertura revelada pelos escombros caídos.

Bill se encontrava encolhido ali dentro, com metade do rosto queimado. Ele vestia as roupas que eu vi da noite anterior. Inclinei-me sobre ele para cobrir o sol, e Bill disse, — Obrigado – através de lábios rachados e sangrentos. Ele continuou escorregando várias vezes para aquele estado de sono comatoso causado pela luz do dia.

— Jesus Sagrado – falei. – Venham ajudar! – gritei, e vi dois homens correrem na minha direção com um cobertor.

— Eu sabia que você me encontraria – disse Bill, ou imaginei aquilo?

Permaneci inclinada naquela posição incômoda. Simplesmente não havia nada por perto para pegar que o cobrisse tanto quanto eu. O cheiro estava me causando ânsia, mas fiquei. Ele agüentou todo aquele tempo somente porque foi coberto por acidente. Embora um bombeiro tenha vomitado, eles o cobriram e levaram embora.

Então vi outra figura de jaqueta amarela abrindo caminho entre os escombros e até as ambulâncias, tão rápido quanto alguém

podia se mover sem uma perna quebrada. Percebi a impressão de um cérebro vivo e a reconheci imediatamente. Lutei com a pilha de destroços, seguindo a assinatura cerebral do homem que eu mais queria encontrar. Quinn e Frannie encontravam-se semienterrados sob uma pilha de escombros soltos. Frannie estava inconsciente e sangrara na cabeça, mas tinha parado.

Quinn estava atordoado, mas recuperando totalmente a consciência. Pude ver que a água fresca havia feito uma trilha na sujeira em seu rosto, e me dei conta de que o homem que tinha acabado de sair correndo havia dado a Quinn um pouco de água para beber, e estava voltando com macas para os dois.

Ele tentou sorrir para mim. Caí de joelhos ao lado dele. — Acho que vamos ter que mudar nossos planos, docinho – ele disse. – Vou ter que cuidar de Frannie por uma ou duas semanas. Nossa mãe não é exatamente a Florence Nightingale.

Eu tentei não chorar, mas era como se meus dutos lacrimais não pudessem ser desligados, uma vez que começava. Eu não estava mais soluçando, mas lacrimejava constantemente. Estúpida.

— Faça o que tem que fazer – respondi. – Ligue quando puder, okay? – Eu detestava pessoas que diziam “Okay?” o tempo todo, como se estivessem pedindo permissão, mas não consegui evitar tampouco. – Você está vivo; isso é tudo que importa.

— Graças a você – ele disse. – Se não tivesse ligado, nós estaríamos mortos. Mesmo o alarme de incêndio poderia não ter nos tirado do quarto a tempo.

Escutei um gemido há alguns metros de distância, uma tomada de ar.

Quinn ouviu também. Arrastei-me, empurrando para o lado um grande pedaço de vaso sanitário e pia. Ali, coberto de poeira e entulho, sob vários pedaços de largos compensados, jazia Andre, completamente inconsciente.

Um rápido exame me disse que ele possuía vários ferimentos sérios. Mas nenhum deles sangrava. Ele se curaria totalmente. Droga.

— É Andre – falei a Quinn. – Ferido, mas vivo. – Se minha voz estava sombria, eu me sentia sombria. Havia uma bela e longa lasca de madeira junto de sua perna, e fiquei muito tentada.

Andre era uma ameaça à minha liberdade e vontade, a tudo que apreciava em minha vida. Mas eu já tinha visto tantas mortes naquele dia.

Agachei-me ao lado dele, odiando-o, mas apesar de tudo... eu o conhecia.

Aquilo devia tornar as coisas mais fáceis, mas não era assim.

Engatinhei para fora da pequena alcova onde ele jazia, e voltei para Quinn.

— Aqueles caras estão voltando para nos pegar – ele falou, soando mais forte a cada minuto. – Você pode ir embora agora.

— Você quer que eu vá?

Os olhos dele me diziam algo. Eu não estava entendendo.

— Okay – respondi hesitante. – Eu vou.

— Eu tenho ajuda a caminho – ele disse gentilmente. – Você podia estar procurando outra pessoa.

— Certo – falei, não sabendo como aceitar aquilo, e ficando de pé.

Havia me afastado uns dois metros quando o ouvi se mover. Mas após um momento de quietude, continuei andando.

Retornei até uma grande van que foi trazida e estacionada perto da central de resgate. Aquela jaqueta amarela foi um salvo-conduto mágico, mas podia ser descoberta a qualquer minuto. Alguém notaria que eu estava usando chinelos e eles estavam arrebentando, já que dificilmente foram feitos para andar em escombros. Uma mulher me entregou uma garrafa de água da van, e eu a abri com mãos trêmulas. Bebi sofregamente e joguei o resto em meu rosto e mãos. Apesar do frio no ar, foi maravilhoso.

Até então, duas (ou quatro, ou seis) horas deviam ter se passado desde a primeira explosão. Agora havia times de salvamento com equipamento, maquinaria, cobertores. Eu procurava por alguém que parecesse uma autoridade, tencionava descobrir onde os outros humanos sobreviventes foram levados, quando uma voz falou em minha cabeça.

“Sookie?”

“Barry!”

“Em que condições você está?”

“Bem abalada, mas não ferida demais. Você?”

“Igualmente. Cecile morreu.”

“Eu sinto tanto.” Não conseguia pensar em nada para dizer.

“Pensei em algo que podemos fazer.”

“O quê?” Eu provavelmente não soava muito interessada.

“Podemos encontrar pessoas vivas. Seremos melhores juntos.”

“É o que eu tenho feito,” respondi. “Mas você está certo, juntos seremos mais fortes.” Ao mesmo tempo, eu estava tão cansada que algo dentro de mim se retraiu ao pensamento de fazer mais esforço. “É claro que podemos,” falei.

Se aquela pilha de escombros tivesse sido tão horrivelmente grande quanto as Torres Gêmeas, nós não teríamos conseguido. Mas esse local era menor e mais contido e, se conseguíssemos arranjar alguém que acreditasse em nós, teríamos uma chance.

Encontrei Barry perto do centro de comando, e peguei sua mão suja.

Ele era mais jovem do que eu, mas agora não parecia e não achei que agiria assim de novo. Quando perscrutei a fileira de corpos sobre a grama no pequeno parque, eu vi Cecile e o que pode ter sido a camareira que abordei no corredor. Havia algumas formas descamadas e vagamente humanas que eram vampiros se desintegrando. Eu podia ter conhecido alguns deles, mas seria impossível distingui-los.

Qualquer humilhação seria um preço pequeno a pagar se pudéssemos salvar alguém. Portanto, Barry e eu nos preparamos para sermos humilhados e escarnecidos.

No começo, foi difícil fazer alguém nos ouvir. Os profissionais ficavam nos encaminhando para o centro de vítimas ou a uma das ambulâncias estacionadas e prontas para levarem sobreviventes a um dos hospitais de Rhodes. Finalmente, fiquei cara-a-cara com um homem magro e grisalho que me ouviu com o rosto inexpressivo.

— Eu nunca achei que resgataria vampiros, tampouco – ele disse, como se isso explicasse sua decisão, e talvez fosse o caso. – Então, levem esses dois homens com vocês e mostrem-lhes o que podem fazer. Vocês têm quinze minutos do tempo valioso desses homens. Se desperdiçarem, podem estar matando alguém.

Barry foi quem teve a ideia, mas agora parecia querer que eu falasse por nós dois. Seu rosto estava preto de fuligem. Tivemos uma conferência silenciosa sobre a melhor forma de realizarmos nossa tarefa e, no fim, me virei para o bombeiro e falei: — Coloque-nos numa daquelas caçambas.

Para nosso espanto, eles obedeceram sem qualquer discussão. Fomos içados sobre os escombros, e sim, sabíamos que era perigoso, e sim, estávamos preparados para aceitar as consequências. Ainda segurando as mãos, Barry e eu fechamos os olhos e procuramos, expandindo nossas mentes.

— Leve-nos para a esquerda – falei, e o bombeiro conosco na caçamba gesticulou para o homem na cabine do veículo. – Me observe – continuei, e ele olhou. – Pare – eu disse, e a caçamba parou. Procuramos novamente. – Diretamente abaixo – falei. – Bem aqui embaixo. É uma mulher chamada alguma coisa Santiago.

Após alguns minutos, houve um alvoroço. Eles a encontraram viva.

Ficamos populares depois disso, e não houve mais questionamento sobre como fazíamos, contanto que continuássemos. Pessoal de resgate só se importa em resgatar. Eles trouxeram cães e inseriram microfones, mas Barry e eu éramos mais rápidos e articulados do que os cães, e mais exatos do que os microfones. Encontramos mais quatro pessoas vivas e um homem que morreu antes que eles conseguissem chegar até ele, um garçom chamado Art que amava a esposa e sofreu terrivelmente até o fim. Art foi especialmente desolador, porque eles tentaram como o inferno desenterrá-

lo, e tive que lhes dizer que não adiantaria. Obviamente, eles não aceitaram minha palavra; continuaram escavando, mas ele se foi. Até então, a equipe estava realmente entusiasmada com nossa habilidade e queria que trabalhássemos noite afora, mas Barry

estava começando a falhar e eu não estava muito melhor. Pior, a escuridão se aproximava.

— Os vampiros vão se levantar – lembrei ao chefe dos bombeiros.

Ele assentiu e me olhou para mais explicações. – Eles estarão gravemente feridos – respondi. Ele ainda não entendeu. – Vão precisar de sangue imediatamente e não terão qualquer controle. Eu não mandaria nenhum membro da equipe de resgate sozinho até os escombros – falei, e seu rosto ficou inexpressivo em pensamento.

— Você não acha que estão todos mortos? Não pode encontrá-los?

— Bem, na realidade, não. Não podemos encontrar vampiros.

Humanos, sim. Mas não morto-vivos. Seus cérebros não transmitem qualquer, hã, onda. Temos que ir agora. Onde estão os sobreviventes?

— Estão todos no Edifício Thorne, bem ali – ele disse, apontando. – No subsolo. – Nós nos viramos para partir.

Nesse momento, Barry deslizou o braço ao redor de meus ombros, mas não porque estava se sentindo carinhoso. Ele precisava de apoio.

— Deixe-me pegar seus nomes e endereços, para que o prefeito possa agradecê-los – disse o homem de cabelos grisalhos, com uma caneta e uma prancheta de prontidão.

“Não!” disse Barry, e minha boca se fechou.

Sacudi a cabeça. — Vamos declinar – respondi. Dei uma rápida olhada em sua cabeça e ele estava ávido por mais ajuda nossa. De repente, eu compreendi por que Barry me deteve tão abruptamente, embora meu colega telepata estivesse tão cansado que não conseguiria explicar pessoalmente. Minha recusa não foi tão longe.

— Vocês trabalham para vampiros, mas não querem aparecer e ser reconhecidos como pessoas que ajudaram nesse dia terrível?

— Sim – respondi. – É isso mesmo.

Ele não ficou feliz comigo e achei por um minuto que iria forçar a questão: arrancar a carteira de minhas calças, me mandar para a cadeia ou algo assim. Mas ele acenou com a cabeça relutantemente e virou-se na direção do Edifício Thorne.

“Alguém tentará descobrir,” disse Barry. “Alguém irá querer nos usar.”

Eu suspirei e mal consegui juntar energia para buscar mais ar.

Assenti. “Sim, alguém vai. Se formos ao abrigo, irão nos procurar por lá e perguntar nossos nomes a alguém que nos reconheça e, depois disso, será apenas uma questão de tempo.”

Eu não conseguia pensar numa maneira de evitar ir até lá. Tínhamos que buscar ajuda, encontrar nossos grupos, descobrir como e quando poderíamos deixar a cidade, e tínhamos que descobrir quem viveu e quem não. Toquei meu bolso traseiro e, para

meu espanto, o telefone celular ainda estava comigo e possuía sinal. Liguei para o Sr. Cataliades. Se alguém além de mim saiu da Pirâmide de Gisé com um celular, foi o advogado.

— Sim – ele disse cautelosamente. – Srta. St — — Shhh – falei. – Não diga meu nome em voz alta. – Era a pura paranoia falando.

— Muito bem.

— Nós ajudamos aqui e agora eles realmente querem nos conhecer melhor – respondi, me sentindo muito astuta por falar tão prudentemente.

Eu estava muito cansada. – Barry e eu estamos do lado de fora do prédio onde você está. Precisamos ficar em outro lugar. Pessoas demais fazendo listas por aí, correto?

— É uma atividade popular – ele respondeu.

— Você e Diantha estão bem?

— Ela não foi encontrada. Nós nos separamos.

Não falei por alguns segundos. — Eu sinto muito. Quem você estava segurando quando o vi ser resgatado?

— A rainha. Ela está aqui, embora gravemente ferida. Não conseguimos encontrar Andre.

Ele se deteve e, porque não pude evitar, perguntei: — Quem mais?

— Gervaise está morto. Eric, Pam, Bill... queimados, mas aqui. Cleo Babbitt está aqui. Não vi Rasul.

— Jake Purifoy está aí?

— Eu não o vi, tampouco.

— Porque você deve querer saber que ele é parcialmente responsável, se o vir. Ele estava envolvido num complô da Irmandade.

— Ah. – O Sr. Cataliades registrou aquilo. – Oh, sim, certamente eu quero saber disso. Johan Glassport ficará especialmente interessado, já que teve a clavícula e várias costelas quebradas. Ele está muito, muito zangado.

– Havia alguma coisa a respeito do rancor de Johan Glassport, para que o Sr. Cataliades pensasse que ele era capaz de exigir tanta vingança quanto um vampiro. – Como ficou sabendo que havia um complô, Srta. Sookie?

Eu contei ao advogado a história que Clovache me contou; imaginei agora que ela e Batanya voltaram para o lugar de onde vieram, o que era bom.

— Contratá-las valeu a pena para o Rei Isaiah. – Cataliades soou pensativo, ao invés de invejoso. – Isaiah está aqui, completamente ileso.

— Precisamos procurar um lugar para dormir. Pode dizer ao rei de Barry que ele está comigo? – perguntei, sabendo que precisava

desligar o telefone e bolar um plano.

— Ele está ferido demais para se importar. Não está consciente.

— Certo. Apenas alguém do grupo do Texas.

— Eu vi Joseph Velasquez. Rachel está morta. – O Sr. Cataliades não podia evitar; ele tinha que me contar todas as más notícias.

— Cecile, a assistente de Stan, morreu – falei.

— Para onde você vai? – perguntou Cataliades.

— Eu não sei o que fazer – respondi. Sentia-me exausta e desesperada, recebera muitas notícias ruins e fora golpeada demais para passar por aquilo mais uma vez.

— Mandarei um táxi para vocês – o Sr. Cataliades ofereceu. – Posso conseguir o número de um dos gentis voluntários. Diga ao motorista que vocês são da equipe de resgate e precisam de carona até o hotel modesto mais próximo. Você tem um cartão de crédito?

— Sim, e meu cartão de débito – respondi, agradecendo o impulso que me fez colocar a pequena carteira no bolso.

— Não, espere, eles irão rastreá-la muito facilmente se usá-lo.

Dinheiro?

Verifiquei. Graças principalmente a Barry, nós tínhamos cento e noventa dólares no total. Falei ao Sr. Cataliades que podíamos nos virar.

— Então passem a noite num hotel e ligue novamente amanhã – disse, soando insolitamente cansado.

— Obrigada pelo plano.

— Obrigado por seu aviso – disse o demônio, cortês. – Estaríamos todos mortos se você e Bellboy não tivessem nos acordado.

Desfiz-me da jaqueta amarela e do capacete. Barry e eu cambaleamos, meio que nos apoiando um ao outro. Encontramos uma barricada de concreto contra a qual nos recostamos abraçados. Tentei dizer a Barry por que estávamos fazendo isso, mas ele não se importou. Estava preocupada que algum bombeiro ou policial da cena nos visse a qualquer minuto e nos detivesse para descobrir o que estávamos fazendo, aonde íamos, quem éramos. Fiquei tão aliviada que senti enjoo, quando avistei o táxi andando lentamente, o motorista espiando pela janela. Tinha que ser para nós. Acenei freneticamente com a mão livre. Eu nunca chamei um táxi antes na vida. Era como nos filmes.

O motorista, um sujeito magricela da Guiana, não ficou muito entusiasmado em deixar duas criaturas imundas como nós entrarem em seu carro, mas ele não podia recusar pessoas tão lamentáveis. O hotel “modesto” mais próximo ficava a um quilômetro e meio na cidade, longe da água. Se tivéssemos possuído a energia,

podíamos ter caminhado. Pelo menos a corrida de táxi não foi muito cara.

Mesmo sendo um hotel de médio porte, os recepcionistas se mostraram menos do que vibrantes com nossa aparência; mas afinal era dia de caridade com as pessoas envolvidas na explosão. Conseguimos o quarto por um preço que teria me feito engasgar se não tivesse visto quanto cobravam na Pirâmide. O quarto por si só não era grande coisa, mas não precisávamos de muito.

Uma camareira bateu na porta assim que nos instalamos e disse que gostaria de lavar nossas roupas, já que não tínhamos muito. Ela olhou para baixo quando disse isso, para não me embaraçar. Tentando não me emocionar com sua gentileza, olhei para minha camisa e calças, e concordei. Virei-me para Barry e descobri que ele estava absolutamente apagado. Eu o conduzi até a cama. Era tão desagradável quanto lidar com um dos vampiros, e apertei os lábios numa linha rígida o tempo todo enquanto despia o corpo inerte. Então tirei minhas próprias roupas, encontrei um saco plástico no armário para depositá-las e entreguei as roupas sujas para ela. Peguei uma toalha e limpei o rosto, as mãos e os pés de Barry, depois o cobri.

Eu tinha que tomar banho, e agradeci a Deus pelo xampu, sabonete, creme rinse e loção de pele de cortesia. Também agradeci a Deus pela água encanada quente e fria, particularmente a quente. A gentil camareira me deu até duas escovas de dentes e um pequeno tubo de pasta e então lavei a boca para tirar o gosto de cinzas. Lavei minha calcinha e sutiã na pia e enrolei-as numa toalha

antes de pendurá-las para secar. Eu tinha dado todas as peças de roupa de Barry à senhora.

Finalmente, não havia mais nada a fazer, e subi na cama ao lado de Barry. Agora que eu cheirava tão bem, notei que ele não, mas simplesmente era difícil para mim, certo? Eu não o teria acordado por nada.

Virei para o meu lado, afastada dele, pensando no quanto foi apavorante aquele corredor comprido e vazio — não era engraçado o que acabei achando assustador, depois de um dia tão horrível?

O quarto de hotel era tão silencioso após o tumulto da cena das explosões, a cama tão confortável, eu cheirava muito melhor e mal tinha me ferido afinal.

Dormi e não sonhei.

Capítulo 18

EU SEI QUE EXISTEM COISAS PIORES do que acordar nua numa cama com alguém que você não conhece muito bem. Mas quando meus olhos se abriram no dia seguinte, não consegui pensar em nada por cinco longos minutos. Eu sabia que Barry estava acordado. Dá para perceber quando um cérebro desperta para a consciência. Para meu alívio, ele saiu da cama e foi para o banheiro sem uma palavra, e logo depois ouvi o tamborilar da água no chuveiro.

Nossas roupas limpas estavam num saco, penduradas na maçaneta do lado de dentro da porta, e havia também um exemplar do USA Today.

Depois de vestir rapidamente minhas roupas, abri o jornal sobre a mesinha enquanto preparava um bule do café grátis. Também levei o saco com as roupas de Barry até o banheiro e larguei-as no chão, dando um leve aceno para chamar a atenção dele.

Dei uma olhada no cardápio de serviço de quarto e não tínhamos dinheiro suficiente para pedir nada. Tínhamos que guardar um pouco de nossos recursos para um táxi, porque eu não sabia qual seria o próximo passo. Barry saiu, parecendo tão refrescado quanto eu na noite anterior.

Para minha surpresa, ele beijou minha bochecha e então sentou do lado oposto com seu próprio copo contendo algo que

tinha uma vaga semelhança com café coado.

— Eu não lembro muito a respeito da noite passada – disse. – Me informe sobre por que estamos aqui.

Eu o fiz.

— Foi uma boa ideia de minha parte – ele respondeu. – Estou assombrado comigo mesmo.

Eu ri. Ele podia estar sentindo um pouco de embaraço masculino por ter fraquejado antes de mim, mas pelo menos conseguia rir de si mesmo. — Então, imagino que precisamos ligar para o seu advogado demônio?

Concordei. Já eram onze horas, então liguei. Ele atendeu imediatamente.

— Existem muitos ouvidos por aqui – ele respondeu sem preâmbulos.

– E entendo que esses telefones não são muito seguros. Celulares.

— Certo.

— Portanto eu irei até vocês num instante, levando algumas coisas de que vão precisar. Onde vocês estão?

Com uma pontada de receio, já que o demônio era um sujeito que as pessoas notariam, informei-lhe o nome do hotel e o número de nosso quarto, e ele me disse para ser paciente. Eu me sentia

bem até o Sr. Cataliades dizer isso e, de repente, comecei a me inquietar por dentro. Senti que estávamos fugindo agora, quando de modo algum merecíamos estar. Li o jornal e o artigo a respeito da Pirâmide dizia que a catástrofe foi devido a “uma série de explosões” que Dan Brewer, chefe do esquadrão de anti-

terrorismo estadual, atribuiu a várias bombas. O chefe dos bombeiros foi menos comprometedor: “Uma investigação está a caminho.” Eu devia mesmo esperar por isso.

Barry disse, — Nós podíamos fazer sexo enquanto esperamos.

— Eu gostava mais de você inconsciente – respondi. Barry estava apenas tentando não pensar em coisas, mas ainda assim.

— Você me despiu ontem à noite? – ele perguntou com um olhar malicioso.

— Sim, fui eu, para minha sorte – falei. E sorri para ele, me surpreendendo.

Uma batida na porta nos fez olhar como cervos alarmados.

— Seu sujeito demônio – disse Barry, após um segundo de exame mental.

— É – falei, e me levantei para atender.

O Sr. Cataliades não teve a gentileza de uma camareira, então ainda vestia as roupas sujas do dia anterior. Mas conseguiu parecer alinhado da mesma forma, e suas mãos e rosto estavam limpos.

— Por favor, como estão todos? – perguntei.

— Sophie-Anne perdeu as pernas, e não sei se elas voltarão – disse.

— Oh, céus – falei, me retraindo.

— Sigebert conseguiu se libertar dos escombros após o anoitecer – ele continuou. – Ele se escondeu num local seguro na garagem onde aterrissou depois das explosões. Suspeito que ele tenha encontrado alguém de quem se alimentou, porque estava mais saudável do que devia. Mas se for o caso, jogou o corpo num dos incêndios, porque nós teríamos ouvido falar se um corpo drenado fosse encontrado.

Eu esperava que o doador tivesse sido um dos sujeitos da Irmandade.

— Seu rei – o Sr. Cataliades disse a Barry – está tão ferido que pode levar décadas para se recuperar. Até a situação melhorar, Joseph lidera, embora seja desafiado em breve. A criança do rei, Rachel, está morta; talvez Sookie tenha lhe contado?

— Desculpe – falei. – Eu simplesmente tive várias notícias ruins para remoer antes de conseguir terminar.

— E Sookie me contou que a humana Cecile pereceu.

— E quanto a Diantha? – perguntei vacilante. Tinha que ser significativo o fato do Sr. Cataliades não ter mencionado a sobrinha.

— Desaparecida – disse rapidamente. – No entanto, aquele pedaço de imundície, Glassport, tem apenas arranhões.

— Sinto muito pelas duas coisas – falei.

Barry parecia entorpecido. Todos os traços de humor frívolo tinham desaparecido. Ele parecia menor, sentado na beirada da cama.

O empregado petulante e mordaz que encontrei no saguão da Pirâmide havia sido enterrado, pelo menos por um tempo.

— Eu contei sobre Gervaise – disse o Sr. Cataliades. – Identifiquei o corpo da mulher dele esta manhã. Qual era o nome dela?

— Carla. Não consigo lembrar o sobrenome. Vai surgir.

— O primeiro nome provavelmente será suficiente para eles a identificarem. Um dos corpos com uniforme do hotel possuía uma lista de computador no bolso.

— Não estavam todos envolvidos – respondi com alguma certeza.

— Não, é claro que não – disse Barry. – Apenas alguns.

Olhamos para ele.

— Como sabe? – perguntei.

— Eu os ouvi por acaso.

— Quando?

— Na noite anterior.

Mordi o interior de minha boca com força.

— O que você ouviu? – o Sr. Cataliades perguntou num tom de voz neutro.

— Eu estava com Stan, você sabe, na coisa de compra e venda. Notei que os garçons e alguns outros me evitavam, então observei para ver se estavam evitando Sookie também. Daí pensei, “Eles sabem o que você é, Barry, e existe algo que não querem que saiba. É melhor você verificar.”

Encontrei um bom lugar para me esconder atrás de algumas palmeiras falsas, perto da porta de serviço, e consegui ouvir o que eles estavam pensando lá dentro. Eles não foram específicos nem nada, okay? – Ele teve uma leitura acurada de nossos pensamentos também. – Foi mais como “Okay, vamos pegar esses vampiros, que se danem, e se pegarmos alguns de seus escravos humanos, bom, é uma pena, vamos viver com isso.

Condenados por associação.”

Fiquei apenas sentada ali, olhando para ele.

— Não, eu não sabia quando ou o que eles iam fazer! Por fim, eu fui para a cama, meio preocupado a respeito deles e de qual era o plano, e quando não consegui me acomodar para dormir bem, eu

parei de tentar e chamei você. E tentamos tirar todo mundo para fora – ele disse, começando a chorar.

Sentei-me ao lado dele e coloquei um braço ao seu redor. Eu não sabia o que dizer. Claro, ele podia perceber o que eu estava pensando.

— Sim, eu desejava poder ter dito algo antes – ele respondeu numa voz sufocada. – Sim, eu fiz a coisa errada. Mas pensei que, se dissesse antes de saber de algo com certeza, os vampiros cairiam sobre eles e os drenariam. Ou iam querer que eu apontasse quem sabia ou não. E eu não podia fazer isso.

Houve um longo silêncio.

— Sr. Cataliades, o senhor viu Quinn? – perguntei para romper o silêncio.

— Ele está no hospital humano. Não conseguiu impedir de ser levado.

— Tenho que ir vê-lo.

— Com que seriedade você teme que as autoridades tentem coagi-la a cumprir as ordens deles?

Barry levantou a cabeça e olhou para mim. — Muita – respondemos simultaneamente.

— É a primeira vez que mostro a alguém, além do pessoal local, o que eu posso fazer – falei.

— Eu também. – Barry enxugou os olhos com as costas da mão. – Você devia ter visto o rosto do cara quando ele finalmente acreditou que podíamos encontrar pessoas. Ele achou que fossemos videntes ou algo assim, e não conseguia entender que o que fazíamos era registrar uma assinatura cerebral viva. Não havia nada místico a respeito.

— Ele ficou todo envolvido com a ideia assim que acreditou em nós – respondi. – Dava para ouvir em sua cabeça que estava pensando em centenas de modos diferentes onde podíamos ser usados para operações de resgate, pelo governo em conferências, interrogatórios policiais.

O Sr. Cataliades olhou para nós. Eu não conseguia pegar todos os pensamentos emaranhados de demônio, mas ele estava tendo um bocado deles.

— Nós perderíamos o controle de nossas vidas – disse Barry. – Eu gosto da minha vida.

— Imagino que eu possa salvar um bocado de pessoas – falei.

Simplesmente nunca pensei a respeito antes. Nunca encarei uma situação como a do dia anterior. Esperava que nunca mais acontecesse.

Qual era a probabilidade de eu estar presente num desastre de novo? Eu tinha a obrigação de desistir de um emprego da qual gostava, entre pessoas com quem me importo, para trabalhar para estranhos em lugares distantes?

Estremeci quando pensei sobre isso. Senti algo endurecer por dentro ao perceber que a vantagem que Andre tirou de mim seria apenas o começo, em situações como aquela. Como Andre, todos iriam querer me possuir.

— Não – falei. – Eu não farei isso. Talvez esteja sendo apenas egoísta e me condenando, mas não farei. Não acho que estamos exagerando o quanto seria ruim para nós, nem um pouco.

— Então ir ao hospital não é uma boa ideia – disse Cataliades.

— Eu sei, mas tenho que ir de qualquer forma.

— Então pode passar quando estiver a caminho do aeroporto.

Nós nos endireitamos.

— Há um avião da Anúbis saindo em três horas. Irá primeiro para Dallas, então Shreveport. A rainha e Stan estão pagando em conjunto. Terá todos os sobreviventes de ambas as comitivas. Os cidadãos de Rhodes doaram caixões usados para a viagem. – O Sr. Cataliades fez uma careta, e francamente, eu não podia culpá-lo. – Aqui está todo o dinheiro que nós podemos disponibilizar – ele continuou, me entregando um pequeno maço de notas. – Cheguem ao terminal da Anúbis em tempo, e ambos irão para casa conosco. Se não conseguirem, assumirei que algo aconteceu para detê-

los e vocês terão que ligar para fazer algum outro arranjo. Sabemos que temos uma grande dívida com vocês, mas temos feridos para levar para casa e os cartões de crédito da rainha, bem

como todo o resto, foram perdidos no incêndio. Terei que ligar para o serviço de emergência do banco, mas não vai demorar muito.

Aquilo pareceu um pouco frio, mas afinal, ele não era nosso melhor amigo, e como auxiliar diurno da rainha, tinha um bocado de coisas para fazer e muito mais problemas a resolver.

— Okay – eu disse. – Ei, ouça, Christian Baruch está no abrigo?

Seu rosto se aguçou. — Sim. Apesar de queimado, ele está rodeando a rainha na ausência de Andre, como se fosse tomar o lugar dele.

— Ele quer, sabe. Ele quer ser o próximo Sr. Rainha da Louisiana.

— Baruch? – Cataliades não poderia ter sido mais desdenhoso se um duende tivesse se candidatado ao trabalho.

— Não, ele apelou para medidas extremas. – Eu já tinha contado aquilo a Andre. Agora teria que explicar de novo. – É por isso que ele plantou a bomba Dr. Pepper – falei uns cinco minutos depois.

— Como sabe disso? – o Sr. Cataliades perguntou.

— Eu juntei as peças, aqui e ali – respondi modestamente. Suspirei.

Aqui vinha a parte desagradável. – Eu o encontrei ontem, escondido debaixo do balcão da recepção. Havia outro vampiro com ele, gravemente queimado. Eu nem sei quem era aquele. E na mesma área estava Todd Donati, o cara da segurança, vivo, mas ferido, além de uma camareira morta. – Senti a exaustão me dominar novamente, o cheiro terrível, tentando respirar o ar denso. – Baruch estava inconsciente, é claro.

Eu não me sentia exatamente orgulhosa disso, e olhei para minhas mãos.

— De qualquer forma, eu estava tentando ler a mente de Todd Donati, para descobrir a extensão de seus ferimentos, e ele simplesmente estava odiando Baruch e o culpando também. Ele estava disposto a ser franco, dessa vez. Sem mais um emprego para se preocupar. Todd me contou que assistiu várias vezes todas as fitas de segurança de novo, e finalmente entendeu o que estava vendo. O chefe dele pulou para bloquear a câmera com chiclete, para que pudesse plantar a bomba. Assim que descobriu, Donati soube que Baruch quis alarmar a rainha, deixá-la insegura para que aceitasse um novo marido. E este seria Christian Baruch.

Mas adivinhe por que ele queria se casar com ela?

— Não consigo imaginar – disse o Sr. Cataliades, profundamente chocado.

— Porque ele quer abrir um novo hotel vampiro em Nova Orleans.

O Sangue no Quarteirão foi inundado e fechou, e Baruch pensou que poderia reconstruir e abri-lo de novo.

— Mas Baruch não teve nada a ver com as outras bombas?

— Com certeza eu acho que não, Sr. Cataliades. Acho que foi a Irmandade, como eu disse ontem.

— Então quem matou os vampiros do Arkansas? – Barry perguntou.

– Imagino que a Irmandade tenha feito isso também? Não, espere... por que fariam? Não que precisem de desculpas para matar alguns vampiros, mas eles sabiam que provavelmente seriam mortos na grande explosão.

— Temos uma sobrecarga de vilões – respondi. – Sr. Cataliades, o senhor tem alguma ideia de quem poderia ter eliminado os vampiros de Arkansas? – dei um olhar direto ao Sr. Cataliades.

— Não – o advogado respondeu. – Se tivesse, eu nunca diria essas ideias em voz alta. Acho que devia se concentrar nos ferimentos de seu homem e voltar para sua cidadezinha, não se preocupar a respeito de três mortes entre tantas.

Eu não estava exatamente preocupada com as mortes dos três vampiros de Arkansas, e pareceu ser realmente uma boa ideia aceitar o conselho do Sr. Cataliades. Tive um estranho momento para pensar nos assassinatos, e decidi que a resposta mais simples frequentemente era melhor.

Quem achou que teria uma boa chance de evitar o julgamento por completo, se Jennifer Cater fosse silenciada? Quem preparou o caminho para ser admitida no quarto de Jennifer, através de um simples telefonema?

Quem teve um longo e bom momento de comunicação telepática com seu subordinado antes de começar a agitação artificial de se arrumar para a visita improvisada? De quem era o guarda-costas que surgiu pela porta da escada justo quando estávamos saindo da suíte?

Eu sabia, assim como o Sr. Cataliades, que Sophie-Anne se assegurara de que Sigebert teria permissão para entrar no quarto de Jennifer Cater ao ligar antes e dizer a ela que estava a caminho. Jennifer verificaria pelo olho mágico, reconheceria Sigebert, e assumiria que a rainha estava bem atrás dele. Uma vez lá dentro, Sigebert sacaria a espada e mataria todos que estivessem no local. Então ele subiria correndo as escadas para aparecer a tempo de escoltar a rainha diretamente ao sétimo andar. Ele entraria no quarto novamente, então não haveria razão para que seu cheiro não estivesse no ar. E, naquela hora, eu não suspeitei de absolutamente nada.

Que choque deve ter sido para Sophie-Anne quando Henrik Feith apareceu vivo; mas o problema foi resolvido quando ele aceitou sua proteção. E o problema se reafirmou quando alguém o convenceu a acusá-

la assim mesmo. E então, incrivelmente, problema resolvido de novo: o pequeno vampiro nervoso foi assassinado diante do tribunal.

— Imagino como Kyle Perkins foi contratado – falei. – Ele devia saber que estava numa missão suicida.

— Talvez – disse o Sr. Cataliades cuidadosamente – ele tenha decidido encontrar o sol de qualquer forma. Talvez estivesse procurando por um modo espetacular e interessante de ir, ganhando um legado monetário para seus descendentes humanos.

— Parece estranho eu ter sido enviada para procurar informações a respeito dele por um membro de nosso grupo – respondi com a voz neutra.

— Ah, nem todos precisam saber de tudo – o Sr. Cataliades falou num tom igualmente neutro.

Barry podia ler meus pensamentos, é claro, mas não estava entendendo o que o Sr. Cataliades dizia, o que era bom. Era estúpido que me fizesse sentir melhor, Eric e Bill não saberem dos jogos ocultos da rainha. Não que eles não fossem capazes de fazer suas próprias jogadas, mas eu não achava que Eric teria me mandado numa busca inútil até a galeria de arco e flecha onde Kyle Perkins treinou, se soubesse que a própria rainha contratou Perkins.

A pobre mulher atrás do balcão morreu porque a rainha não contou à sua mão esquerda o que a direita estava fazendo. E imaginei o que aconteceu ao humano, aquele que vomitou na cena do assassinato, aquele que foi contratado para conduzir Sigebert ou Andre até a galeria... depois que eu atenciosamente deixei uma mensagem para avisar quando Barry e eu voltaríamos para coletar a

evidência. Eu mesma selei o destino da mulher ao deixar aquela mensagem no telefone.

O Sr. Cataliades partiu, apertando nossas mãos com um sorriso radiante, quase normal. Ele nos avisou mais uma vez sobre a chegada ao aeroporto.

— Sookie? – disse Barry.

— Sim.

— Eu realmente quero estar naquele avião.

— Eu sei.

— E quanto a você?

— Eu não acho que consiga. Sentar no mesmo avião com eles.

— Todos eles foram feridos – disse Barry.

— Sim, mas isso não é desforra.

— Você se encarregou disso, não foi?

Eu não perguntei o que ele quis dizer. Sabia o que ele podia ter visto em minha cabeça.

— Tanto quanto foi possível – respondi.

— Talvez eu não queira estar no mesmo avião com você – disse Barry.

É claro que doeu, mas eu acho que mereci.

Dei de ombros.

— Você tem que decidir isso sozinho. Todos nós temos coisas diferentes com as quais podemos conviver.

Barry meditou sobre aquilo.

— Sim – ele disse. – Eu sei. Mas por hora, é melhor seguirmos caminhos separados aqui. Estou indo para o aeroporto e ficarei por lá até que possa ir embora. Você vai ao hospital?

Eu estava cautelosa demais agora para lhe dizer. — Eu não sei – respondi. – Mas vou procurar um carro ou ônibus para me levar para casa.

Ele me abraçou, a despeito do aborrecimento que sentia pelas escolhas que eu fiz. Pude sentir a afeição e o pesar em seu coração. Eu o abracei. Ele faria suas próprias escolhas.

Deixei dez dólares para a camareira quando fui embora a pé, cinco minutos depois de Barry subir num táxi. Esperei até estar a dois quarteirões do hotel e então perguntei a um transeunte como chegar ao St. Cosmas. Era uma caminhada longa de dez quarteirões, mas o dia estava lindo, fresco e com um sol brilhante. Parecia bom estar sozinha. Eu podia estar usando chinelos de sola de borracha, mas estava suficientemente bem vestida, e limpa. Comi um cachorro-quente a caminho do hospital, um cachorro-

quente que comprei de um vendedor de rua, e isso era algo que nunca fiz antes. Comprei um chapéu informe de um camelô também, e escondi todo o cabelo debaixo dele. O mesmo sujeito tinha óculos escuros para vender.

Com o céu tão brilhante e o vento soprando do lago, a combinação não parecia tão estranha.

O St. Cosmas era um edifício antigo, com um bocado de embelezamento arquitetônico no exterior. Era enorme também. Perguntei sobre as condições de Quinn, e uma das mulheres encarregadas do movimentado balcão de visitantes disse que não podia dar essa informação.

Mas para ver se ele estava registrado no hospital, ela teve que olhar os arquivos então eu peguei o número do quarto dos pensamentos dela.

Esperei até que todas as três mulheres estivessem ocupadas com outras questões, deslizei para o elevador e subi.

Quinn estava no décimo andar. Eu nunca vi um hospital tão grande e nenhum tão movimentado. Era fácil caminhar como se eu tivesse um propósito e soubesse para onde ia. Não havia ninguém de guarda do lado de fora do quarto.

Bati de leve e nenhum som veio de dentro. Abri a porta gentilmente e entrei. Quinn encontrava-se adormecido na cama, e estava ligado a máquinas e tubos. E ele era um metamorfo que se curava rápido, então seus ferimentos deviam ter sido graves. Sua

irmã estava ao seu lado. A cabeça enfaixada, que esteve apoiada contra a mão, virou quando ela percebeu minha presença. Tirei os óculos e o chapéu.

— Você – ela disse.

— Sim, eu, Sookie. Frannie é diminutivo de que, afinal?

— Na verdade, é Francine, mas todos me chamam de Frannie. – Ela pareceu mais jovem ao dizer isso.

Embora estivesse contente pela hostilidade ter diminuído, eu decidi que era melhor ficar do meu lado do quarto.

— Como ele está? – perguntei, acenando com o queixo para o homem adormecido.

— Ele acorda e apaga. – Houve um momento de silêncio enquanto ela bebia de um copo plástico na mesa de cabeceira. – Quando você o acordou, ele me pegou – disse abruptamente. – Começamos a correr escada abaixo. Mas um pedaço grande do teto caiu sobre ele e o chão sumiu debaixo de nós, e a próxima coisa que eu soube foi que um bombeiro estava me contando que alguma mulher maluca me encontrou ainda com vida, e eles fizeram todos os tipos de exames, e Quinn disse que ia tomar conta de mim até eu ficar bem. Então eles me disseram que ele quebrou as duas pernas.

Havia uma cadeira extra e eu desabei nela. Minhas pernas simplesmente não suportariam. — O que o médico disse?

— Qual deles? – Frannie respondeu desanimada.

— Qualquer um. Todos. – Peguei uma das mãos de Quinn. Frannie quase estendeu a mão, como se achasse que eu iria machucá-lo, mas então cedeu. Peguei a mão livre de tubos e a segurei por um tempo.

— Eles não conseguem acreditar no quanto ele já está melhor – disse Frannie no momento em que decidi que ela não ia responder. – De fato, eles acham que é uma espécie de milagre. Agora vamos ter que pagar alguém para tirar os registros dele do sistema. – O cabelo com raízes escuras estava desgrenhado, e ela ainda carregava a sujeira do local da explosão.

— Vá comprar algumas roupas e volte para tomar um banho – falei.

– Eu fico sentada com ele.

— Você é mesmo a namorada dele?

— Sim, eu sou.

— Ele disse que você tinha alguns conflitos.

— Tenho, mas não com ele.

— Então, tudo bem. Eu vou. Tem algum dinheiro?

— Não muito, mas aqui está o que eu posso dispor.

Entreguei 75 dólares em dinheiro do Sr. Cataliades.

— Tudo bem, eu posso fazer render – respondeu. – Obrigada. – Ela disse sem entusiasmo, mas disse.

Fiquei sentada no quarto silencioso segurando a mão de Quinn por quase uma hora. Durante esse tempo, os olhos dele abriram uma vez, registraram minha presença e se fecharam novamente. Um leve sorriso curvou seus lábios por um instante. Eu sabia que enquanto estivesse dormindo, seu corpo se recuperaria e quando acordasse, poderia ser capaz de andar novamente. Eu teria achado confortante subir na cama e me aconchegar a Quinn por um momento, mas podia ser ruim para ele se o fizesse; podia deslocá-lo ou algo assim.

Depois de um tempo, eu comecei a falar com ele. Contei-lhe por que achava que a bomba caseira foi deixada na porta da rainha, e minha teoria a respeito das mortes dos três vampiros do Arkansas. — Você tem que concordar, faz sentido – falei, e então contei o que achava da morte de Henrik Feith e a execução de seu assassinato. Disse tudo sobre a mulher morta na loja. Contei-lhe de minhas suspeitas sobre a explosão.

— Sinto muito por Jake estar com eles – falei. – Sei que você gostava dele. Mas ele simplesmente não suportava ser um vampiro. Eu não sei se ele se aproximou da Irmandade ou a Irmandade se aproximou dele.

Eles tinham o sujeito do computador, aquele que foi tão grosseiro comigo.

Acho que ele ligou para o delegado de cada grupo para vir pegar uma mala.

Alguns deles foram espertos ou preguiçosos demais para pegá-las, e alguns devolveram quando ninguém as reclamou. Mas não eu, ah não, eu a coloquei na maldita sala de estar da rainha. – Sacudi a cabeça. – Acho que não eram todos os funcionários que estavam envolvidos, porque do contrário Barry ou eu teríamos percebido algo muito antes do que aconteceu.

Então eu dormi por alguns minutos, acho, porque Frannie estava lá quando olhei ao redor, e comia de um saco do McDonald's. Ela estava limpa e seus cabelos úmidos.

— Você o ama? – ela perguntou, chupando coca-cola de um canudo.

— Cedo demais para dizer.

— Vou ter que levá-lo para casa em Memphis – disse.

— É, eu sei. Posso não conseguir vê-lo por um tempo. Tenho que voltar para casa também, de qualquer forma.

— A estação de ônibus fica a duas quadras daqui.

Eu estremeci. Uma longa viagem de ônibus não era uma perspectiva que pudesse ansiar.

— Ou você podia levar meu carro – disse Frannie.

— O quê?

— Bom, nós chegamos aqui separadamente. Ele dirigiu para cá com todo o equipamento e um trailer, e eu saí apressada da casa de minha mãe em meu pequeno carro esporte. Então há dois carros aqui, e só precisamos de um. Eu vou ter que ir para casa com ele e ficar por um tempo. Você tem que voltar ao trabalho, certo?

— Certo.

— Então vá com meu carro para casa, e nós pegamos quando for possível.

— É muita gentileza sua – falei. Estava surpresa com sua generosidade, porque definitivamente tive a impressão que ela não estava entusiasmada por Quinn ter uma namorada, e não estava entusiasmada comigo, especificamente.

— Você parece legal. Tentou nos tirar de lá a tempo. E ele realmente se importa com você.

— E como você sabe disso?

— Ele me disse.

Ela herdou parte da franqueza da família, pude perceber.

— Okay – falei. – Onde você estacionou?

Capítulo 19

FIQUEI APAVORADA DURANTE OS DOIS DIAS de viagem: eu podia ser parada e eles não acreditariam que tive permissão para usar o carro, Frannie podia ter mudado de ideia e contado à polícia que a roubei, eu podia ter um acidente e teria que devolver um veículo novo para a irmã de Quinn. Frannie possuía um velho Mustang vermelho, e era divertido dirigir. Ninguém me parou. O tempo ficou bom no caminho todo de volta a Louisiana. Achei que veria uma fatia da América, mas ao longo da interestadual, tudo parecia igual. Imaginei que em cada cidadezinha pela qual passei havia outro Merlotte's, e talvez outra Sookie.

Eu não dormi bem na viagem, entretanto, porque sonhei com o chão sacudindo debaixo de meus pés e o momento terrível em que saímos pelo buraco da janela. Ou vi Pam queimando. Ou outras coisas, coisas que fiz e vi durante as horas em que patrulhamos os escombros, procurando por corpos.

Quando dobrei em minha entrada, longe há uma semana, meu coração começou a palpitar como se a casa estivesse esperando por mim.

Amelia encontrava-se sentada na varanda dianteira com uma fita azul brilhante na mão e Bob estava sentado diante dela, golpeando a fita pendurada com uma pata negra. Ela levantou a cabeça para ver quem era e, quando me reconheceu atrás do volante, pulou de pé. Eu não estacionei nos fundos; parei ali mesmo

e saltei do banco do motorista. Os braços de Amelia me envolveram como videiras, e ela gritou, — Você voltou! Oh, Virgem abençoada, você voltou!

Nós dançamos e pulamos como adolescentes, gritando de pura alegria.

— O jornal informou que você estava na lista de sobreviventes – ela disse. – Mas ninguém conseguiu encontrá-la no dia seguinte. Até que ligasse, eu não tinha certeza se você estava viva.

— É uma longa história – respondi. – Uma longa, longa história.

— Este é o momento certo para me contar?

— Talvez daqui há alguns dias – falei.

— Você tem alguma coisa para levar para dentro?

— Nada. Todas as minhas coisas viraram fumaça quando o prédio veio abaixo.

— Oh, meu Deus! Suas roupas novas!

— Bom, pelo menos eu tenho minha carteira de motorista, meu cartão de crédito e o celular, apesar da bateria ter acabado e não estar com o carregador.

— E um carro novo? – Ela olhou para o Mustang.

— Emprestado.

— Eu não acho que tenho um único amigo que me empreste um carro inteiro.

— Metade de um carro? – perguntei, e ela riu.

— Adivinha – disse Amelia. – Seus amigos se casaram.

Eu me imobilizei.

— Que amigos? – Certamente ela não estava se referindo ao duplo casamento dos Bellefleur; com certeza eles ainda não tinham mudado a data.

— Oh, eu não devia ter dito nada – disse Amelia, parecendo culpada.

– Bem, falando do diabo!

Outro carro surgiu e parou atrás do Mustang vermelho. Tara desembarcou.

— Eu a vi passando pela loja – ela gritou. – Quase não a reconheci no carro novo.

— Emprestado de uma amiga – falei, fitando-a de soslaio.

— Você não contou a ela, Amelia Broadway! – Tara estava indignada, com razão.

— Eu não contei – disse Amelia. – Comecei, mas parei a tempo!

— Me contar o quê?

— Sookie, eu sei que isso vai parecer loucura – disse Tara, e senti minhas sobrancelhas se unirem. – Enquanto você esteve fora, tudo simplesmente se encaixou de modo estranho, como algo que eu sabia que devia acontecer, sabe?

Sacudi a cabeça. Eu não sabia.

— JB e eu nos casamos! – Tara disse, e a expressão em seu rosto estava cheia de tantas coisas: ansiedade, otimismo, culpa, assombro.

Repeti diversas vezes aquela incrível sentença na cabeça, antes de ter certeza de que compreendi o significado.

— Você e JB? Marido e mulher? – falei.

— Eu sei, eu sei, talvez pareça um pouco estranho...

— Parece perfeito – respondi com toda a sinceridade que consegui reunir. Eu realmente não estava certa de como me sentia, mas devia à minha amiga o rosto feliz e a voz animada que lhe ofereci. No momento, isso era algo verdadeiro; presas de vampiro e sangue sob holofotes brilhantes pareciam um sonho, ou a cena de um filme da qual não gostei muito. – Estou tão feliz por vocês. Do que vocês precisam como presente de casamento?

— Somente sua benção; nós colocamos o anúncio no jornal ontem – ela respondeu, borbulhante como um alegre riacho. – E o

telefone simplesmente não parou mais de tocar desde então. As pessoas são tão gentis!

Ela realmente acreditava que havia varrido todas as memórias ruins para um canto. Ela estava no humor para creditar o mundo com benevolência.

Eu tentaria isso também. Esforçaria-me ao máximo para reprimir a lembrança do momento em que olhei para trás para ver Quinn se apoiando nos cotovelos. Ele tinha alcançado Andre, que jazia mudo e ferido. Quinn se levantou num cotovelo, estendeu a mão e agarrou o pedaço de madeira caído junto à perna de Andre, cravando-a no peito dele. E, simples assim, a longa vida de Andre se encerrou.

Ele fizera isso por mim.

Como eu podia ser a mesma pessoa? Perguntei-me. Como podia estar feliz por Tara se casar e ainda lembrar de tal coisa — não com horror, mas com uma selvagem sensação de prazer? Eu quis que Andre morresse, tanto quanto quis que Tara encontrasse alguém que nunca zombasse dela pelo passado terrível, alguém que se importasse e fosse gentil com ela. E JB faria isso. Ele podia não ter uma conversa intelectual, mas Tara parecia ter feito as pazes com isso.

Teoricamente, então, fiquei encantada e otimista por meus dois amigos. Mas não consegui sentir. Tinha visto coisas terríveis, e tinha sentido coisas terríveis. Agora me sentia como duas pessoas diferentes tentando existir dentro do mesmo espaço. Se ficasse

simplesmente afastada dos vampiros por um tempo, falei a mim mesma, sorrindo e concordando o tempo todo enquanto Tara falava e Amelia dava tapinhas em meu ombro ou em meu braço. Se rezasse todas as noites, andasse com humanos e deixasse os Lobis em paz, eu ficaria bem.

Abracei Tara, apertando-a até que ela protestasse.

— O que os pais de JB disseram? – perguntei. – Onde vocês conseguiram a licença? No Arkansas?

Enquanto Tara começava a me contar a respeito, eu pisquei para Amelia e ela piscou para mim, e inclinei-me para pegar Bob dos braços dela. Bob piscou quando olhei para sua cara, e ele esfregou a cabeça contra os dedos que eu ofereci, ronronando. Entramos com o sol brilhante em nossas costas e as sombras nos antecedendo dentro da velha casa.

Livros da Série

1 — Morto Até o Anoitecer — Dead Until Dark (2001)

2 — Vampiros em Dallas — Living Dead in Dallas (Março de 2002)

3 — Clube dos Mortos — Club Dead (Maio de 2003)

4 — Morto para o Mundo — Dead to the World (Maio de 2004)

4.1 — 'Fairy Dust' do livro Powers of Detection (Outubro de 2004)
4.2 — 'Dancers in the Dark' do livro Night's Edge (segue o universo dos livros mas sem a Sookie) (Outubro de 2004)
4.3 — 'One Word Answer' do livro Bite (Dezembro de 2004)

5 — Absolutamente Morto — Dead as a Doornail (Maio de 2005)

6 — Definitivamente Morto — Definitely Dead (Maio de 2006)

6.1 — 'Tacky' do livro My Big, Fat Supernatural Wedding (segue o universo dos livros mas sem a Sookie) (2006)

7 — Todos Mortos Juntos — All Together Dead (Maio de 2007)

7.1 — 'Dracula Night' do livro Many Bloody Returns (Setembro de 2007)

8 — Pior do que Morto — From Dead to Worse (Maio de 2008)

8.1 — 'Gift Wrap' do livro Wolfsbane and Mistletoe (Outubro de 2008)
8.2 — 'Lucky' do livro Unusual Suspects (Dezembro de 2008)

9 — Morto e Enterrado — Dead and Gone (Maio de 2009)

9.1 — 'Bacon' do livro Strange Brew (Julho de 2009)

9.2 — 'The Britlingens Go to Hell' do livro Must Love Hellhounds (Setembro de 2009)

9.2 — 'Dahlia Underground' do livro Crimes by Moonlight (Abril de 2010)

10 — Morte na família — Dead in the Family (Maio de 2010)

10.1 — Deadth's Exellent Vacation (Agosto de 2010)

11 — Dead Reckoning (Maio de 2011)

11.1 — 'If I Had A Hammer' do livro Home Improvement: Undead Edition (Agosto de 2011)

11.2 — 'Playing Possum' do livro An Apple for the Creature (Setembro de 2012)

12 — Deadlocked (Maio de 2012)

13 — Dead Ever After (Maio de 2013)

[1] Cheshire Cat, no Brasil “Gato Risonho”, da história de Alice no País das Maravilhas.

[2] High five consiste num cumprimento onde duas pessoas dão um tapinha na palma da mão da outra, no ar.

[3] Moon Pie é uma espécie de pão de mel com cobertura de chocolate; Ding Dong é um bolinho com recheio de marshmallow e cobertura de chocolate. Doces muito populares nos EUA.

[4] Bellboy significa carregador, mensageiro de hotel, a profissão anterior de Barry.

[5] Besta é uma espécie de arma com um arco que dispara flechas através de um gatilho.

[6] Para conhecer a história de Sean e Layla, leia o conto “Dancers In The Dark” (Dançarinos no Escuro) da mesma autora.

[7] Para saber mais, leia o conto “Tacky”, da mesma autora.